O CATHOLICO NO SECULO

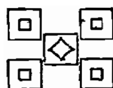
Palestras familiares d'um pae com seus filhos

PELO VENERAVEL

JOÃO BOSCO

1.ª EDIÇÃO PORTUGUEZA

Com licença e approvação da Auctoridade Ecclesiastica



A. CAMPOS
PROPAGANDISTA CATHOLICO
S. PAULO

Lisboa
1909



Motivo d'estas palestras

O pae de familia ou amigo da juventude, de que intentamos fazer discurso, era bom christão e honesto cidadão d'uma notavel cidade italiana. Outhorgara-lhe a natureza indole bem inclinada e pronunciada propensão para o estudo, ao qual se deu com afan e alegria. Concluidos que teve com venturoso exito os cursos de preparatorios, de philosophia e jurisprudencia, consagrou-se com brilho á advocacia, e chegou ao alto cargo de Presidente do primeiro tribunal do Estado. Mas ao passo que ia cumprindo diligentemente os seus deveres, achava modo e tempo para leitura de bons livros e jornaes bem cotados, amealhando d'esta sorte farto cabedal de conhecimentos moraes e religiosos, que lhe grangeiavam geral estima e affecto. Tirou licença para ler e ter livros prohibidos; mas nunca se utilisou d'essa faculdade. — Pedi esta faculdade, *usava dizer,* porque tal é a vontade da Egreja, mas nunca me metterei a ler livros prohibidos, emquanto não tenha lido todos os bons. — *Abominava como peste toda a especie de maus jornaes; e para saber as noticias necessarias a quantos vivem no mundo, lia de fugida alguns, que pela pureza da linguagem e firmeza de convicções religiosas, mereciam a approvação dos prudentes. D'uma vez certo amigo seu trouxe-lhe um periodico*

que dizia mal dos Mandamentos da Santa Egreja; elle decide logo para o amigo: Fogo com elle, que não quero taes pestes em casa. Um mau jornal no lar domestico é uma fonte, de que brota continuo veneno.

Lia com muito gosto a Historia Sagrada, a Historia Ecclesiastica, os autores mais acreditados em philosophia, apologetica e fundamentos da Religião Catholica. — Estou capacitado, *dizia ás vezes,* de que não póde vir a ser bom advogado quem não é bom christão. — *Consagrava muita estima ao seu paroco, e comprazia-se em ouvir suas praticas ao Domingo, e sobretudo a explicação raciocinada da doutrina. Naquelle pastor divisava elle um modelo de caridade e de vida christã. Trocavam amiudadas visitas, e de ordinario suas conversas caíam sobre os erros em materia de religião, que vão grassando em meio da sociedade civil.* Não se póde deixar de sentir profunda magua, *exclamava amiude,* ao ver que os grandes talentos se perdem nas theorias fallazes da politica, desgastando e corrompendo seu espirito com diffundir ideias de coisas materiaes, que dizem respeito ao corpo, esquecendo em absoluto o que concerne á parte mais nobre do homem qual é a alma, e á eterna salvação da mesma alma.

Dera-lhe a divina Providencia numerosa descendencia que com o mais desvelado empenho procurou instruir na Fé, nos bons costumes e nas letras. — O que eu desejo, *dizia a cada passo,* é que cada um dos meus filhos siga a carreira para que sente vocação e que lhe pareça mais conducente a uma vida regrada e feliz.

Chegado aos cincoenta annos, depois de obter le-

galmente a reforma no seu emprego, não fez mais que promover o bem-estar espiritual e temporal da sua familia. Um grande pensamento porém lhe assediava o espirito: a sorte dos filhos depois da sua morte. Vira com pesar e magua que muitos dos seus amigos, tende passado no bem uma parte da vida, se deixavam depois levar das ideias seductoras da epoca caíndo, na indifferença, ou desprezando mesmo a Religião em que haviam nascido. E a sua inquietação redobrava de vulto, ao notar que muitos dos companheiros dos seus filhos, apenas os deixavam livres no meio do seculo, logo voltavam costas á Egreja, tornando-se escandalo do logar onde demoravam, e a desolação da propria familia. — Deus me livre, *dizia um dia aos seus amigos,* Deus me livre de que venha a tocar a algum dos meus filhos similhante desgraça.

Absorto e tomado d'estes pensamentos, chamou-os todos um dia para a sua beira e falou-lhes assim.

— Eu bem percebo, bons filhos, que os meus annos passam com a velocidade do relampago; queira ou não queira, pense ou não pense em tal, o certo é que, como vós mesmos podeis vêr, me acho no fim de meus dias. E' justo que todos paguemos tributo á natureza; quem nasce deve morrer, e não é isso que me afflige. Sinto porém dentro no meu coração uma grande pena, ó queridos filhos, é que tenho de me apartar de vós em tempos que tantos perigos offerecem para os do vosso tamanho e edade, e deixar-vos em meio d'esses muitos perigos que não tardarão a infestar-vos. Enganados pela seducções do mundo, não sereis arrastados a algum excesso, a algum erro, com damno irreparavel de vossas almas?

O filho mais velho respondeu em nome dos irmãos:

— *As suas palavras, meu pae, commovem-nos e nesta nossa edade juvenil já tivemos repetidas vezes ensejo de nos firmarmos na convicção de quanto o mundo é cheio de perigos; mas não receie por nosso futuro. Nossos mestres ensinaram-nos a preceito as coisas da Religião, aprendemos a praticá-la com o pae; e, graças á leitura de bons livros, e ás praticas que temos ouvido do nosso paroco, e como devamos estar sempre dependentes do pae, nutrimos esperança de nos mantermos no bom caminho, cortando por tudo o que possa ser perigoso para nossas almas.*

Pae. — *E' verdade que a educação recebida, que o amor e a submissão de que até aqui me haveis dado exemplo, me fazem esperar bem do vosso futuro; mas depois de eu fechar os olhos...*

Filho. — *Deus guarde e conserve o pae ao nosso amor ainda por muitos annos. Mas quando aprouver a Deus chamá-lo a Si, nós conservaremos sempre gravadas em nossos corações as suas amorosas e paternaes advertencias, que imos enthesoirando, e nunca deixaremos de as pôr em pratica.*

Pae. — *E' justamente para vos premunir contra os perigos da epoca, que formei o designio de vos expor os fundamentos da nossa Religião em fórma de palestras amenas e familiares. Será este o meu testamento, e vós, lendo-o e relendo-o, recordar-vos-heis de mim e das maximas que vos deixo antes de partir para a eternidade. E d'esta sorte escapareis, com a graça de Deus, das ciladas dos vossos inimigos espirituaes, livraes-vos das dolorosas quedas de tantos companheiros vossos, vindo a gozar uma vida honesta e feliz.*

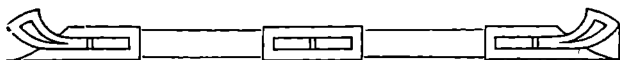
Filho. — *Escutaremos o pae com viva attenção,*

e será esta uma preciosa herança, que depois da sua morte nos suavisará as penas da vida. E se lhe não é desagradavel, iremos fazendo nossas observações, para esclarecimento das coisas, que porventura não caiba em nosso juvenil entendimento comprehender.

Pae. — *Tudo o que quizerdes: e para terdes uma ideia clara de quanto desejo tratar, convem que antes de tudo vos advirta de que no mundo se vos depararão pessoas ignorantes, que continuam a viver no erro, ou que recusam admittir as verdades da nossa santa Religião. E por isso dividiremos as nossas palestras em três partes: Na primeira trataremos dos fundamentos da Egreja Catholica, á qual Deus confiou o deposito da Fé e das verdades reveladas; na segunda examinaremos a crença dos que vivem fóra da Egreja Catholica; na terceira acenaremos as objecções e os argumentos de que em nossa epoca se servem os inimigos da Fé para acabar com ella.*

E como todas as nossas acções e palavras devem começar por Deus, ao qual tudo deve ser referido, assim faremos nós implorando desde o principio o auxilio divino.





PRIMEIRA PARTE

Fundamentos da Religião Catholica e da Egreja de N. S. Jesus Christo

PRIMEIRA PALESTRA

Deus Creador — Prova metaphisica.

Pae. Tudo vem de Deus, ó meus filhos, e se deve referir a Deus, porque tudo teve d'Elle seu principio; por isso, querendo nós tratar das coisas mais importantes, isto é, da nossa santa Religião, devemos começar por Aquelle que é Autor dessa mesma Religião.

Filho. Muito bem, meu pae: escutá-lo-hemos de boamente ao falar-nos de Deus e Suas maravilhas; mas fazia-nos coisa muito agradavel, se em modo simples e claro nos dissesse quem é Deus.

P. O vosso pedido vem mesmo a proposito, mas é bastante difficil despachá-lo, porque Deus é tudo, abraça tudo, embora com tudo Se não deva confundir. Portanto não podemos bem descrevê-lO nem defini-lO, apenas podemos dar alguma ideia da Sua divindade e dos Seus attributos. E' costume chamar a Deus Espirito Perfeitissimo, Creador,

Senhor do Céu e da terra. Não teve principio nem terá fim; não depende de ninguem, mas tudo depende d'Elle. Não é composto de materia, como este nosso corpo, mas sim um espirito purissimo, que creou todas as coisas espirituaes e materiaes, visiveis e invisiveis. Não tem olhos, mas por Sua infinita sabedoria vê tudo o que nós fazemos quer de dia, quer de noite; penetra até aos mais secretos reconditos do nosso coração. E' infinitamente sabio, porque sabe tudo o que já passou, tudo o que é presente e todo o futuro. Mais ainda: para Deus nem ha passado nem futuro, mas um só ponto, que é o presente. Assim, Elle sabe e conhece qualquer desejo, pensamento ou ideia, que nos passe pelo espirito, ainda que seja por um só instante.

F. As coisas, que o pae nos diz, são muito bonitas, mas nem por isso as comprehendemos lá muito bem. Diga-nos pois: Se Deus é purissimo espirito, como podemos nós vê-lO com os olhos do corpo e conhecer assim a Sua existencia?

P. Nós não podemos ver a Deus com os olhos do corpo, mas vemo-lO com certeza infallivel á luz da razão e da Fé. Como esta prova é da maxima importancia, vou tentar explicar-vo-la, seguindo as regras que a razão e a Religião nos offerecem.

Para argumentar pois, como costumam fazer os philosophos, diremos: Do nada não se póde tirar nada; ora eu, que sou uma creatura, existo; logo deve existir um Deus Creador; todas as coisas d'este mundo existem; logo deve haver um poder que as tenha creado. Quer este poder creador se chame o Ser Supremo, quer o Ser omnipotente, Causa primaria, o Principio dos principios, o Soberano Senhor de tudo e de todos, afinal com taes ex-

pressões sempre se vem a indicar Aquelle que tudo creou, e que deu o ser a todas as coisas.

F. Mas não se poderá admittir que algum ser desconhecido seja a causa primaria que tudo creou?

P. Se alguem me viesse com essa hipotese d'um ser desconhecido, que creou e deu a vida ás coisas, respondia-lhe logo que esse ser é Deus; porque, como não póde haver effeito sem causa, tambem não póde haver creatura sem haver Creador; a não ser que se queira admittir e affirmar que uma coisa possa ser causa e effeito ao mesmo tempo, causa, que dê o ser a si mesma, para depois o dar aos outros: ora isto é inteiramente absurdo, porque nunca se viu um ser que se produzisse a si mesmo.

Escutae um engraçado episodio que serve para comprovar quanto acabo de vos dizer.

Um vendedor de gallinhas ia d'uma vez para a feira em companhia de outros homens; um d'estes, que queria passar por mestraço e doutor em materia de politica e de Religião, começou bem depressa a dizer desconchavos ácerca de Deus e da Egreja Catholica. O bom do regatão, como não fizera grandes estudos, poz de parte os raciocinios e começou a responder-lhe guiado pelo simples bom senso. Pegou numa gallinha, e apresentou-a ao companheiro, perguntando-lhe:

— Ora diga-me lá o meu amigo, quem fez esta gallinha?

— Ora essa! Foi um ovo! — respondeu o outro, sorrindo-se.

— E quem fez o ovo?

— Oh! como estás atrazado! O ovo foi feito pela gallinha.

— Mas qual dos dois nasceu primeiro, o ovo ou a gallinha?

— Primeiro nasceu o ovo, que depois deu a gallinha.

— Mas então quem é que fez o primeiro ovo, de que nasceu a gallinha?

O outro a esta sortida não atinou mais com resposta; mas todos os que iam alli na sociedade se admiraram das provas do regatão de gallinhas, exclamando todos á uma: Pódes passar quantas vezes queiras, da gallinha ao ovo, e do ovo á gallinha; mas no fim terás de concluir que deve haver um Deus omnipotente que creasse o ovo e a gallinha.

F. — Mas não se poderá admittir que tudo apparecesse feito por mero acaso?

P. — O acaso não é nada, e do nada nenhuma coisa póde saír; o acaso não produz nem conserva a ordem, antes pelo contrario a quebra e destroe. Ora dizei-me cá: Poderá alguem crêr e sustentar que este quadro, que este palacio, que esta nossa cidade se formassem por si mesmas e ao acaso?

F. — Quer-me bem parecer que, por mais tapado que um seja, nunca poderá admittir similhante absurdo.

P. Muito menos póde uma pessoa intelligente admittir que este universo seja obra do acaso. Sim, meus filhos, a existencia d'este mundo prova até á evidencia que ha um ser que o creou, tirando-o do nada pelo Seu infinito poder.

SEGUNDA PALESTRA

Deus creador — Prova phisica.

P. Depois da prova metaphisica vem a prova phisica ou natural.

F. Sim, fale-nos d'ella, papá. Mas primeiro explique-nos o que é prova *phisica*.

P. Prova phisica ou natural quer dizer raciocinio tirado da ordem e disposição das coisas espalhadas pelo universo. *Os Céus,* diz a sagrada Biblia, *narram a gloria de Deus e o firmamento manifesta a obra das Suas mãos.* E se de facto nós attentamos na ordem maravilhosa com que cada coisa occupa seu logar na creação, e como cumpre o fim para que ahi foi posta, somos obrigados a concluir que ha uma mão poderosa, que depois de ter tirado todas as coisas do nada, as dispoz tambem por uma ordem admiravel. Demoremo-nos um bocado neste ponto. Dizei-me cá: vêdes este relogio?

F. Sim, que vemos.

P. E quem o fez?

F. Um relojoeiro.

P. E não podia elle fazer-se a si mesmo?

F. Com certeza que não; se o relojoeiro não reunir nem combinar as diversas peças, de que é composto o relogio, não se vê mais que um montão de pedaços de metal, mas nunca um relogio.

P. A vossa roupa, esta grande casa que habitamos, poderiam fazer-se por si mesmas?

F. Ninguem de juizo póde affirma-lo a serio. As roupas, é o alfaiate que as faz; as casas, são os pedreiros.

P. Este livro, estas palavras e linhas que formam sentido completo, poderiam combinar-se por si mesmas e achar-se por acaso reunidas nestas paginas?

F. Isso nunca: se um compositor não escolhesse as diversas letras segundo os pensamentos do autor, ficaria tudo uma confusão, que ninguem seria capaz de perceber.

P. Ainda mais. Se visseis saír todos os annos do porto de Genova um navio, que fizesse a travessia até á America, e ao cabo de certo tempo regressasse ao mesmo porto, que coisa dirieis de tal navio?

F. Diria logo que esse navio tem um piloto, que o guia, dirige e governa.

P. Ora, notando vós a ordem, a belleza, a grandeza de todas quantas coisas ha no mundo, podereis porventura dizer que ellas se fôram pôr em seu logar por proprio arbitrio, e que por si mesmas se têm tambem conservado nelle?

F. Só um tolo chapado é que póde asseverar tolices d'essas: só Deus é que podia collocá-las e conservá-las estavelmente a todas em seu logar.

P. Bem pensado, sim senhores: é preciso porém notar que o piloto, o alfaiate, o pedreiro, o relojoeiro, o compositor, embora tenham trabalhado, manobrando o leme, cosendo as diversas partes do fato, construindo a casa, fabricando o relogio, combinando os tipos, não fizeram comtudo a materia de que essas coisas se compõem. Ao invez, a terra e quanto ha no mundo não existiria, se Deus, como causa primeira e causa creadora, não o houvera tirado do nada, e em seguida ordenado para formar o maravilhoso espectaculo, que a nós

homens é dado admirar. O medico Galeno, extraordinariamente celebre em toda a antiguidade, depois de escrever uma obra em que fez a descripção do corpo humano, tomado de assombro, exclamava: *Oh! Rei que tudo creaste, que bello himno acabo de cantar á tua gloria!* Com estas palavras queria significar que o seu papel se limitara a descrever as varias partes do corpo humano, que Deus tinha creado. Por isso, quando nós admiramos o sol que nos illumina e aquece durante o dia, a lua que dissipa as trevas da noite, as miriades de estrellas que aformoseiam o firmamento, seu tamanho e curso regular, a distancia a que estão umas das outras; as relações tão harmoniosas, quão invariaveis, que entre si mantêm os astros, a despeito da infinidade de seu numero, sem que jámais se encontrem, sem se desviarem um apice da sua primitiva direcção, sem variarem jámais a hora de seu despontar ou do seu occaso; quando contemplamos a successão das estações, que nunca soffre alterações nem mudanças; somos forçados a convencer-nos de que ha uma causa primeira, ou seja uma mão omnipotente, que depois de ter tirado todas as coisas do nada, as collocou em seu proprio logar, continuando a conservá-las e dirigi-las.

F. Admiraveis são essas razões que o pae adduz, e estamos certos que este universo não poderia existir se Deus o não creasse, e que aquelles globos tamanhos, como são o sol, a lua, as estrellas e os planetas, não estariam suspensos nos espaços, nem poderiam percorrer suas orbitas, conservar sempre entre elles a mesma distancia, se aquella mão omnipotente que os creou, não os sustentasse, não

os conservasse, nem regulasse indefectivelmente seus cursos. Mas não haverá alguma prova da existencia de Deus, que não só esteja ao alcance da nossa vista, mas até, por assim dizer, seja tangivel?

P. Sim, meus filhos. Nós vemos a Deus em todas as obras da creação, proximas ou distantes, grandes ou pequenas, e em nós mesmos. Quem tenha o uso da razão, collocando-se na presença de si mesmo, deve necessariamente dizer: E' certo que eu existo, e que não fui eu que me creei a mim mesmo; por conseguinte é certo que ha um Deus que me tirou do nada, ao qual por isso chamo e devo chamar meu Creador. Subam os materialistas do filho ao pae, do avô ao bisavô, ao trisavô, ao teteravô, que hão de por força chegar a um *Ser* que não recebeu a existencia de nenhum outro, e que deve entretanto tê-la dado a todos os outros. Eis pois como, conforme vosso desejo, palpamos a verdade, por pouco que nos consideremos a nós mesmos.

O modo maravilhoso por que o som chega aos nossos ouvidos, o cheiro ao nariz, os objectos e a côr aos olhos; a surprehendente fórma do nariz, dos ouvidos, dos olhos, os admiraveis effeitos da lingua, orgão da palavra, que exprime os sentimentos da nossa alma, são outras tantas obras primas de um artista infinitamente habil. E depois, a faculdade de pensar, de julgar e de querer, de mudar de proposito, a qual sentimos dentro em nós, é uma outra prova da existencia de Deus; porque não tendo eu podido dar a mim mesmo estas faculdades, devo concluir que me vieram de Deus. E que dizer tambem da maravilhosa união da alma com o corpo, das relações do homem com

tudo o que existe fóra d'elle? Todas estas coisas, grandes e pequenas, o Céu, a terra, os peixes do mar, as aves do céu, os animaes, todas nos dizem em unisono côro: Foi Deus que nos creou: *Ipse fecit nos et non ipsi nos!*

TERCEIRA PALESTRA

Prova moral

Crença geral da existencia de Deus.

F. As palavras que o pae nos disse sobre a existencia do mundo, e sobre a bella ordem que nelle reina, convenceram-nos plenamente de que ha um Deus Creador e regulador de todas as coisas. Mas é justamente por isto, que me admiro muito de que os antigos estivessem tanto tempo sem conhecer a Deus.

P. A existencia de Deus é uma verdade tão natural ao homem, que ninguem com uso de razão póde ignorá-la; e por isso devo dizer-vos que todos os povos, assim antigos como modernos, quer barbaros, quer civilisados, de todos os tempos e logares, reconheceram e reconhecem que ha Deus.

F. Perdão, meu pae; mas eu parece-me que já ouvi dizer que os gentios, por exemplo, não conhecem a Deus.

P. Os gentios não têm na verdade uma ideia precisa e clara do verdadeiro Deus, mas sim uma ideia vaga e envolvida em trevas, chegando a confundir muitas e muitas vezes, o Creador com a creatura; e com o andar do tempo até chegaram a prestar culto ás coisas creadas, adorando-as como

se fossem o verdadeiro Deus. Adoraram o sol, a lua, as estrellas, o mar; depois veneraram a certos homens, que a seu ver eram grandes e importantes, e que julgavam tivessem subido ao Céu. Erguiam templos e altares a todos estes deuses falsos, tinham sacerdotes proprios para offerecer victimas; praticavam tambem outros actos religiosos; ora tudo isto está claramente a indicar que elles acreditavam num Ser supremo.

F. Já comprehendo: tambem os pagãos tinham a ideia de Deus em geral, mas erravam nisto, que admittiam mais que um. Este mesmo erro confirma a verdade, isto é, demonstra que era sua opinião que havia algum Deus, assim como as moedas falsas provam que tambem ha moedas verdadeiras.

P. Nem mais nem menos. Agora escutae o que dizia um antigo pagão por nome Plutarco: *Percorrei todo o mundo; achareis cidades desprovidas de muralhas, povos sem leis, sem letras, mas não achareis povo nenhum sem Deus.* E um outro pagão muito instruido, Marco Tullio Cicero, que viveu poucos annos antes do nascimento do nosso divino Salvador, escrevia: *Não ha povo barbaro, por mais selvagem que seja, o qual não possua alguma noção da existencia de Deus.*

F. Muito folgamos em saber que todos os povos da antiguidade admittiram a existencia de Deus; creio porém que os povos selvagens dos nossos dias não conservam já ideia nenhuma d'esta verdade; que diz a isto, meu pae?

P. Enganas-te completamente, se pensas tal. Mesmo em nossos dias os povos pagãos, os proprios selvagens da Asia, da Africa, da America, e até os habitantes da Patagonia e da Oceania acreditam

na existencia de Deus. A tal proposito vêde a oração, que os brahmanes, ou sacerdotes da India, dirigem a Deus: *Adoro aquelle ser cuja natureza é indivisivel, cuja espiritualidade não encerra composição: Elle que é origem e causa primeira de todos os seres, e que em perfeição a todos excede; Elle que é o sustentaculo do universo, a fonte da trina potestade.*

F. Estas palavras parecem-me devéras um resumo de quanto o pae nos explicou na primeira palestra, e do que estudamos na doutrina.

P. Escutae tambem a oração dos selvagens da Ilha de Madagascar: *O' Eterno, tende compaixão de mim, porque sou viajor; O' Infinito, tende compaixão de mim, porque não sou mais que um ponto: O' Forte, porque sou fraco; O' Fonte da vida, porque estou perto da morte; O' Intelligente, porque estou no erro: O' Benefico, porque sou pobre: O' Omnipotente, porque eu não sou nada.* (1)

Ora dizei-me, meus filhos, póde porventura apresentar-se uma prova mais clara da crença dos modernos povos pagãos na existencia de um Deus? E' certo que elles erram muitas vezes, dando a Deus, á similhança dos antigos pagãos, attributos que repugnam á Sua natureza; erram no culto que Lhe prestam; em crer que ha muitos deuses, todos em luta entre si, e viciosos; mas admittiram sempre e ainda agora admittem que ha um Ser grande qualquer, superior a todas as coisas e senhor d'ellas. Esta crença tão geral, tão continua, não póde derivar senão da natureza; ou para falar com mais clareza e propriedade, esta ideia universal da di-

(1) *Storia del Madagascar* de FLACON.

vindade foi pelo proprio Creador gravada no coração dos homens e expressamente communicada a Adão, primeiro homem que houve no mundo. D'elle passou de geração em geração, a todos os seus descendentes, que pódem muito bem ter obliterado ou desfigurado esta ideia, até ao ponto de julgar Deus aquillo que Deus não é; mas nunca por nunca tê-la de todo perdido.

F. Por quanto o pae nos vae explicando, vemos claramente que nunca houve nem ha povos atheus, isto é, sem Deus; mas muito desejavamos saber se ao menos tem havido homens, que sustentem e creiam que Deus não existe; numa palavra, diga-nos se ha atheus.

P. Se ha ou não algum d'estes desgraçados, é coisa duvidosa. O certo é isto, que nem o mais depravado dos homens póde deixar de sentir dentro em si uma voz, que lhe clama: *Ha Deus*. Uma coisa é affirmar com a bocca que Deus não existe, outra coisa é estar d'isso convencido. O impio, como é naturalissimo, teme que Deus o castigue por suas culpas, e d'ahi vem o desejar que Elle não exista, e nos éstos de alguma paixão vehementissima faz todo o possivel por de tal se convencer; mas apesar de todos os seus esforços nunca logrará suffocar a voz da natureza, que dentro e fóra lhe está clamando que elle mesmo é feitura d'aquelle Creador que nega. Quereis uma prova? Considerae esse impio quando se encontra em algum perigo por que não esperava: vereis que nesse instante elle ergue os olhos para o Céu, como todos os mais, invocando o auxilio e protecção de Deus (1).

F. O impio, procedendo assim, mostra que no seu intimo acredita na existencia de Deus; e quando

diz que Deus não existe, não passa de um impostor mentindo a si mesmo e aos outros.

P. Tal e qual, meus filhos. Mas ainda mesmo admittindo que haja algum que não acredite em Deus, esse tal em nada enfraqueceria a força provativa do nosso argumento. Numa região de cem mil habitantes, não é de estranhar que haja pelo menos uns cincoenta doidos. Ora, se sobre cem mil homens com juizo se encontram tambem cincoenta tolos, havemos de concluir que os homens não têm juizo?

F. Se tirassemos essa conclusão, mostravamos ser pouco ajuizados.

P. Se portanto entre um milhão de homens que admittem a existencia de Deus, se contam uns quinhentos ou mesmo uns mil, que a negam talvez só de palavras e por vil interesse, poderá d'ahi inferir-se que Deus não existe? sómente o insensato, como diz o Senhor, é que chega a dizer em seu coração que não ha Deus: *Dixit insipiens in corde suo: Non est Deus.*

F. O pae fala como se quer, e as suas razões deixam-nos de todo convencidos; mas que resposta se deve dar a quem não queira admittir um Deus Creador?

P. Este póde ser comparado ao homem que fechasse os olhos para dizer que ao meio-dia não ha

---

(1) Quando em 1879 se discutia na Camara Franceza o projecto da suppressão dos capellães do exercito, o sr. Keziegn, deputado pela Vendeia, proferiu estas palavras:

Visto que se quer bannir Deus, então velemos o genio da França, porque virá prestes a hora da barbaria. Não basta que tenhamos valor e coragem. A fé em Deus, que anima os heroes da Vendeia, inspira a fidelidade e o sacrificio.

luz, e vós podeis responder-lhe com as palavras de Newton, philosopho inglez, que disse: *Os homens que não reconhecem a Deus na obra da creação, são loucos, e como taes devem ser encerrados no manicomio.* Póde-se tambem responder com as palavras de Lamartine, philosopho e poeta francez: *Aquelles que não veem a Deus em Suas obras, nunca me pareceram homens; a meus olhos são seres de outra especie, que nasceram para contradizer a creação, para dizer* não *quando toda a natureza diz* sim. *Esses taes não me escandalisam, mas movem-me á compaixão; não lhes tenho odio, tenho pena d'elles. São cegos de espirito.*

Entretanto, queridos filhos, por nossa parte louvemos a Deus pela graça que nos fez, de O podermos conhecer não só pelo lume da razão, mas melhor ainda pelas luzes da Fé. Tende pois presente, que este nosso Senhor e Deus, como Creador e Conservador do homem, e de todas as coisas que ha no Céu e na terra, tem direito a que Lhe prestemos culto de adoração, a que O honremos e temamos, a que Lhe professemos obdiencia, e isso exige de todos nós; tende ainda presente, que, sendo justo, ha de a seu tempo galardoar a virtude com o premio que merece, e punir o vicio com a devida pena e castigo. E isto abre-me motivo e caminho para vos falar da Religião.

QUARTA PALESTRA

Necessidade de uma Religião.

A Religião tomada em sentido geral é o complexo da doutrina, que trata de todas as coisas com que os homens honram a Deus, tanto com a intel-

ligencia e com o coração, como pelas palavras e obras. A palavra *Religião* significa *laço, ligação*, porque o homem, praticando-a, une-se a Deus, estabelecendo um santo commercio entre a creatura e o Creador. Tomada neste sentido, a Religião costuma definir-se — *uma virtude, pela qual o homem rende a Deus a obediencia e a honra que Lhe são devidas*. Chama-se em primeiro logar *virtude*, ou seja uma serie de actos bons, porque só com boas acções é que podemos honrar o Creador. Em segundo logar diz-se que esta é uma virtude, pela qual o homem *rende a Deus a obediencia e a honra que Lhe são devidas*, porque, assim como um filho deve amar seu pae, um subdito estar dependente de seu Rei, e o beneficiado ser grato a seu bemfeitor, assim nós devemos honrar a Deus como nosso Pae, nosso Supremo Rei, e nosso Bemfeitor. Os actos pelos quaes o homem honra e serve a Deus, constituem o que se costuma chamar *culto*.

F. De que maneira podemos nós praticar actos de honra e adoração a Deus?

P. De duas maneiras: pelo culto interno e pelo culto externo.

F. O que vem a ser culto interno?

P. O culto interno é aquelle que nós prestamos a Deus pelos actos interiores de adoração, amor, reconhecimento, submisão, confiança, e por santos pensamentos e affectos interiores.

F. Qual é o culto externo?

P. O culto externo é aquelle que nós tributamos a Deus com nossas orações. Taes são os sacrificios, as offerendas, a recepção dos Sacramentos, as genuflexões, os cantos sacros e as orações vocaes. O culto externo tambem se diz publico, quando

é prestado pela sociedade dos homens reunidos e como que constituindo um todo; taes são: a profissão que das verdades da sua Fé fizeram os santos Martires na presença de immensa multidão, as prégações publicas, as procissões, a Missa, a assistencia a ella, e outros actos similhantes.

F. Vem-me aqui agora uma difficuldade. Sendo Deus por Si mesmo infinitamente feliz, fonte de toda a grandeza e de todo o bem, parece-me que não deve importar-Se muito de ser honrado pelos homens, por isso que de nada tem necessidade.

P. Embora Deus seja senhor de tudo, infinitamente bemaventurado, e não precise de nada que Lhe possa dar o homem, todavia pela relação necessaria que ha entre causa e effeito, entre Deus Creador e o homem creatura, Elle não póde deixar de Se comprazer immenso com a honra e obediencia que Lhe tributamos. Por sua parte, o homem tem estricta obrigação de adorar e bemdizer aquella mão generosa, que sem merito algum seu o tirou do nada e o cumula todos os dias de innumeros beneficios.

F. Parece que Deus devia contentar-Se com o coração, sem exigir o culto exterior. D'este modo seria adorado em espirito e verdade, com um culto por certo mais digno d'Elle.

P. Os homens tambem devem a Deus um culto externo, e isso por muitas razões. Primeira: por isso que é Creador e senhor absoluto do corpo, e da alma, Deus deve ser honrado por um e por outra. Segunda: em virtude da intima relação entre a alma e o corpo, os affectos sinceros e ardentes da alma devem por sua natureza manifestar-se por meio dos sentidos externos. Terceira: Deus ordena

muitas coisas que não se pódem fazer nem cumprir sem actos externos, por conseguinte tambem Elle determina que haja *culto externo*.

Mais ainda. Deus creou o corpo e a alma com o fim de que ambos fossem um dia gozar a felicidade de Céu: logo tambem devem amá-lO e servi-lO ambos na vida presente para merecer o premio promettido aos Seus verdadeiros adoradores. Sendo além d'isso Creador, bemfeitor e conservador da sociedade, como o é de cada homem em particular, deve ser honrado pela mesma sociedade com um culto para ella visivel, e portanto publico.

De quanto acabo de dizer-vos, facil vos é comprehender quanto seja grande o erro d'aquelles, que pretendem honrar a Deus tão sómente com um culto interno. A nossa obrigação é repetir-lhes, que alma e corpo fôram creados por Deus, e que por isso ambos devem reconhecer e adorar o seu Creador. O mesmo Deus manda que O adoremos de todo o coração, com toda a nossa vontade, por nossas obras, com todo o nosso ser: *Honora Dominum de tua substantia.* Como havemos de cumprir este preceito sem actos exteriores?

E aqui vem a proposito um facto, que comprova quanto Deus Se agrade do culto externo. Como o Rei Salomão quizesse dar d'este culto um testemunho publico, que ficasse como exemplo a todos os seculos, mandou levantar um templo magnifico todo recamado de oiro, prata e marfim, e abrilhantado de muitas esculpturas. A' entrada havia um grande vaso de agua lustral, conhecido geralmente por *mar de bronze.* Ao lado do altar erguiam-se duas estatuas de irreprehensivel feitura, e que representavam dois Cherubins. Quando se fez a de-

dicação, de toda a parte acudiu alli enorme multidão de povo. E quando ao som de harmoniosa musica, vozes repassadas de doce ternura cantavam: *Glorificae o Senhor,* em prova de satisfação a Majestade divina manifestou-se visivelmente na fórma de nuvem miraculosa que alastrou por todo o templo. Quando tal viu, Salomão, confuso e cheio de reverencia, prostrou-se deante do Senhor, e levantando as mãos ao Céu: *Meu Deus,* disse, *já que Vos dignastes acceitar esta casa, que Vos é consagrada, permitti que quantos, opprimidos do pezo das tribulações ou forçados de alguma necessidade, acorrerem a este santo logar para implorar Vosso auxilio, sejam ouvidos em suas supplicas.* Aquelle apparato, aquelles sacrificios e aquellas supplicas fôram tão agradaveis a Deus, que logo fez descer do Céu um fogo miraculoso, que queimou e consumiu as victimas destinadas ao sacrificio. Amados filhos, na dedicação do templo de Salomão nós temos um acto de culto interno e externo, publico e privado, coisas que todas fôram em extremo gratas e bem vistas de Nosso Senhor.

F. Bonito acontecimento, não ha que ver. Mas acode-me ainda ao espirito uma difficuldade. Se cada homem em particular é obrigado a honrar a Deus, receio muito que venham a ser tantas as fórmas de culto externo, quantas são as cabeças, ou melhor, quantos os caprichos dos homens. E similhante diversidade infinita de cultos poderá acaso ser agradavel a Deus?

P. Quereis vós dizer que Deus não póde gostar de tamanha variedade de cultos, nem contentar-Se com um culto qualquer, e nisso tendes razão. E' portanto absolutamente necessario conhecer o unico

e verdadeiro culto que Lhe possa agradar. E similhante conhecimento só o podemos obter por meio da Revelação, que aos homens fez o mesmo Deus.

QUINTA PALESTRA

Necessidade da Revelação.

F. Já que o pae nos falou de Revelação, muito gostariamos que nos explicasse como é que Deus revelou o culto, e que se deve entender por Revelação.

P. Para que comprehendaes bem o que quer dizer Revelação, deveis observar duas coisas, meus estimados filhos. A primeira é que Deus por Sua summa liberalidade fez o homem para um fim sobrenatural, que elle só poderá attingir quando abrace e professe algumas verdades superiores ao seu entendimento natural. A segunda vem a ser, que a intelligencia do homem, offuscada pelo peccado original, já não é capaz de conhecer, sem que de permeio enxameiem os erros, todas as verdades indispensaveis para a sua direcção moral e religiosa. Ora Deus, que é todo bondade, dignou-Se revelar ao homem não só as verdades de ordem sobrenatural, mas tambem grande numero das de ordem natural. D'aqui podemos facilmente concluir que a *Revelação é a manifestação que Deus fez, de certas verdades necessarias ao homem, as quaes devemos crer firmemente, por isso que fôram reveladas pelo mesmo Deus.*

F. Nós ficariamos muito gratos ao pae, se nos

provasse por factos a necessidade da Revelação divina, mesmo quanto ás verdades de ordem natural.

P. Prova-se isso facilmente observando como os povos guiados só pela razão natural caíram em erros torpissimos, a ponto de divinisarem os vicios e adorar como Deus a animaes asquerosos e immundos. Os Romanos, por exemplo, adoravam os deuses que favoreciam as suas paixões. De sorte que não havia delicto, por abominavel que fosse, o qual não tivesse por protectora a alguma divindade. E d'ahi vinha que os devassos se inclinavam para Jupiter e Venus, os bebados imploravam o deus Baccho, os ladrões a Mercurio, os vingativos e rancorosos a Marte, e assim por deante. Em Roma, na Grecia e noutras partes, tambem se immolavam victimas humanas aos deuses manes, ao sol, á lua, ás estrellas. Com os fracos, desvalidos, pobres e infelizes, não havia nenhuma especie de compaixão, nenhuma caridade. Na mesma Roma, os nobres, para não terem de alimentar seus escravos doentes ou invalidos para o trabalho, deitavam-nos numa ilha do Tibre, onde vinham a fallecer; e não raro atiravam com elles ainda vivos ao meio das moreias de seus lagos e viveiros, para lhes servir de alimento. Na China e na Patagonia, quando os meninos são deformes ou muitos em numero, tiram-lhes a vida; noutras partes come-se carne humana; estas e parecidas crueldades commetiam-se e ainda hoje por desgraça se commettem em muitos povos, que se apartaram dos principios da Revelação.

F. Se a coisa é assim, a Revelação deve ser com certeza um thesoiro preciosissimo, mesmo um

thesoiro em extremo necessario ao pobre genero humano. Mas como é que Deus fez ao homem a Revelação?

P. Se Elle do nada tirou este mundo, que nós vemos, se nos creou a nós mesmos quaes existimos, porque não ha de poder manifestar-nos as coisas necessarias para conseguir o fim para que nos creou? Não seria ridiculo affirmar que Deus omnipotente não póde fazer aquillo que os mestres fazem todos os dias, communicando aos alumnos os seus proprios conhecimentos?

F. Se Deus fez esta Revelação, com certeza que a fez de maneira a não poder ser posta em duvida. Faça favor de nos dizer os sinaes, pelos quaes a podemos reconhecer.

P. Os sinaes, ou caracteres essenciaes d'esta Revelação, são: 1.º, a certeza que venha de Deus, ou directamente, ou por intermedio de Seus enviados, quaes são os Anjos e os Prophetas; 2.º, é mister que esta manifestação seja tão clara e justa, que não reste nenhum pretexto plausivel para pensar ou obrar contra o que ella nos ensina.

F. Diga-nos então a quem fez essa Revelação.

P. Esta Revelação foi primeiramente feita a nossos progenitores Adão e Eva: *Dedit eis scientiam spiritus, sensu implevit cor illorum, et bona et mala ostendit eis:* isto é: o Senhor deu a Adão e Eva a sciencia das coisas espirituaes, encheu o seu coração de amor, e deixou-lhes uma regra certa e segura para conhecer o bem e o mal. Depois revelou muitas coisas aos antigos Patriarcas e sobretudo a Moisés, e aos Prophetas. Deus fez isto por meio de inspirações interiores, ou por ministerio de Seus Anjos; e por ultimo falou-nos

por meio de Jesus Christo, enviado para salvar todos os homens do universo. Escutemos as palavras de S. Paulo a este respeito: *Havendo Deus falado muitas vezes e de muitos modos noutro tempo a nossos paes pelos Prophetas, ultimamente nestes dias nos falou pelo Filho, ao qual constituiu herdeiro de tudo, por quem fez tambem os seculos (1).*

F. Mas onde é que nós poderemos achar com segurança esta Revelação, ou melhor, as verdades reveladas por Deus?

P. Antes da vinda de Christo nós achamos a Revelação divina entre o povo hebreu, que d'ella foi fiel guarda e depositario até se prégar o Evangelho. Depois foi confiada ao magisterio infallivel da Egreja Catholica. A maior parte das verdades reveladas está na *Santa Biblia*, que é, como a mesma palavra o diz, o livro por excellencia.

F. Está bem. Como no pulpito, nos livros e até nos mesmos jornaes se fala a cada passo da Historia Santa ou da Biblia, custará muito ao pae explicar-nos o que seja esta Biblia Sagrada?

P. A Biblia é uma serie de livros, que contêm as verdades da nossa santa Religião. Os livros que encerram os acontecimentos passados antes da vinda do divino Salvador, chamam-se Lei antiga ou Antigo Testamento. Os que têm o *Evangelho*, os *Actos dos Apostolos* com outros escriptos d'estes, fórmam a Lei Nova, e chamam-se Novo Testamento.

F. Podemos nós saber com certeza se estes livros encerram as verdades reveladas por Deus?

P. Que estes livros são veridicos, isto é, que contenham a vontade de Deus manifestada aos

---

(1) *Epist. aos heb., c. 1.*

homens, é justamente o que eu agora intento demonstrar-vos. Entretanto, agradeçamos a Deus o grande beneficio da creação e da conservação, sejamos-Lhe tambem muito reconhecidos pelas verdades que Se dignou revelar-nos; mas o nosso reconhecimento ha de consistir principalmente em crer taes verdades e em praticá-las, porque sem isso nunca poderemos conseguir a salvação eterna.

SEXTA PALESTRA

Veracidade dos livros do Antigo Testamento.

F. Segundo diz o pae, a Revelação está na Sagrada Biblia. Mas antes de falar das verdades que encerram estes livros, muito desejavamos conhecer as principaes razões que nos possam garantir sua veracidade.

P. Para vos dar uma ideia clara de veracidade d'estes livros, convem observar que os do Antigo Testamento são tidos por veridicos, quer pelos Catholicos, quer pelos judeus, que com todo o cuidado os têm conservado até aos nossos dias. Por conseguinte, se nascesse a suspeita de que na exposição de factos contemporaneos havia algum erro, logo os hebreus e os christãos o deviam sem mais delongas delatar, e contradizer.

F. Quer o pae dizer que não ha differença nenhuma entre o que crêem os christãos e o que crêem os judeus?

P. Ha differença, mas enorme! Os judeus são de opinião que estes livros encerram a Revelação divina, predizem a vinda do Messias, que todavia ainda hoje esperam; ao passo que nós crêmos que

o Messias já veiu ha mais de mil e novecentos annos, assim como crêmos firmemente que veiu na pessoa de Christo.

F. Essas razões são boas, e mostram-nos que tanto os christãos como os hebreus acreditam na veracidade dos livros do Antigo Testamento. Mas muito gostarimos que nos ensinasse e fizesse conhecer algumas d'essas provas claras e incontestaveis que, por assim dizer, nos façam palpavel que os livros da Sagrada Escriptura são veridicos.

P. Ha três razões particulares que provam á saciedade a veracidade d'estes livros, e são as seguintes: 1.º Os autores d'estes livros narram coisas succedidas no seu tempo (1), e se escrevessem alguma coisa falsa, seriam rebatidos por milhares de homens que presenciaram os successos que elles nos expõem. Fa-lo-hiam mui particularmente os hebreus, contra os quaes se acham naquelles livros certos pontos, que em extremo lhes deviam desagradar, como quando descrevem a sua obstinação, as rebelliões contra Deus e as mais nefandas iniquidades. 2.º Estes autores eram pessoas sinceras e dignas de fé, porque diziam a verdade a todos sem exceptuar os proprios Reis, ainda mesmo nos casos em que os podia melindrar e desgostar. Ninguem os póde incriminar de fraude, nem

(1) Moisés nos cinco livros do Pentateuco falou dos acontecimentos do seu tempo. Para os factos anteriores a Moisés, isto é, desde a creação do mundo até elles (cerca de 2500 annos,) além dos documentos lapidares e scientificos, havia a tradição, quer dizer, a narração do factos historicos transmittida de paes a filhos, transmissão que a longevidade dos primeiros homens muito facilitava. Adão viveu 248 annos com Mathusalem. Este passou 100 com Sem que viveu 49 com Isac; Isac viveu 35 annos com Levi, e Levi viveu longo tempo com Amram pae de Moisés. D'esta sorte a vida de sete homens, contando o mesmo Moisés, constitue a tradição que sobe d'elle até ao principio do mundo.

dar em seus escriptos com affirmações e factos, que possam ser suspeitos de falsidade; tanto mais que esses autores preferiam dar a sua vida pela verdade por elles apresentada, antes que faltar a essa mesma verdade, como fizeram muitos Prophetas, Apostolos, Evangelistas. 3.º Muitos factos referidos por elles são tambem comprovados por autores profanos.

F. Mas não terão podido enganar o povo contando fabulas em vez de contar coisas reaes?

P. Ás vezes póde succeder que um ou outro creia numa coisa que seja pura invenção; mas enganar a um numero extraordinario de testemunhas do facto que se expõe, isso é impossivel.

F. E comtudo contam-se certos factos tão extraordinarios, que parecem incriveis!

P. Ahi está uma razão que redobra a autoridade d'esses livros, porquanto estes factos tão fóra do commum seriam immediatamente rebatidos e reprovados assim pelos hebreus como pelas nações circumvizinhas, se não assentassem na verdade. E por outra parte, os factos extraordinarios da Escriptura nada encerram que seja indigno do poder e da majestade de Deus, antes revelam com mais intensa luz a inspiração d'aquellas paginas.

SETIMA PALESTRA

Divindade dos livros do Antigo Testamento.

E. Como é que a mão divina se revela nos Livros Sagrados?

P. A mão de Deus revela-se nos Sagrados Li-

vros: 1.º *Pela natureza das coisas* ahi contidas, cuja existencia se não póde estabelecer nem admittir sem o concurso da Omnipotencia divina. 2.º *Pela mesma natureza dos livros.* Pois de facto, os seus autores fôram inspirados por Deus e por Elle movidos a exprimir por escripto seus pensamentos; e sob esta inspiração começaram, continuaram e concluiram sua obra. Por isso são chamados os livros divinos por excellencia.

P. Como se prova que os Livros Sagrados encerram coisas que não se podiam dar sem o concurso da Omnipotencia divina, e que os autores sagrados fôram inspirados por Deus?

R. Esta importantissima verdade da nossa santa Religião é confirmada sobretudo por quatro argumentos: 1.º *Pelos milagres.* Os milagres considerados no seu verdadeiro sentido excedem todas as forças da natureza creada, d'onde se segue que só Deus é que póde fazer milagres, e que só os póde fazer para confirmar a verdade, nunca para sustentar ou apoiar o erro. Ora os escriptores da Sagrada Biblia demonstram a divindade da doutrina que anunciavam aos povos, fazendo narração de milagres. Provaram assim irrefragavelmente que falavam em nome de Deus, e que escreviam sob o Seu Divino impulso. Devemos portanto acceitar como palavra de Deus tudo o que esses livros contêm. 2.º *Pelas prophecias,* que se referem á vinda de Christo, e a muitos outros acontecimentos que se verificaram tal qualmente tinham sido preditos. Sómente Deus conhece as coisas futuras, e sómente Deus póde revelá-las aos homens antes que ellas succedam. 3.º *Pela sublimidade e santidade da Sagrada Escriptura mesma,* a qual é tão pura

e perfeita, que só Deus póde ser *seu autor*. *4.º* Por ultimo, *pela admiravel efficacia* que exerce no coração de quem a lê, de maneira que os proprios maus, se leem a Biblia sem preoccupações nem preconceitos, não pódem deixar de se sentir commovidos e de confessar que é *Obra de Deus*.

F. Parece-me que os milagres tambem pódem fazê-los os homens e por isso não comprovam sufficientemente a divindade da Biblia.

P. O milagre é uma acção que excede todas as forças humanas; por isso, quando os homens operam verdadeiros milagres, é em nome de Deus que o fazem.

Por exemplo, Elias resuscitou um menino morto, mas no nome do Senhor. S. Pedro chamou egualmente á vida a velha Tabita, mas operou essa resurreição em nome de Jesus Christo.

F. As prophecias, como é que tornam evidente a divindade dos Livros Santos?

P. A prophecia não é mais que a predição das coisas futuras, que não pódem ser alcançadas nem conhecidas por causas naturaes, e por isso argue mão divina, uma vez que se verifique. Foi assim que Noé previu e annunciou o diluvio cento e vinte annos antes que as aguas cobrissem a terra; e isto homem nenhum o pudera fazer, se Deus o não revelasse.

F. Nos livros do Antigo Testamento ha realmente coisas que se refiram á nossa Religião Catholica?

P. Ha muitissimas, especialmente a respeito do Messias, as quaes nós veremos que se cumpriram todas na pessoa de Jesus Christo. Eis aqui um motivo a mais para dar graças a Deus, que Se

dignou ensinar-nos Elle mesmo por meio dos Livros Sagrados, que nós devemos ler com respeito e com a firme persuasão de achar nelles a Sua palavra, a Sua Celeste e infallivel doutrina.

OITAVA PALESTRA

Historia da Religião e prophecias que se referem ao Messias desde Adão até David.

F. Já sabemos e estamos convencidos da divindade dos Livros Santos, e da revelação que Deus fez aos homens ácerca das coisas necessarias para a nossa eterna salvação, e muito rejubilamos por isso. Mas como a cada passo estamos a ouvir falar de Livros Santos ou da Sagrada Biblia, muito nos agradaria que o pae continuasse a falar-nos mais um bocado sobre este ponto.

P. Da melhor vontade, e para observar uma certa ordem na exposição d'estas importantissimas verdades, é necessario que noteis antes de tudo, que Religião e Revelação são uma e mesma coisa; porque a Religião não faz mais que regular as coisas reveladas por Deus d'uma maneira congruente com a natureza humana. Ora, como a Religião, a Revelação e as prophecias tendem e se referem todas ao Messias promettido por Deus para salvar o genero humano, nesta breve exposição da nossa santa Religião poremos em relevo as prophecias que dizem respeito ao Messias.

F. Sim, bem está; mas comece-nos pela mais antiga d'essas prophecias.

P. A mais antiga das prophecias relativas ao

Messias foi aquella que Deus fez a Adão, primeiro homem que houve no mundo.

F. Muito gostavamos de a ouvir.

P. D'esta maravilhosa prophecia já tivestes alguma noticia pela Historia Sagrada por vós estudada na escola. Vou recordá-la, accrescentando algumas circumstancias particulares. E' esta: Deus creou em seis dias quantas coisas ha no Céu e na terra; no ultimo creou o homem e collocou-o num jardim amenissimo, chamado Paraiso terrestre. Adão e Eva desobedeceram ao Senhor comendo um fruto que lhes tinha sido prohibido sob pena de morte. Em castigo de similhante desobediencia, Deus expulsou-os d'aquelle logar de delicias; prometteu porém que a seu tempo enviaria um Salvador, dizendo ao demonio que os enganara: *Porei inimizades entre ti e a mulher; a qual por meio d'aquelle que d'Ella nascerá te ha de esmagar a cabeça.* Por *Aquelle* deve entender-se o divino Salvador, fundador da nossa santa Religião, e autor da nossa eterna salvação.

F. Parece incontestavel que as prophecias tenham começado em Adão, que foi o primeiro homem do mundo; mas depois de Adão não se falou mais nenhuma vez do Salvador e do culto devido a Deus?

P. Muitas e muitas vezes se falou d'um e d'outro nos Livros Sagrados e lemos que Cain e Abel, filhos de Adão, já offereciam sacrificios a Deus; que Enós honrava o Senhor em publicas e solemnes ceremonias; e Noé com sua familia praticava a verdadeira Religião.

F. Esta Religião não desappareceu com o diluvio universal, visto que os homens se tinham entre-

gado a toda a casta de vicios, como já lemos na Historia Biblica?

P. Não acabou com o diluvio, não; e até Noé, salvo miraculosamente das aguas, mal saíu da arca, levantou logo um altar, e em sinal de reconhecimento, fazendo uso de ritos e ceremonias particulares, offereceu um sacrificio ao Senhor em companhia da sua mulher e de seus filhos. Mas pouco tempo depois do diluvio a Religião caíu num estado em extremo deploravel, porque os homens abandonaram-se á primitiva libertinagem, e começaram a adorar o sol, a lua, as estrellas e os animaes da terra. Todavia muitos descendentes de Noé perseveraram na virtude e na verdadeira Religião.

F. Em meio de tantas desordens, como se póde conservar a Religião entre os homens?

P. Deus para conservar entre os homens a verdadeira Religião, escolheu uma familia entre os descendentes de Sem, filho de Noé. Nesta familia tornou-se celebre Abrahão. Vivia elle numa cidade da Caldeia, paiz contaminado pela idolatria, quando Deus lhe mandou que abandonasse a patria, os parentes, e se dirigisse para a terra de Canaan, chamada depois Terra da Promissão, *por via das muitas promessas que Deus fez nessa occasião.*

F. Antes de passar adeante, faça favor de nos falar d'essas promessas.

P. Três fôram as especiaes promessas que Deus fez a Abrahão: 1.º Que o faria pae d'um povo numeroso como as estrellas do céu e as areias do mar. Isto vê-lo-hemos verificado vendo subir a sua descendencia a milhões de pessoas. 2.º Que daria

a seus descendentes a terra de Canaan. Os hebreus entraram neste paiz quasi quinhentos annos depois, sob o commando de Josué. 3.º Que todas as nações seriam abençoadas, isto é, levadas ao conhecimento do verdadeiro Deus, por *Aquelle* que devia proceder da sua descendencia.

F. E quem é *Esse* que devia nascer da descendencia de Abrahão?

P. E' o mesmo Redemptor promettido pelo Senhor a Adão no Paraiso Terreal. Deus renovou as mesmas promessas com Isaac filho de Abrahão, e com Jacob filho de Isaac.

Aqui é nosso dever admirar as luminosas traças da divina Providencia, que vae especificando e aclarando melhor o tempo, o logar e a familia do Messias, a par e passo que se chega a epoca do Seu apparecimento sobre a terra. A promessa que Deus fizera a Adão, podia ir-se obscurecendo consoante se ia multiplicando o genero humano. Quando após o diluvio, os homens se espalharam pelas varias partes da terra, Deus escolheu a Abrahão entre os descendentes de Sem, e a Jacob entre os filhos de Isaac. Jacob tem doze filhos, e Deus revela que d'estes doze, Judá está destinado a formar a serie dos descendentes de Abrahão, da qual devia nascer o Messias.

F. Como é que Deus deu a conhecer que o Messias devia nascer da descendencia de Judá?

P. Eis como Deus manifestou Sua vontade. Os doze filhos de Jacob tornaram-se paes de numerosas familias, chamadas as *doze tribus de Israel*. Para evitar as tristes consequencias d'uma grande carestia, Jacob foi para o Egipto, aonde o chamara seu filho José. Estabeleceu-se ahi com sua familia.

Antes de morrer, este santo Patriarca abençoou os seus filhos, mas a Judá disse em particular estas palavras: *O sceptro não saírá de Judá, até que venha Aquelle que deve ser a Expectação das gentes.*

F. Aqui offerece-se uma difficuldade, que só o pae nos póde desfazer. Como podia ser tirado a Judá o sceptro, de que fala Jacob, se nós lemos na Historia biblica que Judá ao tempo era um pobre pastor?

P. E' verdade, meus queridos filhos, que Judá naquella occasião era simplesmente um pastor: mas apesar d'isso já começava a exercer uma certa supremacia e autoridade sobre as restantes tribus, até que por fim subiu ao throno e cingiu a corôa real um de seus descendentes, David, ficando a corôa, depois d'elle, na tribu de Judá, até á vinda do Salvador.

F. De Jacob até David nunca mais se fez menção do Messias?

P. De Jacob até David deram-se entre os hebreus alguns acontecimentos memoraveis; a crença no futuro Messias conservou-se porém constante. Os hebreus permaneceram no Egipto perto de uns quatrocentos annos, até que Deus, querendo darlhes a terra dos Cananeus, já promettida a Abrahão, a Isaac e Jacob, suscitou um homem extraordinario, Moisés. A' testa do seu povo, e depois de uma longa serie de prodigios, passou com elle, a pé enxuto, o Mar Vermelho, levando-o para o deserto de Sinai. Alli o Senhor deu-lhe os preceitos do Decalogo, escriptos pela propria mão divina em duas taboas de pedra. Deus estabeleceu tambem as ceremonias da Religião, e a successão dos sacerdotes na familia de Aarão, irmão de Moisés.

F. Até aqui só se tem falado da Religião, mas não se tem falado do Messias.

P. Tende paciencia: uma coisa depois da outra. Moisés por ordem de Deus escreveu muitas coisas sobre a Religião e deixou-nos uma luminosa prophecia relativa ao Messias. Pouco antes de morrer annunciou ao seu povo que devia vir um *grande Propheta da sua nação* (1), e ordenou que todos o escutassem. Os mesmos judeus concordam comnosco em que este grande Propheta é o Messias.

Morto Moisés, foi Josué que lhe succedeu, e este introduziu os israelitas na Terra promettida, dividindo-a pelas doze tribus. Assim se cumpriram as duas promessas que Deus fizera por muitas vezes: que Abrahão seria pae de numerosissimo povo, ao qual daria em posse a terra de Canaan.

Duas coisas deveis vós admirar nestes acontecimentos providenciaes: primeiro, o cumprimento das promessas divinas, que nunca falham; e depois, o desenvolvimento, o aperfeiçoamento dos ritos e das ceremonias, e a successão nunca interrompida, na descendencia de Abrahão, dos sacerdotes destinados a exercer o culto divino e a torná-lo majestoso e solemne deante dos homens.

NONA PALESTRA

Prophecias e historia da Religião desde David até ao Messias.

F. A exposição d'estas prophecias e o seu cumprimento despertam em nós alta maravilha, mas

(1) Deut. XVIII, 25; Act. dos Ap. VII, 37.

o pae ainda não nos disse como é que David veiu a ser Rei dos hebreus. Como é que succedeu isso?

P. Já vos conto o extraordinario facto que levou David ao throno de Judá. Após a morte de Josué, continuou na familia de Aarão a successão do sacerdocio, e o povo foi governado por Juizes, que Deus ia successivamente suscitando conforme as necessidades. O ultimo dos Juizes foi Samuel, mas ainda em vida d'elle, os israelitas pediram um Rei, que foi Saul. Saul porém incorreu no desagrado de Deus, que para o logar do infiel monarca escolheu a David filho de Jessé, da tribu de Judá. E' neste ponto que começa o reino de Judá, que, como depois veremos, se extende até ao nascimento do Salvador. Deus revelou a David grande numero de coisas relativas ao Messias; e entre as outras, que Elle devia nascer da sua estirpe e seria em muitas maneiras perseguido; que todos os Reis da terra O adorariam, e que por meio d'elle a majestade do Deus de Israel havia de encher toda a terra. A David succedeu seu filho Salomão, e por morte d'este, rebentaram discordias tão graves, que o povo hebreu dividiu-se, constituindo dois reinos, o de Judá e o de Israel. Com esta separação veiu tambem a divisão do culto, de modo que os do reino de Israel, que na sua maioria adoravam falsas divindades, constituiram o scisma samaritano; isto é, separaram-se de Jerusalem, que continuou a ser a unica séde do culto do verdadeiro Deus. Por este tempo começaram a apparecer muitos Prophetas, que predisseram a destruição do reino de Israel, o captiveiro de Babilonia e muitas coisas ácerca do Messias.

F. De que maneira acabou o reino de Israel?

P. O reino de Israel com suas impiedades despertou a ira e o desprezo do Senhor, que o abandonou nas mãos de Salmanazar, rei dos assirios. As dez tribus fôram levadas para Ninive e espalhadas por aquelle vasto imperio, sem esperança de se poderem jámais reunir. Isto succedia no anno 3238 da creação do mundo.

F. Por que vicissitudes passou o reino de Judá?

P. O reino de Judá soffreu muitas modificações. Quando foi da destruição do reino de Israel, ainda se achava florescente, porque a prophecia de Jacob devia subsistir até á vinda do Messias. Mas como no reino de Judá tambem se commettiam enormes e gravissimos peccados, Deus, por meio do propheta Isaias, ameaçou-os com um severo castigo. O povo já callejado no mal não deu mostras de querer emendar-se; e então, como tinha com antecedencia annunciado o Propheta Jeremias, veiu o Rei Nabucodonosor, que tomou e destruiu Jerusalem, queimou o templo, e levou quasi todo o povo para Babilonia, capital do seu imperio.

F. Então com isso acabou o reino de Judá?

P. Não acabou; porque esta emigração forçada para Babilonia não foi para os judeus um exterminio, mas apenas um castigo. E Jeremias tambem tinha predito que depois de setenta annos de captiveiro os judeus voltariam para a terra de seus paes. Demais a mais, o sceptro nem mesmo durante a escravidão saíu de Judá, porque esta tribu continuou a ter Principes e Sacerdotes, viveu sujeita a leis proprias, segundo as quaes se administrava a justiça com direito de vida e de morte.

F. Tambem se verificou a predição de Jeremias ácerca dos setenta annos do captiveiro?

P. Os Prophetas, falando em nome de Deus, nunca falham em suas previsões, meus presados filhos. Passados os setenta annos annunciados por Jeremias, os hebreus recuperaram a liberdade por indulgencia de Ciro. Este grande principe conquistou Babilonia na occasião em que o Rei Balthazar estava com os seus companheiros de orgia profanando os vasos sagrados num grande banquete. Ciro libertou os judeus, e mandou-os honrosamente para a sua patria sob o commando de Zorobabel, principe da tribu de Judá, e do Summo Sacerdote Josué, permittindo-lhes que reedificassem a cidade e o templo.

Acabado o templo, os velhos, que se lembravam da magnificencia do primeiro edificado por Salomão, choravam todos desconsolados vendo quanto o segundo era inferior. Mas Deus consolou-os enviando-lhes o propheta Aggeu, que lhes assegurou que a gloria do segundo templo havia de exceder a do primeiro, porque ao templo novo viria o *Desejado das nações,* o tão suspirado Messias.

F. Bem, muito bem. Agora é que vemos mesmo ás claras que tudo está de accordo com a Historia Biblica que estudamos na escola. Mas ainda nos faria muito gosto, se, além do que tem explicado, nos apresentasse em resumo as outras prophecias ácerca do Messias.

P. De bom grado satisfarei vossos desejos, e com certeza que ficareis admirados ao considerar tantas prophecias referentes ao Messias, e cumpridas todas á risca em Jesus Christo. Aproximando-se o tempo estabelecido para enviar aos homens o Salvador tão suspirado, Deus por Seus Prophetas annuncia o facto de um modo tão claro,

que as coisas por elles expostas mais parecem narrações historicas, que prophecias. Daniel diz que o Messias viria antes de se passarem setenta semanas de annos, isto é, 490 annos; e Isaias, que nasceria d'uma virgem. Malaquias annuncia que a vinda do Messias estava muito proxima; Miqueias, que nasceria em Belem; e outro Propheta, que em Seu nascimento appareceria uma fulgente estrella. Mas o que dá um sinal palpavel da vinda do Messias, é o vaticinio de Jacob.

F. Faça favor de nos explicar esse vaticinio.

P. O vaticinio de Jacob, já falamos nelle, e cifra-se nisto, que a autoridade suprema residiria na tribu de Judá até que nascesse o Salvador. Esta suprema autoridade foi-se esfriando ao passo que se avizinhava o tempo marcado para o apparecimento do Messias: e assim, após o captiveiro de Babilonia, a tribu de Judá não teve mais nenhum Rei da sua raça, mas continuou a sua soberania elegendo Principes, Chefes militares e até Reis, consoante exigiam as necessidades da nação.

Os judeus de volta do captiveiro reedificaram Jerusalem, e a tribu de Judá, unida á pequena tribu de Benjamin, continuou a subsistir como corpo e nucleo da nação. Soffreram graves perseguições da parte de Antioco, que tentou anniquilar a nação e a Religião dos judeus; mas Deus suscitou o zeloso Mathatias, que, embora fosse da tribu de Levi, foi poderosamente sustentado pelos da tribu de Judá na guerra contra os inimigos; e os da tribu de Judá nomearam os filhos do mesmo Mathatias generaes em tempo de guerra, e principes em tempo de paz. Os filhos de Mathatias fôram Simão, Judas, Eleazar, João e Jonathas, vulgar-

mente chamados os valentes Macabeus. Depois da morte de Judá e de Jonathas, os judeus escolheram a Simão para seu principe, a que se ajuntou o titulo de Rei, que elle transmittiu aos seus descendentes até Herodes, extrangeiro de nação (1).

F. Então Herodes não era da raça judaica?

P. Herodes chamado o grande (nome que só se lhe dava pela suas grandes infamias e crimes) não fazia parte do povo judaico, pois que era idumeu de nação. A' força de artimanhas, e escudado no apoio dos Romanos, conseguiu tirar o reino aos Macabeus, e fazer-se proclamar rei da Judeia. D'este modo passou para a mão d'um extrangeiro a suprema autoridade, e as setenta semanas de Daniel tocavam o seu occaso.

DECIMA PALESTRA

Prophecias realisadas na pessoa de Christo.

F. Tantas e tão extraordinarias prophecias são a prova provada de que nos quatro mil annos, que precederam a prégação do Evangelho, todo o mundo aguardava com verdadeira anciedade o Messias ou Salvador. Agora muito folgavamos que nos explicasse como é que estas prophecias se cumpriram á risca.

P. Espero que poderei matar vossos desejos nesta palestra. O que prestes vou dizer-vos, merece seria attenção. Já por certo comprehendereis que o Mes-

(1) Vid. Antigono, Flav. Jos., Santo Agost. etc.

sias é aquelle, que nós chamamos (pronunciemos sempre este Nome com a maior veneração) *Jesus Christo,* a Quem adoramos e reconhecemos por nosso Salvador, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. As prophecias concernentes ao Messias verificaram-se nElle de maneira tão evidente, que o santo Evangelho, onde vêm expostas as acções do Salvador, póde-se tirar todo do Antigo Testamento. Por não me alongar, escolherei sómente algumas das principaes. 1.º O Messias devia nascer da estirpe de David, de uma virgem, annunciado por uma estrella, e em Belem; e Jesus nasceu na cidade de Belem, de Maria Virgem, a qual era da estirpe de David; e uma estrella milagrosa annunciou-O aos Magos do Oriente. 2.º Devia nascer quando o throno de Judá passasse para as mãos de um extranho; e Jesus nasceu no anno 33 de Herodes, *extrangeiro de nação,* perto do anno 4000 da creação. 3.º O Messias devia visitar o segundo templo dos judeus, e Jesus Christo visitou-o repetidas vezes; e não poderá ser visitado pelo Messias que os judeus ainda esperam, por isso mesmo que aquelle magnifico edificio, ha 1800 annos que não existe. 4.º Devia nascer na 55.ª semana de Daniel, isto é, cerca de 475 annos depois d'aquella prophecia; é justamente nesta epoca que nasceu Jesus Christo.

F. Que maravilhosa união entre estas prophecias, e o seu cumprimento em Jesus Christo!

P. Ha tambem muitissimas prophecias relativas á pessoa e acções do Messias, as quaes se verificaram todas em Jesus Christo. Os Prophetas predisseram: 1.º, que se chamaria Salvador, e assim aconteceu, como lemos no Evangelho; 2.º, que seria

chamado Emmanuel ou Deus-comnosco, e assim é chamado no Evangelho escripto por S. Matheus e no de S. João Evangelista; 3.º, que seria chamado o Nazareno, e Nazareno foi na realidade, como refere S. Matheus, c. 22; 4.º, que seria *Christo*, ou ungido por excellencia, e assim é denominado em todo o Novo Testamento; 5.º, que seria Filho de Deus, e Filho de Deus é proclamado mais de dez vezes por S. Matheus em seu Evangelho; 6.º, que teria o nome de Primogenito, e esse nome é-Lhe dado muitas vezes no Novo Testamento, sobretudo por S. Paulo; 7.º, que Se declararia Filho da Homem, e o proprio Jesus Christo professa-Se muitas vezes como tal; 8.º, que seria saudado como Propheta, e grande Propheta O acclamavam as turbas, quando O viam fazer estrepitosos milagres; 9.º, que tambem teria o titulo de Pastor, e Elle mesmo Se inculcou e chamou tal, quando disse: *Eu sou o bom Pastor, e conheço as Minhas ovelhas e ellas Me conhecem a Mim*. Numa palavra, Jesus não teve um nome, que não fosse muitos annos antes predito pelos Prophetas, e claramente descripto e apresentado depois no santo Evangelho.

F. Ácerca das acções do Messias tambem houve alguma prophecia?

P. Houve muitissimas. Os Prophetas predisseram: 1.º, que o Messias devia annunciar a doutrina da salvação (1), fazendo estrondosos milagres (2), soffrendo ao mesmo tempo graves contradicções da parte do Seu povo; 2.º, que seria perseguido, e condemnado pelos judeus á morte de Cruz; e con-

(1) Moisés, Daniel.

(2) Isaias.

taram até as mais insignificantes circumstancias da Sua Paixão e morte; 3.º, que havia de resuscitar glorioso (1); 4.º, que os judeus em castigo de seu crime seriam reprovados de Deus, destruida a sua cidade, queimado o templo, e elles espalhados por todo o mundo, sendo em seu logar chamados ao conhecimento de verdadeiro Deus os idolatras e os infieis (2).

Todas estas coisas se realisaram integralmente, e fazem parte da historia, a ponto de podermos dizer aos judeus: Vinde, vêde milagres permanentes, prophecias que se cumpriram, e todos os dias se verificam, mostrando quanto seja infundada vossa esperança de que o Messias ainda tenha de vir, porque já passou o tempo da Sua vinda, já se cumpriram todas as prophecias a Elle referentes, e todas ellas se cumpriram na pessoa de Jesus Christo.

DECIMA PRIMEIRA PALESTRA

O Evangelho.

F. A' vista de tantas prophecias verificadas na pessoa de Jesus Christo só um doido varrido é que póde negar que já tenha vindo o Messias. Mas em que livros se acham registadas por extenso as verdades que o pae nos tem contado ácerca do divino Salvador?

P. Estas verdades estão por meudo consignadas no Sagrado Evangelho, o livro mais perfeito que ha no mundo, e que contem a vida, a doutrina,

(1) Ps. XV.
(2) Em muitos Psalmos.

as virtudes e os milagres, a Paixão, morte e Ressurreição de Jesus Christo. Este livro gozou entre os antigos todos tamanha autoridade, que até mesmo os incredulos confessaram que é obra de Deus.

F. Não ha perigo do que o Evangelho contenha algum erro?

P. Muitas razões nos asseguram de que o Evangelho é isento de todo o erro. E a mais forte é esta, que seu autor é o proprio Deus, pois inspirou aquelles que tomaram a peito escrevê-lo. *Estes santos homens,* diz S. Paulo, *escreveram guiados pelo Espirito Santo* (1); e noutro ponto accrescenta: *Toda a Sagrada Escriptura é divinamente inspirada* (2). Escudando-se nestes e em muitos outros argumentos, a Egreja Catholica no Concilio Tridentino declarou que a Sagrada Biblia é obra de Deus, porque tanto o Antigo como o Novo Testamento têm a Deus por autor. *Livros sagrados, Livros Santos, Sagrada Escriptura, Palavra de Deus,* fôram sempre os nomes dados ao Evangelho e aos outros livros, de que se compõe a nossa Biblia.

F. Onde se revela a autoridade divina, as questões e a duvida não têm razão de ser. Mas não é de receiar que os escriptores, visto que eram homens, deixassem escapar algum erro?

P. Não ha perigo nenhum, porque o Evangelho foi escripto pelos Apostolos S. Matheus e S. João, e por dois discipulos S. Lucas e S. Marcos, que falam das coisas que elles mesmos viram, ou que lhes fôram contadas por testemunhas oculares. Desde o alvorecer do Christianismo puzeram seus escriptos

(1) II Thi. I

(2) II Eph. II.

nas mãos d'aquelles que haviam presenciado os factos por elles adduzidos, sem haver jámais quem os contradissesse; podendo-se por isso asseverar, com toda a franqueza e sem rodeios, que estes escriptos chegaram ate nós como de mão em mão, por uma tradição ininterrupta. Por tal motivo os herejes e os proprios incredulos começaram desde os primeiros tempos a explicar o Evangelho lá e seu modo, mas nunca se atreveram a negar sua veracidade.

Muitos são os argumentos que confirmam a veracidade do santo Evangelho. A santidade dos Evangelistas põe-n'os a salvo de qualquer suspeição de não terem exposto a verdade pura e sem rodeios. Elles escreveram quasi a seguir á morte de Christo, e portanto numa epoca, em que facilmente podiam ser rebatidos por aquelles, que dos referidos acontecimentos tinham sido testemunhas oculares. Os hebreus. que não queriam considerar a Jesus Christo como Messias, ter-se-hiam valido dos mesmos pretextos para contestar a verdade dos successos contados pelos Evangelistas, nos quaes Jesus Christo era proclamado desassombradamente como o verdadeiro Messias predito pelos Prophetas. Além d'isso, os escriptores do Evangelho são quatro, mas tanto se harmonisam na exposição dos factos, que quanto á verdade da narração parecem todos os quatros livros escriptos por uma só penna.

F. Mas não podia acontecer que os ditos escriptores inventassem o Evangelho de commum accordo?

P. E' impossivel que os Evangelistas de commum accordo tenham inventado o Evangelho. E ainda mesmo que se admitta tal por verdadeiro, ou elles

combinaram juntos os quatro livros, e nesse caso como explicar tão notavel diversidade de estilo, de maneira de expor, com que os vemos escriptos? Ou então escreveram cada um por si a sua parte; e neste caso ainda é mais evidente a veracidade, porque os quatro Evangelhos estão perfeitamente de accordo quanto á verdade dos factos. Além d'isso, os Apostolos e os proprios Evangelistas morreram ou ao menos mostraram-se dispostos a morrer em defeza da verdade do Evangelho. Ora, acaso seriam elles tão tolos, que fossem expor a sua vida para sustentar coisas duvidosas, ou de commum accordo inventadas?

Podemos logo concluir qne a santidade dos Evangelistas, a maneira simples e ingenua como escreveram, a estima que os fieis, os judeus, e os proprios incredulos sempre manifestaram pelos livros d'esses Evangelistas, a approvação da Egreja Universal, que sempre condemnou aquelles que mesmo só em pequena parte ousaram negar a verdade do Evangelho, fornecem-nos argumentos irrefragaveis da veracidade e authenticidade dos Livros santos.

DECIMA SEGUNDA PALESTRA

Jesus Christo verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

F. O pae já nos disse qne os livros do Evangelho demonstram claramente que o Messias annunciado pelos Prophetas é Jesus Christo, e d'isso já todos estamos convencidos. Agora porém desejavamos saber onde e como prova o Evangelho que Jesus Christo é Deus e Homem.

P. Que Jesus Christo seja homem é um facto, que não precisa de ser demonstrado. Todas as prophecias do Antigo Testamento falam por extenso e d'uma maneira clara das acções, que se referem ao Salvador emquanto homem. E no Novo Testamento, sobretudo no Santo Evangelho, lemos como Elle nasceu em Belem, como viveu e conversou com os homens de fórma a poder ser realmente conhecido e havido como homem. Por outro lado, fez depois muitas acções prodigiosas, que O revelam como verdadeiro Deus.

F. Quaes são essas acções?

P. São os milagres sem conta que fez, e que só uma mão divina podia fazer.

F. Jesus fez na realidade estes milagres?

P. Fez muitos e muitos milagres: mudou a agua em vinho; multiplicou alguns poucos pães tão prodigiosamente, que bastaram a saciar muitos milhares de pessoas, e isto mais de uma vez; sarou doentes em estado gravissimo; deu vista a homens cegos de nascença; resuscitou muitos mortos, e entre elles o filho de uma viuva que já ia no caixão e levavam publicamente á sepultura. Um milagre estrondoso sem egual foi a resurreição de Lazaro, que já ha quatro dias se achava enterrado, começando seu cadaver a corromper-se. Milagres d'estes só a Omnipotencia divina os póde fazer.

F. Não se poderá suspeitar que estes milagres sejam outros tantos effeitos das leis da natureza, cujas forças são tantas, e em grande parte escapam á nossa observação?

P. Os milagres de Jesus Christo não pódem ser effeito das leis naturaes, porque apresentam caracteres sem nenhuma comparação superiores ás

mesmas leis phisicas e a todas as forças, que nos seja dado conhecer e imaginar na natureza. Por exemplo, quando morre alguem, o seu cadaver, segundo a sua mesma natureza, deve decompor-se e corromper-se. Pelo contrario, o milagre suspende as leis da natureza, quando pelo poder divino o cadaver, em logar de apodrecer, se conserva, ou adquire nova vida, justamente como succedeu nos dois factos acima mencionados.

F. O pae diz que os milagres de Jesus mostram ser Elle verdadeiro Deus; mas os homens tambem fazem milagres.

P. Por muito douto e santo que seja, nenhum homem é capaz de obrar milagres por virtude propria. Por isso os milagres feitos por homens fóram effeito da omnipotencia divina; isto é, os homens fizeram e ainda hoje fazem milagres, invocando o nome de Deus e de N. S. Jesus Christo. Mas N. S. Jesus Christo esse fê-los sempre por virtude propria, mostrando assim Seu infinito poder como Deus, de Quem depende a vida e a morte.

F. E quaes são os sinaes por onde possamos conhecer que Christo obrou milagres por virtude propria?

P. Vê-se pelos proprios milagres. Um leproso deita-se a Seus pés, e exclama: *Senhor, se quereis, podeis curar-me*. E Jesus respondeu-lhe: *Quero, sê curado;* a lepra desappareceu immediatamente. Ia a enterrar, como ha pouco vimos, o cadaver d'um mancebo; Jesus manda parar o cortejo, e diz ao joven defunto: *Levanta-te, sou Eu que t'o digo,* e no mesmo instante se levanta o mancebo do esquife, cheio de vida.

F. Estes e muitissimos outros factos provam á

evidencia que Elle fazia milagres por virtude propria, e não por virtude d'outrem, e por conseguinte mostrava ser verdadeiro Deus. Aqui poderá alguem observar que Jesus com esses factos manifestava um poder extraordinario; mas não haverá factos ou palavras, com que em modo especial quizesse demonstrar a Sua divindade?

P. Sim, Jesus Christo disse e fez muitas coisas para dar a conhecer que era Deus. Emquanto que multiplicava os Seus milagres, ou impunha preceitos aos homens, a Si mesmo Se proclamava Filho unico de Deus, fazendo notar que Elle e Seu eterno Pae eram uma só e mesma coisa. *Eu,* dizia, *e Meu Pae celestial somos uma só coisa; quem Me escuta a Mim escuta o Meu Pae celestial, que Me enviou.* Esta verdade achava-se tão espalhada e era já tão conhecida, que os judeus ameaçaram apedrejá-lO por Se proclamar constantemente verdadeiro Deus. Os proprios escribas e phariseus accusavam-n'O de blasphemo, e diziam-Lhe cheios de raiva: *Porque é que sendo sómente homem, te dás por Deus, e filho de Deus?* — Qualquer pessoa, que abra o Evangelho, o qual, como já vimos, só contem a verdade pura, encontra quasi em cada pagina palavras ou factos, que nos apresentam Jesus Christo como *verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.*



DECIMA TERCEIRA PALESTRA

Resurreição e Ascensão de Jesus Christo, prova e argumento certo da Sua divindade.

P. Uma das coisas que nos revelam até á evidencia a divindade de Jesus, é a Sua gloriosa Resurreição, que Elle mesmo tantas vezes annunciou. Dizia Elle: *Assim como Jonas Propheta permaneceu três dias no ventre da baleia, assim o Filho do Homem* (com este nome se designava a Si mesmo o Salvador, por humildade) *estará três dias no seio da terra.* D'outra vez, assegurou a Seus discipulos que os precederia na Gallileia. E quando fala d'esta Resurreição, é sempre em Seu proprio Nome, significando que resuscitaria por virtude propria, sem auxilio d'outrem. Ora o resuscitar por virtude propria é operação absolutamente divina; logo Jesus Christo, resuscitando por virtude propria, mostrou ser verdadeiro Deus.

F. Não ha nenhuma duvida quanto á Resurreição de Christo?

P. E' este um facto que exclue toda a duvida. Senão, vejamos a narração do Evangelho: Morto Jesus, os principes dos sacerdotes combinados com Pilatos adoptaram severas precauções para que ninguem pudesse tirar o corpo do sepulcro. Fecharam-no com uma grande pedra, e, depois de sellado, mandaram que o guardassem soldados Romanos com summa cautela e vigilancia. No terceiro dia de manhã ouviu-se um grande ruido, levantando-se por si a pedra, o que assustou as sentinellas a tal ponto,

que cairam por terra desmaiados e meio mortos. Pouco depois chegaram os dois Apostolos Pedro e João, que desceram ao sepulcro; mas já não encontraram alli o Corpo do divino Salvador.

F. Mas não podia dar-se o caso de que os Apostolos O tirassem de lá durante a noite?

P. Muito pelo contrario; os Apostolos, quando viram que os judeus tratavam a Jesus com inaudita crueldade, com medo do que lhes viesse a succeder o mesmo, resolveram mas foi fugir, não tornando mais a apparecer. S. Pedro e S. João só vieram ao sepulcro de Jesus, quando tiveram a certeza de que Jesus havia resuscitado.

F. Mas parece-nos ter lido na Historia Biblica ser voz corrente entre os judeus que de noite, emquanto as sentinellas dormiam, tinham vindo os Apostolos, levando o Corpo de Jesus.

P. Se estaes bem lembrados, o Evangelho, depois de expor o que acabaes de indicar, accrescenta logo a seguir que os judeus compraram as sentinellas, para dizerem assim, de maneira que não se viesse a acreditar na Resurreição do Salvador. Demais a mais, podemos repetir com Santo Agostinho: *Se as sentinellas dormiam, como podiam ver os Apostolos tirar do sepulcro o Corpo do Salvador, levando-O comsigo? Se estavam accordados, eram tão faltos de tino e juizo a ponto de consentir num facto que lhes ia acarretar infamia?* E por fim, o Evangelho e as numerosas apparições de Jesus aos Apostolos depois da Sua morte, são uma prova bem clara de que Jesus havia resuscitado glorioso e triumphante.

F. Basta que um homem morto appareça uma só vez que seja, para sem mais nos certificar que elle

resuscitou. Conte-nos pois algumas d'essas manifestações de N. S. Jesus Christo.

P. Appareceu não só a um, mas a muitos, a todos os discipulos reunidos, e a algumas piedosas mulheres, que affirmaram a mesma coisa e da mesma maneira. D'uma vez mostrou-Se a perto de quinhentas pessoas. Os Apostolos vendo a Jesus assim resuscitado, ao principio julgavam que estivesse em frente de seus olhos um phantasma; mas o Salvador, para lhes tirar toda a sombra de duvida, convidou-os a metter a mão na abertura das Suas chagas; além d'isso, comeu e bebeu com elles, coisas todas que um phantasma não podia fazer.

E depois, o que demonstra a Sua divindade e ao mesmo tempo a Sua Resurreição, é a Sua Ascensão gloriosa. Quarenta dias passados da Resurreição, Jesus levou os Apostolos para o cimo do monte Olivete, que ficava perto de Jerusalem. Alli estendeu as mãos, abençoou-os, e foi pouco a pouco subindo á vista de todos, até que veiu cobri-lO uma nuvem luminosa, que O furtou a seus olhares.

F. Pelo que lemos na Historia Biblica e pelos argumentos que o pae nos tem apresentado, estamos convictos até á evidencia de que Jesus resuscitou. Mas agora, que lições devemos nós tirar de tudo isto?

P. Do que até aqui temos considerado, queridos filhos, podemos sem receio nem duvida ficar certos: 1.º, de que ha um só Deus, Creador do Céu e da terra, e de tudo o que nelles existe; 2.º, que Deus prometteu a Adão um Redemptor, renovando esta promessa muitissimas vezes por espaço de quatro mil annos; 3.º, que este Redemptor é Jesus Christo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem; 4.º, que os

livros, que falam d'estas verdades, são veridicos, quer dizer, contam as coisas como ellas realmente succederam.

Logo, com bem razão podemos dizer aos judeus que debalde aguardam o apparecimento do Messias; pois provamos irrefragavelmente que já veiu, com as provas mais convincentes contidas nos livros, que se têm conservado e se conservam ainda em suas proprias mãos.

F. Que devemos responder aos que contestarem similhantes verdades?

P. Ao que ouse negar estas verdades, devemos dizer ou que é um ignorante, e nega aquillo que não sabe; ou, se é instruido e ignora uma verdade tão clara e evidente, que está em contradicção com a opinião de todos os homens de bem, e com a de todos os sabios, qne se oppõe ao consenso da Egreja Universal, e dá motivo fundado a suspeitar-se que elle está negando aquillo, de que é quasi impossivel que não se ache capacitado.

F. Se a coisa é assim, como com certeza o deve ser, parece que se deva tirar a conclusão de que a Religião Christã, que se encontra no Evangelho, é a mesma que Deus revelou aos Patriarcas e aos Prophetas, a mesma que foi prégada por N. S. Jesus Christo e pelos Apostolos.

P. E' essa uma consequencia legitima e a que não ha fugir. Porque Christo, Filho de Deus, Deus eterno tambem Elle, prégou uma Religião, que apresenta todos os caracteres de divina. Importa porém notar que até á morte do Salvador a Religião judaica foi, como já dissemos, a unica verdadeira. Mas chegado o tempo determinado por Deus para levar a cabo a grande obra da Redem-

pção dos homens, Jesus, Filho de Deus, Deus Elle mesmo, derogou, ou, para ser mais claro, aboliu e modificou muitos preceitos, muitos usos e ceremonias da Lei antiga. A algumas coisas deu maior desenvolvimento; a outras que eram obscuras ou sómente um pouco veladas e misteriosas, explicou-as. D'esta sorte, consummando o misterio da Redempção do genero humano, Nosso Senhor fundava ao mesmo tempo uma Religião, que do Seu adoravel Nome se chamou Christã, attrahindo todas as nações ao conhecimento do verdadeiro Deus, segundo a promessa feita ao Patriarca Abrahão e aos Prophetas.

DECIMA QUARTA PALESTRA.

Noticia ácerca dos hebreus (1).

F. Já nos falou mais d'uma vez da Religião dos hebreus, como sendo a ensinada por Moisés, unica Religião verdadeira antes do Salvador. Mas depois da vinda do Salvador, que succedeu a esta crença? Se pôde salvar os homens no Antigo Testamento, porque não poderá ainda salvá-los depois da Redempção?

P. Já d'outras occasiões expliquei como a Religião judaica, dada por Deus a Moisés, não era mais que uma preparação para a Religião Christã. Em modo tal, que aquelles, que a seguiam, sómente

---

(1) Sobre esta materia póde ler-se: Mons. Marchetti, *Storia della Religione*. — Paulo de Medicis, *Discussioni dirette agli Ebrei*. — T. Vicente Roui na obra *Gli Ebrei*. — Ferraris, *Prompta Bibliotheca*.

se podiam salvar pela esperança no futuro Messias. O divino Salvador purificou-a, aperfeiçoou-a, e pôz assim termo á Religião judaica.

F. Então a Religião, que os hebreus ou judeus praticam em nossos dias, não póde assegurar-lhes a salvação?

P. Ai! não, meus filhos; a Religião judaica, como vos disse já, pôde salvar os hebreus até á morte do Salvador; mas desde que começou a prégação do Evangelho, mais ninguem se salvou sem que acreditasse primeiro em Jesus Christo e recebesse o Baptismo. Quem não fôr regenerado pela agua nem pelo Espirito Santo, não entrará no Reino dos Céus, como diz o Evangelho.

F. Os hebreus, que ouviram o Evangelho da bocca do mesmo Jesus Christo, não se converteram?

P. Os hebreus que ouviram a prégação do Evangelho da bocca do proprio Jesus Christo, e Seus Apostolos, em parte creram e receberam o Baptismo; mas o maior numero mostraram-se esquivos, e, secundando os embustes dos escribas e phariseus, de tudo se valeram para dar a morte ao Messias, segundo o que tinham communicado os Prophetas.

F. Os Prophetas tambem falaram da obstinação dos judeus?

P. Sim, muitos Prophetas referiram-se a esta obstinação, accrescentando claramente que em castigo de sua voluntaria cegueira seriam postos fóra de sua estremecida patria, dispersados pelas varias regiões da terra, sem Rei, sem templo, sem sacerdocio. Além d'isso, lemos no Evangelho que Jesus Christo, á vista da teimosia e obstinação dos

judeus em não quererem prestar credito aos extraordinarios milagres por Elle feitos, e conhecendo o enorme deicidio que se dispunham a commetter na pessoa de Jesus Christo que viera para salvá-los, predisse que seriam assediados em Jerusalem e reduzidos á maior miseria e apertos, destruida a cidade, queimado o templo, e todo o povo obrigado a dispersar; e que tudo isto succederia antes de passar a geração presente.

F. Terrivel prophecia! mas depois veiu a cumprir-se?

P. Todas estas predicções se cumpriram á risca. Viviam ainda muitos dos que presenciaram a morte do Salvador, quando os romanos sitiaram Jerusalem, reduzindo-a a taes extremos, que os homens tiravam uns aos outros das mãos as coisas mais immundas para não morrer de fome, e as mães chegaram a comer das carnes de seus proprios filhos! Fôram trucidados um milhão e cem mil judeus, arrasada a cidade, queimado o templo, e o que restava d'aquelle povo distribuido e disperso pelas varias nações da terra.

F. Uma nação desfeita, um povo disperso, parece incrivel! Mas os judeus acreditam nestas coisas? Conhecem-nas?

P. Este acontecimento é tão inaudito e fóra do commum, que difficilmente o acreditariamos, se a Historia não no-lo désse como certo. E' este um grande castigo que por certo suppõe um grande crime, qual é a morte do Salvador. E os judeus prestam fé a este facto, e fôram elles mesmos que o deixaram escripto. Flavio Josepho, hebreu muito douto, narrou minuciosamente o estrondoso acontecimento, em que tomara grande parte, e riges-

tou uma longa serie de sinaes prodigiosos que o precederam.

F. Sinaes prodigiosos? Tenha a bondade de nos indicar algum, que nos faça conhecer melhor a verdade do Evangelho.

P. Vou-vos dizer alguns que refere o dito autor: No dia de Pentecostes, diz elle, ouviu-se no templo uma voz que, sem se saber d'onde viesse, troava fortemente: *Saiámos d'aqui. saiámos d'aqui!* Um homem chamado Ananias, que chegara das aldeias circumjacentes, gritava sem cessar: *Ai do templo! Ai de Jerusalem! Voz do oriente, voz do occidente, voz dos quatro ventos! Ai do templo, ai de Jerusalem!* Foi preso e castigado com vergastadas; mas continuou a correr sobre as muralhas e pela cidade, e a gritar em alta voz por três annos, e depois, exclamando: *Ai de mim mesmo!* foi alvejado na cabeça por uma pedra e caíu morto. Ás nove da noite appareceu em volta do templo e do altar uma luz tão viva, que por meia hora parecia que fosse dia. Do lado do oriente havia uma porta de bronze tão pesada, que eram precisos vinte homens para a fechar; pois appareceu aberta por si mesma, sem que mão de homem lhe tocasse. Alguns dias depois viam-se no ar e nas terras dos arredores, como que figuras de exercitos, dispostos á luta, que apertavam a cidade com rigoroso assedio. Appareceu um cometa, que vomitava chammas como relampagos, e uma estrella similhante a uma espada esteve suspensa por um anno inteiro com a ponta dirigida para a cidade.

Taes eram os sinaes extraordinarios, que noite e dia annunciavam áquelle povo a sua proxima

ruina. Vieram em seguida os Romanos, que, verdadeiros instrumentos da ira divina, contribuiram para que se verificasse quanto estava escripto no Evangelho ácerca da destruição dos judeus.

F. Nunca mais foi permittido aos judeus que voltassem á sua patria?

P. Os judeus fôram completamente dispersos, tanta que de então em deante, apesar de todos os esforços, nunca puderam tornar á patria, nem mesmo constituir unidos uma só nação. Os restos da nação hebraica, que teimam em se conservar dispersos em muitos logares do mundo, são para nós uma prova de que a nossa Religião é verdadeira: porque aquelles que d'entre elles se converteram, fôram a isso levados por reconhecerem como divina a Religião christã; aquelles que não se converteram, depõem egualmente a favor da nossa Religião, pois que nelles se verifica sem interrupção a prophecia, que diz que este povo deve viver disperso sem rei, sem templo, sem sacerdotes, misturado e confundido com outros povos sem seguir sua Religião, sempre obstinado, e com o ferrete da maldição divina.

Segundo attestam os Livros Santos, os judeus devem ficar neste miseravel estado até ao fim do mundo.

DECIMA QUINTA PALESTRA

Embalde os judeus aguardam o Messias.

F. Os judeus mostram-se tão firmes na sua crença, que fazem suppor que para isso tenham ponderosos motivos. Nós por isso gostavamos muitis-

simo de conhecer as razões que elles apresentam para não abraçar a Religião Christã.

P Dizem que ainda não veiu o Messias.

F. E em que razões se fundam?

P. Os judeus ainda esperam o Messias, fundados na persuasão de que ha de apresentar-se como grande guerreiro e formidavel conquistador, que com Sua vinda a nada mais aspire que a estabelecer um reino temporal, que deve alastrar-se por toda a terra e durar até ao fim dos tempos. Isto faz que apeguem seu coração ás coisas da terra, não chegando a conhecer as verdades do Evangelho, que são inteiramente espirituaes.

E nem sequer querem abrir os olhos no tocante a certas prophecias, que aliás sempre conservaram e conservam ainda agora em seu poder com o mais escrupuloso cuidado. Ora essas prophecias annunciavam claramente que o Messias, embora Deus omnipotente, devia apparecer pobre, similhando o cordeiro pela brandura, tal e qual como fez N. S. Jesus Christo, e fundar um reino, que é a Sua Egreja, o qual se devia extender a todos os logares da terra e durar eternamente.

F. Até aqui o pae tem-nos mostrado e posto claro como agua que já veiu o Messias, que nós reconhecemos em N. S. Jesus Christo; e que é inutil estar ainda a esperá-lo: mas, supposto que ainda devesse de vir, acaso os judeus teriam meio certo de O vir a conhecer?

P. Não, meus filhos; suppondo mesmo que o Messias ainda tivesse de vir, os judeus não O podiam conhecer, e isto por muitas razões. 1.° O Messias devia nascer quando a suprema autoridade da tribu de Judá passasse para mãos de um

extrangeiro, coisa que se verificou com o nascimento de Jesus; e ha dezenove seculos que desappareceu a realeza da casa de Judá. 2.º O Messias devia nascer da descendencia de David. Ora os judeus mais doutos concordam comnosco que a descendencia de David foi dispersada, confundindo-se em tal modo com o resto da nação, que é de todo impossivel dar com uma pessoa capaz de provar com testemunhas que descende do Rei Propheta. 3.º Segundo o propheta Aggeu, o Messias devia visitar o templo que os hebreus edificaram depois do captiveiro de Babilonia; mas como póde esse templo ser visitado pelo Messias, se ha dezoito seculos que não existe? (1).

F. O pae já tem tratado muitas vezes com os judeus: que dizem elles ácerca d'estas verdades?

P. Muitas vezes tenho tido ensejo de tratar com os judeus. Nos negocios temporaes, em contractos e coisas assim, dei com muitas pessoas honestas e caritativas; mas quando caía a conversa sobre o Messias, aquillo eram dislates de mover á compaixão.

F. Que dizem elles então?

P. Em geral os rabbinos recusam tocar neste

---

(1) Depois da vinda do Salvador, os judeus que não quizeram abraçar o Evangelho, mais se afervoraram na vã expectação de um Messias, e sempre que entre elles apparecia algum homem extraordinario de sua nação, logo o reputavam como tal.

No anno 130 da era vulgar um judeu por nome Barcochebas sublevou a nação apresentando-se como Messias. O imperador Adriano mandou-o prender, e depois condemnou-o á morte.

Em 434 os hebreus acolheram como Messias a um chamado Bar-Coriba, da ilha de Candia; e em 512 um ethiope chamado Dunaonu.

Em 1137 foi tido por Messias um homem impio depois morto pelos francezes; e no anno seguinte, na Persia, appareceu um outro, a quem o Rei mandou matar.

assumpto. Alguns, mas poucos, vivem honestamente, e esperam em boa fé o Messias; mas a maior parte passam a vida na ignorancia da Religião, sem se importar coisissima nenhuma com o Messias, voltando até as costas a quem queira dar-se ao trabalho de os instruir. Outros porém, permanecem no judaismo apenas por interesse. Ha pouco tempo ainda, um judeu que se fizera instruir na Religião Christã, mostrava-se disposto e mais que disposto a receber o Baptismo... se lhe pagassem as dividas. Um outro affirmou que seguiria a nossa Religião, se não fosse obrigado a renunciar á herança de seu pae. Houve alguem que, perguntado sobre se acreditava no Messias, deu esta resposta: *O meu Messias é o dinheiro da minha algibeira;* e outro a similhante interrogação accrescentou, que para elle *um bom jantar era um verdadeiro Messias!* Que resposta se ha de dar a pessoas d'este jaez?

Diz o rabbino Maimonides que em 1157 se apresentou como Messias em Cordova, Hespanha, um judeu desconhecido.

Em 1167 proclamou-se Messias um outro hebreu.

Em 1174 surgiu mais um na Persia.

Em 1187 appareceu um tal David Almusser, que, jactando-se de ser o Messias, foi preso e morto na Moravia

No tempo de Fernando o Catholico, anno de 1497, falou-se de um falso Messias chamado Ismael Soff.

Em 1500 Rabbi Semolin prégava que já tinha apparecido o Messias.

Em 1532 o judeu Salomão Moisés dava-se na Hespanha como Messias.

Em 1625 fez egual tentativa nas Indias Orientaes um outro judeu.

Em 1666 o judeu Dser Sabato foi considerado pelos seus compatriotas como Messias; mais tarde fez-se mahometano.

Em 1682 o judeu Mardocai quiz fazer-se passar por Messias na Alemanha.

Depois de tantas vezes serem illudidos, agora limitam-se a confessar que não se póde determinar nem o tempo, nem o logar, nem os signaes comprovativos da vinda do Messias. Mas o que vemos verificado nesta serie de falsos Messias, é a palavra do Evangelho que nos diz: *Apparecerão falsos Christos e falsos prophetas, e seduzirão a muitos.*

Não nos devemos admirar de que a avultado numero de judeus pouco se lhes dê de Messias e de Religião; porque o judaismo de hoje já não é aquella Religião santa annunciada pelos Prophetas e por elles confirmada com milagres. Depois da prégação do Evangelho, isto é, depois da vinda de Christo, os judeus não pódem jactar-se de ter um Propheta, nem indicar-nos um de sua nação, o qual tenha feito um só milagre que seja; até pelo contrario, os que fizeram um estudo aturado e consciencioso da Religião actualmente professada pelos judeus, dizem que ella se reduz a um verdadeiro atheismo, ou seja, a negar a mesma existencia de Deus.

F. E' possivel que os judeus tenham chegado a tal ponto de impiedade, que até neguem a existencia de Deus?

P. Embora elles não neguem ás claras, todavia admittem certos principios, que levam a tal negação. E não póde affirmar o contrario quem examinar um poucochinho o que os judeus ensinam aos seus filhos, como está escripto no Talmud, livro que todos os doutos da sua nação têm em grande apreço. (1)

(1) A palavra Talmud significa doutrina, porque os judeus julgam que elle contem toda a sciencia da Religião. Chamam-lhe a segunda lei, e julgam que foi oralmente dada por Deus a Moisés, e por tradição communicada aos Prophetas e aos rabbinos.

Para que essas tradições não fossem alteradas, no anno 210 da era vulgar o rabbino Judá, chamado o santo, reuniu-as num livro chamado *Misná*. Em 230 o Rabbi Iochanán, que foi por oitenta annos chefe da sinagoga em Jerusalem, commentou o *Misná*, accrescentando-lhe outras tradições e sentenças. Esta obra chama-se *Talmud Jerosolimitano*, do nome da cidade em que foi escripto. Finalmente dois rabbinos de Babilonia, *Rabbina* um, *Rabasé* o outro, emprehenderam commentar o *Misná*, e compilaram todas as explicações, disputas e accrescentamentos,

Nesse livro vêm descriptas as ceremonias, os ritos, as orações e as coisas mais importantes da sua seita. Os judeus dão mais credito ao Talmud, que á propria Biblia. Ora ouvi alguns disparates de que está inçado o livro, e por elles podeis facilmente avaliar do resto.

« *Deus*, diz-se ahi, *passa as três primeiras horas do dia a ler a lei hebraica; depois retira-se a logar solitario afim de chorar a ruina do templo de Jerusalem e a escravidão do seu povo privilegiado. Cada vez que elle, Deus, se lembra das calamidades que os hebreus soffrem no meio dos gentios, derrama duas lagrimas sobre o Oceano, batendo no peito para desabafar sua amargura* ».

« *Deus*, continuam os rabbinos, *ensina a orar e dá aula aos meninos que morrem antes de ter uso da razão; diverte-se três horas por dia, entra em discussão com os rabbinos, deixando-se vencer. As suas questões são resolvidas por um rabbino; os Eleitos do céu não acreditam nelle e, no fim, praguejando, affirmam que Deus commette peccados de que é obrigado a confessar-se* ».

Estes e similhantes actos attribuem os judeus ao Altissimo, quando um christão, aos sete annos já sabe, não só que repugnam em absoluto a um Deus Omnipotente, Creador e supremo Senhor do Céu e da terra, mas tambem que tal absurdo ne-

---

pondo além d'isso lendas, sentenças e factos historicos, e d'esta sorte formaram o *Ghemara*, conhecido communmente pelo nome de *Talmud Babilonico*, por ter sido escripto na Mesopotamia ahi pelo anno 500.

Como ambas estas edições do Talmud contêm maximas irreligiosas e immoraes, fôram rigorosamente prohibidas pela Egreja Catholica.

O que aqui disse, e o que ao depois hei de dizer dos judeus, é tirado principalmente de Paulo Medici, celebre rabbino, que, fazendo-se christão, veiu a ser escriptor notavel. V. a obra *Riti e costumi degli Ebrei*.

nhum homem dotado de uso da razão o póde perfilhar.

Quanto á alma, descem tambem a affirmações extravagantes e ridiculas. Ouvi algumas, que se encontram no mencionado Talmud.

« *Quem aos sabbados comer três vezes conseguirá a vida eterna. Quem orar com o rosto voltado ao sul, alcançará o dom da sabedoria; e quem se voltar ao norte, o das riquezas. Quem passar debaixo de um camello nunca mais aprenderá nada* ».

Accrescentam ainda, que os judeus ao sabbado têm uma alma a mais; e que passado esse dia, vem Deus tirar-lh'a, ficando cada judeu com uma só. Nos sabbados as almas dos condemnados do Inferno não soffrem; e d'ahi o sustentarem a impia doutrina de que as penas do Inferno não são eternas.

Envergonho-me até de vos falar em similhantes ridicularias. Extendamos um veu sobre esta impiedade, e não nos detenhamos sequer a falar das pragas e imprecações que os mesmos judeus ahi vomitam contra Deus, contra N. S. Jesus Christo e contra os christãos.

F. Como? Então os judeus rogam pragas aos christãos?

P. Sim, pragas e blasphemias tremendas, que só o nomeá-las horrorisa, pelo que nem vo-las estou a referir.

F. Mas nós queriamos que o pae no-las dissesse, para sabermos os sentimentos d'essa gente, com a qual a cada passo devemos tratar.

P. Já que desejaes muito saber o que os judeus dizem, e são obrigados a fazer contra os christãos, vou-vos dizer algumas poucas coisas, taes quaes

se acham no Talmud. *1.º Todo o judeu,* se lê alli, *deverá três vezes ao dia esconjurar os christãos, pedindo ao Senhor que os queira confundir e exterminar com elles os seus Principes e Soberanos; e isto são obrigados a fazê-lo sobretudo os rabbinos nas suas Sinagogas em odio a Jesus Nazareno. 2.º Deus ordenou aos judeus que de qualquer maneira, quer pela usura, quer por meio do furto, deitem mão aos bens dos christãos. 3.º Os judeus devem olhar os christãos como outros tantos animaes irracionaes. 4.º O judeu ao pagão não fará bem nem mal; mas tratando-se d'um christão, de tudo se deve valer para lhe tirar a vida. 5.º Ao judeu, se encontra um christão á borda de algum precipicio, corre o dever de lhe dar um empurrão para o deitar ao fundo.*

E agora parece-me que o melhor é não dizer mais nada, quer seja pela razão de que isto apenas serviria para mover ao desprezo d'esta raça já demasiado infeliz, quer porque tenho vergonha e nojo de me metter nesta immundicie. Contento-me com fazer-vos notar que, depois da morte do Salvador, os judeus degeneraram tanto em materia de Religião, que quantos hajam estudado attentamente a sua condição politica e religiosa, não pódem deixar de reconhecer ahi um signal sensivel e permanente da maldição divina.

F. Oh! que gente malvada não é aquella dos judeus! Não deviamos nós em paga rogar-lhe pragas e maldições, e apartarmo-nos para sempre d'elles?

P. Oh! não, meus filhos! Os judeus por estas suas perversas maximas, em vez de odio, merecem toda a nossa compaixão. Como já lhes lançava em rosto S. Paulo, elles blasphemam da Religião

Christã, porque não a conhecem; porquanto, se chegassem a comprehender sua belleza e santidade, os abundantes bens que nos liberalisa na vida presente, e a inenarravel felicidade que nos assegura e garante na vida futura, creio poder-vos affirmar sem receio de ser contestado, que *todos abraçariam o Evangelho para constituir com os christãos um só rebanho, e unir-se assim ao Pastor Supremo que é o Vigario de Jesus Christo.* Por isso, em vez de lhes querermos mal e de lhes rogarmos pragas, devemos seguir o exemplo do Salvador, que pedia por aquelles mesmos judeus que O haviam crucificado: *Pae,* dizia do alto da Cruz onde Se achava moribundo, *perdoae-lhes, porque não sabem o que fazem.*

A' imitação do divino Mestre, procedamos sempre com caridade e benevolencia para com todos os israelitas, que tenham de tratar comnosco. Se de tal se nos offerece ensejo, façamos-lhes bem, nunca porém lhes façamos mal. Peçamos até a Deus que Se digne, por Sua infinita bondade, suspender os castigos que pesam e ameaçam a cabeça d'esses desventurados; e assim como este foi por tantos seculos o povo escolhido, o povo de Deus, roguemos que para elle amanheça outra vez o tempo da misericordia; de modo que, illuminado pela graça celeste, veja o phantasma, o absurdo da religião que presentemente professa, abra os olhos á luz do Evangelho, reconheça em Jesus Christo o seu Salvador, e entre, regenerado pelas aguas do Baptismo, no seio da Egreja Catholica, unica verdadeira, unica santa, unica depositaria da verdade, e fóra da qual ninguem se póde salvar.

F. Antes de passar a outro assumpto, faça fa-

vor de nos dizer qual o motivo por que os judeus bem procedidos e sobretudo os jovens não se convertem á verdadeira Religião. Porque, depois de emancipados, elles frequentam as escolas dos christãos, e então, queiram ou não, escutam as praticas, que são um estimulo seguro a que se façam christãos.

P. Tendes razão. Os meninos judeus de nossos dias pódem mais facilmente instruir-se na Religião Christã. Mas nem todos se resolvem a abraçar uma religião que manda refreiar as paixões, renunciar aos gozos mundanos e seguir a Jesus Christo pelo caminho da mortificação e dos soffrimentos. E depois, muitos que de bom grado se converteriam, ha quem de tal os estorve.

F. Quem são esses que os estorvam?

P. Seus mesmos parentes ou paes. Olhae. Quando estes mandam seus filhos ás escolas publicas, recommendam-lhes logo de principio que tenham cautela com os christãos, como com inimigos a quem se deva professar um odio implacavel, coisa de que ha tempos vos falei. Se depois os paes notam que um filho se porta bem, e dá mostras de se querer fazer christão, o menos que fazem é tirá-lo logo da tal escola.

Eu conheci muitos meninos israelitas, que estavam mortos por abraçar a nossa santa Religião, mas os paes tiravam-n'os das escolas publicas, e como os pequenos insistiam no seu desejo de se converter, começaram a chamar-lhes ingratos, trahidores á sua Religião, deshonra de sua familia, chegando até a ameaçá-los de que os haviam de desherdar e expulsar da casa domestica, se não mudassem de proposito.

F. Tratando-se da Religião, que é o mesmo que dizer, de salvar ou condemnar para sempre a propria alma, a mim não se me dava de ser posto fóra de casa, e iria fazer-me creado de servir ou até varredor das ruas, comtanto que assim pudesse ganhar o Paraiso.

P. E eu louvo esse teu proposito; mas muitas vezes dão-se na vida do homem certas contrariedades, ás quaes, salvo o caso de peccado, é forçoso que elle ceda, apesar de toda a sua boa vontade. Eu sei de muitos rapazes, que por muito tempo estiveram presos em casa como num carcere, só para que não viessem a tornar-se christãos. Conseguindo libertar-se d'aquella escravidão, quizeram pôr em pratica aquillo que o coração lhes suggeria. Mas que succedeu? Os paes, pondo-lhes susto, ameaçando-os por mil modos, lançando até mão da força publica, lograram impedi-los de executar esses santos designios. Só no anno de 1879 quanto não fizeram em Turim para reconduzir a casa uma rapariga israelita, que se havia refugiado num asilo com o fim de se tornar christã? E a pobresinha teve de dar-se por vencida (1).

Bem vêdes quantas difficuldades, ou antes, quantas ameaças, quantas perseguições devem affrontar aquelles, que do judaismo quizerem passar para a Fé catholica. Deus porém é misericordioso; e quando encontra corações bem dispostos a receber os thesoiros das Suas graças, sabe tirá-los de todo

(1) Este exemplo é muito parecido com o d'aquelle judeu de doze annos chamado Abes. Porque queria abraçar a santa Fé, seu pae prendeu-o na sua casa de Praga; e depois de lhe ter batido cruelmente por muitas vezes, e de o macerar com prolongado jejum, acabou-lhe os dias com uma morte barbara. *(V. Paulo de Medici, Let. agli Ebrei d'Italia)*, Firenze; pag. 1715.

o embaraço e, se faz mister, manda um Anjo do Céu, e obra milagres para pôr em via de salvamento aquelles, que nElle depositam a sua confiança. Assim fez com o eunuco da rainha Candace; e assim tambem com o Centurião, de que falam detidamente os *Actos dos Apostolos.*

DECIMA SEXTA PALESTRA.

Propagação do Christianismo.

P. Temos grandes motivos, meus queridos filhos, para dar graças a Deus Nosso Senhor, que por Sua Providencia nos fez nascer numa Religião, que sob todos os aspectos apresenta caracteres bem claros d'uma obra divina. Por divina a dão as prophecias, que nella se verificaram; e divina a apresenta o Salvador pelos milagres sem conta que obrou, especialmente pelos da Sua gloriosa Resurreição e Ascensão ao Céu. Mais ainda. A belleza, a santidade, a pureza da moral e de toda a doutrina do Evangelho revelam-nos até á evidencia a intervenção immediata da Omnipotencia divina: mas para nos dar sempre novos testemunhos da Sua bondade e confirmar-nos mais e mais na Fé, Deus dignou-Se continuar as Suas maravilhas na propagação do Christianismo e no grande numero de milagres que nas varias partes do mundo a acompanharam.

F. Então ao propagar-se o Evangelho tambem houve milagres?

P. Sim, os Apostolos e os primeiros prégadores do Evangelho fizeram grande numero de milagres;

e a cada passo succedia que as vestes de S. Paulo e a só sombra de S. Pedro bastassem para sarar de doenças, que a sciencia dos homens não era capaz de debellar.

Mas eu agora apenas quero falar do grande facto da propagação do Christianismo considerando-a em si mesma: propagação que foi um milagre, mais que isso, o milagre dos milagres, como observa Santo Agostinho; porque os obstaculos que se depararam aos Apostolos em empreza tão vasta e tão pouco attrahente, fôram taes e tantos, que só com o apoio da divina Omnipotencia se fez possivel vencê-los.

F. Que obstaculos fôram esses que se depararam aos Apostolos e seus discipulos na prégação do Evangelho?

P. Fôram gravissimos os obstaculos que os Apostolos tiveram de superar quando iam a prégar o Evangelho. Seria um nunca acabar se eu fosse a contá-los todos, limitando-me por isso a falar só d'alguns. Um d'esses grandes obstaculos era (quem deixará de o vêr?) a idolatria que urgia exterminar de toda a terra, para pôr em seu logar a nova Religião de Christo: porque, quando Nosso Senhor veiu ao mundo, todas as nações, com excepção dos judeus, adoravam deuses falsos e mentirosos, cujo culto sobremodo favorecia e fomentava as paixões humanas. A idolatria era universalmente olhada como religião official do estado, sendo prohibido sob pena de morte introduzir qualquer outra. E se est'outra Religião, que se tentasse introduzir e fazer observar, além do caracter da novidade, trouxesse comsigo a consequencia de obrigar os homens a acreditar em misterios supe-

riores á razão humana, e a adorar como Deus a um homem dado como revoltoso e como tal crucificado por sua mesma nação; se similhante Religião impuzesse tambem aos homens o dever de renunciar aos gozos d'este mundo, de se condemnar a muitas privações, e de estar sempre promptos a morrer por ella: — quem ousaria esperar que os homens a abraçassem logo de muito boa cara? Não é até mais provavel que a regeitassem com desprezo e horror?

Ora vós sabeis muito bem que esta nova Religião se introduziu no mundo pagão; e que ella é justamente a Religião Christã, que, mais uma vez o dizemos, tinha de ser proposta a homens escravos de suas paixões, a homens geralmente orgulhosos, sensuaes, cheios de amor proprio e unicamente apegados aos prazeres e bens da terra. Dizei-me pois se sem um milagre, sem o dedo de Deus, que como creador do coração humano póde transformá-lo, e tornar facil o que é difficil, dizei-me vós se similhante Religião podia ser bem acceita por homens tão mal dispostos a abraçá-la.

F. Por certo que era coisa impossivel sem um milagre. Mas a historia assegura-nos que os homens abraçassem incontinenti o Christianismo?

P. Os homens abraçaram a Fé christã com uma presteza incrivel. No dia de Pentecostes, quando Deus enviou o Espirito Santo, poucos eram os crentes que faziam parte da Egreja de Jesus Christo. A primeira prégação de S. Pedro converteu três mil; prégou segunda vez, e fôram cinco mil os que seguiram a Fé; de modo que, em breve espaço de tempo, graças á prégação dos Apostolos, que eram os doze principaes discipulos de Christo,

o nome christão ecoou por todo o universo. *A vossa Fé,* escrevia S. Paulo aos christãos de Roma, *é celebrada por todo o mundo;* e aos Colossenses, que o Evangelho de Jesus Christo *havia chegado a todo o mundo, e fructificava e crescia* de uma maneira estupenda.

F. Os Apostolos eram homens poderosos e muito intelligentes, capazes de attrahir e arrastar seus ouvintes com sua sabedoria e sua palavra cheia de eloquencia?

P. Nada d'isso. Eram na maior parte pescadores, que Jesus Christo chamou para o Seu lado; eram homens pobres e pouco instruidos, que perante o mundo não gozavam de nenhuma fama nem autoridade.

F. Aqui vem-me uma duvida: quem sabe se o mundo abraçou o Christianismo por se achar cheio e aborrecido com a idolatria, e por vêr nelle uma novidade?

P. Isso com certeza que não: o mundo não estava enfadado com a idolatria, como suppões, porque ella secundava as paixões humanas: nem tampouco foi a novidade que aumentou o numero dos fieis; a novidade por certo que póde ás vezes aumentar o numero dos sequazes d'uma Religião, mas isso tão só quando ella se apresenta sob um aspecto aprazivel ou ao menos sob as apparencias de alguma vantagem, coisa que não succede no nosso caso. O fazer-se christão era o mesmo que expor-se ás censuras, aos insultos, ás perseguições. Mal os Apostolos começaram a prégar o Evangelho, immediatamente os judeus, os gregos, os romanos e todas as nações barbaras moveram aos christãos uma guerra encarniçada e sem treguas.

Por isso os Apostolos, e depois os fieis, fôram prêsos e mettidos em masmorras infectas, e condemnados á morte em numero tão de sobremodo avultado, que se póde affirmar que todo o imperio Romano foi regado de sangue christão.

F. Coitados d'aquelles christãos! Que maus tratos não devem ter soffrido! Aquellas violencias naturalmente deram quasi cabo do Christianismo; pois quem é que se ia atrever a abraçar uma Religião, que o punha em evidente risco de perder a vida?

P. Dizei mas é que estas sanguinolentas perseguições e violencias até contribuiram admiravelmente para o propagar, e nisto se revela ás claras a intervenção divina, porque, em boa verdade, só Deus podia dar aos Martires tanta força e tamanha coragem. A Historia ecclesiastica faz fé de que no tempo d'aquellas grandes perseguições, apesar das ameaças, do fogo, dos animaes ferozes, não faltavam velhos e mancebos, mulheres e meninos, ricos e pobres, doutos e ignorantes, que com notavel intrepidez compareciam perante os verdugos, dispostos a soffrer pela Fé com muita satisfação os mais desapiedados tormentos. Melhor que isso: quanto mais vivas e deshumanas eram as perseguições, maior se tornava o numero dos crentes, o que levava a dizer que o sangue dos Martires era fecunda semente de novos christãos. Os imperadores, os juizes, os proprios algozes, porque não sabiam a que attribuir a invencivel firmeza dos Martires, ficavam todos admirados, e a cada passo, illuminados pela graça, abraçavam aquella Religião que pouco antes tinham perseguido e atacado. E até succedeu por mais d'uma

vez que tambem elles sacrificassem pela Fé a sua vida.

F. Naturalmente, quando começaram a perseguir os christãos, o Evangelho estava tão espalhado, que já se não pôde fazer nada contra elle.

P. Nada d'isso, meus filhos. Já disse que as perseguições contra os christãos começaram apenas os Apostolos prégaram o Evangelho em Jerusalem.

F. Estas perseguições duraram pouco tempo?

P. As perseguições contra os christãos continuaram horrivelmente sanguinolentas por bem trezentos annos, até que por fim o imperador Constantino, reconhecendo a divindade da Religião Christã, ordenou que ninguem tornasse a combatê-la.

F. Sem duvida que isto é um grande prodigio; todavia não poderá tambem attribuir-se a algum expediente astucioso usado pelos Apostolos para propagar o Evangelho?

P. Os meios de que os Apostolos e os seus cooperadores lançaram mão para propagar o Evangelho, fôram precisamente aquelles que, como já vos disse, parecem mais contrarios á crença e á fraqueza humana. 1.º O Evangelho era prohibido, e comtudo foi prégado em publico. 2.º Não só os Apostolos não recebiam quemquer na Religião, mas até não admittiam senão os que dessem provas de estar sinceramente convertidos. 3.º Em vez de prégar o Evangelho sob apparencias lisongeiras e acarinhadoras, de prometter riquezas e uma vida regalada, os Apostolos e os demais prégadores impunham aos ouvintes como dever, a renuncia de si mesmos, e a das proprias riquezas, e que

estivessem dispostos a soffrer toda a sorte de tormentos, e até a morte, para defender aquella Religião que desejavam abraçar.

F. Temos ainda uma outra duvida, que nos veiu agora. Talvez que a Religião fosse abraçada, não por ser divina, mas em virtude dos milagres que os Apostolos faziam.

P. Os Apostolos verdade é que fizeram muitos milagres de vulto, mas fizeram-n'os para confirmar a divindade da Fé por elles prégada. Ora, como só Deus póde fazer milagres, segue-se por legitima consequencia que devia ser divina aquella Religião, a que o proprio Deus rendia esplendido testemunho com obras sobrenaturaes.

F. Louvado seja Deus; e ao pae, muito obrigados. Agora não temos mais nada que dizer ácerca da maravilhosa propagação da Fé. Estamos convencidos que foi um milagre, e milagre tal, que é preciso fechar os olhos mesmo de proposito para não ver nem reconhecer a intervenção divina na dilatação do Christianismo por todo o mundo. D'aqui para o futuro seremos mais agradecidos a Deus Nosso Senhor, pois nos fez nascer numa Religião, que apresenta tão claros sinaes de divina. Mas como o pae nos disse que houve perseguidores que se converteram, faça favor de nos contar a conversão de algum d'elles.

P. De muitos perseguidores convertidos vos quizera eu falar, mas S. Paulo valerá por todos. Elle tinha aos christãos um odio de morte; e não lhe bastando o mal que causava aos fieis de Jerusalem, apresentou-se ao Summo Sacerdote dos judeus, e pediu-lhe cartas para Damasco, com o só fim de ir lá prender, atormentar e por fim condemnar á

morte os judeus que professassem a Fé de Christo. Respirando ameaças e sangue havia já chegado perto de Damasco, quando de improviso o investe uma luz mais brilhante do que o sol, e logo lhe diz uma voz: — *Saulo, Saulo, porque Me persegues? Eu sou Jesus Christo: tu perseguindo os Meus discipulos, persegues-Me a Mim mesmo.* — Saulo, ferido de similhantes palavras como d'um raio, caíu por terra, e com voz entrecortada, — *Senhor,* exclamou, *que quereis que eu faça?* — *Levanta-te,* replicou a voz, *entra na cidade, e ahi se te ensinará o que deves fazer.* — Saulo, que depois foi chamado Paulo, levanta-se, mas nota que havia cegado, tendo por isso os seus companheiros de o levar pela mão até Damasco. Ao receber porém o Baptismo, recobrou miraculosamente a vista. De ahi por deante Paulo prégou o Evangelho em todo o mundo com entranhado zêlo; e depois de ter padecido muitissimos trabalhos e perseguições, terminou sua vida em Roma com a gloriosa corôa do martirio.

DECIMA SETIMA PALESTRA

Fundação da Egreja de Jesus Christo.

P. A prodigiosa propagação do Evangelho e a completa victoria que alcançou sobre a idolatria, vencendo pela raiz todas as difficuldades, demonstram até á evidencia que a mão de Deus interveiu a favor da Religião Christã. Mas esta com certeza que não se poderia conservar limpa e isenta de erros, se o divino Salvador não constituisse uma

sociedade com um chefe, que em todo o tempo em Seu nome a governasse e a proclamasse verdadeira, e até a unica verdadeira, sem risco de que os seus adeptos fossem enganados ou caíssem em erro.

F. E' isso mesmo que nós queremos conhecer: diga-nos pois, se faz favor, que sociedade é essa, e quem o chefe que a governa em nome de Deus.

P. Esta sociedade é a Egreja Catholica, a unica verdadeira Egreja de Jesus Christo; e o seu Chefe ou Cabeça é o Summo Pontifice por Deus constituido e eleito para a governar.

F. Cá estamos no assumpto que tanto nos apraz. Tenha agora a bondade de nos explicar como foi fundada esta grande Sociedade, e como é que N. S. Jesus Christo deputou, para que a governasse, uma Cabeça visivel, ou presidente.

P. Vae-se tirar isso de um facto que vem no Evangelho, e que eu vos explico já, de maneira a que possaes comprehendê-lo.

Um dia os Apostolos, de regresso da prégação, hospedaram-se e mais Jesus na cidade de Cesareia de Filippe. Como se quizesse raciocinar sobre o fruto tirado das suas fadigas, Jesus começou a falar do seguinte modo: — *Quem dizem os homens que Eu sou?* — *Ha quem diga,* respondia um, *que sois o Propheta Elias.* — *A mim disseram-me,* accrescentava um outro Apostolo, *que Vós ereis Jeremias ou João Baptista ou algum dos antigos Prophetas resuscitado.* Assim iam falando os Apostolos sem que Pedro abrisse a bocca. Replicou Jesus: — *Mas vós quem dizeis que Eu que sou?* — Pedro então adeantou-se em direcção a Jesus, e disse-Lhe em nome dos demais Apostolos: — *Tu és o Christo Filho de Deus vivo.* E Jesus tornou: — *Bemaventurado és tu,*

ó Simão (assim se chamava Pedro antes que o Salvador o tomasse por Seu discipulo), *filho de João, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou taes coisas, mas sim Meu Pae que está nos Céus. E para o futuro não mais te chamarás Simão, mas Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha Egreja e as portas do Inferno não prevalecerão contra ella. E tudo o que tu atares na terra será tambem atado no Céu, e tudo o que desatares sobre a terra será tambem desatado no Céu* (S. MAT. XVIII).

F. Este passo é bonito, e parece-nos muito importante, mas como os estudos que fizemos não fôram muitos, ainda nos fica um pouco embrulhado no sentido. Por isso muito queriamos que o pae tivesse a paciencia de no-lo ir explicando; e em primeiro logar, porque é que Pedro não respondeu logo ao principio, quando Jesus começou a interrogar os Apostolos?

P. Pedro esteve calado emquanto Jesus mostrou querer saber sómente do parecer dos outros homens, mas quando passou a perguntar qual o sentimento dos Apostolos, então Pedro respondeu logo em nome de todos os outros companheiros, sobre os quaes gozava de uma certa superioridade, e disse: *Tu és o Christo Filho de Deus vivo.*

F. Mas como é que S. Pedro se saíu a dizer que Jesus era o Filho de Deus vivo? Ha acaso quem possa crer num Deus morto?

P. Já vos dou a razão de tudo. Pedro disse divinamente inspirado: *Tu és o Christo,* e foi como se dissesse: Tu és o Messias promettido por Deus e vindo para salvar o mundo. Accrescentou depois as outras palavras *Filho de Deus vivo,* para significar que Jesus não era Filho de Deus á similhança

dos idolos pagãos, feitos de ferro, madeira ou pedra, inventados pelo capricho, trabalhados pela mão do homem. Estes idolos eram obras mortas, ao passo que Jesus é Filho de Deus vivo, autor da vida, vivo porque dá a vida, Filho do Padre Eterno, Creador e supremo Senhor de todas as coisas, segunda pessoa da Santissima Trindade.

F. Porque mudou Jesus o nome a S. Pedro e porque lhe chamou bemaventurado? Então os restantes Apostolos não eram tambem bemaventurados?

P. Jesus declarou bemaventurado a S. Pedro, porque quanto elle dizia, não o dizia de sciencia propria, ou de sciencia humana, mas illuminado pelo Pae celestial. E demais a mais, Jesus, ao chamar-lhe bemaventurado, adduz tambem a razão por que lhe mudou em Pedro o nome que tivera de Simão. E era este um sinal bem claro de que queria guindá-lo a uma dignidade eminente e sublime. Assim fizera Deus com Abrahão, quando o constituiu pae dos crentes; assim fizera com Sara, quando lhe prometteu o prodigioso nascimento de Isaac: e assim com Jacob, quando lhe chamou Israel, assegurando-lhe que da sua descendencia havia de nascer o Messias.

F. Optimamente. Mas ainda não nos disse por que motivo Jesus, ao fazer esta mudança, lhe deu o nome de Pedro e não outro qualquer.

P. Tende paciencia; direi cada coisa por sua vez. Jesus mudou o nome a S. Pedro, pela só razão de que de simples pescador de peixes queria fazê-lo pescador de homens, e pô-lo a guiar a mistica nau da Egreja, em que deviam ser recolhidos todos os proselitos da Religião christã. Mudou pois

Jesus o nome de Simão no de Pedra ou Pedro, e accrescentou: — *Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei Eu a Minha Egreja;* como se dissera: Tu, ó Pedro, farás na Minha Egreja o que faz o fundamento ou alicerce numa casa. O alicerce é a parte principal e indispensavel num edificio. Tu serás na Minha Egreja a autoridade absolutamente necessaria. Sobre o alicerce levanta-se toda a casa, para que nelle apoiada fique firme e immovel. Sobre ti, que Eu chamo Pedro, como sobre uma pedra solidissima e inabalavel, que por Minha virtude será eterna, Eu levanto o eterno edificio da Minha Egreja; e esta, apoiada em ti, como em pedra dura, permanecerá firme affrontando sem descalabro todos os artificios e todos os assaltos dos Seus inimigos.

Como não ha casa sem alicerce, assim tambem não ha Egreja sem Pedro: *Ubi Petrus, ibi Ecclesia.* Casa sem alicerce não é trabalho de architecto sabio e entendido na materia. Uma Egreja divorciada de Pedro nunca poderá ser a Egreja de Jesus Christo. Por isso Elle queria dizer: como numa casa as partes que não assentam sobre os alicerces, caem e desabam em ruinas, assim na Minha Egreja quem se aparta de Pedro precipita-se no erro, e perde-se.

F. Percebemos muitissimo bem; quer dizer que aquelles que não seguem a Pedro e á Egreja, de que elle é fundamento, não estão na Egreja de Jesus Christo. Mas nas palavras do Redemptor tambem apparece isto: — *E as portas do Inferno não poderão prevalecer contra a Egreja.* Que coisa significam as palavras *portas do Inferno?*

P. Diz o Salvador que *as portas do Inferno não*

poderão prevalecer contra a Egreja. A palavra *Porta* aqui significa poder; por isso as palavras de Christo vêm a dizer: Se o demonio abrisse o Inferno e deitasse cá para fóra todos os seus satellites afim de combater a Egreja de Deus, não alcançaria a victoria. Mais simplesmente: Todas as heresias, os scismas, os esforços, os enganos do demonio e todas as perseguições imaginaveis, separadas ou unidas, pódem sim mover guerra á Egreja, obrigá-la a estar sempre com as armas na mão, poderão mesmo chegar a perder os que não são humildes, mortificados e amigos da oração, mas não serão com certeza capazes de abater ou levar de vencida essa Egreja. Para mais, similhantes batalhas não hão de ter outro resultado senão o de destacar cada vez mais a gloria d'esta divina Esposa do Redemptor.

F. Muito nos agrada a exposição sobre a autoridade de S. Pedro, fundamento da Egreja de Jesus Christo, e sobre os esforços que os inimigos debalde fazem contra a nossa santa Religião. Tambem já nos disse como é que o Salvador deu a S. Pedro as chaves do Céu, e nós de facto nas pinturas ou esculpturas vemos sempre a S. Pedro com as chaves na mão. Agora poderá ajuntar alguma coisa sobrè a natureza d'estas chaves, e dizer-nos quem foi o engenhoso serralheiro que as fez?

P. Quando Jesus disse a Pedro: *Eu te darei as chaves do reino dos Céus,* não queria significar as chaves materiaes, mas sim a suprema autoridade que lhe conferia, de governar a Egreja universal. Porque as chaves são simbolo ou sinal do poder; e sempre que o vendedor de uma casa entrega as

chaves ao comprador, com tal acto entende mostrar que lhe dá plena e absoluta posse da mesma casa. Egualmente, quando dão a um Rei as chaves de qualquer cidade, tal homenagem significa que aquella cidade o reconhece por soberano. Assim tambem, as chaves espirituaes do Reino dos Céus, isto é, da Egreja, dadas a S. Pedro, demonstram que esse Pedro foi constituido senhor, principe e governador da nova Egreja. Por isso Jesus diz mais a Pedro: *Tudo o que tu atares na terra, será tambem atado no Céu, e tudo o que desatares sobre a terra será tambem desatado no Céu*, palavras que designam a autoridade de obrigar a consciencia dos homens com leis e decretos relativos ao seu bem espiritual e eterno. Taes são os preceitos da Egreja, que prohibem ou determinam as coisas que se acham em relação com a eterna salvação dos Christãos.

F. Da Historia Biblica que estudamos, parece se póde deduzir que tambem os outros Apostolos, e não só S. Pedro, fôram constituidos chefes da Egreja.

P. Vem bastante a proposito esta vossa observação. Realmente os restantes Apostolos tambem receberam de Deus a missão e poder de atar e desatar; mas isso tão só depois que a S. Pedro fôram dirigidas as mencionadas palavras, para ficarem scientes de que a sua autoridade devia ser subordinada á de S. Pedro eleito seu cabeça e principal, encarregado de manter a unidade da Fé e da moral. *Entre os doze Apostolos*, diz S. Jeronimo, *quiz Jesus que S. Pedro tivesse o logar supremo, afim de que, assim constituido como superior aos demais, tirasse todo o pretexto e motivo de discordia e scisma.*

F. Escutamos com toda a attenção quanto o pae nos disse; mas parece que as palavras do Salvador se referiam ao futuro, e que querem significar como Jesus poderia com o tempo constituir a S. Pedro Cabeça da Egreja com as opportunas faculdades. Estaremos em erro?

P. Fazeis uma consideração, que me dá ensejo de explicar-vos mais detidamente a doutrina do Evangelho.

Jesus prometteu dar a S. Pedro a autoridade suprema no governo da Egreja. Esta faculdade promettida solemnemente foi depois realmente conferida a S. Pedro. Vou contar-vos o facto qual o descreve o Evangelho. Depois da Sua gloriosa Resurreição, Jesus appareceu aos Seus discipulos sobre as margens do lago de Genesareth. Comendo com elles alguma coisa para lhes dar a certeza da verdade do Seu resurgimento, voltou-Se para Pedro, e disse-lhe: — *Simão, filho de João, tu amas-Me?* — *Senhor*, respondeu Pedro, *Vós bem sabeis que Vos amo.* — Accrescentou Jesus: — *Apascenta os Meus cordeiros.* Em seguida voltou ainda outra vez: — *Simão, filho de João, tu amas-Me mais que estes?* Pedro, ao sentir-se interrogado pela terceira vez sobre o mesmo ponto, ficou um tanto desconcertado. Naquelle momento vieram-lhe á ideia promessas feitas d'outra vez e que havia violado; e por isso temia que Jesus desconfiasse dos seus protestos de fidelidade e quizesse pelo Seu modo de falar prophetisar-lhe novas negações. E por tal motivo respondeu-Lhe com grande humildade: — *O' Senhor, Vós sabeis todas as coisas; Vós sabeis que eu Vos amo.* — Jesus então disse-lhe para o animar: — *Apascenta as Minhas ovelhas.*

Com taes palavras dirigidas só a Pedro, e a nenhum dos outros, Jesus constitue a S. Pedro principe dos Apostolos, Pastor universal da Egreja e de cada um dos christãos: porque os cordeiros aqui são simbolo de todos os fieis christãos espalhados pelas diversas partes do mundo, os quaes devem em tudo obedecer ao Chefe Supremo da Egreja, como os cordeiros ao seu pastor. As ovelhas, essas são os Bispos e os restantes ministros sagrados, que distribuem aos fieis o alimento da divina doutrina, mas sempre unidos, sempre de accordo e em obediencia ao primeiro Pastor da Egreja, que é o Romano Pontifice, Vigario na terra de Jesus Christo.

Esta verdade, em todos os tempos perfilhada e professada pelos catholicos, foi declarada dogma de Fé no Concilio de Florença pelas seguintes palavras: *Nós definimos que a Santa Sé Apostolica e o Romano Pontifice é o successor do Principe dos Apostolos, o verdadeiro Vigario de Jesus Christo, o Chefe de toda a Egreja, Mestre e Pae de todos os christãos; e que a Elle na pessoa do Bemaventurado Pedro foi por Nosso Senhor Jesus Christo conferido o poder de apascentar e governar a Egreja Universal* (1).

(1). O Concilio florentino principiou em Florença em 1438 e acabou em 1441.

DECIMA OITAVA PALESTRA

Chefe visivel da Egreja de Christo.

P. O Chefe invisivel da Egreja é Jesus Christo, que antes de subir ao Céu disse a Seus discipulos e aos successores d'elles: Eis que Eu estarei comvosco até ao fim dos tempos: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi*. Mas, quando estava para subir ao Céu, para ser coroado rei da gloria na Egreja triumphante, escolheu Pedro para Chefe visivel da Egreja militante. E como S. Pedro era homem, e como tal devia morrer, fazia mister que outros lhe succedessem no governo da Egreja e fossem como elle o fundamento d'aquella Religião que devia durar até ao fim dos seculos.

F. Faça favor de parar um pouco, porque aqui temos muitas perguntas a fazer. E em primeiro logar queira dizer-nos: Para governar a Egreja não bastava a assistencia, com que Deus a favorece do Céu?

P. O modo como Deus organisou a Sua Egreja torna necessario um chefe visivel. A Egreja de Jesus Christo é no Evangelho comparada a uma familia, a qual em todo o tempo deve acolher em seu seio todos aquelles que d'ella desejem tornar-se membros. Ora, essa familia seria capaz de se governar sem uma cabeça, sem um chefe?

Além d'isso, a Egreja de Jesus Christo deve ser *una*; mas não tendo chefe, os seus membros dividir-se-hiam em mil familias diversas, como vêdes que succede entre os protestantes.

Accrescentae que os christãos de todos os tempos e logares devem ser iniciados nas verdades da Fé, conhecer os erros afim de os exterminar e combater, distinguir claramente o justo do injusto, diffundir a doutrina de Jesus Christo, e discernir quaes sejam os Sacramentos por Elle instituidos. Mas como se poderia fazer isso, sem um chefe, que tivesse plenos poderes para pôr termo ás questões e controversias, e condemnar ou absolver na terra aquillo que no Céu deve ser atado ou desatado?

F. As razões que formula parecem-nos convincentes; e não temos duvida alguma de que N. S. Jesus Christo tenha constituido a S. Pedro como Chefe da Egreja; todavia os protestantes não poderão objectar que, depois de S. Pedro, como o Evangelho já havia sido prégado e era conhecido em toda a parte, se tornava desnecessario um chefe na Egreja?

P. E' justamente isso que os protestantes repetem a cada passo. Mas as razões acima apontadas mostram com toda a clareza que a Egreja não devia acabar com Pedro, e que á sua morte lhe devia succeder um outro no governo da Egreja.

Convem ter sempre presente o grande principio de que S. Pedro é a Cabeça e o fundamento da Egreja; e como a Egreja deve durar *usque ad consummationem saeculi,* assim o fundamento d'essa Egreja deve por egual durar até ao fim do mundo. O querer uma Egreja sem Pedro e sem os seus successores é como querer ter uma casa sem alicerces, coisa que dá em absurdo.

E além disso, a Egreja de Christo é similhante a um reino. Ora um reino, seja qual fôr,

não é feito para o monarca: o monarca é que é creado ou eleito para governar o reino; e emquanto este durar, sempre haverá quem o dirija e governe, d'outra sorte acabaria por se desfazer e desapparecer. Do mesmo modo, a Egreja não foi constituida para o Papa, mas o Papa é que foi eleito para governar a Egreja, e d'ahi se segue que, emquanto houver Egreja, deve tambem haver o seu fundamento e Chefe, que é o Papa.

F. O pae está a falar numa linguagem muito elevada, que nós não comprehendemos.

P. Eu me explico. Dizei-me cá: uma familia constitue-se para que seu chefe a governe, ou é o chefe que é destinado para governar a familia?

F. Claro que é o chefe que é destinado a governar a familia.

P. E que tempo deve o chefe estar á frente da familia?

F. Emquanto dure a familia, deve haver chefe que a dirija.

P. E se não houver?

F. Se não houver, a familia viverá na desordem, sem rei nem roque, até que por fim virá a desapparecer.

P. E quando morrer a cabeça ou chefe de familia?

F. Morto elle, é preciso escolher outro, que lhe succeda no governo e direcção da familia.

P. Suppondo uma familia que deva durar até ao fim do mundo, como poderá ella conservar-se?

F. Póde conservar-se tendo um bom chefe que a governe.

P. Comprehendeis agora quem seja esta familia e quem o seu Chefe?

F. Basta, basta; comprehendemos perfeitamente. Esta grande familia é a Egreja, este Chefe é o Romano Pontifice. Gostavamos porém d'uma resposta para aquelles que nos perguntam se o Pontifice actualmente reinante é de facto successor de S. Pedro.

P. Não resta duvida de que é devéras o successor de S. Pedro, e d'esta verdade fundamental vos falarei detidamente, quando tratar da *Apostolicidade* da Egreja Romana e da successão dos Pontifices, jámais interrompida desde S. Pedro até aos nossos dias. Por agora só vos quero fazer notar de passagem que todas as obras de Historia eclesiastica e as dos mesmos herejes se acham de accordo em averiguar e affirmar esta maravilhosa successão dos Pastores na Egreja Romana. Tornar-me-hia demasiado extenso, se a este proposito vos trouxesse relação dos testemunhos dos escriptores da Egreja, que agora me acodem á lembrança. Basta que vos aponte apenas alguns.

Santo Ireneu, que viveu no segundo seculo, diz expressamente: *A Egreja de Roma é a principal e é preciso que todas as mais a ella se achem unidas* (Lib. 3, III). E S. Cipriano no terceiro seculo: *Quem não tem a Egreja por mãe não póde ter a Deus por Pae; não ha senão um Deus e um só Jesus Christo, e não ha senão uma só Fé e uma só cathedra fundada sobre S. Pedro pelas palavras do mesmo Senhor* (Lib. I. cap. VIII). Santo Agostinho, que floresceu por fins do quarto seculo, escreve que uma das muitas coisas, que lhe faziam conhecer a Egreja de Jesus Christo, era a serie nunca interrompida dos Papas desde S. Pedro até ao seu tempo; e prosegue d'este modo: *Quem se separa da Egreja Catholica, embora viva bem, nunca che-*

gará a lograr a vida eterna, mas virá sobre elle a colera de Deus pelo só crime de se haver separado da unidade de Jesus Christo. São repassadas de sublime ternura as palavras do grande Doutor S. Jeronimo. Com receio de ser enganado pelos herejes do seu tempo, elle escreveu ao Papa S. Damaso uma carta, na qual, entre o mais, lhe diz assim: *Eu uno-me á vossa Cadeira, que é a de S. Pedro. Eu sei que a Egreja assenta sobre esta pedra. Quem não come o cordeiro nesta casa faz sacrificio profano. Quem não estava na arca de Noé por occasião do diluvio pereceu nelle; quem não está nesta Egreja, perecerá eternamente. Eu não conheço Vital, ignoro quem seja Paulino, Melesio é-me desconhecido* (são nomes de antigos scismaticos), QUEM NÃO É COMVOSCO É CONTRA JESUS CHRISTO. *Quem não recolhe comvosco, não faz mais que desperdiçar.*

F. Já basta isso, papá: cita-nos tantos textos, que parece um doutor em Theologia. Com taes autoridades, quem póde pôr em duvida que os santos Padres tenham constantemente sustentado que o Papa é o Chefe visivel da Egreja de Jesus Christo? Dizem-nos porém que os Concilios Ecumenicos são infalliveis, porque representam a Egreja universal: estes Concilios definiram alguma coisa ácerca da autoridade do Romano Pontifice?

P. As decisões dos Concilios são infalliveis, como veremos noutras palestras. Ora, deveis saber que os Concilios Ecumenicos, legitimamente convocados, todos reconheceram sempre o Papa como Chefe visivel da Egreja.

O primeiro Concilio, que se costuma incluir entre os Ecumenicos, é o que se celebrou na cidade

de Niceia, chamado por isso *Niceno*. Foi reunido em 325 contra a heresia dos Arianos, que occasionavam graves turbulencias e desordens na Egreja, e assistiram a elle 318 Bispos da Europa, Asia e Africa presididos pelos embaixadores do Papa S. Silvestre.

Falando-se nesta veneranda assembleia do Summo Pontifice Romano, foi por aquelles santos Prelados decidido o seguinte: *Aquelle que occupa a séde de Roma, é o primeiro, d'aquelle mesmo modo que o foi S. Pedro, ao qual foi dada por Jesus Christo a plenitude do poder, tendo-o constituido Seu Vigario na terra. A Egreja Romana foi sempre considerada como a primeira de todas as Egrejas, e como tal continue a ser considerada: Romana Ecclesia semper primatum habuit, mosque perduret* (Can. 6).

Era grande a sabedoria e a santidade dos Padres Nicenos. Quasi todos se podiam dzer confessores da Fé; e muitos d'elles ostentavam ainda no corpo as honrosas cicatrizes recebidas nas anteriores perseguições. Por isso foi aquelle seu Concilio tão venerado na antiguidade, que até os proprios protestantes o têm sempre respeitado, admittindo a sua autoridade.

F. Oh! se os protestantes admittem este Concilio, que reconhece o Papa como Chefe da Egreja, por que razão não querem reconhecer a autoridade do Papa, que agora occupa a cadeira de S. Pedro?

P. E' esta uma das muitas contradicções em que costumam caír os protestantes.

F. Mas talvez que os protestantes não queiram agora reconhecer o Papa, por não haver outros Concilios que o declarassem Chefe da Egreja.

P. Depois do Concilio de Niceia reuniram-se quasi em todos os seculos outros egualmente Ecumenicos, e todos elles proclamaram unanimemente o Papa Chefe da Egreja Romana. (1) O Concilio Ecumenico de Florença, como antes vos tinha dito, definiu esse dogma pelas palavras que já apontei e agora vos repito: *Nós definimos que a Santa Sé Apostolica, e o Romano Pontifice é o successor do Principe dos Apostolos, o verdadeiro Vigario de Jesus Christo, o Chefe de toda a Egreja, Mestre e Pae de todos os christãos; e que a Elle na pessoa do Bemaventurado Pedro foi por Nosso Senhor Jesus Christo conferido o poder de apascentar e governar a Egreja Universal.*

Se estas luminosas verdades da nossa santa Religião fossem um pouco mais conhecidas, seguramente que muitos catholicos mostrariam maior respeito e veneração pela autoridade da Santa Egreja Romana: autoridade estabelecida por Jesus Christo, transmittida a S. Pedro e aos seus successores, os quaes, revesando-se e substituindo-se no governo da Egreja, exercem sem interrupção essa autoridade; autoridade abraçada e venerada pelos mais doutos e sabios dos personagens, que

(1) Podia-se corroborar esta mesma verdade com o testemunho de muitos outros Concilios dos primeiros seculos. A modo de exemplo, o Concilio Sardo, reunido em 347 e composto de 170 padres, diz no terceiro Canon: *Honremos a memoria de S. Pedro Apostolo para que aquelles que examinarem a causa, escrevam a Julio Bispo de Roma; se elle julgar necessario que se renove o julgamento, elle mesmo pronuncie a sentença.* No primeiro Concilio de Epheso, terceiro geral, celebrado em 431, e a que assistiram 200 Bispos, o Pontifice Celestino é chamado: *Guarda e depositario da Fé, successor ordinario e Vigario do Bemaventurado Pedro Principe dos Apostolos.* No Concilio de Calcedonia, quarto geral, de 451, os Padres, lida a carta do Pontifice S. Leão, levantando-se de seus assentos, exclamaram: — Cesse toda a discussão: foi o mesmo Pedro que falou pela bocca de Leão.

viveram desde N. S. Jesus Christo até nossos dias: autoridade proclamada em todos os Concilios Ecumenicos, e, podemos dizer, em todos os Concilios particulares, que em todas as epocas se têm celebrado na Egreja: autoridade, emfim, reconhecida e confessada pelos mesmos protestantes de boa fé e que animou e resolveu muitos d'elles a abandonar os seus erros para regressar á Egreja de seus antepassados, que era e é a Egreja Catholica. E' esta uma verdade comprovada em nossos dias por milhares de factos.

F. Quanto somos ditosos por ouvir o que o pae acaba de dizer ácerca do Chefe visivel e da autoridade da Egreja de N. S. Jesus Christo! Podemos garantir que tudo teremos sempre em muita veneração, considerando a Egreja Romana como mestra infallivel da verdade, que ninguem póde contraditar sem resvalar no erro: e se alguem persistir neste erro, perder-se-ha miseravelmente para sempre.

DECIMA NONA PALESTRA

Visibilidade da Egreja de Jesus Christo.

P. O nosso divino Salvador, tendo descido do Céu á terra para salvar o genero humano, fundou a Sua Egreja á maneira de um grande edificio, em que pudessem refugiar-se e salvar-se os homens de todos os tempos e de todos os logares. Empenhou outrosim a Sua palavra, de que as portas do Inferno jámais poderiam soterrar este miraculoso edificio, que devia ser facil de conhecer em

todos os tempos, e visivel em todos os logares, porque em todos os tempos e logares deviam os homens salvar-se.

F. Que coisa significam estas palavras *facil de conhecer e visivel?*

P. A Egreja de Jesus Christo deve ser facil de conhecer, ou *cognoscivel,* isto é, deve em todos os tempos apresentar caracteres de Sua divindade, por modo que toda e qualquer pessoa, ainda que muito rude e ignorante, possa conhecê-la e distingui-la de qualquer outra sociedade, que não seja divina. Este edificio deve ser *visivel;* isto é, a verdadeira Egreja deve sempre ensinar a sua doutrina, administrar os Sacramentos, exercer as funções do culto, valer-se da sua autoridade em modo tal, que os homens, se o querem, possam ver e conhecer o que ella ensina e receber os seus Sacramentos; e, para dizê-lo por outras palavras, a Egreja de Jesus Christo deve ser visivel no seu ensino, no seu culto, na direcção e governo das almas, na autoridade dos seus Pastores e especialmente do Romano Pontifice, destinado e deixado por Jesus Christo para governá-la visivelmente sobre a terra.

F. Para que a Egreja de Jesus Christo possa exercer a autoridade de governo e de ensino, deve em todos os tempos fazer-se conhecer a seus filhos como Mestra. Ora queira dizer-nos, pae, se faz favor, do Evangelho deduz-se que a Egreja de Jesus Christo deva ser visivel?

P. No Sagrado Evangelho Christo compara a Egreja a um *grande edificio,* de que S. Pedro é a pedra fundamental; tambem a compara, ora a uma *Montanha,* ora a um *Reino,* ora um *Campo,* a uma

Vinha, a uma *Eira*, a um *Rebanho*, coisas todas estas muito e muito visiveis, e que deixariam de existir se não pudessem ser vistas.

F. O pae disse-nos que a Egreja de Jesus Christo é visivel *no seu ensino*, mas nós não podemos alcançar bem o sentido d'esta expressão. Ha porventura uma cadeira, onde a Santa Madre Egeja se ache sentada afim de ensinar a ler e a escrever, como faria um mestre-escola?

P. A Egreja de Jesus Christo é verdadeiramente uma mãe, que ensina os seus filhos tambem a ler ou a escrever quando faz mister. Mas o ensino propriamente seu, visa ao bem espiritual e eterno das almas, e versa sobre as verdades da Fé. O preceito de ensinar foi por Nosso Senhor imposto, quando disse aos Apostolos e aos seus successores: *Ide, prégae o Evangelho em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo. Ide*, repetiu d'outra occasião, *instrui todas as nações ácerca das verdades que vos disse; quem crer e fôr baptisado, será salvo; quem não crer, será condemnado*. Por estas palavras Jesus deu aos Pastores da Sua Egreja a faculdade de conservar o deposito da Fé, de prégar o Evangelho a todos os povos do universo e de declarar o verdadeiro sentido da Biblia e da doutrina de Christo. Pelo que S. Paulo escrevia: *Se viesse do Céu um Anjo a ensinar-vos coisas diversas das que vos prégamos em nome de Jesus Christo, e que d'Elle aprendemos, não lhe devieis dar credito*. Mas notae que d'esta suprema autoridade de ensinar, que Deus conferiu á Sua Egreja, é inseparavel uma outra autoridade, que se chama — *autoridade de governo*.

F. Esta expressão *autoridade de governo* tambem

não a entendemos lá muito bem. Em que consiste a autoridade de governo?

P. A autoridade de governo consiste no poder outhorgado por Jesus Christo á Sua Egreja, de promulgar leis, de interpretá-las e fazê-las obser- ser d'aquella maneira, que mais vantajosa possa ser para nosso bem espiritual e eterno. Taes são, por exemplo, os Preceitos da Egreja, que nos mandam ouvir Missa nos dias santos, guardar o jejum e a abstinencia nos dias marcados, confessar ao menos um vez cada anno, e commungar pela Pascoa.

Tambem compete á Egreja regular o culto e ordenar as coisas que são havidas por necessarias ou uteis ao decoro da Religião, como um bom pae tem o direito e o dever de determinar quanto possa contribuir para o bem de sua familia. Depois, como a um bom pastor corre obrigação de velar por que as suas ovelhas sejam levadas a pastagens boas e salubres e afastadas das más, assim o Papa, pae espiritual de todos os fieis, Pastor supremo do rebanho de Christo, póde e deve estabelecer aquellas leis, inculcar aquelles preceitos, pelos quaes ou prohibe a leitura de certos livros perniciosos por offensivos da Religião e da moralidade, ou recommenda outros, que sejam uteis ás almas dos fieis. Do mesmo modo pódem e devem proceder os Bispos em suas respectivas dioceses. Em summa, a Egreja tem o direito de recommendar ou de prohibir tudo aquillo, que julgue opportuno para salvação de nossas almas. E tal faculdade compete-lhe pela absoluta e illimitada autoridade conferida por N. S. Jesus Christo ao Seu Vigario nestas palavras: *Tudo aquillo que ata-*

res ou desatares na terra, será atado ou desatado no Céu; e com est'outras ditas aos Apostolos e seus successores: *Tudo o que atardes ou desatardes na terra, será atado ou desatado no Céu.*

F. Os herejes tambem acreditam que a Egreja de Christo deva ser visivel?

P. Sim; os herejes, e em particular os protestantes, concordam comnosco em que a verdadeira Egreja deve ser visivel.

F. E os protestantes são de parecer que a Egreja Romana tenha sido sempre visivel?

P. Tambem nisto concordam os protestantes de boa fé.

F Mas elles naturalmente sustentam que a sua Egreja foi sempre visivel.

P. Isso sustentam.

F E pódem prová-lo?

P. Pretendem provar, mas nunca fôram capazes d'isso.

F. E como é que pretendem prová-lo?

P. Alguns tentam mostrar que a sua Egreja é visivel até Luthero e Calvino, outros que se póde dar por visivel até Pedro Valdo, fundador da seita dos valdenses.

F. Luthero quando é que começou a prégar a sua doutrina?

P. Foi em 1517.

F. E Calvino?

P. Calvino começou em 1537, vinte annos depois de Luthero.

F. E Pedro Valdo?

P. Pedro Valdo esse começou ahi por 1160.

F. Mas antes d'esse tempo a Egreja d'estes herejes era visivel?

P. Antes da existencia dos seus fundadores, as Egrejas dos herejes não eram visiveis.

F. Então antes d'este tempo, não havia valdenses nem protestantes?

P. Antes d'este tempo nunca se falou em valdenses nem em protestantes. Alguns tentaram provar a sua visibilidade em tempos anteriores; mas fôram obrigados a incorporar-se na Egreja Romana, ou a caminhar miseravelmente nas trevas.

F. Mas parece incrivel! Os protestantes crêem que a Egreja de Christo deve ser visivel, que a Egreja Romana em todos os tempos foi visivel; não pódem provar a visibilidade da sua Egreja, sem interrupção, até Jesus Christo; porque é então que não voltam á verdadeira Egreja? Ou são doidos, ou ignorantes em grau superlativo.

P. Tambem vos devo declarar que a maior parte dos protestantes e dos valdenses ignoram esta verdade fundamental. Mas em nossos dias os protestantes lidos e estudiosos perguntaram formalmente aos seus ministros onde estava a Egreja reformada antes dos seus fundadores e até hoje ainda não houve quem lhes désse uma resposta cabal e satisfactoria. Por esse motivo muitos d'elles tornaram ao gremio da Santa Egrega Romana, de que os seus antepassados se haviam separado. Os ministros e doutores, não sabendo como saír do embaraço, imaginaram duas razões a bem dizer futilissimas, julgando que com ellas podiam contentar e tapar a bocca d'aquelles que lhes perguntavam onde estava a sua Egreja antes de Luthero e Calvino.

F. Vamos lá a ver quaes fossem essas duas razões.

P. Affirmam alguns ministros que a sua crença, desde o quarto seculo até que surgiram seus fundadores, apenas se conservou num numero muito restricto de pessoas, que em seu coração, sem se dar a conhecer no exterior, guardaram e conservaram a admiravel doutrina, que mais tarde Pedro Valdo, Luthero e Calvino se metteram a prégar. Outros ministros protestantes, reconhecendo que tal affirmação confinava no ridiculo, disseram sem rodeios que a sua Egreja foi invisivel durante mil annos, e que só se tornou visivel quando os novos reformadores começaram a prégar o Protestantismo.

F. São na verdade razões, que não valem nada, visto tratar-se de materia tão momentosa. Se elles só dentro do coração é que conservavam a sua crença, como podiam constituir uma Egreja visivel? Mas sabe-se ao menos a terra, o nascimento, o nome e appellido d'esses *poucos homens,* de maneira a poder-se demonstrar que elles se succederam uns aos outros, conservando a mesma Fé, a mesma Lei e os mesmos Sacramentos?

P. Nada d'isso. E nós desafiamos os calvinistas, os lutheranos os valdenses e todos os propagadores do Protestantismo juntos, a que nos citem um *só homem,* pertencente a qualquer seita protestante, o qual nos aponte quaes os seus predecessores, desde o Papa S. Silvestre, por exemplo, até aos apostolos da Reforma: a successão d'um *só homem*, que tenha professado aquella crença religiosa, depois ensinada pelos Reformadores.

F. Nem sequer um!... nem sequer um!... ahi está um argumento de primeira ordem... que deve obrigar a serias apprehensões a gente protestante

toda. Mas não parece que os protestantes tenham razão de especie nenhuma, quando sustentam que estes conservaram a doutrina de Jesus Christo por mil annos no seu coração, manifestando-a depois a Pedro Valdo, a Luthero, a Clavino, que como tal a prégaram.

P. Isso é tudo deitar poeira aos olhos dos incautos para encobrir as mazellas. Em coisa de tão crescida importancia não nos havemos de contentar com respostas ridiculas e de meninos, mas queremo-las serias e de pezo. Sobejo nos é que os protestantes citem um autor qualquer, o qual affirme e prove que antes dos mencionados heresiarcas existiu uma sociedade, que professou e seguiu a sua mesma crença.

Causa verdadeiro dó ver como elles nos asseveram que naquelles mil annos houve pessoas com os mesmos sentimentos de Calvino e Luthero, mas que nunca se atreveram a manifestá-los publicamente. Se taes pessoas conservavam a sua crença sepultada no fundo do coração, como é que os protestantes lograram conhecê-la? Quererão acaso capacitar-nos que a Egreja de Jesus Christo fosse composta de homens, que em publico e na pratica professavam uma crença diversa da que tinham dentro do coração? Mas então não deveremos mettê-los no rol dos hipocritas ou traidores da sua Religião? Jesus Christo disse que não reconheceria por Seus Discipulos na presença de Seu eterno Pae aquelles que se envergonhassem d'Elle, isto é, dos Seus ensinamentos (1).

F. Somos de opinião que, se aqui se achassem

(1) A. Scheffmacher, *Catec. di contr.*

protestantes de boa fé, immediatamente renunciariam a seus erros, e abraçariam a nossa santa Fé. O primeiro argumento parece-nos sufficientemente desenvolvido, e nada se nos offerece que objectar. Agora resta-nos ver o argumento dos que sustentam que a crença protestante se conservou invisivel durante muitos seculos (1).

P. Esses taes preferem cortar o nó da difficuldade, a desatá-la e resolvê-la; por outras palavras, fogem á difficuldade sem dar resposta que satisfaça. Se os protestantes e os valdenses são de opinião que a Egreja de Jesus Christo deve ser visivel para receber em todos os tempos aquelles, que desejem entrar no seu gremio; se concordam em que a Egreja Romana tem sido visivel em todos os tempos; se por ultimo os protestantes não são capazes de nos dizer onde esteve a sua Egreja pelo espaço de mil annos, que conclusões tirareis vós de tudo isso?

F. E' facil de tirar a conclusão: a Egreja Romana é a verdadeira Egreja de Jesus Christo, mas a dos protestantes essa não. Mas que resposta se ha de dar aos protestantes, que nos venham affirmar que a sua egreja se conservou invisivel por espaço de mil annos?

P. Esses protestantes estão tão longe da verdade, como o céu da terra, e perfilham assim um erro dos mais grosseiros e enormes. Porque, necessario se torna repeti-lo, a Egreja de Jesus Christo

---

(1) N'um livro intitulado *Cenni sui Valdesi,* editado por A. B. C., e no qual a Egreja dos valdenses é apresentada como divina, sem comtudo dizer onde ella estava antes, lêem-se as seguintes palavras: *A partir d'esta epoca começaram a ser citados pelos historiadores os montanhezes e os valdenses.* Mas isto será objecto de palestras proprias, quando falarmos dos valdenses e dos protestantes.

— similhante a um grande edificio, a uma montanha elevada, a um campo, a uma eira, a uma vinha, coisas estas todas mais que visiveis, para quem queira ver.

Segundo o modo de ver d'esses protestantes, Jesus foi um falso propheta; e d'ahi concluem que, se a Sua Egreja tivesse permanecido invisivel por algum tempo, vencê-la-hiam as portas do Inferno. Seria tambem, neste caso, um mau architecto, porque não teria fundado a Sua Egreja sobre uma pedra firme e solida, mas sobre a areia, como aquelle construtor insensato, de que nos fala o Evangelho de S. Matheus (7, XXVII).

Jesus Christo fundou a Sua Egreja, com o fim de facilitar a salvação de todos os homens; mas como poderiam estes entrar no seu gremio, se ella se conservasse occulta?

Se a Egreja não tivesse sido sempre visivel, os christãos não poderiam cumprir o preceito imposto por Jesus Christo, de apresentar e submetter suas duvidas e questões ao juizo da Egreja, e estar depois por quanto ella decidisse

Jesus Christo ordenou aos Apostolos e seus successores, que ensinassem e baptizassem todas as nações; ora, só um ministro publico e visivel podia ensinar e baptizar, e a isso providenciou a Egreja Catholica em todos os tempos.

F. Quantas razões! Na verdade não vemos que mais se possa argumentar contra a visibilidade da Egreja de Jesus Christo.

P. Estas razões são de grande pezo, e constituem um outro poderoso argumento para comprovar que a Egreja Romana é a Egreja de Jesus Christo. Notando nós que, entre as sociedades

christãs, ella foi a unica que em todos os tempos se mostrou visivel, a unica que em todos os tempos guardou fielmente a doutrina do Evangelho, forçoso é concluir que só ella é a verdadeira Egreja de Jesus Christo.

F. A que póde ser comparada a Egreja Catholica quanto á *visibilidade?*

P. A Egreja Romana na sua visibilidade, póde ser comparada a um grande e magnifico edificio levantado sobre alicerces inabalaveis, contra o qual nunca prevalecerão as portas do Inferno, contra o qual embalde se arremessarão as heresias, os perseguidores, e todos aquelles, que por palavras ou escriptos, pelas armas ou pelo fogo, tentarem derruir suas paredes e tripudiar sobre suas ruinas.

Ha mais de mil e novecentos annos, que este edificio é assediado e investido com os mais rudes e ousados golpes, e comtudo permanece inabalavel, mostrando-se sempre visivel, sempre bello, sempre grande e majestoso, como convem á obra de um architecto omnipotente. Jesus Christo disse a S. Pedro: *Tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam, et portæ inferi non prævalebunt adversus eam:* Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha Egreja, e as portas do Inferno não prevalecerão contra ella. E as palavras do Filho de Deus não falham.

F. E as egrejas dos herejes a que se pódem comparar quanto á *visibilidade?*

P. As egrejas dos herejes pódem comparar-se a um edificio que assenta em alicerces pouco seguros, e mal construido. Aqui as paredes ameaçam desabar, alli está o pavimento a abrir-se; agora

cáe uma parte do edificio; logo desmorona-se outra. A's vezes fica tudo soterrado e não se torna a ver nada do edificio. Tentam reconstrui-lo, mas a cada rajada de vento se desmantela e converte em ruinas, esmagando e submergindo quantos nelle se haviam recolhido.

E na verdade, as seitas hereticas, umas mais, outras menos, todas têm mudado e estão continuamente a mudar na fórma de governo e direcção, e bem assim na doutrina. As seitas combatem-se reciprocamente, pois são de crenças oppostas: na mesma seita ha um membro, que crê cegamente em artigos fundamentaes, que outro membro nega aberta e encarniçadamente; e assim, de erro em erro, vão-se successivamente desfazendo e annIquilando; e como lhes falta todo o elemento de verdade estavel, mostram por isso mesmo que estão separados da Egreja de Jesus Christo, fóra da qual ninguem póde obter sua salvação.

VIGESIMA PALESTRA

Caracteres da Egreja de Jesus Christo.

F. Louvada seja a divina Providencia, que se digna comprovar com tantos argumentos a santidade da Religião christã, como o pae tem tido a bondade de nos explicar. O facto de N. S. Jesus Christo ter posto á testa do governo da Sua Egreja um Chefe visivel, que a governe com autoridade absoluta, exercida em todos os tempos e sobre todos os fieis, leva-nos a confessar e proclamar que tudo o que Deus faz é perfeito. Mas aqui depara-se-nos

uma grande difficuldade. Como reconhecer com segurança, entre tantas sociedades que ha, qual seja a verdadeira Egreja, isto é, a fundada por Jesus Christo Nosso Senhor?

P. Na palestra passada já vistes que a Egreja Romana, por isso que tem permanecido sempre visivel, prova ser a unica verdadeira Egreja de Christo. Todavia, as palavras que acabaes de dizer, mostram-me mais e mais a grande necessidade que temos, de nos instruirmos nas coisas da nossa santa Religião. Portanto cumpre tratar mais detidamente d'um assumpto que, sobre ser da maxima importancia, é ao mesmo tempo deleitavel e consolador. Vou pois mostrar-vos que a verdadeira Egreja de Christo é uma só, e fóra d'ella não ha salvação possivel.

F. E' mesmo nisso que está o nosso embaraço: os catholicos, os valdenses, os lutheranos, os calvinistas, os anglicanos, todos se chamam christãos. Póde porventura achar-se a Egreja de Jesus Christo em cada uma d'estas Egrejas?

P. Não. A verdadeira Egreja de Jesus Christo não se póde achar indistintamente em todas as sociedades, que se arrogam o nome de christãs. As doutrinas que ellas perfilham são entre si tão oppostas, que esta admitte artigos de crença, que aquella rejeita. E' pois impossivel que todas façam parte da verdadeira Egreja, a não ser que se queira sustentar que não ha differença nenhuma entre o branco e o preto, entre a luz e as trevas; ou então se queira affirmar que a verdade deixou de ser uma só, podendo achar-se em duas coisas oppostas. Seria como dizer que Deus, autor da Religião, revelou coisas contraditorias, ou que tanto Lhe faz a verdade como a mentira, o justo como

o injusto. Absurdos d'estes só pódem ser seguidos por quem tenha perdido o uso da razão, ou naufragado na fé, resvalando no abismo da mais extreme e profunda impiedade.

F. Isso comprehende-se. Christo fundou uma só Religião: por conseguinte só uma deve ser a Egreja, que conserva e ensina esta Religião. Mas quaes são os caracteres, ou notas, para distinguir esta Religião entre tantas, que se vangloriam de ser verdadeiras?

P. E' de immensa importancia e vantagem, meus presados filhos, que fiqueis a saber como de todas as varias sociedades, que se jactam de christãs, só ha uma depositaria da Religião de Christo. *Um só Deus,* escreve S. Paulo, *uma só Fé, um só Baptismo;* portanto não póde haver senão uma Egreja verdadeira, columna e fundamento de todas as verdades. A Egreja de Jesus Christo deve pois ter necessariamente quatro caracteres, isto é, deve ser *una, santa, catholica, apostolica.* Estas notas vêm no Simbolo de Constantinopla, que ao Domingo se diz na missa: *Credo in unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam.*

1.° *Una,* porque uma só é a Fé em Jesus Christo; porque Deus deixou um só Chefe para a governar; porque é uma só, e immutavel, a fórma de governo que o Salvador lhe deu. O proprio Jesus Christo no Cenaculo, pouco antes de deixar os Seus discipulos, dirigiu ao Eterno Pae, por elles, aquella assombrosa oração, que lemos em S. João, por onde se vê quanto Elle em Seu divino coração desejava esta unidade: *Meu Pae,* dizia, *fazei que elles sejam* uma só coisa. . . *Não peço sómente por elles, mas por quantos crêrem em Mim por sua palavra.*

Fazei que sejam **uma só coisa**; como *Vós, o Pae estaes em Mim e Eu em Vós, assim tambem elles sejam* **uma só coisa** *comnosco; para que o mundo creia que fostes Vós que Me enviastes.*

2.º **Santa,** porque tem por sua cabeça a Jesus Christo, fonte de toda a santidade; porque a Fé, os Sacramentos são santos, e todos os seus membros são chamados á santidade; e nenhuma pessoa póde ser santa não fazendo parte da Egreja de Christo.

3.º **Catholica,** ou seja universal, porque deve professar toda a doutrina de Jesus Christo, abraçar os fieis de todos os logares da terra e durar até ao fim do mundo.

4.º **Apostolica,** porque deve crer e ensinar tudo o que os Apostolos aprenderam e receberam do proprio Salvador e depois espalharam por meio da prégação; e deve, além d'isso, ser governada e dirigida pelos successores dos Apostolos.

Retende bem na memoria estes quatro caracteres, e quando os verifiqueis em alguma Egreja, exclamae immediatamente commigo: *Esta é com certeza a Egreja, á qual Jesus Christo confiou o deposito da Fé, o deposito da Sua Religião: esta é aquella Egreja a que Jesus Christo assiste do Céu, para que não cáia em erro, mas triumphe sempre em meio das perseguições, e alcance victoria nos combates que tenha de sustentar!*



VIGESIMA PRIMEIRA PALESTRA

A Egreja Romana tem o caracter da UNIDADE.

P. Entre as sociedades christãs só a Egreja Romana apresenta os caracteres da divindade. Diz-se Romana, porque reconhece como Cabeça visivel ao Bispo de Roma, successor de S. Pedro, Vigario de Christo sobre a terra. Olhae bem, meus filhos, para as grandes verdades que passo a expor-vos.

A Egreja de N. S. Jesus Christo é *Una, Santa, Catholica* e *Apostolica.* Mas é só na Egreja Romana que se nos deparam estes caracteres, da maneira mais clara e irrefragavel; por conseguinte só ella é a verdadeira Egreja.

F. E' isso mesmo que nós muito anhelamos conhecer; não por nós, que sem sombra de discussão acreditamos quanto ensina a Santa Madre Egreja; mas para que, confirmados melhor nas maximas do Evangelho, estejamos em condições de dar a devida resposta aos que tentarem ludibriar nossas crenças. Comece pois por ensinar-nos, como é que a Egreja Romana tem o caracter da *Unidade.*

P. A Egreja Romana apresenta-nos com a maxima clareza o caracter da *Unidade.* E a prova está, em que todos os verdadeiros catholicos disseminados pelas varias partes do mundo, professam, como ensina S. Paulo, a mesma Fé, reconhecem um só Baptismo, um só Redemptor, que é N. S. Jesus Christo. A Egreja Romana é *Una* pela união de todos os Bispos das Egrejas particulares com o successor de S. Pedro constituido por N. S. Jesus Christo Chefe e Cabeça da Sua Egreja, e que

á maneira de pae universal governa toda a familia catholica. E' *Una*, porque tem um só e mesmo culto, uma só moral, um só governo, apesar de se achar espalhada por todo o globo.

F Então é facto averiguado que a Egreja Romana tem um só e mesmo culto, uma só Fé, uma só moral, e um só governo?

P. Sim. A Egreja Romana é *Una* no culto e *Una* na Fé, porque todos os catholicos de todos os paizes e regiões da terra crêem nos mesmos dogmas sem distincção nem modificação nenhuma. Os catholicos romanos rejeitaram sempre e ainda hoje rejeitam com desprezo e horror tudo o que se acha em contradicção com a sua Fé, pois estão firmemente convencidos de que os Pastores destinados por Deus a manter intacto o deposito das verdades reveladas, se succederam ininterruptamente uns aos outros, e no-las têm transmittido como de mão em mão desde Jesus Christo e dos Apostolos até nossos dias. Este ponto vê-lo-hemos melhor d'aqui a pouco, quando falarmos da Apostolicidade da Egreja Romana.

E' *Una* em sua moral, porque os catholicos romanos seguem em toda a parte uma regra de Fé identica. Por isso todos os catholicos admittem os mesmos Preceitos do Decalogo e os mesmos Mandamentos impostos pela Santa Madre Egreja.

E' ainda *Una* no seu governo, porque todos os catholicos do universo reconhecem a mesma jerarquia, que tem por Chefe e Cabeça o Romano Pontifice, ao qual todos obedecem, como filhos de um terno e amoroso pae. Elle é um pae que, recebendo as ordens de Deus, as communica aos Bispos, que por seu turno as communicam a nós por uma harmo-

niosa e admiravel disposição, a qual permitte que um homem, embora da condição mais baixa e desprezivel, possa, por assim dizer, communicar com Deus recebendo d'Elle preceitos e conselhos.

F. Ha aqui uma coisa que não comprehendemos. O pae diz-nos que ha uma só Egreja; comtudo nós a cada passo ouvimos falar em Egreja Grega, Egreja Latina, Gallicana, Americana, e assim por deante. Ha porventura muitas Egrejas dentro da Egreja Romana?

P. A Egreja Romana é uma só. A's vezes accrescentam-se-lhe nomes tirados das varias regiões onde se acha estabelecida, e por isso dizemos ora Egreja Grega, ora Egreja Latina, Gallicana, Americana; mas estas designações locaes servem apenas para indicar uma ou outra parte da mesma Egreja Romana, fundada por N. S. Jesus Christo, e governada pelo Summo Pontifice Seu Vigario sobre a terra. Porque, se uma Egreja tomasse e usasse um nome determinado e privativo para se distinguir e separar da Egreja Romana, essa Egreja deixaria por isso mesmo de pertencer a Jesus Christo.

F. Os valdenses, os protestantes e outros herejes tambem poderão proclamar a unidade de suas crenças?

P. De maneira nenhuma. Entre os herejes, alguns abraçam e admittem artigos de Fé, que outros da mesma seita contradizem e regeitam. Por exemplo: muitos admittem quatro Sacramentos, outros dois, alguns não admittem nem o primeiro. Até mesmo nas coisas de maior importancia ha entre elles grandes divergencias; e como observa o douto Bossuet, os protestantes, dois seculos volvidos da sua fundação, não tinham apenas uma

Egreja, mas duzentas, com sistemas e ensinamentos diametralmente oppostos, de modo que estes ensinavam uma coisa, que por aquelles era omnimodamente combatida e rejeitada.

Luthero, notando a desunião entre os seus sequazes, e como se contradiziam uns aos outros mesmo nas coisas e questões mais ponderosas e importantes, exclamava: *O diabo veiu devéras para o meio de nós.* E Calvino escrevia a um seu amigo, tambem hereje, Melanchton: *Que diabo! Conservemos em occulto as nossas discordias, para que o mundo não chegue a sabê-lo; porque então nos hão de amarrar ao pelourinho.*

F. Conforme o pae nos vae explicando a unidade da Egreja Catholica, assomam-nos ao pensamento as varias opiniões que ás vezes sobre certos pontos de religião circulam entre os catholicos; opiniões de todo o ponto oppostas umas ás outras. Não lhe parece ao pae, que esta diversidade de opiniões se oppõe á unidade de crença?

P. Não, meus filhos; quando se affirma que a Egreja Catholica é una no seu ensino e na sua crença, deve isso entender-se das coisas da Fé e dos costumes; mas nas coisas que a Egreja ainda não confirmou, nem approvou, cada catholico póde seguir a opinião que mais conveniente lhe pareça. Por isso usava Santo Agostinho dizer: *No que é de Fé deve observar-se unidade; nas coisas duvidosas cada um póde abraçar a opinião que mais lhe agrade; em todas as coisas porém se mantenha e use caridade: In fide unitas, in dubiis libertas, in omnibus autem caritas.* Mas nas coisas que se referem á Fé ou aos bons costumes, nunca a Santa Egreja soffreu variação alguma.

F. Ácerca da unidade da Fé temos uma duvida, que lhe pedimos o favor de dissipar. Muitas coisas que antigamente eram simples opiniões, agora passaram a dogmas de Fé; esta passagem de opiniões a dogmas não quebra a unidade da Fé?

P. A vossa difficuldade é apenas appareute. A Egreja nunca converte as opiniões em dogmas, mas, segundo o exigem as circumstancias, proclama como verdades de Fé certas verdades já anteriormente cridas e acceitas implicitamente pelos fieis. Assim, os catholicos firmados na Biblia e na tradição, criam communmente que a Conceição Immaculada de Maria e a infallibilidade pontificia fossem verdades de Fé; mas a Egreja, como ainda se não havia pronunciado formalmente sobre essa crença geral, dava a todos liberdade de a discutir. Mas tolerou-o tão sómente até á occasião e tempo, em que por graves e ponderosos motivos definiu de um modo explicito ou expresso, uma verdade já implicitamente acreditada, mas ainda não definida. Por conseguinte o dogma foi sempre o mesmo quanto á substancia; apenas houve uma variação accidental quanto ao modo de o professar e crer; pois primeiro era livremente abraçado e acceito, ao passo que depois foi mister abraçá-lo e admitti-lo, para não deixar de ser catholico. Mas a verdade revelada por Deus foi sempre a mesma; é a unidade da Fé não soffreu variação de especie alguma.

F. A que compara o pae a *unidade* das Egrejas dos herejes?

P. Como a Egreja Catholica no Evangelho é comparada a uma familia bem disciplinada, em que todos os filhos obedecem ás ordens de seu pae, assim se póde muito ajustadamente compararcada uma das

Egrejas hereticas a uma familia desordenada e sem cabeça. A todos os filhos, a todos os individuos, que a compõem, assiste egual direito de mandar, e fazer o que mais lhes aprouver, sem que nenhum seja obrigado a executar as ordens dadas. Tal é a condição dos hereticos, e principalmente dos valdenses, lutheranos, calvinistas e anglicanos. Entre elles cada um explica o Evangelho a seu modo e como lhe faz geito; e sem jámais o ter estudado, acredita o que lhe parece, faz o que lhe vem á cabeça. Se virdes algum d'elles fazendo qualquer acto mau, e lhe disserdes: *Oh! não faças isso, porque é peccado, é um grande mal*; retruca-vos logo: *A mim pelo contrario parece-me que é um grande bem.*

Vem isto de elles não quererem reconhecer a autoridade religiosa do Chefe visivel da Egreja, estabelecida por Deus Nosso Senhor para determinar e distinguir o que é verdadeiro do que é falso, o que é bom do que é mau. Por isso não é de admirar que entre elles se tenham introduzido tantas desordens, e que todos se arroguem o direito de formar e proclamar uma crença, e praticá-la do modo mais consentaneo com seu gosto e paixões.

Talvez vos cause horror similhante crença; e todavia ella existe, como melhor vos farei ver, quando falar da reforma protestante.

VIGESIMA SEGUNDA PALESTRA

Só a Egreja Romana é SANTA.

P. Sendo N. S. Jesus Christo a santidade por essencia, segue-se que a Sua Egreja deve ser toda pureza e santidade, e excluir dos seus dogmas e

da sua doutrina toda e qualquer coisa que destôe da Majestade divina.

F. Quaes as razões por que a Egreja Romana se póde, ou, melhor, se deve dizer *Santa?*

P. A Egreja Romana deve dizer-se *Santa,* porque é santo o seu Chefe N. S. Jesus Christo, fonte de toda a santidade, que a rege e governa pela assistencia do Espirito Santo, todos os dias até á consummação dos seculos. Por isso escrevia S. Paulo aos christãos de Epheso, que Christo Se sacrificou a Si mesmo para santificar a Egreja Sua esposa: *Christus se ipsum tradidit pro ea, ut illam sanctificaret* (1). E' *Santa,* porque possue os meios mais efficazes para santificar as almas, como são os Sacramentos, o Santo Sacrificio da Missa, a oração publica, os conselhos evangelicos, etc. E' *Santa,* porque em todos os tempos e em todos os logares, desde os Apostolos até aos nossos dias, teve um grande numero de Santos, que resplandeceram por suas heroicas virtudes, pelo zêlo das almas, pelo desprendimento das coisas terrenas, pelas penitencias e jejuns. O proprio Baldeus, fervoroso proselito de Calvino, assombrado á vista da santidade de S. Francisco Xavier, exclamava: *Oxalá que sendo como és, ó Xavier, fosses dos nossos.* Elle não attentava em que é impossivel que um protestante chegue a alcançar ser perfeito em tão subido grau. E' *Santa,* porque Deus mostrou em todos os tempos com estrondosos milagres que approvava o culto que nesta Egreja Lhe é prestado.

F. Os hereticos acreditam nos milagres feitos pelos Santos na Egreja Romana?

---

(1) *Ad Ephes. c. V.*

P. Os hereticos, sobretudo os protestantes, admiram a vida dos Santos, e admittem que na Egreja Catholica se têm operado milagres. Elles dizem expressamente, que, por exemplo, S. Bernardo, S. Francisco de Assis, S. Boaventura e S. Vicente de Paulo, viveram santamente; e inclinam-se em modo especial perante os grandes prodigios de S. Francisco Xavier. Por consequencia a vida santa d'estes grandes vultos do Catholicismo, a doutrina por elles prégada e confirmada com muitos milagres, levam-nos a asseverar que os proprios herejes concordam comnosco em que a Egreja Catholica é Santa.

F. As outras crenças não contam Santos que tenham obrado milagres?

P. Não. Nenhuma seita póde apresentar um homem da sua crença, o qual tenha obrado, um só milagre que seja. Quando vos falar das heresias e scismas, que em diversas epocas surgiram para affligir e lançar a desordem na Egreja de Christo, mostrar-vos-hei mais copiosamente que entre os Reformadores nunca houve homem algum que fizesse um milagre. Pelo contrario, a Egreja Romana, além de um grande numero de Santos e de milagres reconhecidos pelos proprios herejes, apresenta milhares de monumentos que nos attestam que desde Jesus Christo até ao nosso tempo, todos os annos, podemos dizer mesmo, todos os dias, se obraram estrondosos milagres. Terá d'isto prova bem visivel quem percorrer o numero infinito de Santuarios do globo, em cujas paredes se veem accumulados á profusão os sinaes de graças recebidas e de milagres feitos em favor dos fieis: ao passo que os hereticos não são capazes de nos indicar um só

templo seu, onde se notem vestigios de graças recebidas ou de milagres.

F. As Egrejas dos herejes não têm os Sacramentos como nós?

P. Os herejes admittem apenas alguns dos Sacramentos; e estes mesmos inquinados e mascarados de tantos erros, que com razão podemos pôr em duvida a sua validade. Por exemplo: Muitos herejes admittem o Baptismo, mas na sua administração usam taes erros, que a Egreja Catholica duvida que esse Baptismo seja valido. E é esta a razão por que os valdenses e protestantes, que entram em grande numero na Egreja Catholica, ao abjurar seus erros, recebem novamente o Baptismo sob condição.

F. A que se pódem comparar as seitas hereticas relativamente á *santidade?*

P. Quanto á santidade os herejes pódem ser comparados aos ramos de uma arvore cortados de seu tronco. Cortados, quer dizer, separados da arvore da santidade, que é Jesus Christo, e do Papa, que faz Suas vezes sobre a Terra; os herejes são como ramos seccos e incapazes de dar fruto. Por isso, em vez de apresentar uma doutrina pura e santa, só apresentam coisas absurdas e até impias. E assim, ensinam que as boas obras são inuteis; que o homem não goza da liberdade de fazer o bem ou o mal; muitos chegam a sustentar que os christãos nem sequer são obrigados á observancia do Decalogo. Os protestantes dão em sua doutrina estes e outros ensinamentos detestaveis e horrendos, coisas todas contrarias ao Evangelho, e reprovadas pela mesma razão natural.

VIGESIMA TERCEIRA PALESTRA

Só a Egreja Romana é CATHOLICA.

F. Porque é que se diz que a Egreja Romana é *Catholica?*

P. Diz-se que a Egreja Romana é *Catholica,* isto é, universal e perpetua, porque se extende a todos os tempos, a todos os logares, e deve durar até á consummação dos seculos, sem jámais introduzir mudança alguma na doutrina que diz respeito á Fé e aos costumes. Neste ponto devo advertir-vos de que a Egreja de N. S. Jesus Christo se distingue já desde os primeiros tempos de todas as outras sociedades religiosas, por este nome de Catholica; tanto que se uma pessoa, como dizia Santo Agostinho, entrando numa cidade, perguntasse qual fosse a Egreja dos catholicos, logo lhe dariam por resposta que era aquella que tem sua séde em Roma, e ao Papa como seu Chefe Supremo. Ao nome de *Catholica* ajuntou-se ainda o epitheto de *Romana,* para a distinguir melhor das Egrejas falsas, que se arrogam o titulo de catholicas para mais facilmente arrastarem os incautos a abraçar os seus erros.

F. Como se prova que a Egreja Romana é *Catholica?*

P. A Egreja Romana é *Catholica,* porque crê e professa todas as verdades ensinadas por N. S. Jesus Christo e pelos Apostolos, como veremos dentro em pouco. É *Catholica* quanto ao tempo, porque ascende da edade presente até Christo seu fundador; e embora ferozmente perseguida, tem-se

sempre conservado visivel a ponto de assim se distinguir de todas as crenças erroneas. Perpetuou-se de N. S. Jesus Christo até nós sem alterar em coisa alguma o deposito das verdades por Elle ensinadas e á mesma entregues e confiadas. Apesar de atacada pelos herejes e vilipendiada pelos maus catholicos, sempre se destacou, e nós vemo-la destacar-se ainda e altear-se qual robusta columna, e vê-la-hão egualmente os que depois de nós vierem, conservar-se immutavel em meio das perseguições, ensinando a mesma Fé, administrando os mesmos Sacramentos até ao fim dos tempos. E' tambem *Catholica* quanto ao logar; pois embora S. Pedro tenha estabelecido em Roma a sua séde, comtudo a sua Fé extende-se a todas as regiões da terra. A Fé Catholica é prégada não só nos reinos, que se gloriam de a professar e praticar publicamente, mas vigora outrosim nas terras de infieis, e dia a dia se vae dilatando mais, gerando a Deus novos filhos.

F. Ha muito que alguns vêm apregoando que as Missões catholicas estão decadentes, e que por este lado a nossa Egreja deixa de ser catholica, pois não é propagada em todas as partes da terra, e vae gradualmente perdendo terreno ou deperecendo nos mesmos logares onde já foi prégada.

P. A vossa observação offerece-me ensejo de vos dar mais desenvolvidas noticias da *catholicidade* da Egreja Catholica Romana quanto a Missões.

Notae bem o que vou dizer. Jesus é fundador assim da Egreja como das Missões. Antes de subir ao Céu, e quando enviou os Seus Apostolos para iniciar a prodigiosa obra das Missões Catholicas,

impoz-lhes este preceito: *Ide, prégae o Evangelho, ensinae todas as gentes, baptizando-as em Nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.* Os Apostolos, fieis ás ordens do Salvador, emprehenderam com santo zêlo a prégação do Evangelho, confirmando os seus ensinamentos com muitos e deslumbrantes milagres. Os Apostolos fôram os primeiros Missionarios. Aos Apostolos associaram-se novos discipulos, a que por seu turno se aggregaram outros cooperadores. D'este modo as Missões Catholicas começaram com S. Pedro, continuando de então até nossos dias.

F. Mas, como ha pouco diziamos, ha quem affirme a fallencia e extincção das Missões Catholicas.

P. O contario é que é verdade. Mau grado as difficuldades que agora se encontram por escassez de meios pecuniarios e falta de operarios evangelicos, todavia as Missões continuam a dilatar-se e a progredir de uma maneira surprehendente; e a Egreja catholica teve e ainda tem sequazes entre os turcos, nas Indias, na China, na Australia, na Africa central e em todas as partes da America. Entre as nações barbaras ha os povos das Pampas, a Patagonia, a Terra do Fogo e as ilhas adjacentes, que resistiram por mais de quatrocentos annos á voz dos enviados do Céu. Mas agora alvoreceu a hora da misericordia, para esses selvagens, tambem resgatados pelo Sangue de Jesus Christo. Em 14 de novembro de 1875, depois de receber a benção e a investidura em sua missão, das mãos do Successor de S. Pedro, do Supremo Jerarcha da Egreja Pio IX, affrontando toda a sorte de perigos, partia para aquellas longinquas regiões um grupo de Missionarios Salesianos. A

esses succederam-se outros muitos, abençoados e enviados por SS. Leão XIII actualmente reinante (1). Deus prosperou suas canceiras, e já augmentaram por milhares de novos christãos o rebanho de Christo, com esperança de frutos cada vez mais copiosos e consoladores.

Ora estes christãos dispersos por tantas partes, e, podemos dizer, por todos os cantos do mundo, têm a mesma Fé, recebem os mesmos Sacramentos, dependem de um só e mesmo Chefe, como uma familia bem ordenada e educada, que cumpre com pontualidade as ordens do pae que a governa; de sorte tal, que podemos dizer com S. Paulo: *A vossa Fé, ó Romanos, é annunciada a todo o mundo.*

A Egreja Romana merece ainda o titulo de *Catholica,* porque em todos os tempos condemnou sempre os mesmos erros e sempre propoz á crença dos fieis as mesmas verdades. Nem se póde dizer que, sobre um erro condemnado ou uma verdade proposta num seculo anterior, a Egreja tenha formulado juizo diverso nos seculos posteriores.

Por ultimo, a Egreja Romana póde tambem dizer-se *Catholica,* porque, posta em parallelo com as outras crenças, que querem passar por christãs, as excede a todas de sobremaneira, pelo numero. Basta relancear a vista pela face da terra, escudado em algum livro exacto de estatistica, para logo se ficar convencido de que as seitas hereticas se confinam num ou noutro reino, mui-

---

(1) O Veneravel João Bosco escrevia estas palavras no Pontificado de Leão XIII: mas as expedições de Missionarios têm-se succedido quasi todos os annos.

A este proposito póde consultar-se o *Boletim Salesiano* (edição italiana) e o livro *Missioni Salesiane,* do Padre Lino Carbajal, S. S.

tas vezes mesmo numa provincia, ao passo que a Egreja Catholica conta fieis em todas as regiões do globo. Nas proprias nações, onde o Protestantismo é protegido pelos Reis e pelos Principes, tem o Catholicismo grande numero de adeptos. Os protestantes são por lei excluidos, ou apenas tolerados, na Hespanha, na Austria, na Italia, e numa grande parte da America. Demais a mais, as diversas seitas protestantes são entre si tão oppostas e divergentes, que decorridos 300 annos ainda não fôram capazes de estabelecer nenhum principio commum. Dos protestantes de nossos dias cada um pensa o que muito bem lhe agrada, e explica a Sagrada Escriptura consoante seus caprichos e paixões. Pelo contrario a Egreja Catholica, depois de dezenove seculos, conserva sempre os mesmos principios, o mesmo Evangelho, a mesma moral, o mesmo successor de S. Pedro, que é o Papa, e os mesmos Pastores successores dos Apostolos, que são os Bispos.

F. A que se pódem comparar os herejes relativamente á *catholicidade* das suas crenças ou seitas?

P. Os herejes quanto á catholicidade da sua crença pódem ser comparados ás ovelhas tresmalhadas, que correm ás loucas por aqui, por acolá, buscando um bom pastor, que não lhes é dado achar. E' N. S. Jesus Christo que compara a Sua Egreja a um rebanho, de que Elle mesmo é Supremo Pastor. Elle diz bem claro que as Suas ovelhas, isto é, os Seus sequazes, dariam ouvidos á Sua voz. *Eu sou o bom pastor*, eis as Suas palavras: *Eu conheço os Minhas ovelhas e ellas Me conhecem a Mim e escutam a Minha voz. Ellas seguir-Me-hão para onde quer que vá para formar um só rebanho*

sob um só pastor. Ao contrario, fóra da Egreja Catholica só se encontram ministros e pastores mercenarios, como são os dos valdenses e protestantes, que não se importam nem pouco nem muito de que as almas se salvem ou se percam. Como o mercenario, de que fala o Evangelho, elles antepõem a tudo os seus interesses temporaes; e não velando pelo rebanho, deixam que no redil penetre o lobo, qne nelle causa horrenda desvastação. Por conseguinte, aquelles que seguem similhantes pastores mercenarios, não estão no mistico redil de N. S. Jesus Christo, não escutam Sua amorosa voz, não são Suas ovelhas dilectas e estremecidas.

Adverti ainda que estas sociedades não existiam antes dos seus fundadores, como já dissemos, e que só começaram a ter um nome especial quando se divorciaram da Egreja Catholica. E por isso, concluindo, podemos com razão chamar aos herejes ovelhas tresmalhadas, e separadas do redil de N. S. Jesus Christo, divino Pastor, cuja voz ellas não querem ouvir, debandando e dispersando-se, para se confinarem apenas em alguns logares, mudando e reformando suas doutrinas conforme as conveniencias dos tempos, dos logares e das pessoas.

VIGESIMA QUARTA PALESTRA

Só a Egreja Romana é APOSTOLICA.

P. Para comprehender bem o motivo por que a Egreja Romana se chama *Apostolica,* é opportuno recordar que o Salvador constituiu a S. Pedro

Chefe e Principe dos Apostolos, para que, como diz S. Jeronimo, estabelecida uma Cabeça, desapparecesse o perigo de errar. Depois da morte do Salvador S. Pedro exerceu esta sua autoridade durante alguns annos em Jerusalem e em Antioquia, dirigindo-se em seguida a Roma, que passou a ser o centro da sua suprema autoridade. A Egreja Romana desde então começou a chamar-se *Apostolica* em attenção ao Principe dos Apostolos, Pastor Supremo da Egreja.

F. Porque é então que a Egreja Romana se chama *Apostolica?*

P. A Egreja Romana chama-se Apostolica, porque professa e crê todas as verdades ensinadas por N. S. Jesus Christo e prégadas pelos Apostolos; e porque desde S. Pedro, Principe dos Apostolos, apresenta a serie dos seus successores até nossos dias, sem interrupção alguma.

F. Parece-nos que é um tanto difficil demonstrar, que os ensinamentos da Egreja Romana moderna são os mesmos, que ha quasi 2000 annos fôram dados por Christo e prégados pelos Apostolos.

P. Não é tal difficil provar que a Egreja Romana em nossos dias ensina a mesma doutrina, que Christo ensinou e os Apostolos prégaram. Se algum artigo da Fé houvesse soffrido modificação, era facilimo averiguar *quem* fez essa modificação; *em que tempo, em que logar,* este ou aquelle dogma começou a existir, ou foi modificado. Mas nunca houve ninguem, quer entre os catholicos, quer entre os herejes ou outros inimigos do Catholicismo, que fosse capaz de fazer tal indicação ou descoberta, nem jámais o haverá. Por conseguinte nunca houve nem póde haver differença ou varia-

ção entre a doutrina da Egreja Catholica de hoje e aquella que N. S. Jesus Christo ensinou e os Apostolos prégaram.

Aqui limito-me a estas poucas palavras, mas, como o assumpto é de pezo, falarei mais largamente sobre este ponto quando tratar da Reforma protestante.

A Egreja Romana tambem se chama *Apostolica* por causa da serie dos seus Pastores, que se succederam ininterruptamente desde S. Pedro até Leão XIII, actualmente reinante.

F. E' authentica e real esta successão dos Papas?

P. Na Egreja Romana ha realmente esta successão dos Pastores nunca interrompida desde os Apostolos até aos nossos tempos; de maneira que, começando de Leão XIII actualmente reinante, e subindo de um Papa a outro, achamos uma cadeia de Pontifices, que se extende até S. Pedro, constituido por N. S. Jesus Christo Chefe da Sua Egreja. Descendo de S. Pedro, acha-se com a mesma facilidade a successão nunca interrompida dos Pontifices, até Leão XIII.

F. Este parece ser um facto devéras importante, uma prova luminosa sobeja a demonstrar que a Egreja Romana é incontestavelmente a Egreja de N. S. Jesus Christo. Mas os herejes não terão esta mesma successão de Pastores?

P. Não. Os herejes não pódem ter senão a successão que se extende até aos seus fundadores. Por exemplo, os nestorianos só pódem apontar antecessores até Nestorio, os lutheranos até Luthero, os calvinistas até Calvino, os valdenses até Pedro Valdo, e nada mais. O seu mesmo nome revela a sua origem, mostrando que não descendem

da verdadeira Egreja de N. S. Jesus Christo, mas da de Nestorio, Luthero, Calvino e Pedro Valdo.

F. Esta successão dos Romanos Pontifices é comprovada pela historia?

P. Os monumentos da historia tornam bem evidente este facto. Santo Ireneu, que floresceu no segundo seculo, dá d'isso testemunho quanto aos dois primeiros seculos da Egreja até Santo Eleutherio, sob cujo Pontificado vivia. No seu livro contra as heresias o Santo Doutor fala nestes termos: *Fôra demasiado longe se intentasse referir-vos a successão dos Bispos de cada Egreja em particular; para confundir os herejes e scismaticos, basta provar esta successão na maior, mais antiga e mais conhecida de todas as Egrejas, fundada em Roma pelos Santos Apostolos Pedro e Paulo*. Em seguida Santo Ireneu enumera todos os Summos Pontifices desde Jesus Christo até ao seu tempo. Eusebio, Bispo de Cesareia, apresenta a serie e as acções mais notaveis dos Papas desde Jesus Christo até seus dias, ou seja, até principios do quarto seculo. Santo Agostinho, que viveu no quinto seculo, aponta, entre as razões, que o conservavam fortemente affeiçoado e ligado á Egreja, a continua successão dos Pontifices a começar em S. Pedro, ao qual Deus encarregou de governar o Seu rebanho, e tira depois esta bella conclusão: *In Romana Ecclesia semper Apostolicæ cathedræ viguit principatus*: Na santa Egreja Romana conservou-se sempre inabalavel o primado da Cadeira Apostolica. A contar do quinto seculo desnecessario se faz demonstrar esta successão, porque de então até hoje todas as historias assim ecclesiasticas como profanas, até mesmo as

feitas por escriptores hereticos, dão d'isso luminoso testemunho.

E depois, entre os successores dos Apostolos, isto é, entre os Bispos, que regem as dioceses dos varios paizes catholicos, ha muitos que pódem contar seus predecessores até aos Apostolos, ou até aos tempos apostolicos, quando todos os fieis se achavam unidos de alma e coração a S. Pedro. Principe dos Apostolos. D'esta sorte os Pastores da Egreja mais recentes são ramos da grande arvore apostolica, mas sempre unidos ao seu tronco, que é o Vigario de Christo. E se considerarmos a successão dos Pastores de todas as Egrejas particulares, veremos que todas ellas, por sua fundação, se vão ligar com a de Roma, a que em todo tempo se conservaram unidas, e da qual se conservaram sempre dependentes.

A tal proposito conclue Bossuet, que é motivo de grande consolação para os que estão dentro da Egreja Catholica, e ao mesmo tempo um argumento em abono da verdade, esta consideração de que do Pontifice actualmente reinante se sobe de grau em grau até S. Pedro, constituido por N. S. Jesus Christo Principe dos Apostolos. De S. Pedro, proseguindo a serie dos Summos Sacerdotes ou Pontifices da Lei antiga, chega-se a Aarão e a Moisés; e em seguida aos Patriarcas e á creação do mundo. Por conseguinte, se no que diz respeito á Religião e á salvação da alma, o espirito humano, por si mesmo tão limitado e instavel, precisa de ser sustentado e governado por uma autoridade certa e segura, que autoridade se póde desejar maior, que a da Egreja Catholica, que compendia em si a autoridade de

todos os seculos passados até Adão, primeiro homem do mundo?

F. A que pódem comparar-se as seitas hereticas quanto á *Apostolicidade?*

P. As seitas hereticas quanto á *Apostolicidade* pódem comparar-se a uma cadeia quebrada ao meio. Só a Egreja Romana é que possue, como ha pouco vimos, aquella grande cadeia jámais interrompida; quer dizer, aquella longa e continuada serie de Pastores, que, embora dispersos pelas varias regiões da terra, se mantiveram constantemente em união com o Romano Pontifice. Podemos pois dizer e repetir que a doutrina de N. S. Jesus Christo e dos Apostolos nos foi transmittida como de mão em mão de um Pontifice a outro, até nossos dias.

Pobres protestantes! Só pódem reconstituir uma serie de pastores até Calvino e Luthero; mas, chegando ahi, acham a cadeia partida, e, se querem continuar, têm de se unir com a Egreja Catholica. D'outra sorte, depois de caír no erro, precipitar-se-hão no abismo.

Todos os filhos juntos. Muito obrigados, pae. Muito gosto nos causam as verdades que nos tem explicado. Cremos firmemente que a Egreja Romana, em que tivemos a ventura de nascer e crescer, é a unica verdadeira Egreja de Jesus Christo, fóra da qual ninguem se póde salvar.

VIGESIMA QUINTA PALESTRA

Jerarquia Ecclesiastica.

P. A exposição, que até aqui vos tenho feito, queridos filhos, creio vos terá convencido e capacitado da divindade da nossa santa Religião, e do grande facto, que é a fundação da Egreja de Christo. Tendes tambem visto, que só a Egreja Romana é que tem os caracteres da divindade, e que só ella póde garantir aos christãos meios seguros para se salvar.

Agora, se estiverdes attentos, faremos juntos uma reflexão, que vos deve ser de grande vantagem. Como nos reinos da terra ha uma ordem, pela qual se parte do Soberano e se desce grau por grau até ao infimo dos subditos, assim na Egreja Catholica ha uma organisação particular, chamada *Jerarquia ecclesiastica.* Segundo ella, nós partimos de Deus, Chefe invisivel da Egreja, chegamos ao Romano Pontifice, Seu Vigario e Chefe visivel da Egreja sobre a terra, e em seguida passamos aos Bispos e aos restantes ministros sagrados, que communicam a Lei e a vontade de Deus a todos os outros fieis espalhados pela superficie da terra.

F. Que se deve entender por *Jerarquia?*

P. Para que comprehendaes bem o que se deve entender por Jerarquia ecclesiastica, é preciso tragaes á lembrança, que a Egreja de Christo é a reunião de todos os que abraçam a Sua Fé e doutrina, governados por um Chefe Supremo, Vigario na terra do mesmo Jesus Christo. Como porém este Chefe, isto é, o Romano Pontifice, não

póde de per si só attender ás necessidades particulares de cada fiel, convem que tenha outros ministros inferiores, d'elle dependentes, que pela prégação da divina palavra e administração dos Sacramentos instruam e santifiquem os homens. A ordem, pela qual um ministro sagrado manda sobre quem d'elle depende, e pela qual depende de quem lhe é superior, chama-se JERARQUIA, palavra grega que significa SUPERIORIDADE SACRA.

F. Quaes são os ministros que constituem esta sagrada Jerarquia?

P. Na grande congregação dos fieis ha uma Jerarquia ecclesiastica, ou uma ordem de ministros sagrados, que têm por dever conservar, propagar e governar a Egreja. Esta Jerarquia em parte foi estabelecida por N. S. Senhor Jesus Christo e em parte completada pela Egreja, usando da autoridade d'Elle recebida.

N. S. Jesus Christo estabeleceu: 1.º, o Papa, que é o Bispo dos Bispos; 2.º, os Bispos, que não só têm a faculdade de consagrar o Corpo e o Sangue do Redemptor e de perdoar os peccados, mas de communicar tal faculdade aos outros, ordenando-os Sacerdotes; 3.º, os Sacerdotes, que pódem consagrar o Corpo e o Sangue de N. S. Jesus Christo e perdoar os peccados, mas não pódem communicar a outros essa faculdade; 4.º, os Diaconos, que têm por officio auxiliar os Bispos e os Sacerdotes no exercicio do sagrado ministerio.

Depois a Egreja: 1.º Como que subdividiu em varias ordens o ministerio dos Diaconos, accrescentando os Subdiaconos, os Acolithos, os Leitores, os Exorcistas e os Ostiarios; 2.º Determinou que

entre os Sacerdotes alguns tomassem conta d'uma parte da diocese, ou seja, do rebanho confiado ao governo do Bispo; e deu a estes o nome e o officio de parocos, dividindo assim as dioceses em freguezias; 3.º Determinou que os Bispos fossem divididos em provincias, e que cada provincia tivesse por chefe um Arcebispo com alguma jurisdicção sobre os Bispos d'essa provincia, que por isso se ficaram chamando suffraganeos; 4.º Quiz que em certos reinos ou imperios as provincias tivessem por chefe um Bispo Primaz ou Patriarca, que manda nos proprios Arcebispos e provincias por elles governadas; 5.º Que os Bispos das cidades vizinhas de Roma, capital e centro do Catholicismo, e os Sacerdotes e Diaconos das egrejas principaes da cidade eterna, constituissem, por modo de dizer, o Senado do Pontifice, cabendo-lhes só a elles o direito de eleger o Papa, de quem fossem auxiliares na administração da Egreja universal. Estes têm nome de Cardeaes, porque usam o titulo da Egreja, a cujo serviço estão adstrictos, como a porta de um edificio está ligada ás respectivas couçoeiras.

Conseguintemente a Jerarquia ecclesiastica como a instituiu Nosso Senhor e a ultimou a Egreja, compõe-se: 1.º, do Papa; 2.º, dos Cardeaes; 3.º, dos Patriarcas ou Primazes; 4.º, dos Arcebispos; 5.º, dos Bispos; 6.º, dos Sacerdotes; 7.º, dos Diaconos; 8.º, dos Subdiaconos; 9.º, dos Acolithos, Leitores, Exorcistas e Ostiarios.

F. Como é bella esta ordem, como é bem entendida esta dependencia de um para com o outro! Mas poderão todos estes ministros sagrados, que compõem a Jerarquia ecclesiastica, estar sempre

de accordo, sem perigo de que um ensine o contrario do que ensina um outro?

P. Neste ponto, meus queridos filhos, redobra a maravilha. Os ministros, que constituem a Jerarquia ecclesiastica, acima acenada, estão todos e sempre perfeitamente de accordo uns com os outros. Em todos os recantos e pontos do globo, posto muito apartados de nós, os fieis, os clerigos e Sacerdotes estão sob a dependencia de seus respectivos Bispos, que se acham em communicação directa e immediata com o Summo Pontifice. Por isso nós e todos os catholicos dispersos pelas regiões mais remotas do universo, cremos as mesmas verdades ensinadas no Evangelho, recebemos os mesmos Sacramentos, praticamos a mesma moral, observamos os mesmos preceitos ecclesiasticos. De maneira que bem se póde dizer que os catholicos, embora disseminados pelas varias regiões do mundo, formam uma só familia sob a direcção de um só pae que vive em Roma.

VIGESIMA SEXTA PALESTRA

Autoridade dos Concilios.

P. Os ministros sagrados são nossos superiores, destinados por Deus a ensinar-nos o caminho da salvação. Deus assiste-lhes em modo todo particular: e se permanecerem em união com o Papa, jámais cairão em erro. Foi o mesmo Salvador que o disse claramente a S. Pedro: *Eu roguei por ti, ó Pedro, para que a tua Fé não desfalleça;* e aos Apostolos: *Prégae o Meu Evangelho a todas as na-*

ções e Eu estarei comvosco até á consummação dos seculos. Estes ministros de Deus assistidos em maneira particular, quando tratam questões difficeis e de muita importancia, costumam reunir-se para discutir em commum e conhecer melhor a vontade divina. Essas conferencias ou reuniões chamam-se *Concilios.*

F. Oh! *Deo gratias!* Agora comprehendemos o que sejam os Concilios; são portanto reuniões de ministros sagrados, convocadas para tratar coisas que dizem respeito á Religião. Não lhe parece que dissemos bem, papá?

P. Optimamente. Devo porém notar-vos que estes Concilios tomam diversos nomes, segundo o numero e a dignidade dos ministros que a elles assistem.

F. Quaes são esses diversos nomes?

P. Costumam commummente chamar-se Ecumenicos ou Geraes, Nacionaes, Provinciaes e Diocesanos.

F. Confessamos com toda a franqueza que precisamos de que o pae nos explique um por um todos esses nomes.

P. Sim, em poucas palavras vo-lo explico. O Concilio Ecumenico ou Geral é a reunião de todos os Bispos da Egreja Catholica; preside o proprio Papa em pessoa ou por meio de seus Legados.

De ordinario é neste Concilio que se decidem as grandes controversias sobre materia religiosa. O Concilio assim congregado representa toda a Egreja; e as suas definições, approvadas pelo Papa, são infalliveis e devem ser cridas como artigos de Fé. Se de facto, como dissemos ha pouco, a Fé de Pedro, ou do Papa, quando ensina, não

póde descambar em erro, com maioria de razão se deve isso affirmar, quando com o Vigario de Jesus Christo estão reunidos os demais Bispos, que fórmam a Egreja universal, assistida pelo Espirito Santo.

Os Concilios Nacionaes são a reunião dos Bispos de toda uma nação ou de um reino com o seu Patriarca ou Primaz.

Os Concilios Provinciaes são as assembleias dos Bispos de uma provincia ecclesiastica com o seu Arcebispo.

Finalmente os Concilios ou Sinodos Diocesanos são assembleias compostas do clero de uma diocese com o seu Bispo.

F. Bem nos quer parecer que em tantos Concilios, que se celebram, sempre ha de haver discrepancias e baralhadas; que uma assembleia decretará uma coisa contraria a quanto outra determina, caíndo-se por isso em erro.

P. E' coisa que não póde ser; porque, como já notamos, os Concilios Ecumenicos são sempre presididos e approvados pelo Papa, e portanto infalliveis; depois, nos outros Concilios os Bispos empenham-se e desvelam-se em que seus decretos sejam inteiramente em harmonia com o espirito da Egreja; e nas coisas de maior importancia mandam sempre a Roma suas decisões para obter a approvação do Papa.

F. Temos ainda nossas duvidas ácerca de alguns Concilios Ecumenicos, e esperamos que o pae no-las ha de desfazer. Já ouvimos dizer que num Concilio celebrado em Rimini e noutro convocado na cidade de Pistoia, se decretaram coisas mais tarde reprovadas pela Egreja. Que ha de verdade em tudo isso?

P. E' certo que nos Concilios de Rimini, Pistoia, e em alguns mais, fôram decretadas coisas erroneas; mas estes Concilios não eram Ecumenicos, não representavam por conseguinte a Egreja Universal. E assim, os decretos d'esses Concilios nunca obtiveram a approvação do Papa, antes por elle fôram condemnados, visto serem erroneos. E isso mostra precisamente a grande diligencia que a Egreja emprega para distinguir a verdade do erro, como admitte a doutriua verdadeira, e anathematisa os erros dos Papas e dos Concilios Ecumenicos condemnados. Mas ninguem ha capaz de provar que o decreto de um Concilio approvado pela Egreja tenha abraçado e professado o menor erro; porque os Bispos assim convocados e unidos ao Papa representam a Egreja universal, cuja autoridade é infallivel, porque communicada por N. S. Jesus Christo, que disse: *Eu estarei comvosco todos os dias até á consummação dos seculos:* **Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummatiouem saeculi.**

F. Como é então que nos Concilios acima mencionados se estabeleceram coisas erroneas?

P. Os Concilios de Rimini e Pistoia (que nunca fôram reconhecidos pela Egreja), prescreveram coisas erroneas, porque as autoridades civis mancommunadas com os herejes quizeram fazer de juizes nas causas religiosas; e chegaram ao ponto de lançar mão das violencias para constranger os Bispos catholicos a approvar as propostas dos herejes e das autoridades civis. Estas violencias cercearam a liberdade aos Prelados, que não puderam por isso julgar livremente. D'ahi vem, que estes Concilios se chamam mais propriamente Conciliabulos,

e como taes a Egreja reprova-os sem hesitações de especie alguma.

F. Nos primeiros tempos da Egreja celebraram-se Concilios?

P. Nos primeiros tempos da Egreja, ainda em vida dos Apostolos, houve três Concilios em Jerusalem; um para a eleição de S. Mathias, outro para a eleição dos sete Diaconos; o terceiro foi o que teve o seu verdadeiro nome de Concilio, e póde dizer-se Ecumenico. Este foi convocado afim de decidir se deviam continuar a observar-se certos ritos da lei de Moisés, ou se ao contrario deviam omittir-se. Para definir as coisas de maneira a ficarem todos satisfeitos, S. Pedro congregou os Apostolos e os Bispos. Na sua qualidade de Vigario de Christo e Chefe do Concilio, propoz a questão e pronunciou a sentença. Falaram alguns Apostolos, mas só para esclarecer e confirmar mais e mais a opinião de S. Pedro, a que todos unanimemente adheriram. Depois formularam um decreto concebido nestes termos: *Pareceu ao Espirito Santo e a nós não vos obrigar senão ás coisas, que julgamos mais necessarias.* Especificando depois quaes essas coisas, a que queriam ficassem obrigados os christãos, tornaram o decreto conhecido dos fieis, que o receberam como saído não só da bocca dos Apostolos, mas ditado pelo proprio Espirito Santo.

Na Sagrada Biblia vem minuciosa exposição ácerca d'este Concilio, que foi o modelo de todos os que nos seculos posteriores se vieram a celebrar.

F. Não é preciso mais para ficarmos capacitados da autoridade infallivel dos Concilios celebrados

na Egreja e sempre venerados pelos bons christãos; mas parece que em nossos dias correm as coisas d'outra maneira. A cada passo apparecem por ahi alguns a declarar que amam o Papa, que acreditam no Papa e querem pertencer á Egreja Catholica, governada pelo Papa; mas, entretanto, ai se alguem lhes fala em Concilios! oh! se ouvisse os despropositos que então vomitam e proferem, sobretudo quanto ao Concilio do Vaticano!

P. Infelizmente parece apanagio d'estes amaldiçoados tempos esse proferirem-se continuamente despropositos ácerca da Religião. Se esses taes creem no Papa, que é infallivel, quando fala aos christãos em nome de Deus, deveriam redobrar sua convicção e conformar-se mais inabalavelmente com as decisões dos Concilios Ecumenicos, nos quaes as questões são discutidas e definidas pelo Papa e por todos os Bispos reunidos. Recusando submetter-se ás decisões dos Concilios, mostram que não acreditam no Papa, juiz supremo dos Concilios, e nem sequer na Egreja, pois que os Concilios Ecumenicos representam a Egreja *Una, Santa, Catholica, Apostolica.*

Que dirieis vós d'um filho, que fizesse mil protestos de amor e fidelidade a seu pae, para depois desdenhar ou calcar aos pés as suas ordens? Que pensarieis d'um subdito, que affirmasse querer bem ao seu Rei, e só ter em vista o progresso e vantagens do reino, e depois desobedecesse ás leis propostas pelos ministros e approvadas pelo Rei?

F. Pensariamos e diriamos que um é mau filho, e o outro mau subdito.

P. Ora este pae é o Papa, e o seus filhos são todos os Christãos; o reino é a Egreja. O Rei su-

premo e invisivel é N. S. Jesus Christo, o Rei visivel é o seu Vigario, o Romano Pontifice. Agora fazei vós mesmos a applicação d'esta similhança.

F. A applicação é bella, e está feita por si mesma. Os que recusam observar as leis da Egreja são maus filhos do Papa, maus subditos da Egreja de Christo. E por isso aquelles, que não obedecem ao Papa nem aos Concilios Ecumenicos, são christãos transviados, a que não devemos dar ouvidos, evitando até acamaradar com elles, fugindo d'elles como de inimigos espirituaes. E agora, como o pae nos falou da grande autoridade dos Concilios, tenha a bondade de nos dizer se os herejes não têm tambem os seus Concilios.

P. Os herejes, visto que lhes falta um Chefe, que tenha autoridade para os convocar e dirigir, para definir as questões, com certeza que não pódem reunir um verdadeiro Concilio. E' verdade que já tentaram por mais de uma vez unir-se afim de discutir e estabelecer certos pontos de doutrina, mas tudo foi inutil; e depois das mais animadas discussões não fôram capazes de se pôrem de accordo para determinar e prescrever alguma regra a seguir em suas crenças religiosas.

F. Conte-nos a historia de algum d'esses Concilios.

P. Vou falar-vos do Concilio que os protestantes celebraram em Paris no anno de 1848. A 9 de setembro reuniu-se um sinodo, por que ha immenso tempo suspiravam os protestantes. O Pastor Monod, erguendo-se para discursar, affirma que a Egreja reformada já não possuia os seus dois primitivos caracteres, a saber: *Uma organisação presbiteriana*, e *uma confissão verdadeiramente christã;*

em seguida exhorta vivamente a assembleia a que se empenhe por reivindicar estes dois perdidos caracteres. Pois a 12 do mesmo mez o Pastor Coquerel protesta contra todos os actos do Concilio, declarando-os nullos e de nenhum effeito. Houve ainda muitas outras sessões, onde um dizia e outro desdizia, sem se chegar jámais a conclusão alguma. Nem é de esperar outra coisa, porque, podendo cada protestante crer o que lhe apraz e interpretar os pontos da Fé e da moral a seu talante, é impossivel que haja entre elles unidade de Fé e doutrina, ou que cheguem a estabelecer regras fixas de moral. E até resulta, da propria confissão dos pastores protestantes, que a Egreja Reformada não tem *verdadeiros sacerdotes*, nem uma regra de Fé *verdadeiramente christã*.

Os protestantes não têm verdadeiros sacerdotes, que só pódem ser ordenados e consagrados pelos Bispos; e como Calvino e Luthero não eram Bispos, não podiam communicar aos seus successores o caracter sacerdotal, nem nenhuma autoridade espiritual. D'ahi se segue que os pastores e os ministros protestantes não são de modo nenhum verdadeiros sacerdotes, e congregando-se em Concilio, fórmam uma assembleia de leigos, e não uma assembleia de sacerdotes e muito menos de Bispos unidos ao Vigario de Christo, unicos aos quaes foi dito: *Ide, ensinae: Ite, docete*.



SEGUNDA PARTE

Crenças ou seitas ainda hoje existentes, e que em diversas epocas se separaram da Egreja Catholica

PRIMEIRA PALESTRA

O Mahometismo.

P. Não ha para um catholico sciencia mais importante, do que aquella, que o instrue na sua propria Religião. Esta Religião, que apenas se conserva na Egreja Catholica Romana, devia ser em todas as maneiras odiada e combatida, nunca porém vencida. Em meio das mais sanguinolentas perseguições devia manter-se qual columna inabalavel, sempre visivel, sempre bella, sempre victoriosa, sem jámais lançar mãos de outras armas além da oração, da caridade e da paciencia. Esta sua firmeza e invariabilidade mantida desde Christo Senhor Nosso até hoje, não se póde attribuir senão á Omnipotencia de Deus.

Estabelecidos estes fundamentos da nossa Santa Religião Catholica, quero agora entreter-vos falando

ácerca de alguns acontecimentos curiosos, quer dizer, ácerca das crenças que em certas epocas se separaram da Egreja Catholica, a que até alli estavam unidas. Estas palestras agora são muito importantes, porque, vendo nós que a origem d'essas crenças é posterior á epoca dos Apostolos, segue-se logicamente que os sequazes d'ellas professaram a doutrina proposta pelos respectivos fundadores, e não a de N. S. Jesus Christo, a cuja Egreja nunca estiveram unidos.

F. Muito bem, muito bem. E' isso mesmo que nós ha muito tempo desejavamos saber. E quaes são essas crenças, que em certas epocas se separaram da Egreja Catholica?

P. Antes de vos falar de taes crenças, quero notar que, visto não terem os caracteres da divindade, lhes chamamos religiões falsas. E estas costumam reduzir-se ao Judaismo, á idolatria, ao Mahometismo e ás seitas christãs seguidas pelos gregos scismaticos, pelos russos, pelos valdenses, anglicanos e protestantes.

Da idolatria julgo desnecessario falar-vos, porque ou apenas existe entre alguns povos, ainda não beneficiados pelas luzes do Evangelho, ou naquelles reinos em que é religião official. Do Judaismo parece-me que já vos disse o sufficiente na primeira parte d'estas nossas palestras. Se quereis, continuo, e falarei das restantes religiões falsas a começar pelo Mahometismo.

F. Sim, sim: comece pelo Mahometismo e diganos o que se entende por essa palavra.

P. Por Mahometismo entende-se uma collecção de maximas tiradas da religião hebraica, da christã, do paganismo, com accrescentamentos, variações

e lendas, que na pratica destroem todo o principio da sã moral.

F. Quem deu origem ao Mahometismo?

P. Foi Mahomet, que o prégou no setimo seculo da era vulgar.

F. Oh! estamos mesmo mortos por ouvir falar d'esse tal Mahomet; diga-nos tudo o que sabe d'elle.

P. Alongar-me-hia demasiado se quizesse referir-vos tudo o que a historia diz d'este famoso impostor. Procurarei apenas dar-vos a conhecer quem fosse e como conseguiu fundar a sua religião.

Mahomet pertencia a uma celebre e antiga tribu da Arabia Feliz, então decadente e pobre. O pae d'elle era gentio, a mãe hebreia, e nasceu no anno de 570 em Mecca, cidade pouco distante do Mar Vermelho. Cioso de gloria, e na perspectiva de melhoria de condições, percorreu diversas terras, e em Damasco arranjou a ser agente de uma viuva que se entregava ao commercio, e com a qual veiu a casar-se. Era de uma refinada astucia, e valeu-se de suas mesmas doenças e ignorancia para fundar uma religião. Soffrendo de epilepsia, que é *mal caduco,* affirmava que os frequentes ataques, que lhe davam, eram outros tantos arroubamentos e extasis que o transportavam ao Céu, onde falava com o Arcanjo Gabriel.

F. Que impostor! Enganar a gente d'esta maneira! Talvez tambem tentasse fazer milagres para confirmar sua prégação...

P. Mahomet não podia fazer milagre nenhum em confirmação de sua religião, porque não era enviado por Deus, unico autor dos verdadeiros milagres; mas como se vangloriava de superior a

Christo Senhor Nosso, bem depressa lhe exigiram que, á Sua imitação, fizesse milagres. Elle respondia todo cheio de orgulho, que Christo sim empregara os milagres, mas que a elle cabia a missão de restabelecer a religião pela força. Comtudo gabava-se de ter praticado um; contava que, tendo-lhe um dia caído do céu um pedaço da Lua, na manga, elle a tornara a pôr no sitio. Em memoria d'esta ridicula impostura, os Mahometamos adoptaram por divisa o crescente, que fórma ainda hoje o distinctivo das bandeiras dos turcos e mahometanos. Não podeis conter o riso, meus filhos, e tendes razão; um homem d'aquelles devia considerar-se como um charlatão das praças, e não ser tido na conta de prégador de uma Religião nova. Foi mesmo por isso que chegou a passar por magico perigoso e rebelde, sendo condemnado á morte como perturbador da tranquilidade publica e profanador da religião do Estado. Mal porém soube que o haviam condemnado, fugiu e retirou-se para Medina acompanhado de alguns licenciosos, que o ajudaram a tomar posse da cidade. Esta fugida de Mahomet para Medina chama-se *Egira*, palavra que significa exactamente fugida; e é d'ahi que se conta a era musulmana, que corresponde ao anno 622 da era de Christo.

F. Em que consiste a religião de Mahomet?

P. A religião de Mahomet consiste numa monstruosa mistura de Judaismo, Paganismo e Christianismo. O livro da lei mahometana chama-se Alcorão, isto é, escriptura perfeita. Esta religião tambem se chama *Turca*, por estar muito espalhada na Turquia; *Musulmana* de Musul, nome que os mahometanos dão ao director da oração; *Islamismo* da

palavra arabe *Islam*, que significa *Religião que salva*, porque os mahometanos estão persuadidos de que só a sua Religião póde salvar. Esta crença toma ainda outros diversos nomes do nome de alguns dos seus reformadores; mas no fundo é sempre a mesma religião fundada por Mahomet (1).

F. Porque fez Mahomet no seu Alcorão uma mistura de tantas e tão diversas crenças?

P. Porque, sendo os povos da Arabia, uns judeus, outros christãos, e não poucos pagãos, Mahomet, para os arrastar a todos mais facilmente á sua seita, adoptou uma parte das crenças de cada um d'elles, tendo o cuidado de escolher aquelles pontos que todos com menos custo podiam entender, e que mais fomentavam os prazeres sensuaes.

F. Então, por força que Mahomet era um homem instruido!

P. Nada d'isso; até se crê que não soubesse ler

---

(1). Julgo opportuno accrescentar a explicação de muitas palavras que se acham frequentemente na historia mahometana, para assim facilitar a intelligencia da geographia, da historia e dos factos relativos áquella nação.

1.º *Alcorão* quer dizer *Leitura ou escriptura por excellencia*.. E' o codigo civil, militar, administrativo; mas inçado de mentiras, de puerilidades, de contradicções e coisas immoraes, tanto que foi condemnado pela Egreja Catholica, como contrario á Fé e aos bons costumes. Foi escripto em lingua arabe.

2.º *Beduino* — Os verdadeiros sarracenos de hoje são os beduinos, assim chamados de *badawa* ou *bedewi*, que quer dizer *habitantes do deserto*. A sua seita é a musulmana; mas têm o céu por mesquita, por sacerdote ou *iman* o pae de familia.

3.º *Califa* ou Vigario, é o que faz as vezes de soberano e ás vezes é o proprio soberano.

4.º *Gran-Sultão* — E' o nome do herdeiro do throno. Sultão, palavra arabe, *Selabat*, que quer dizer conquistador. Gran-Sultão significa grande conquistador. Osman foi o primeiro que teve o nome de Sultão (anno de 1389).

5.º *Musulmano* — de Musul, que quer dizer salvo.

6.º *Mahometanos*. — Os discipulos de Mahomet fôram chamados *mahometanos* do nome do seu fundador; Islamitas, isto é, sequazes de *Islam*

nem escrever, e que para compilar o seu Alcorão fosse coadjuvado por um israelita e por um monge apostata. Quando fala de coisas mencionadas na Historia Sagrada, confunde os factos; assim attribue a Maria, irmã de Moisés, muitas acções que dizem respeito a Maria, Mãe de Christo. Podeis por isto fazer uma pequena ideia de muitos outros dislates contidos naquelle livro.

F. E' boa esta! Se Mahomet era ignorante, nem fez milagre nenhum, como é que pôde propagar a sua religião?

P. Mahomet não propagou a sua religião com milagres ou pela força persuasiva da palavra, mas sim pela violencia e força das armas. Uma religião

---

ou do Islamismo, que significa « resignação a Deus »; e finalmente Turcos, de *Tuach*, filho de Japhet, do qual pretendem descender.

Os mahometanos obrigam os prisioneiros de guerra a professar o Alcorão ou a morrer; e noutro tempo, quando algum fazia tal confissão, exclamavam: *Muselmon!* (Salvo!).

7.º *Ottomanos* — tambem se chamaram assim de Otman, que foi tronco da familia dos Osmanl, na qual reside hereditariamente o poder. D'ahi o nome de Ottomano dado ao imperio, e o de ottomanos aos subditos do imperio turco.

8.º *Paschá* — Significa chefe; e são assim chamados os chefes militares e os governadores das provincias do imperio ottomano.

9.º *Sarracenos* é palavra derivada do arabe Saraka, roubar, saquear: porque a depredação entra nos costumes do paiz. Os sarracenos são antigos povos da Arabia. *Saraka* tambem significa *cavalleiro*, de uma das mais celebres tribus arabes, assaz afamada por sua dextreza em montar cavallos. Mais tarde os mahometanos tomaram tambem esse nome de sarracenos. Hoje os verdadeiros sarracenos são os beduinos.

10.º *Sublime-Porta*. — A porta principal do palacio do rei (serralho ou *seraz*, morada, palacio por autonomasia) chama-se *Porta augusta, Porta sublime*. Outr'ora á entrada da cidade havia um como tribunal, onde se resolviam os negocios de valor; d'onde veiu a palavra porta a significar poder. Tambem neste sentido se diz no Evangelho, ácerca da Egreja: *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam:* Que as portas do Inferno não prevalecerão contra Ella.

11.º *Visir*, de *Veser*, nome que significa conductor ou sustentaculo. Diz-se este nome aos ministros do imperio turco e a varios outros magistrados civis e militares, porque auxiliam o principe na administração e governo do imperio.

que favorecia toda a sorte de libertinagem, fez em breve Mahomet poderoso capitão de um terrivel exercito de bandidos. A' testa d'elles, percorria os paizes do Oriente, submettendo os povos não pelo poder da verdade, não por milagres ou prophecias que fizesse, mas agitando sobre a cabeça dos vencidos o argumento da espada e gritando: *Crê ou morres.*

F. Corja! Isso são lá argumentos para converter gente? Naturalmente, como Mahomet era tão ignorante, deve ter enchido o Alcorão de muitos erros grosseiros!...

P. O Alcorão não passa de um tecido de erros monstruosos contra a moral e contra o culto do verdadeiro Deus. Por exemplo, escusa de peccado os que negam a Deus por medo da morte; permitte a vingança e assegura aos seus proselitos um Paraiso, onde não ha senão prazeres e gostos terrenos. Numa palavra, a doutrina d'este falso propheta permitte coisas tão impias e obscenas, que a alma christã não se atreve sequer a falar nellas.

F. E como é que Mahomet terminou a sua carreira mortal?

P. Depois da Egira, isto é, depois de ter sido expulso da sua patria, Mahomet começou a propagar a sua crença por meio das armas. Para levar a cabo tal empreza, combateu e trucidou quantos pôde haver ás mãos, israelitas, idolatras e christãos, tornando-se senhor de quasi toda a Arabia e da Siria. Mas usando de crueldade sem freio algum, por ultimo tambem elle mesmo foi victima d'essa crueldade.

A 8 de junho de 632 fallecia na cidade de

Medina envenenado por um judeu de nome Zeina, que assim vingou a morte de um irmão e a sua nação, que Mahomet tinha destruido quasi por completo. Foi enterrado numa cova aberta por debaixo do leito onde expirara.

F. Que differença ha entre a Egreja Christã e a mahometana?

P. A differença é grandissima, como grandissima é a differença entre a luz e as trevas, entre o dia e a noite, entre o branco e o negro.

Mahomet estabeleceu a sua crença com as armas na mão; N. S. Jesus Christo fundou a Egreja com palavras de paz, servindo-Se dos Seus pobres e rudes discipulos. Mahomet fomentava e acalentava as paixões; N. S. Jesus Christo preceituava a abnegação de si mesmo. Mahomet não fez nenhum milagre; Christo Senhor Nosso fez um sem numero d'elles, em pleno dia e na presença de immensa multidão de pessoas. As doutrinas de Mahomet são ridiculas, immoraes e corruptoras; as de N. S. Jesus Christo são augustas, sublimes e purissimas sem confronto. Em Mahomet não se verificou prophecia nenhuma; em N. S. Jesus Christo cumpriram-se todas. Em summa, a Religião Christã torna o homem em certo modo feliz mesmo neste mundo, para depois o exalçar aos gozos do Céu; a de Mahomet degrada e envilece a natureza humana: fazendo consistir toda a felicidade nos prazeres sensuaes, reduz o homem ao nivel dos animaes immundos.

Não faz mister notar-vos que o Mahometismo não possue nenhum dos caracteres da Egreja de Christo, e nem Mahomet nem seus sequazes tiveram jámais similhante pretenção. Tambem ne-

nhum adepto da crença musulmana será jámais capaz de provar que haja dependencia ou relação entre o Mahometismo e a Egreja Catholica. E' uma coisa para todos bem clara; nunca ninguem affirmou nem póde affirmar que os mahometanos possam d'algum modo pertencer á Fé Catholica.

SEGUNDA PALESTRA

Scisma grego.

F. Ouve-se frequentemente falar de Scisma dos gregos e de Egreja dos Gregos. Pouco comprehendo d'isso, e os meus irmãos ainda menos. E o pae fazia-nos uma coisa muita agradavel, se nos contasse a historia d'esse Scisma.

P. Creio ser esta a primeira vez, que se me offerece ensejo de vos falar de scisma, e por isso parece-me bom dar-vos primeiro a significação da palavra. Scisma quer dizer *separação;* e quando dizemos *Scisma dos gregos* ou *Egreja scismatica,* entendemos uma parte dos gregos separados da Egreja Catholica.

F. Quer o pae dizer que todos os gregos são scismaticos?

P. Não, meus filhos. Uma parte consideravel dos povos gregos está em união com a Egreja Romana, e por isso pertence á verdadeira Egreja de Jesus Christo.

F. Como principiou este Scisma?

P. Este Scisma, ou separação de uma parte do imperio grego da Egreja Catholica, é attribuido á soberba de um Patriarca de Constantinopola chamado Phocio. Desde o quinto seculo, quando

Constantinopla era ainda capital do imperio romano, que os imperadores por vezes incitavam os Bispos d'aquella cidade a constituir-se Chefes da Egreja; mas como isto era rebellar-se contra a Egreja Catholica Romana, nunca nenhum se atreveu a fazê-lo.

Para tanto fazia mister um Phocio, de que vos falei acima. Este (seculo IX) era simples leigo, e secretario do Imperador, e nunca se havia consagrado ao estudo das coisas ecclesiasticas, e muito menos agenciara fazer provisão das virtudes necessarias a quem aspira á sublime dignidade do sacerdocio. Apesar d'isso, ambicioso como era, trabalhou por depor de sua séde a Santo Ignacio, homem exemplarissimo em todas as virtudes e qualidades, que pódem formar um grande prelado. Deposto, perseguido, desterrado, o homem de Deus com nada se desconcertou nem desfalleceu, continuando a combater intrepidamente os erros de Phocio. Este, por seu turno, como queria a todo o transe ser Bispo, renunciando ao logar de secretario, recebeu em seis dias, de um heretico, as ordens de Acolito, Subdiacono, Diacono, Presbitero, acabando por se coroar Bispo e Patriarca. Isto feito, Phocio, quer porque o Papa não queria approvar o modo illegitimo como elle fôra creado Bispo, quer pela ambição de se constituir chefe da Egreja, cortou todas as relações com o Romano Pontifice. Os Imperadores do Oriente, levados do prurido de se intrometterem nas coisas da Egreja, contribuiram muito para consummar e continuar este Scisma.

F. Este Scisma ficou consummado ainda em vida de Phocio?

P. Phocio começou-o por seus actos e escriptos; todavia os Patriarcas seus successores ainda se conservaram por algum tempo unidos á Egreja Romana, até que Miguel Cerulario, um dos successores de Phocio, impellido pelo mesmo espirito de orgulho, consummou o fatal Scisma, que ainda hoje conserva separados da verdadeira Egreja uma grande parte dos gregos.

F. E os Papas de então não empregaram esforços para trazer ao bom caminho aquelles heresiarcas?

P. Os Papas, e em modo particular Nicolau I, fizeram quanto póde fazer um terno pae para encaminhar bem seus filhos. O Summo Pontifice Nicolau escreveu muitas cartas a Phocio e ao Imperador de Constantinopla; mandou-lhe embaixadores, mas nada houve capaz de mitigar e domar o orgulho de Phocio. S. Leão IX tambem fez todo o possivel para impedir tamanha desgraça. Escreveu cartas cheias de doçura e affecto a Miguel Cerulario; quiz enviar embaixadores a Constantinopla para conferenciar e discutir com elle; mas Miguel Cerulario recusou-se a recebê-los, vivendo e morrendo na sua obstinação. Além d'isso, fizeram-se dois Concilios Ecumenicos, um em Lyon no seculo XIII, outro em Florença no seculo XV, para tentar a reconciliação dos gregos com a Egreja Romana. Mal porém os Prelados gregos chegaram ás suas sédes, tornaram a abraçar os erros de antes.

F. Quaes são os principaes erros dos gregos scismaticos?

P. No começo do Scisma o erro principal dos gregos consistia em não reconhecer a suprema

autoridade, outhorgada por Deus, no Summo Pontifice Romano. Mas a seguir caíram noutros muitos erros, e chegaram ao extremo de negar o Purgatorio e a divindade do Espirito Santo.

F. A Egreja grega de nossos dias conserva ainda a mesma unidade de fé, que tinha ao principiar o Scisma?

P. Seguramente que não; e quando uma Egreja se divorcia da autoridade infallivel da Egreja de Christo, não póde manter a unidade de doutrina. Torna-se similhante a um ramo separado do tronco. Por isso os que outr'ora, quando estavam em união com a Egreja Romana, professavam uma só Fé, um só Baptismo, um só Salvador, como quer S. Paulo, agora não têm o mesmo Chefe estabelecido por Christo Senhor Nosso, não têm as mesmas verdades por Elle reveladas, e até mudaram os ritos mais essenciaes. Assim, a Russia segue a Egreja grega scismatica, mas o Czar, ou Imperador, é o Chefe e juiz supremo das controversias religiosas. O mesmo Patriarcado de Constantinopla depende por completo do Sultão, ou Imperador dos turcos. Quando morre um Patriarca é a dignidade posta em almoeda ou leilão, e quem offerecer maior somma é preconisado Patriarca; de maneira que qualquer homem, embora seja devasso e ignorante, se possue dinheiro, póde tornar-se Patriarca scismatico de Constantinopla. Ora isto acarreta comsigo grandes desordens em materia de religião. E aquelles, que não quizeram prestar sujeição ao Vigario de Christo, que os dirigia e governava qual terno pae, são obrigados a obedecer a um infiel, que os governa tirannica e despoticamente.

F. Os gregos antes do seu Scisma acreditavam em tudo o que acreditavam os latinos, ou fieis do imperio do Occidente?

P. Sim. Antes do Scisma grego os latinos e os gregos em todos os Concilios Geraes e particulares professaram sempre a mesma Fé, e reconheceram unanimemente o Romano Pontifice como Chefe e Cabeça da Egreja Universal.

F. Os catholicos modificaram alguma coisa a sua Religião por occasião do Scisma grego?

P. Não a modificaram em nada; todas as verdades que acreditavam antes d'este Scisma, continuaram a professá-las depois, e ainda hoje as creem e professam.

F. Se os catholicos em nada mudaram a sua Religião, segue-se que a Religião de N. S. Jesus Christo se conserva intacta na Egreja Catholica; quem mudou e variou, fôram os gregos, que abandonaram a verdadeira Egreja.

P. E' mesmo como dizeis. E' uma verdade incontestavel. Nada variou a Egreja Catholica Romana, toda a mudança foi da parte dos scismaticos, que separando-se da unidade catholica, se separaram ao mesmo tempo da verdadeira Egreja de Christo. Esta observação, que é do Cardeal Gerdil, basta por todas para refutar os scismaticos gregos, e quantos herejes andam divorciados da Egreja, outr'ora sua Mãe.

TERCEIRA PALESTRA

Origem dos valdenses.

P. Não me alonguei muito a falar-vos das crenças dos mahometanos e dos gregos scismaticos, porque sendo seguidas em paizes muito afastados de nós, não corremos tanto perigo de ser por ellas illudidos. Do que vos quero falar mais detidamente, é da seita dos valdenses, porque, achando-se muito espalhados pelos valles de Lucerna, perto de Pinerolo, recentemente empregaram todos os esforços e todas as artimanhas para propagar seus erros, e póde muito bem ser que a cada passo nos achemos em contacto com elles, correndo assim o risco de ser contaminados de suas opiniões.

E' verdade que devo adduzir certos pontos de doutrina e de historia, que da melhor vontade deixaria para mais tarde, isto é, para quando tivesseis mais estudos, ou pelo menos maior conhecimento das coisas do mundo. Mas a alliança dos valdenses com os protestantes, os artificios, que estes empregam para recrutar adeptos entre os catholicos, levam-me á convicção de que é melhor provenir o mal, do que esperar que se forme a chaga para depois lhe applicar algum remedio. Distribuirei esta materia por varias palestras, e assim veremos: 1.º, que os valdenses não existiam antes de Pedro Valdo, seu fundador; 2.º, que os ministros valdenses usam de má fé, para enganar a seus proselitos; 3.º, que os valdenses estão fóra da verdadeira Egreja de Christo.

F. Perfeitamente; e nós desejamos mesmo saber

a verdadeira origem dos valdenses. Queira pois começar por dizer-nos alguma coisa interessante de Pedro Valdo.

P. Pois sim; e seguirei fielmente as memorias que ácerca d'elle nos deixaram escriptores contemporaneos, isto é, autores que viveram no tempo de Pedro Valdo ou pouco depois.

F. Por certo que esses deviam de saber a verdade toda; vamos pois a ver o que elles disseram de Pedro Valdo.

P. Pedro Valdo era um rico negociante de Lyon, que, aterrado por lhe caír morto aos pés um seu companheiro, vendeu quanto tinha e professou vida pobre, praticando quanto disse a um mancebo o divino Salvador: *Se queres ser perfeito, vae, vende tudo o que tens, e dá-o aos pobres*. Succedia isto no culo XII, ahi pelo anno 1160.

Tendo-se consagrado ao commercio, Valdo não pôde fazer grandes estudos, e por isso viu-se seriamente embaraçado quando se lhe metteu na cabeça divulgar as suas doutrinas religiosas. Como não sabia nada de latim, mandou que lhe traduzissem e explicassem o Evangelho em lingua vulgar, com algumas sentenças dos Santos Padres. Decorou algumas passagens, e com similhante arsenal de sciencia começou a prégar pelas praças das cidades, pelas villas e aldeias. Bem depressa homens e mulheres, rudes e ignorantes a mais não poder, se tornaram prégadores de suas maximas. O erro e o escandalo ganharam campo. O Arcebispo de Lyon advertiu a Pedro e seus discipulos, para que desistissem de sua louca empreza: mas os ignorantes facilmente se deixam tomar da presumpção, e a muito custo se submettem ao parecer dos outros.

Para que a doutrina dos novos prégadores fosse examinada por uma autoridade competente, deferiu-se a questão ao Papa, que, fazendo-a ponderar e meditar attentamente, a achou erronea, contraria ao Evangelho e á Egreja de Christo, e por isso a condemnou. Então os valdenses, tirando a mascara, recusaram obedecer, e começaram a proclamar que a Egreja Catholica havia caído em erro. Por via de sua obstinação, a Egreja condemnou e excommungou estes herejes, que assim se rebellavam contra ella; e fôram expulsos de Lyon pelas autoridades civis como perturbadores da ordem e da tranquillidade publica. Então muitos espalharam-se pela Provença, ao sul da França, outros pela Lombardia, e alguns refugiaram-se nos valles de Lucerna por volta do anno 1200. Foi assim que começou a seita valdense, assim chamada de Valdo, seu fundador.

F. Satisfez-nos cabalmente a exposição que acaba de fazer; porém como póde succeder que alguem nos pergunte em que livro se acha a historia dos valdenses, tenha a bondade de nos indicar alguns, mas de autores, como nos disse ha pouco, contemporaneos da origem dos valdenses.

P. Não vos apontei os historiadores valdenses, porque é difficil achar os seus escriptos, nem talvez tivesseis tempo para os ler; todavia, se vos fôr possivel, e tiverdes vagar, percorrei os autores de historia ecclesiastica, [1] principalmente um precioso livro de Mons. André Charvaz, intitulado

---

[1] A proposito dos valdenses merece ser lida a erudita e popularissima obra do Padre João Perrone, que tem por titulo: *I valdesi primitivi, mediani e contemporanei*. O Padre Perrone é assaz conhecido pelo seu vasto saber em materia de historia e Theologia, e mui principalmente nas controversias dogmaticas.

Origem dos valdenses. Podereis ver ahi exposta a origem e a doutrina dos valdenses, e a refutação victoriosa e esmagadora de seus principaes erros.

F Não é isso que queremos saber agora. O pae disse que, para nos falar da origem dos valdenses, queria valer-se das memorias de autores contemporaneos de Pedro Valdo. Ora nós desejavamos saber quem são esses autores, para os ler quando tenhamos vagar, se não são livros prohibidos. Assim ficamos com mais cabal conhecimento da origem d'esta seita; porque, visto que não descendem de Christo Nosso Senhor, é facil a quemquer tirar a conclusão de que não se pódem achar na Sua Egreja.

P. E' difficil que vós possaes ler e comprehender similhantes autores; tanto mais que são em latim, ou noutras linguas, de que ainda não fizestes grandes estudos. Vou comtudo fazer-vos a vontade.

O mais antigo dos escriptores que falam dos valdenses, é o Padre Bernardo, de Fontecaldo, contemporaneo de Pedro Valdo, e que compoz por fins do seculo VII um *Tratado contra os valdenses,* onde diz, entre outras coisas: *Sendo a Egreja governada por Lucio III surgiram os valdenses, novos herejes, que fôram depois condemnados pelo Papa num Concilio celebrado na cidade de Verona em 1185. Alano dell'Isola,* homem de vastissima erudição, e que por seu saber mereceu o cognome de *doutor universal,* escreveu uma obra intitulada *Da Fé Catholica,* na qual chama aos valdenses *herejes do seu tempo, assim denominados do seu heresiarca Pedro Valdo.* Por fins do seculo XII e principio do seculo XIII appareceram muitos

outros escriptores. *Eberardo de Betunu*, *Pedro de Valcerney*, e sobretudo *Estevão de Bellavilla*, da ordem Dominicana, descrevem minuciosamente o tempo, o logar e outras circumstancias do apparecimento dos valdenses, e a sua proveniencia de Pedro Valdo. O mesmo escreveu o famoso Moneta, professor de philosophia por meiados do seculo XIII, o qual diz terminantemente que a seita valdense não existia antes de Pedro Valdo. *Rayneri Sacco*, Dominicano, *Pedro Policdorfio*, celebre professor de Theologia, escreveram por fins do seculo XIII, e fazem identica affirmação. Em summa, se fôrmos a ler todos os escriptores, que pelo espaço de duzentos annos falaram dos valdenses, todos concordam nisto, que elles não existiam antes de Pedro Valdo e que foi este que deu origem á sua seita.

QUARTA PALESTRA

Continua o mesmo assumpto.

F. Gostamos muito da exposição que nos fez, ácerca da origem dos valdenses; se pudessemos haver á mão todos os livros que o pae nos diz, e tempo para gastar na sua leitura, com certeza que não deixariamos de os ler; mas não é ainda isso o que queremos. Desejariamos que o pae nos citasse uma passagem de algum d'esses autores, uma passagem extensa, onde viessem as circumstancias, que acompanharam a origem dos valdenses. Como o pae conhece perfeitamente esses autores, muito gosto nos dava se fizesse tal citação.

P. Posto que, para vos citar uma passagem bastante extensa de qualquer de taes autores, me seja forçoso repetir coisas já ditas, todavia para satisfazer a vossa louvavel curiosidade, e tambem para que possaes dizer a quemquer que seja, que os valdenses não descendem de N. S. Jesus Christo, nem dos Apostolos, mas de Pedro Valdo, vou ler-vos neste livro quanto diz o já mencionado *Estevão de Bellavilla* a respeito da origem d'esta seita.

Os Valdenses, vêde como escreve, *receberam esta denominação de Pedro Valdo, primeiro autor d'aquella heresia. Tambem se chamam* Pobres de Lyon, *pois foi ahi que começaram a professar pobreza. Chamam-se a si mesmos pobres de espirito, por isso que o Senhor diz: Bemaventurados os pobres de espirito! E são-n'o devéras, porquanto lhes faltam todos os bens espirituaes e toda a graça do divino Espirito Santo. Esta seita começou do seguinte modo, como eu vim a saber de muitas pessoas, que viram e conheceram os primeiros valdenses, e de um sacerdote chamado Bernardo Idros, que gozava de grande reputação e vivia ao tempo de Pedro Valdo. Contava pois este Sacerdote, que sendo ainda moço e copista, escrevera por uma determinada quantia, em lingua romanica* (lingua falada vulgarmente naquelle tempo), *e para uso de Pedro Valdo, os primeiros livros que tiveram os valdenses, ditando-lh'o se vertendo-lh'os do latim um grammatico chamado Estevão Ansa, que foi meu intimo, e morreu repentinamente caíndo do telhado de uma casa que para si andava em construcção.*

Um homem rico da cidade de Lyon, por nome Valdo, ouvindo ler o Evangelho, como era pouco illustrado, e não podia entender o seu sentido, ardendo

em desejos de o saber, fez contracto com os ditos dois Sacerdotes de dar determinada quantia, a um, para que lh'o vertesse do latim em vulgar; ao outro para que escrevesse aquillo que o primeiro ditava. E fez-se isto não só com o Evangelho, mas com muitos outros livros da Biblia, e passagens selectas das obras dos Santos Padres. Lendo estas coisas o mencionado cidadão e procurando gravá-las bem na memoria, fez o firme proposito de observar a perfeição evangelica como tinha feito os Apostolos. Para isso vendeu todos os seus haveres, e seguindo probreza e desprezando o mundo, deu todo o seu dinheiro aos pobres, e aconselhando-se só com o seu orgulho usurpou o officio dos Apostolos.

Aprendera o Evangelho e algumas coisas mais, que prégava pelos caminhos e praças publicas, levando muitos homens e muitas mulheres a fazer o mesmo. Costumava mandar estes deante a prégar, e valia-se dos trabalhos de homens empregados nos misteres mais baixos, sem distinguir entre homens e mulheres, entre ignorantes ou letrados. Estes percorriam as aldeias, entravam nas casas, prégavam ao ar livre e nas egrejas, incitando os outros a fazer a mesma coisa. Como a sua audacia, presumpção e ignorancia não achavam obstaculos, disseminaram muitos erros e muitos escandalos, por modo que João, Arcebispo de Lyon, prohibiu-lhes terminantemente que d'alli por deante se mettessem a interpretar a Sagrada Escriptura, e a prégar. Mas elles, recorrendo á resposta dos Apostolos, como se Valdo se houvera tornado um outro S. Pedro, recalcitravam arrogantemente: Convem obedecer a Deus, e não aos homens, *para se cumprir o preceito imposto aos Apostolos:* Prégae o Evangelho a toda a creatura. *Como se o Senhor*

lhes houvesse confiado aquella missão a elles e não aos Apostolos, e como se os Apostolos tivessem prégado antes de receber os dons do Espirito Santo.

Por isso Valdo e os seus adeptos, reus de presumpção e de usurpacção do ministerio apostolico, cairam na desobediencia, e d'ahi na contumacia, sendo por fim proferida contra elles a sentença de excommunhão. Postos depois fóra da cidade de Lyon, fôram citados a comparecer perante um concilio em Roma, e como ahi perseverassem em sua pertinacia, fôram condemnados como scismaticos.

Então, colligando-se com outros hereticos, espalharam-se pela Provença e Lombardia, e, recolhendo e disseminando por toda a parte novos erros, tornaram-se os mais hostis e perigosos de todos os herejes. Sob color de Fé e santidade, de que não tinham senão apparencias, tornaram-se tanto mais perigosos, quanto mais occultos, mudando de trajo e de costumes, e valendo-se de mil artificios e ardis, para espalhar os seus erros. Agarrado em certa occasião um dos chefes, verificou-se que trazia comsigo muitos instrumentos e roupas, com que se disfarçava aos olhos dos outros, e se transformava quasi novo Prothea. Se desconfiasse que andavam á cata d'elle, vestia-se immediatamente d'outra maneira. Umas vezes apparecia vestido de peregrino com dixes e divisas; outras, tinha cordão de eremita, e disciplina de ferro; aqui fingia-se remendão de sapatos, alli barbeiro ou ceifador. Os outros da seita adptavam expedientes identicos. Esta seita começou ahi pelo anno 1180 da Incarnação do Senhor, sendo Arcebispo de Lyon João Bolisman.

F. Ah! mutio bem! Muito folgamos com saber essas circumstancias que se referem á origem dos

valdenses. Oh! que triste pintura fazem d'elles! Mas pelo que expõe Estevão de Bellavilla, e com elle contam os outros autores, podemos observar que elle fixa a origem dos valdenses em 1180. Ora, como se póde conciliar esta asserção com a dos que dizem que Pedro Valdo se manifestou em 1160?

P. Isso são contradicções apparentes, porque, quando temos a certeza d'um facto, pouco importa que haja alguma discrepancia na fixação da data em que elle se deu. Por outro lado, deveis saber que estes autores, não estão de accordo sómente quanto á verdade dos factos, mas tambem em fixar o apparecimento dos valdenses a unica differença está nisto, que uns falam dos valdenses a partir do tempo, em que Pedro Valdo iniciou sósinho a propaganda da sua doutrina, que foi em 1160; ao passo que outros dão começo á historia de Valdo desde o tempo, em que se metteu a percorrer as cidades e as aldeias com numeroso sequito de adeptos e companheiros, isto é, desde 1170; ha emfim alguns autores, que começam a estudar os valdenses a contar da epoca, em que fôram condemnados, isto é, de 1180 e 1185.

Mas todos se acham perfeitamente de accordo em affirmar que Pedro Valdo foi o fundador da seita dos valdenses, e que antes d'elle ninguem teve conhecimento de tal seita. Fixada assim a origem dos valdenses, e certificados nós de que foi Pedro Valdo quem lhes deu origem, e de que desde N. S. Jesus Christo até Valdo, ou seja pelo espaço de quasi 1200 annos, nunca se ouviu falar em valdenses, segue-se muito naturalmente que elles fazem parte de uma sociedade constituida por Pedro

Valdo, a qual não tem relação nenhuma com a Religião fundada por N. S. Jesus Christo.

Os ministros protestantes, e em modo muito particular os ministros valdenses, bem conhecem a importancia de fazer remontar a origem da sua crença até N. S. Jesus Christo; e, para serem bem succedidos nesse intento, de tudo se valem afim de mostrar que ella é anterior a Pedro Valdo; apesar porém dos seus esforços, apenas conseguem revelar mais e mais a sua má fé, e manifestar claramente que não procedem senão de Pedro Valdo.

QUINTA PALESTRA

Má fé dos ministros valdenses.

F. Reflectindo maduramente sobre quanto o pae nos declarou ha poucochinho sobre a origem dos valdenses, diziamos cá para comnosco: Se os valdenses procedem de Pedro Valdo, claro que não procedem de Christo, e se não consideram a Christo como Chefe, não se acham na verdadeira Egreja. Por outro lado accrescentavamos: Os valdenses não nos parecem tão desassissados, que não reconheçam esta grande verdade. E por isso tiravamos esta natural consequencia: ou que elles são muito ignorantes, ou que são solemnemente illudidos pelos seus ministros; porque queremos crer que não ha sequer um valdense, que, sabendo da origem da sua seita, não seja forçado a concluir que os que vivem na sociedade fundada por Pedro Valdo não pódem pertencer á Egreja de Jesus Christo.

P E' essa uma conclusão legitima, a que até

hoje ninguem foi, nem será jámais capaz de dar resposta razoavel. Perguntou-se muitas vezes aos ministros valdenses: onde estava a vossa Egreja antes de Pedro Valdo? O que vem a significar: Se vós, ó valdenses, antes de Pedro Valdo não tinheis egreja, não resta duvida do que a vossa religião é de Pedro Valdo, é de um leigo que não recebeu de Deus a missão de prégar, é de um desertor da Egreja Catholica; e por conseguinte a vossa crença não é a de N. S. Jesus Christo, que qual deve ser universal e visivel em todos os tempos. professar a doutrina do Evangelho, receber os homens de todos os tempos, e em todos os tempos acceitar e receber os Sacramentos instituidos por N. S. Jesus Christo. Tudoisto se deve fazer em todo o tempo, em todos os dias até ao fim do mundo: *Omnibus diebus usque ad consummationem sæculi.*

F. Naturalmente os mais doutos d'entre os valdenses, os seus ministros, sabem dar resposta conveniente a similhante pergunta...

P. Estaes bem enganados: nenhum d'elles foi jámais capaz d'isso; e para contentar e conter na seita os seus adeptos, procuram com engenhosos embustos e argumentos filiar a sua origem em N. S. Jesus Christo; e não querendo reconhecer a Pedro Valdo por seu fundador, acabaram por affirmar peremptoriamente que são successores dos Apostolos!...

F. Successores dos Apostolos?!... Uma coisa é dizê-lo, outra coisa é prová-lo; pódem adduzir argumentos para provar que são anteriores a Pedro Valdo?

P. Não pódem, não têm um unico argumento para o provar.

F Todavia apresentarão alguma prova apparente e capciosa.

P. Para provar a sua antiguidade, recorrem a lendas, a nomes imaginarios, mutilando ou adulterando os autores, que escreveram a verdadeira historia dos valdenses.

F Ora essa é que boa! Então mutilam ou adulteram os autores que escreveram a sua historia?! Então os catholicos e os mesmos valdenses serão tão estupidos e ignorantes, que vão crer cegamente nas suas historietas, sem verificar se falam verdade ou mentira?

P. Meus bons filhos, não vos admireis. O erro apoia-se sempre na mentira: e aquelles que, alcançada a devida licença, leem e confrontam os livros dos herejes, encontram sempre nelles um acervo de falsidades. E por isso, sempre que ouvirdes ou ler des coisas escriptas pelos hereticos, incredulos, ou maus catholicos contra nossa santa Religião, dizei logo sem receio de errar: *Estes não dizem a verdade; apenas procuram enganar.*

F. Sincera e inteiramente o cremos, querido pae; nem póde ser d'outra maneira: mas em todo o caso sempre queriamos que o pae nos mostrasse por algum exemplo como é que os ministros valdenses tentam provar a antiguidade da sua egreja.

P. Falar-vos-hei a seu tempo dos protestantes; por agora só quero referir-me aos valdenses. E tenho a dizer-vos que todos os seus escriptores, para demonstrar que a seita é anterior a Pedro Valdo, amontoaram tantas falsidades, e dislates, que é uma coisa incrivel. E como temos ahi em nossos dias um escriptor, que elles affirmam ser o mais douto de quantos escreveram antes d'elle,

e que recolheu e compilou quanto se póde saber de bom e de bonito ácerca dos valdenses, porei os restantes de parte para só d'elle me occupar.

F. Quem é este escriptor moderno tão famoso, que vive entre nós e ensina os erros dos valdenses?

P. E' Mr. Amadeu Bert, ministro do culto valdense, capellão em Turim da legação protestante.

F. Caspité! Escriptor, ministro, capellão!.. Deve dizer muitas coisas bonitas a respeito dos valdenses.

P. Este homem — quem o havia de crer? — diz e faz imprimir desconchavos enormes e sem conta ácerca dos valdenses.

F. O quê? Um ministro dizer e imprimir asneiras? Vamos aos factos, papá, e mostre-nos essas *bellezas*.

P. Mostro-vos os seus dislates por suas mesmas palavras. Num grosso volume a que deu por titulo *Os Valdenses,* é difficil poder ler uma pagina sem nella achar contrasensos, contradicções, erros de chronologia e citações, que não se encontram em nenhum livro ou autor. E como os valdenses pelo andar dos tempos se uniram numa só seita com os protestantes, a seu tempo farei a refutação e de seus erros. Falando agora da origem dos valdenses, sempre vos quero apontar alguns dos enormes despropositos accumulados no livro ha pouco mencionado. Querendo fazer remontar a origem dos valdenses aos Apostolos, ou aos primeiros tempos da Egreja, e não sabendo de que traças se valer para saír da difficuldade, o ministro Bert soccorre-se, não de autores da sua seita, mas até de autores catholicos, e sem ceremonias

nem escrupulos de especie alguma faz-lhes dizer o contrario do que elles escreveram.

F. Que autores são esses?

P. São muitos os auctores que elle traz á collecção. Eu só escolho três: Policdorfio, Marco Aurelio Rorenco, prior de Lucerna, e Claudio Seyssel, Arcebispo de Turim.

F. Vejamos o que dizem esses escriptores a proposito da antiguidade dos valdenses.

P. Começarei com Policdorfio, douto professor de Theologia, que viveu por fins do seculo XIII. Notae attentamente as palavras que Bert lhe attribue no seu livro, que são estas: *Trezentos annos depois de Constantino Magno appareceu um homem do paiz, Valdo, que prégou a pobreza e foi o propagador da seita valdens.* Observe-se que, mesmo admittindo o que o ministro dos valdenses attribue a este autor, elles remontariam até ao seculo VII, e não até Jesus Christo.

F. Mas traduzirá pelo menos com exactidão o pensamento do autor?

P. Dizei antes que expõe exactamente o contrario do que deixou escripto aquelle autor, que declara muito terminantemente que são mentirosos os que avançam taes asserções. *Esta,* assim Policdorfio, *é a origem dos valdenses. Oitocentos annos depois de S. Silvestre, no tempo do papa Innocencio II, um certo Pedro Valdo, lendo ou ouvindo ler a Sagrada Escriptura, veiu-lhe á cabeça renovar a vida apostolica.* E depois de se referir á prégação de Valdo, continua: *Falseiam por completo a verdade os que affirmam, que a seita dos valdenses data do tempo de S. Silvestre: mentiuntur ergo coram simplicibus, mentiuntur quod ex tempore Silvestri sectae*

eorum duraverint». Ora se Policdorfio alcunhava de mentirosos os valdenses, que pretendiam para a sua seita uma origem anterior a Pedro, não podemos nós com toda a razão extender esse titulo a quem falsifica e mutila descaradamente a opinião d'este mesmo escriptor?

F. Bravo, senhor ministro! (1) Boa maneira de ensinar a verdade da Religião, não ha duvida! Póde ser que elle tenha perfilado ás cegas as mentiras de outros escriptores; mas naturalmente já não foi assim quando citou os dois restantes escriptores, de que o pae nos vae falar de seguida. Tenha pois a bondade de nos dizer o que attribue ao prior de Lucerna, Marco Aurelio!

P. O nosso ministro assevera que o prior de Lucerna dá aos valdenses o cognome de *Apostolicos;* e obriga-o a concluir por estas palavras: *Acerca de sua origem nada está averiguado de certo; nos seculos* IX *e* X *não era seita nova; essa seita existiu sempre e em todos os tempos no valle de Angrogne.*

F. O' meu pae, mas elle interpreta o sentimento do autor? Que lhe parece?

P. Meus bons filhos, já vos disse que os inimigos da nossa Religião, como não pódem averiguar e constatar a verdade da sua, são obrigados a fundamentar em erros os seus sisthemas; e proce-

---

(1) O autor d'estas *Palestras* julga de sua obrigação accentuar que as phrases, que emprega, e a alguem poderão parecer demasiado energicas, apenas se referem aos escriptos, e não tocam nas pessoas adstrictas á seita dos valdenses, ás quaes professa o devido respeito, assegurando-lhes que não deixará, em união com os bons catholicos, de impetrar para elles as benções do Céu, para que gozem uma vida ditosa, e lhes caiba a ventura de conhecer a verdade e segui-la em ordem á salvação de sua alma.

dem nisto com tão refinada má fé que, á falta de razões, não têm escrupulo de adulterar o sentido dos escriptores ecclesiasticos, como alteram o sentido da Biblia e dos Santos Padres.

F. Então o ministro valdense aqui tambem não expoz a verdade?

P. Olhae. Tenho aqui á mão o livro do celebre Marcos Aurelio Rorenco, prior de Lucerna. Vamos lê-lo juntos, e confrontemos o que lhe faz dizer Amadeu Bert com o que elle realmente escreveu. Assim ficaes a conhecer a má fé que se aninha no espirito d'este ministro.

Bert affirma que o prior de Lucerna dá aos valdenses o titulo de Apostolicos isto é, descedentes dos Apostolos.

Primeira mentira. O prior de Lucerna nada diz ácerca da Apostolicidade dos valdenses. Até diz, pelo contrario, que elles se manifestaram em 1160.

Bert faz dizer ao prior de Lucerna: *Ácerca de sua origem nada está averiguado de certo.*

Segunda mentira. O prior de Lucerna exprime-se com a maior clareza nos seguintes termos: *Os valdenses, para demonstrar a sua antiguidade, dizem-se descender de Valdo, que começou a crear para seu uso uma nova doutrina em 1160.*

Bert segue: *Nos seculos* IX e X *não era seita nova.*

Terceira mentira. Marcos Aurelio Rorenco affirma isso dos iconoclastas e de outros herejes, sem dizer palavra dos valdenses.

Bert continua: *Essa seita existiu sempre e em todos os tempos no valle de Angrogne.*

Quarta mentira. Rorenco, depois de acenar ao apparecimento de Pedro Valdo em 1160, accrescenta: *Ha quem pretenda que alguns dos valdenses*

ou pobres de Lyon, expulsos de Lyon, se retiraram então (1160) para o valle de Angrogne; mas eu creio que elles se confinaram sómente no Delphinado. Parecem-me tão claras as palavras d'este douto escriptor, que é preciso mesmo possuir uma boa dose de má fé para lhe fazer dizer quanto lhe attribue o supradito ministro valdense. Ora ahi tendes, meus queridos filhos, num só texto quatro mentiras das mais claras e petulantes. Por este panno de amostra já vós podeis avaliar que credito se póde dar aos panegiristas do culto valdense!

F. O' meu pae, isto é mesmo de causar nojo e indignação... Como assim? Um escriptor de polpa, um ministro, um capellão dos valdenses, numa terra onde ha tantos homens eruditos, tantos litteratos, préga-nos descaradamente com quatro mentiras só em três linhas! Oh! que grandesissimo impostor! Oh! impudentissimo trahidor e falseiador da verdade!

P. Não, meus bons filhos, moderae vossa indignação; nós outros os catholicos não devemos usar expressões d'essas. As nossas palavras devem ser sempre ditadas pela caridade christã; para longe as injurias, para longe as insolencias. Censuremos e combatemos os erros, mas respeitemos sempre as pessoas. E até devemos pedir incessantemente a Deus que use misericordia com os valdenses e com todos os protestantes, para que, illuminados pelo Espirito Santo, possam conhecer a verdade e voltar ao seio da Religião Catholica, de que os seus antepassados desavisadamente se afastaram.

SEXTA PALESTRA

Outras provas da má fé dos ministros valdenses.

F. Desde que deixamos o pae a ultima vez, ficamos cá a pensar, e estavamos admirados e como que abismados, ao ver as vergonhosas mentiras engendradas pelos ministros valdenses para demonstrar ás massas ignorantes a sua antiguidade. Oh! se nós pudessemos, iriamos ter com todos os valdenses, dizendo-lhes: Valdenses, abri os olhos, que os vossos ministros, aquelles que se encarregaram de vos guiar pelo caminho da verdade, trazem-vos enganados. Attentae no que dizem; ponde de quarentena os seus testemunhos; não vos fieis nelles, que o seu fim é arrastar-vos ao engano, em que elles mesmos vivem. Recordae-vos da terrivel sentença do divino Salvador, que disse: *Se um cego conduz a outro cego, ambos cáem no abismo*».

P. Quem segue similhantes ministros tem justamente a sorte do cego, que se deixa guiar por outro cego: cáem juntos ao abismo, como se lê no Evangelho. No nosso caso, diremos que aquelles, que seguem os ministros no erro, com elles caém no erro, e com elles se vêm a perder miseravelmente.

F. Os ministros, esses sim; mas por certo que não se perderá quem os segue; pois como poderão os simples fieis investigar e conhecer a má fé dos seus ministros?

P. E comtudo, meus caros, o Senhor exprime-se precisamente assim: *Se um cego conduz a outro*

cego, ambos cáem no abismo: Si caecus coeco ducatum praestat, ambo in foveam cadunt. Naturalmente abre-se excepção para os que se acham em boa fé, e vivem persuadidos de que seguem o caminho direito da salvação; mas os outros, que não se acham nessas condições, esses por certo que se perdem.

F. Pobres valdenses! Por que homens são guiados e instruidos! Mas o pae, ao acenar-nos o modo como os valdenses adulteram as opiniões dos escriptores, apontou-nos principalmente três: já nos falou de Policdorfio e do prior de Lucerna; diga-nos tambem alguma coisa, pouco que seja, de Claudio de Seyssel.

P. Da melhor vontade vos falarei d'este douto Prelado, porque foi muitos annos Arcebispo de Turim (1).

Como naquella epoca os valles de Lucerna estavam incorporados na diocese de Turim, emprehendeu visitá-los demoradamente; empenhou-se por isso em inquirir e desvendar com todo o seu zêlo e actividade as doutrinas, a historia, os ritos,

---

(1) Claudio de Seyssel, de familia nobilissima, era natural de Savoia. Foi jurisconsulto muito douto e eloquente, como provam os numerosos livros de jurisprudencia e historia antiga que publicou. Exerceu o cargo de Referendario e Conselheiro de Luiz XII, rei de França, e foi pelo mesmo rei enviado, na qualidade de Legado, ao Concilio de Latrão. Nomeado primeiramente Bispo de Marselha, foi depois Arcebispo de Turim, em cuja Universidade, antes de eleito para aquella séde episcopal, leu Direito com grande brilho e reputação. Jaz sepultado na sacristia da egreja Cathedral, onde se acha tambem sua estatua; e sobre a lapide de marmore que lhe cobre o tumulo, vê-se uma inscripção latina, que diz assim: *A Claudio Seyssel, Conselheiro Referendario de Luiz XII, Rei dos francezes, prégador eloquentissimo, do mesmo, embaixador perante quasi todos os Principes christãos, Bispo de Marselha, Arcebispo de Turim, juris-consulto consummado, erigeu o Cabido este monumento, como a pae muito amado.* Morreu a 1 de junho de 1520 ».

as ceremonias e indole dos valdenses, no intuito de os poder mais convenientemente instruir, e converter á fé de seus antepassados.

F. E este illustre Prelado não confirma o que refere o mencionado Mr. Bert? Ah! mas, a falar a verdade, essa gente devia ao menos ter um bocadinho de respeito a um Arcebispo!...

P. Pelo contrario, é mesmo d'este insigne escriptor, que elles se valem mais, para dar algum pezo á sua pretendida antiguidade.

F. Vejamos portanto o que diz dos valdenses o Arcebispo de Turim.

P. Aqui está o seu livro, que tem por titulo: *Controversias contra os erros dos valdenses*. Bert (1) e os outros ministros valdenses dão-n'o por autor d'estas palavras: *No parecer da maior parte dos autores, elles descendem de um certo Leão, homem piedosissimo, do tempo de Constantino Magno.*

Escutae porém quanto diz este Prelado. Eu leio-vos em portuguez o que elle escreveu em latim ácerca da origem dos valdenses: *Antes de tudo*, diz elle, *é bom conhecer a origem d'esta seita, para que todos saibam que não provem de nenhum homem de fama nem de valor. Porque este seu fundador era homem de tão baixa extracção, tão obscuro e pobre de scien-*

(1) As mentiras já apontadas e outras, que iremos apontando, são tiradas dos escriptos d'este mi istro, e reproduzidas por Leger, Peyrau, Muston, e em geral por todos os valdenses e protestantes. João Leger é tambem autor ou, melhor, inventor das lubricas calumnias, em que attribue aos catholicos as perseguições contra os valdenses, quando a verdade é que os valdenses fôram rebeldes ao seu Soberano, pegando em armas contra elle, e obrigando-os a marchar contra elles com as suas tropas. Na peleja houve muitos feridos e muitos mortos de parte a parte; mas isso não foi por motivo de religião, mas sim de rebellião — V. João Perrone, obra citada *I Valdesi*, etc.

cia, e tão pouco estimado, que nem os mesmos discipulos se atrevem a proferir o seu nome. Não resplandeceu pela santidade da sua vida, nem pela illustração; não era notavel por esplendor de virtudes ou milagres. A sua unica celebridade vem de ter dado o seu nome á mais nociva e impia das seitas que jámais houve. Valdo, segundo é voz commum, dizia-se e era cidadão de Lyon, d'onde, como de fonte primeira, derivou o contagio d'esta pestifera seita. Apesar d'isso, Alguns *que querem passar por arautos e campeões d'esta heresia, para captar o favor do povo rude, que não percebe nada de historia,* Pretextam e pretendem *que esta sua seita derive de um certo Leão, homem de muita piedade, que vivia sob Constantino Magno. Que invenção póde haver mais infundada que esta? Como póde ser que entre tantos autores dignos de fé, assim gregos como latinos, que viveram naquella epoca ou pouco depois, nenhum tenha feito menção d'esse tal Leão? Basta este só argumento para provar que esta heresia não começou nesse* Imaginario Leão, *nem noutro homem de saber, fama e santidade, mas sim procede do já dito cidadão de Lyon chamado Valdo. Este, como andasse com designios de fundar uma nova Religião, primeiro attrahiu a si alguns homens e mulheres, simples e ignorantes, servindo-se para isso de falsas interpretações da Sagrada Escriptura; e sob capa de pobreza e santidade principiou a espalhar não poucos erros por aquella cidade e seus arredores. Em seguida, (como é proprio da natureza humana, sempre anceiando pelo que é novidade), cresceu o numero dos seus proselitos, a ponto que fôram declarados hereticos, e como taes tiveram de abandonar com seu chefe a cidade de Lyon. A maior*

parte refugiaram-se nas serras adjacentes. E Valdo não procedeu assim senão depois de ter ponderado o caso com toda a attenção, esperando, como o exito comprovou, que lhes seria facilimo insinuar seus erros no animo do povo boçal e rude, porque desprovido dos bens da fortuna e pobre de engenho e conhecimentos ácerca da Religião. Até aqui são palavras do Arcebispo Claudio.

F. Mas isto é incrivel! E' de se perder a cabeça e a paciencia! Que diversidade de narração! Que maneira de citar autores! Até um cego póde ver que o Arcebispo Claudio diz completamente o contrario de quanto lhe attribuem os ministros valdenses.

P. Basta só isto para que possaes facilmente conjecturar das outras mentiras do senhor ministro valdense. Aqui vos noto algumas.

Bert faz dizer a Claudio: *No parecer da maior parte dos autores.*

Primeira mentira. Claudio diz *Nonnulli,* alguns: porque o *parecer da maior parte* é um sentimento, é a opinião de *todas as pessoas de bem;* ao passo que o parecer de alguns é um parecer, uma opinião particular abraçada por poucos, e esses mesmos de pouca autoridade.

Bert: *Os valdenses descendem de um certo Leão.*

Segunda mentira. O que Claudio diz é: *Fabulantur nonnulli hanc sectam initium sumpsisse;* por conseguinte Claudio affirma que é destituida de fundamento e de todo falsa a opinião dos que pretendem que os valdenses derivam d'esse tal Leão.

Bert: *Descendem de um certo Leão.*

Terceira mentira. Claudio diz pelo contrario, que este Leão é um homem imaginado, e que nada ha de mais lendario: *Quo sane commento quod esse*

potest fabulosius? Que coisa póde haver mais lendaria e ficticia, que esta invenção? — São as palavras de Claudio.

Bert diz que Claudio confessa procederem os valdenses de um certo Leão.

Quarta mentira. Claudio não só não confessa tal coisa, mas até a rejeita como inventada, e affirma positivamente que os valdenses começaram com Pedro Valdo.

Meus filhos, se eu quizesse continuar a apontar-vos todos os erros que ha nos escriptos dos valdenses e protestantes, seria um nunca acabar. Acho melhor fazer uma reflexão, pedindo-vos não a esqueçaes. Se estes ministros têm o atrevimento de publicar livros d'este jaez, que todos pódem examinar e refutar com toda a facilidade, quem poderá imaginar os despropositos e mentiras que espalham, sem que ninguem lhes vá á mão, nas suas prégações, sermões e conferencias? Portanto nós, para estarmos seguros de não caír nos erros dos valdenses, nem nos de outras seitas, conservemo-nos fieis aos ensinamentos infalliveis da nossa santa Egreja Catholica, e digamos com S. Paulo: *Se alguem viesse ensinar-nos coisas contrarias á doutrina dos Apostolos, ainda que fosse um Anjo do Ceu, não lhe deviamos dar credito, mas fugir d'elle.*

SETIMA PALESTRA

Os valdenses separados da Egreja Catholica.

P. Como os valdenses se uniram mais tarde com os protestantes, constituindo com elles uma só seita, espero refutar a sua doutrina, quando vos falar

da pretendida *Reforma protestante*. Aqui só vos falarei da origem dos valdenses e sua separação da Egreja de Christo. É devéras curioso o modo de raciocinar dos valdenses. Depois de empregar todos os esforços afim de provar que a sua seita já existia antes de Pedro Valdo, notando que as suas asserções vinham a firmar-se todas num *mentiuntur* e num *fabulantur,* ou seja, em fabulas e mentiras, começaram a sustentar que a sua egreja foi uma só e mesma com a Egreja Romana até ao tempo de Pedro Valdo, e que depois não fôram elles, mas sim os catholicos, que se afastaram da verdadeira Egreja, ao passo que os valdenses continuaram a professar a verdadeira Religião de Christo.

F. Eia! Que maneira tão extravagante de raciocinar! Matam-se todos para provar a sua antiguidade, dispendendo saude e talento a fabricar acervos de mentiras; e quando veem que de nada valem estes seus esforços, vão repetindo alegremente que não fôram elles, mas os catholicos, que se afastaram da verdadeira Egreja. Isto parece-me mas é um correr atraz do impossivel. Ora vamos lá a ver. A Egreja Romana modificou alguma coisa a sua doutrina?

P. Credo! Nem um só artigo: continuou a ter a mesma doutrina, os mesmos Sacramentos, e as mesmas praticas religiosas.

F. Na Egreja catholica continuou a haver Bispos, sem interrupção?

P. Os Bispos continuaram a governar as varias egrejas como antes, a prégar aos povos as mesmas verdades que nos tempos modernos se prégam por todo o universo.

F. Estes Bispos mantiveram-se em união com o Papa?

P. Estes Bispos permaneceram unidos ao Papa, e a Elle continuaram a recorrer em suas duvidas; continuaram a ser eleitos, e dirigidos por Elle, e a reunir-se com Elle nos Concilios sempre que necessario era.

F. Vamos além: o Papa tambem continuou a governar a Egreja?

P. O Papa, isto é, o Romano Pontifice continuou a governar a Egreja. Morto um, succedia-lhe logo outro; e d'esta sorte a Egreja Romana continuou a mostrar-se visivel na sua Cabeça ou Chefe, nos seus Pastorés, no seu culto, nos seus Sacramentos, nos seus membros, isto é, nos seus fieis, que continuaram e continuam a praticar a mesma Religião. Estas verdades são tão empolgantes, tão certas e firmemente baseiadas na historia, que nem os proprios valdenses e protestantes fôram jámais capazes de as negar.

F. Portanto parece evidente que a Egreja Romana continuou a ser a Egreja de Jesus Christo, e que não fômos nós os catholicos, mas sim os valdenses, que se separaram d'esta nossa mãe. Ora vamos lá a ver o que fizeram os valdenses. Continuaram a seguir a mesma doutrina, que seguiam antes de se separar da Egreja Catholica?

P. Nem falar nisso. Já vistes que a religião dos valdenses na sua origem foi um amontoado de erros. A sua crença permittia coisas que o pudor prohibe declarar: e esta sua crença mudou vezes e mais vezes, como vos farei conhecer sobejamente em apropositadas palestras.

F. Os valdenses continuaram a ter Bispos na sua seita?

P. Depois da separação os valdenses não tiveram mais Bispo nenhum, e fôram governados pelos seus *Barbadinhos,* ou ministros, que nunca deram a minima prova de ser enviados por Deus.

F. Mas eram pelo menos padres?

P. Claro que não podiam ser padres, porque só os Bispos pódem ordenar Sacerdotes. Ora elles, quando se separaram da Egreja Catholica, recusaram, como recusam ainda presentemente, reconhecer qualquer Sacerdote ou Bispo. Por isso os seus ministros não são padres, mas leigos; homens e mulheres, patrões e creados, doutos e ignorantes, pódem a seu talante fazer de prégadores e directores das consciencias.

F. Os valdenses continuaram a ter algum chefe que os governasse, desde que se separaram da Egreja Catholica?

P. Desde o tempo em que se afastaram da Egreja Catholica, os valdenses não tiveram mais nenhum chefe. Entre elles cada qual segue uma religião a seu modo; por isso cada um é chefe e doutor da sua religião. Elles têm, é certo, os seus *Barbadinhos,* aos quaes professam um respeito muito particular: mas visto que, segundo a sua crença, não ha nenhuma obrigação de obedecer, torna-se de todo inutil, como vêdes, que o *Barbadinho* mande. D'aqui vem que cada um crê o que lhe appetece, faz o que lhe appetece, interpreta as coisas como lhe appetece. Por dizer tudo, como cada um é chefe da propria religião, segue-se naturalmente que entre elles não ha nem póde haver chefe nenhum.

F. Ah! então os valdenses perdem o tempo e o feitio. É claro como sol em céu sereno, que na Egreja Catholica não se mudou nada; que toda a mudança foi da parte dos valdenses; e que por conseguinte estes deixaram de pertencer ao redil de Jesus Christo.

P. Esta verdade, conforme acabaes de notar, é clara como a luz do meio-dia; e se os pastores valdenses não occultassem estas coisas aos seus adeptos, verieis que nem sequer um valdense de boa fé perseverava na sua seita. Nós podemos portanto dizer aos ministros valdenses, com toda a franqueza e desassombro: Quando, por occasião d'uma tempestade, se quebra um raminho de uma grande arvore, ha de dizer-se que o raminho se destacou da arvore, ou que foi a arvore, que se desprendeu do raminho?

F. Com certeza que todos dirão que foi o raminho que se separou da arvore.

P. Poderá o raminho, que se desprende, tornar-se arvore, e a grande arvore poderá deixar de ser tal só pela perda de um dos innumeros ramos, que lhe foi levado pelo vento?

F. Nada d'isso póde ser: a arvore continuará a ser arvore, e não deixará de o ser pela falta de um dos seus raminhos.

P. Sabeis qual é no nosso caso esta grande arvore, e este pequeno raminho?

F. Sim, sim, já sabemos. Esta grande arvore é a Egreja Catholica; os ramos separados são os valdenses, que se destacaram da grande arvore da Egreja Catholica fundada pelo proprio Jesus Christo.

P. Exactamente. A Egreja Romana, unica e

verdadeira Egreja de Christo, é essa grande arvore, contra a qual em todas as epocas se levantaram as mais furiosas tempestades; e ella affrontou-as todas, e conservou-se immovel sem jámais mudar em sua doutrina nem em seus ensinamentos. Ha 19 seculos que existe visivel a todos os homens do mundo, e se dá constantemente a conhecer como *Una, Santa, Catholica* e *Apostolica.*

As sociedades hereticas, pelo contrario, nunca puderam conseguir nem usar senão o nome recebido de seus fundadores; e chamam-se lutheranos de Luthero, calvinistas de Calvino, valdenses de Valdo. Os proprios valdenses nunca se atreveram a dar á sua sociedade o nome de catholica, ou universal. E a razão é que essa sociedade não vem de Jesus Christo, nem elles obedecem ao Chefe, pelo mesmo Christo Senhor Nosso estabelecido, mas estão confinados apenas nalgumas regiões, e são em numero muito reduzido (1).

Além d'isso, os valdenses têm muitissimas vezes dado á sua sociedade o nome de *seita,* que quer dizer *sociedade cortada, mutilada, separada,* pois de facto elles são um raminho arrancado e completamente separado da Egreja Catholica.

Os valdenses, envergonhados de se achar reduzidos a tão pequeno numero, que fizeram? Alliaram-se com os protestantes e com outros hereticos, que seguem doutrinas e erros diversos e oppostos a quanto elles professam, e por isso formam uma embrulhada, um amontoado de erros, que arrasta fatalmente á confusão e á desordem, que vale o mesmo que não ter religião nenhuma.

(1) Amadeu Bert affirma que os valdenses não chegam a 22000 almas.

É portanto um facto incontestavel, comprovado pela historia, que os valdenses não existiam antes de Pedro Valdo, e que começaram a partir d'elle no seculo XII.

São descaradamente mentirosos os que attribuem aos valdenses existencia anterior a Pedro Valdo: e como nem antes nem depois do apparecimento dos valdenses, houve alteração alguma na Egreja Catholica, tiramos d'ahi a preciosa conclusão de que os valdenses é que mudaram, e se separaram por este facto da verdadeira Egreja, vivendo na triste e inditosa condição e risco de se perderem eternamente, se não renunciarem aos seus erros. tornando ao seio d'esta santa Mãe, que seus antepassados abandonaram.

Praza a Deus que estas nossas palavras possam chegar aos ouvidos de todos os herejes, a ponto que, abrindo os olhos á verdade, voltem á unidade Catholica para constituir com N. S. Jesus Christo um só rebanho e um só pastor. Elle derramou Seu preciosissimo Sangue para redempção de todos os homens; que Elle pois a todos nos redima.

Um facto.

Entre as coisas que devem consolar o coração dos catholicos, ha esta, que não se lê que ninguem. á hora da morte, estando em seu perfeito juizo. tenha abandonado a Religião Catholica para abraçar outra. A historia está, pelo contrario, cheia de factos, que nos mostram como muitos homens naquelle passo, em que, soffreiadas as paixões, se diz e se faz sómente aquillo de que se está persuadido, abjuraram as suas crenças hereticas para

morrer tranquillamente no seio da Santa Egreja Romana. Pódem ler-se muitos d'esses factos na *Historia do Jacobinismo* do Padre Barruel. Nós aqui contentamo-nos com o exemplo de Peyran, famoso ministro do culto valdense. Este tinha gasto muitos annos na propaganda do culto da sua seita (1). Apesar de ter dito, feito, escripto e lido quanto é possivel imaginar-se para se instruir e achar paz na sua seita, todavia á hora da morte não pôde ter-se que não revelasse a verdade da doutrina que tinha em seu coração, e mandou chamar um Sacerdote para se confessar e morrer como bom catholico. Mas como são terriveis os juizos de Deus, sobretudo para com os que esperam converter-se á hora da morte! Cercado e guardado continuamente por falsos amigos, teve de experimentar os mais dolorosos remorsos, sem que o Sacerdote pudesse chegar-se a confortá-lo e dar-lhe os Sacramentos; de modo que morreu á Voltaireiana, isto é, desejando e pedindo debalde os confortos da Religião Catholica (2).

(1) Peyran foi devéras um engenho singular. Escriptor erudito e apurado, mas sem convicções de qualidade alguma, defendia agora o Protestantismo, para logo com egual franqueza tomar partido de oppositor contra o Protestantismo, que seguia por lhe dar lucro, honras e liberdade para tudo. (P. E. BARONE, no livro *Giuditta*, ou *Scene Valdesi*, pag. 7).

(2) Nestas palestras temos tratado dos valdenses num estilo popular e ao alcance da intelligencia dos simples fieis. Quem desejar mais largos conhecimentos sobre esta importante materia, póde ler a já citada obra do P. João Perrone na 3.ª parte — *Valdesi contemporanei*.

OITAVA PALESTRA

Luthero.

P. Agora, meus bons filhos, que vos vejo aqui novamente reunidos, e com muitos dos vossos camaradas, retomarei da melhor vontade o fio das nossas palestras.

Um dos filhos. Como o pae nos disse que tinha muitas coisas bonitas que contar, trouxemos comnosco estes companheiros, que tambem têm grandes desejos de o ouvir.

P. O que agora emprehendo tratar é sem duvida alguma da maxima importancia. Estamos no seculo XVI, seculo famoso, em que um diluvio de hereticos com o nome de protestantes se rebellaram contra a Egreja causando-lhe immenso damno. A seita protestante costuma denominar-se *Egreja Reformada,* porque os seus fundadores tiveram a pretenção de reformar a Egreja. Os proselitos d'esta seita chamam-se *Reformados,* e os autores da Reforma arrogaram-se o titulo de *Reformadores.*

F. Oh! que extravagancia! E quaes fôram esses homens tão audaciosos, que se propuzeram reformar a Egreja de Jesus Christo?

P. Diversos fôram esses homens tão extravagantes e tão audaciosos. O principal de todos elles foi Martinho Luthero, cujas pégadas seguiu um outro heresiarca tambem famoso, isto é, João Calvino.

F. Meu pae, já lhe ouvimos tantas vezes nomeiar Calvino e Luthero. Agora tenha a bondade

de nos contar a vida d'elles; muito desejamos conhecê-la.

P. Conto-vos de bom grado a vida d'estes dois famosos heresiarcas, para que, vista a sua vida corrupta, e conhecida a sua perversa doutrina, d'ella vos possaes guardar e fugir. Mas antes de tudo quero acenar-vos algumas circumstancias, que fôram por assim dizer o rastilho e a lenha, que serviram para fomentar e ateiar o terrivel incendio da pretendida Reforma.

F. Então diga-nos, se faz favor, que circumstancias são essas.

P. A circumstancia, ou a razão principal, que no seculo XVI levou a separar-se da Egreja Catholica um grande numero de christãos, foi o desejo de uma vida mais livre e desenfreiada. Meus caros filhos, repito-vos uma grande verdade, que não deveis de modo nenhum esquecer. *De todos os que em varias epocas se afastaram da Egreja Catholica, nem um sequer fez isso por desejo que tivesse, de vida mais perfeita, mas sómente para viver vida licenciosa, e adoptar uma moral, que deixasse livre curso a todas as paixões.*

Alem d'isso, houve três outras circumstancias, que serviram como que de pretexto aos promotores da Reforma.

F. Qual é o primeiro d'estes pretextos?

P. A primeira circumstancia, ou melhor, o primeiro pretexto, de que os innovadores lançaram mão para propagar a sua Reforma, foi o excessivo e desordenado desejo de se tornarem independentes do Romano Pontifice. Creio que ainda vos lembraes de como os gregos se separaram da Egreja Romana. Primeiro começaram por eximir-se da obe-

diencia ao Chefe da Egreja; e d'ahi, por inevitavel consequencia, caíram numa multidão de erros e desordens sem fim. Este espirito de independencia em materia de Religião passou dos gregos á Alemanha, que por isso costuma ser considerada como berço da Reforma protestante. Vós bem o vêdes: é sempre a historia de Lucifer, que se exalta e se rebella contra Deus.

F. Portanto o primeiro motivo reduz-se á soberba e ao desejo de viver consoante os proprios caprichos. E o segundo motivo qual foi?

P. O segundo motivo ou antes o segundo pretexto, de que os promotores da Reforma souberam valer-se, foi o prurido, que dominava a alguns soberanos, de se apoderarem dos bens da Egreja. Ou o fizessem por ambição, ou pela inveja que tinham ao clero, cuja autoridade gozava de grande veneração, ou porque professassem um odio maligno contra a propria Religião, o facto é que muitos principes anhelavam avidamente a espoliação das Egrejas. D'aqui podeis conjecturar com que gosto acolheram e ampararam uma seita, que, mercê da apropriação dos bens ecclesiasticos, saciava sua ambição e avareza. A historia comprova que quando querem combater a Religião, o primeiro passo que dão, é despojar os ministros sagrados dos bens que legalmente possuem.

F. E qual foi o terceiro motivo?

P. O terceiro motivo, ou seja, a terceira coisa, que favoreceu a extranha Reforma, foi, (e ao dizer-vo-lo, confrange-se-me o coração), além da ignorancia geral da gente, o mau procedimento de alguns dos membros do clero.

F. Como? Alguns membros do clero com seu

mau procedimento deram motivo á Reforma?

P Tendes bem razão para vos admirardes. Os ecclesiasticos, que deviam ser os defensores da Religião, não digo todos, nem muitos, mas sem duvida em grande numero, fôram os causadores d'essa mesma Religião. Mas deveis notar que até entre os doze Apostolos houve um Judas, e por isso não é motivo para vos causar tanta admiração o facto de no seculo XVI surgirem alguns ecclesiasticos, que como outros tantos Judas, abriram chagas profundissimas na santa Religião de Jesus Christo. O chefe d'esses ecclesiasticos rebeldes á Egreja foi Martinho Luthero.

F. Eis-nos finalmente chegados a Martinho Luthero. Estamos muito anceiosos por saber a vida d'este famoso heresiarca.

P. Foi um homem original sob todos os pontos de vista. Nasceu de paes pobres em Eisleben, na Saxonia, e manifestou desde pequeno natureza e habitos tão perversos, que muitos biographos seus não hesitaram em crer que fosse filho do diabo. Tinha muito talento, um espirito irrequieto e trabalhador, mas era soberbo, ambicioso, muito inclinado á revolta e á calumnia, propenso a toda a casta de vicios, e mui particularmente á impudicicia. Dando-se com afan ao estudo, logrou reputação e nome de lettrado, e aos vinte annos foi nomeiado professor de philosophia.

Um homem tão libertino, como era Luthero, um homem que nunca se metteu a praticar a virtude, nem tão pouco procurou instruir-se nas coisas da Egreja, parecia que não devesse jámais ser chamado por Deus ao estado ecclesiastico. Um caso imprevisto levou-o porém a isso.

F. Diga-nos como foi.

P. O incidente que resolveu Luthero a abraçar o estado religioso foi a morte de um seu condiscipulo, que lhe caíu aos pés fulminado por um raio. Luthero ficou com isso tão aterrado, que fez voto de ser frade, entrando de facto na Ordem dos Agostinhos. Valendo-se de todos os artificios da hipocrisia, conseguiu occultar por algum tempo a malvadez do seu coração, e receber assim as ordens de Presbitero. Mas a breve trecho os seus superiores reconheceram que elle era um orgulhoso, um arrogante, um desobediente a todos, e despediram-n'o da Ordem como escandaloso e incorrigivel. Luthero então tirou a mascara, despiu o habito religioso, e saíndo do convento começou a prégar contra aquella Religião em que havia nascido, á qual era devedor de sua primeira educação, e a cuja defeza consagrara a sua vida por solemnes votos. Isto passava-se em 1517.

F. Pena foi que elle se ordenasse; se ao menos não fosse Sacerdote, não teriam acreditado nelle, e não chegava a fazer tanto mal. Mas que pretexto allegou Luthero para se rebellar contra a Egreja?

P. Luthero tirou pretexto do seguinte facto. Desejando o Summo Pontifice Leão X concluir a majestosa basilica, começada em Roma havia já muito tempo, em honra do principe dos Apostolos, convidou os fieis de todo o mundo a concorrer para o acabamento do grande edificio com esmolas voluntarias, concedendo Indulgencias especiaes aos offerentes. Creio que ainda vos lembraes do que sejam Indulgencias. As Indulgencias, conforme aprendestes na Doutrina, são a applica-

ção dos merecimentos de N. S. Jesus Christo, de Nossa Senhora e dos Santos, mediante a qual nos é perdoada no todo ou em parte a pena temporal devida pelos peccados, já perdoados dentro ou fóra do Sacramento da Penitencia.

Espero ainda declarar-vos em palestras apropriadas como Christo Senhor Nosso conferiu ao Chefe visivel da Egreja a faculdade de conceder as Indulgencias, e como essa faculdade foi sempre exercida a começar nos Apostolos até nós.

F. E que achou Luthero de reprovavel neste facto?

P. O impetuoso Luthero achou abusos nestas Indulgencias, como de facto os houve; abusos que procediam de muitos dos encarregados de ajuntar as esmolas. Elle portanto começou a prégar ardentemente contra taes abusos; depois começou a barafustar contra as mesmas Indulgencias. Passando de uma desordem á outra, Luthero calcou aos pés sem rebuço as ordens de seus superiores e voltou-se com todo o furor contra a Egreja.

Admittindo por fundamento das suas doutrinas a livre interpretação da Sagrada Escriptura, começou a prégar que todos podiam interpretar a Biblia a seu modo, e adoptar assim uma Religião que mais lhes agradasse. Aos que haviam feito o voto de castidade consentiu que contrahissem matrimonio; para captar a simpathia e protecção de Filippe, mardgrave de Hesse, permittiu-lhe que casasse segunda vez, sendo ainda ainda viva a primeira mulher. Concedeu aos principes ampla liberdade de se apropriarem dos bens das Egrejas; aboliu a confissão, a Missa, o jejum e a abstinencia, as obras de penitencia; aboliu egualmente

as festas e todas as ceremonias sagradas. D'este modo, passando de erro a erro, Luthero chegou a negar a liberdade do homem, a conspurcar todas as coisas sagradas, e a attribuir a Deus o mal e o peccado.

F. Oh! que horrivel doutrina! O Papa e os Bispos não trataram de a refutar?

P. Os Papas, os Bispos, as Universidades, e os mais doutos entre os catholicos apontaram desde logo a impia heresia. O Papa Leão X, que então governava a Egreja, fez todo o possivel para reconduzir Luthero ao caminho do bem. Escreveu-lhe a elle, e tambem a outros, diversas cartas cheias de caridade e benevolencia: enviou Legados de Roma á Alemanha, para que o convencessem a permanecer naquella Religião, em que fôra por Deus creado, instruido, e que elle mesmo havia ensinado, que era a unica verdadeira, a unica que apresenta os caracteres da divindade. Mas nada houve que lograsse illuminar o obstinado e cego heresiarca. Mergulhado nos vicios e arrastado por seu orgulho, tornou-se ainda mais renitente e pertinaz: e pondo-se á testa de uma camarilha de libertinos, começou a espalhar os seus erros por toda a Alemanha.

O imperador Carlos V tentou oppor um dique á propaganda d'estes perturbadores, e publicou um decreto, no qual ordenava que os herejes parassem na sua faina demolidora pelo menos até que as coisas fossem bem examinadas pela Egreja. Mas aquelles espiritos turbulentos não sómente recusaram obedecer, mas protestaram contra as ordens imperiaes; e para fazer valer o seu protesto pegaram em armas, e levaram a desvasta-

ção e o terror a todas as povoações, onde lhes foi dado penetrar. Do *Protesto* de não querer obedecer ao Imperador, é que estes herejes se ficaram chamando *protestantes*, e por esse nome são ainda hoje conhecidos os sequazes de Luthero, de Calvino, de Pedro Valdo, e em geral todos os que seguem os seus erros.

NONA PALESTRA

Incerteza de Luthero e sua opinião ácerca da Egreja Catholica.

P. Meus presados filhos, a nossa Santa Religião Catholica apresenta com tal clareza os caracteres da sua origem divina, que basta ser nella bem instruido para a não poder arrancar mais do coração. Testemunha-nos a historia em que atormendas angustias se acharam os catholicos, que lhe voltaram as costas. O proprio Luthero nunca foi capaz de suffocar a voz da sua consciencia, que lhe censurava o ter abandonado a Egreja para seguir a sua Reforma.

F. Mas Luthero não estava em boa fé? ou pelo menos não se mostrava convicto do que prégava aos outros?

P. Por certo que não. Depois da sua apostasia, Luthero, como já vos disse, violou os seus votos solemnes, e não achando freio algum que o detivesse no caminho dos vicios, abandonou-se á embriaguez mais insolente, estado em que lhe davam attaques de colera tão aguda, que chegava a parecer um demonio. Autorizou a espoliação e o

roubo das egrejas, e a pena de morte contra os que se oppuzessem aos seus perfidos designios. Incitou principes e povos a guerras fratricidas: e só no anno de 1535, fôram trucidadas, ás mãos ou ás ordens dos malvados Reformadores, mais de cem mil pessoas: fôram destruidas sete cidades, e saqueiadas, demolidas ou queimadas muitissimas egrejas, conventos e castellos. *Este sangue,* escrevia o brutal Luthero depois de uma grande mortandade, *fui eu que o derramei por ordem de Deus.* Todavia nos seus momentos de calma era muitas vezes arrastado a proferir preciosas verdades. Elle asseverava por exemplo que o voto era uma promessa feita a Deus, que devia manter-se inviolavel; e fizera nessa persuasão os votos de pobreza, castidade e obediencia, que depois violou do modo mais indigno e revoltante.

F. Como violou Luthero estes votos?

P. Violou-os saíndo do claustro, abandonando o estado religioso, e esposando uma freira, egualmente ligada por votos sagrados.

F. Oh! que escandaloso aquelle Luthero! Visto isso, toda a sua sciencia e virtude se reduziu a isto de depor o seu habito de religioso para se casar! Bom doutor para se apresentar como enviado para reformar a Santa Egreja de Jesus Christo, — não ha duvida!!!

P. Devo ainda fazer-vos notar que o proprio Luthero ás vezes mostrava acreditar nas Indulgencias, para d'ahi a pouco as pôr em duvida, ou negálas por completo. Escreveu ao Papa que se submetteria ás suas decisões, como ao mesmo Jesus Christo. Mas quando o Cardeal Gaetano lhe ordenou, em nome do Papa, que retratasse os seus erros,

elle appellou para as Universidades da Alemanha e de Paris.

Quando aquellas Universidades, aquellas grandes corporações de doutos theologos, condemuaram a sua doutrina como erronea e heretica, Luthero appellou de novo para o Papa, mandando-lhe uma extensa carta, na qual lhe dizia, entre outras coisas, que acataria suas decisões, como se ellas saíssem da bocca do proprio Jesus Christo.

Leão X examinou e fez examinar a doutrina de Luthero, e condemnou-a numa Bulla, onde estavam apontados os 41 erros em que havia caído, e concedeu-lhe sessenta dias para se retratar d'elles; e que se nesse espaço de tempo não désse mostras de emenda e de querer retratar-se, seria julgado e condemnado como hereje. Bem longe de entrar dentro em si mesmo, Luthero queimou publicamente a Bulla do Papa, e vomitou contra elle todas as execrações e infamias, de que é capaz um endemoninhado. O desgraçado escrevia que cumpria ao Papa absolvê-lo ou condemná-lo, dar-lhe a vida ou a morte; e depois ia prégar e proclamar qual doido furioso que era preciso pegar em armas contra o Papa, contra os Bispos e Cardeaes, e lavar as mãos em seu sangue.

Condemnado assim pelo Summo Pontifice, Luthero appellou para um Concilio; mas, convidado, não quiz comparecer nesse Concilio.

Se eu quizesse, meus filhos, continuar a referir-vos agora as perversidades sem conta de Luthero, as expressões indignas que empregava para com as coisas mais venerandas, e indicar-vos os titulos injuriosos e infamantes, com que alvejava as mais illustres personagens, e os Doutores mais insignes

da Egreja, podeis crer que não acabaria assim depressa, mas devo confessar-vos que isso me causa nojo e indignação. Elle mesmo affirmava que fôra enviado pelo diabo para reformar a Egreja, e gabava-se de o ter tido como mestre. Assim fala no seu livro: *De abroganda missa privata,* no qual refere de um seu colloquio com o demonio, assegurando que escreveu aquelle livro por instigações d'elle.

F. Então o fundador da Egreja protestante é um homem, que se gloria de ter o diabo por mestre? Ah! nós sómos forçados a julgar d'elle, ou que o miolo já lhe andava ás voltas, ou que era verdadeiramente filho do demonio. Infeliz Luthero! Se sua vida decorreu em meio de taes incertezas que angustias não deve de ter experimentado seu coração á hora da morte?

P. Luthero vivera na mais tremenda incerteza, porque via a verdade, mas, obcecado pelos vicios e pela soberba, seguia a mentira. Como já vos disse mais vezes, elle appellou para um Concilio Ecumenico, protestando e jurando submetter-se ás suas decisões. Mas fez assim por estar convicto de que não podia congregar-se similhante Concilio. E quando mais tarde foi convidado a comparecer no Concilio Geral, reunido em Trento, ficou no mais terrivel embaraço que se possa imaginar. Não queria comparecer em Trento, porque não se julgava capaz de defender sua heretica doutrina perante tantos sabios Doutores; mas por outro lado não se sentia com forças e coragem para declinar o convite, pois pelo facto de similhante recusa vinha a condemnar-se a si mesmo aos olhos de seus sequazes. Todos estes motivos lhe escaldaram o san-

gue e despertaram a sua colera, e então, batendo os pés, e rangendo os dentes, exclamou: *Irei, sim, irei ao Concilio, e ainda eu perca a cabeça, se não fôr capaz de defender as minhas opiniões contra todos; o que sáe da minha bocca, non est ira mei, sed est ira Dei.* E repetidas estas palavras, foi comer e beber com os seus amigos. Mas o desgraçado devia fazer uma viagem assaz mais longa, que a viagem a Trento.

Acabado o banquete, como estivesse expandindo sua bilis em discursos e conversas arrogantes, foi atacado de agudissimas dôres internas. Levaram-n'o sem detença para o leito, e dentro em pouco o mal, recrudescendo de intensidade, tirou-lhe a respiração, e a sua alma teve de comparecer perante o Supremo Juiz, para dar contas assim das perversidades e infamias commettidas durante a vida e das innumeraveis almas que por sua culpa se haviam perdido, como de tantas outras, que ainda, depois d'elle, se deviam eternamente perder. Occorreu sua morte em 1546, contando elle 63 annos de edade. Conta-se que pouco antes de expirar mandou abrir a janella do seu quarto, e que, fitando o céu, exclamou: *Oh! céu, como és bello, mas não serás nunca para mim!*

F. Uma morte assim enche-nos realmente de terror, meu pae. Mas o que nos parece é que um homem que pensa e fala d'uma maneira, e depois obra d'outra, como Martinho Luthero, mostra bem não estar capacitado nem persuadido do que propõe aos demais homens. Agora o que eu desejava, era saber algumas das phrases applicadas por este heresiarca ao Romano Pontifico, pois quero crêr que não lhe professou sempre um odio entranhado e sem treguas.

P. E pensas como deves: Luthero em meio de suas extravagancias, quando tinha o coração no seu logar, nos momentos de paz e tranquillidade, dizia que não podia haver razão, que cohonestasse o rompimento com a Egreja Romana.

F. Grande doido! Se não ha razão plausivel para romper com a Egreja Romana, porque é então que elle violou e quebrou essa união? Nunca houve ninguem que lhe fizesse similhante pergunta?

P. Essa pergunta foi-lhe dirigida muitas vezes; e foi justamente ella que o fez meditar um pouco no seu novo sistema de doutrina, e o constrangeu a exclamar: *Depois de ter suffocado e cortado por todas as outras considerações, eu não posso, se não com grande custo, fazer calar aquella, que me diz ser necessario escutar a Egreja. Quantas e quantas vezes a minha consciencia foi assaltada do terror! Quantas e quantas vezes tenho dito a mim mesmo: Acaso presumes ser mais sabio que todos os homens? E pretenderás sustentar que durante um tão longo curso de annos, todos os homens se enganaram?*

D'outra vez, perguntado se considerava como divina a doutrina que apregoava, respondeu depois de madura reflexão: *Não sou tão atrevido, que assegure ter-lhe dado principio em nome de Deus, e não quereria supportar neste ponto o julgamento de Jesus Christo.* (*Vida de Luth.*, tom. 1).

F. Pobre Luthero! Se elle, fundador e prégador da Reforma, não podia persuadir-se de que a Egreja Catholica não fosse a verdadeira Egreja; e se, por outro lado, não se atrevia a asseverar que tinha dado principio á Reforma em nome de Deus, que poderiam affirmar os seus discipulos?

P. A maior parte dos seus discipulos seguiram-

n'o apenas com o interesse de ter uma Religião que favorecesse suas desordenadas paixões; mas sempre na tremenda incerteza de se, abandonando a Egreja Catholica, abandonavam, ou não, a verdadeira religião. Podia adduzir-vos muitos exemplos, mas contento-me só com um. Foi Filippe Melanchton um dos mais doutos discipulos de Luthero; era homem de larga erudição, e, digamo-lo em homenagem á verdade, menos vicioso que os outros lutheranos. Muito affeiçoado ao seu mestre, nunca pôde resolver-se a abandoná-lo, embora estivesse persuadido de que a Egreja Catholica era melhor que a Reforma. Morreu na cidade de Witemberg em 1556, com 61 annos de edade. Contam os seus biographos, que estando elle ás portas da morte, lhe dirigira sua mãe estas palavras: *Filho, eu era catholica e tu fizeste-me mudar de religião; agora que estás para comparecer deante de Deus e dar-Lhe conta da tua vida, dize-me cá: qual é a religião, em que no teu modo de pensar mais facilmente podemos salvar-nos, a catholica ou a lutherana?* E Filippe respondeu á pobre velha angustiada: *Mater, haec plausibilior; illa securior.* Isto é: *Mãe, a lutherana é mais facil e agradvel, e satisfaz os sentidos, mas a catholica é mais segura para alcançar a eterna salvação.*

DECIMA PALESTRA

A jerarquia de Martinho Luthero.

P. Deveis ainda estar lembrados, meus filhos, de vos dizer que na Egreja Catholica ha uma ordem maravilhosa, mediante a qual os sagrados

Ministros, espalhados pelas varias partes do mundo, dependendo uns dos outros, vão todos unir-se, como num centro, a um só Chefe, o Summo Pontifice Romano. Assim conserva-se a preciosa unidade nas coisas da Fé, e fica constituida aquella ordem que chamamos Jerarquia ecclesiastica.

Luthero, depois de sua rebellião contra a Egreja, achou-se summamente embaraçado para ter padres, porque não sendo Bispo, não podia conferir as sagradas Ordens, nem logrou achar Bispos que lhe quizessem consagrar algum lutherano. Via portanto que depois da morte d'elle e de alguns outros frades ou padres apostatas, deixaria de haver sacerdotes na sua seita, que assim viria a extinguir-se por si mesma.

F. E que fez então Luthero?

P. Negou o Sacramento da Ordem; e como consequencia inventou a mais ridicula e extravagante doutrina que se póde conceber, segunda a qual todos os homens do universo, uma vez que sejam baptizados, pódem exercer as funcções sacerdotaes.

F. Oh! Essa é de primeira ordem! Homens, mulheres, velhos, meninos, doutos e ignorantes, todos são Sacerdotes?! Seria devéras curioso que Baptista, nosso hortelão e vinicultor, que mal sabe contar, se mettesse a dizer Missa, a confessar e fazer sermões! Que doido não era aquelle Luthero! Mas elle ao menos fundamentava as suas extravagancias em alguma razão, num ou noutro texto da Biblia?

P. Luthero não apoiava estas suas extravagancias em razão alguma. E de facto, os que têm um poucochinho de juizo, affirmam unanimemente que a Religião, visto ser a coisa mais importante do

mundo, deve ser administrada e prégada por pessoas, que de todo livres e desprendidas dos cuidados e negocios temporaes, se consagrem ao estudo d'ella em todas as suas partes. As pessoas, que se achem nessas condições, são por sem duvida as mais doutas, as mais prudentes, e as mais capazes de a explicar aos outros. Sobre que fundamentos pois se apoiava Luthero? A' simillhança de todos os herejes, elle procurava fundamentar seus erros na Sagrada Escriptura, e tentava justificá-los com as palavras de S. Pedro, quando diz aos fieis: *Vós sois a Nação santa, o sacerdocio real.* S. Pedro, raciocinava Luthero, dirigia estas palavras a todos os christãos, logo todos os christãos são Sacerdotes.

F. E que resposta se deve dar a tal modo de raciocinar?

P. Podia-se responder e dizer tambem assim: S. Pedro dirigia as referidas palavras a todos os christãos, por conseguinte todos devem ser reis. Mas como nem todos os christãos são reis, assim tambem nem todos são Sacerdotes. Devemos por isso frisar que no texto citado S. Pedro sómente queria affirmar que todos os fieis christãos, depois de baptizados, pertencem á verdadeira Egreja, na qual, unica e exclusivamente, se conserva o verdadeiro sacerdocio de N. S. Jesus Christo; ou ainda, que o fim de S. Pedro é referir-se ao caracter impresso pelo Baptismo, o qual confere a todos os baptizados a faculdade e o direito de participar das coisas sagradas, e em modo particular dos restantes Sacramentos; caracter que se póde dizer sacerdotal, porque é uma participação do supremo sacerdocio de Christo Senhor Nosso, co-

mo observa o *Doutor Angelico*, Santo Thomaz. E finalmente S. Pedro chamou Sacerdotes a todos os christãos, por esta razão, que todos são chamados, e até obrigados a offerecer a Deus *hostias espirituaes,* como explica o mesmo S. Pedro, taes são: a oração, a mortificação, o jejum e o coração contrito e humilhado, que o Propheta David diz em sentido lato ser sacrificio agradavel a Deus (Ps. L.)

F. E não será licito conjecturar que S. Pedro tivesse realmente a intenção de affirmar que todos os christãos pódem ser Sacerdotes?

P. Com certeza que não, porque nós sabemos pela Sagrada Escriptura e por uma constante tradição, que só os Bispos é que pódem ordenar Sacerdotes, e tambem sabemos que os Bispos não ordenam padres a todos os fieis indistintamente: mas tão só os escolhidos entre os mais exemplares, e que mostram realmente ter vocação divina.

F. E que diz a Sagrada Escriptura a este respeito?

P. A Sagrada Escriptura demonstra-nos esta verdade do modo mais claro e terminante que se póde imaginar. Baste por todos um só exemplo: S. Paulo tinha consagrado a S. Tito para Bispo de Creta (hoje Candia), ilha do Mediterraneo, afim de que conferisse a outros as sagradas Ordens. Passado algum tempo o mesmo Apostolo escreveu-lhe nos seguintes termos: *Com este fim te deixei em Creta, para que concluas o que te resta fazer, e ordenes Sacerdotes para a cidade, segundo o que te ordenei.* (Epist. I., c. v.)

Deduz-se claramente d'estas palavras que S. Paulo tinha conferido a Tito, em nome de Deus, a faculdade de ordenar Sacerdotes, explicando-lhe

álem d'isso as ceremonias que devia usar na sagrada ordenação, que só elle em sua qualidade de Bispo podia conferir.

F. Estas palavras de S. Paulo fôram sempre tomadas neste sentido pela Santa Egreja Catholica? E nunca se deu o caso de algum Sacerdote não ser ordenado pelos Bispos?

P. A Egreja Catholica tomou sempre as palavras de S. Paulo no sentido que acabo de vos expôr. E desde o raiar do Christianismo até ao tempo de Luthero ninguem ha que seja capaz de nomeiar e apontar um Sacerdote (ao menos havido como tal pela Egreja), o qual não tenha sido ordenado por um Bispo. Santo Epiphanio no IV seculo accentuava a differença entre o Bispo e Sacerdote, porque não são os Sacerdotes, mas os Bispos, que pódem crear novos Sacerdotes por meio da Sagrada Ordenação. No V seculo S. Jeronimo escrevia a Evagrio que os Sacerdotes fazem quasi tudo o que fazem os Bispos, exceptuando as ordenações. Mais tarde, num Concilio de Alexandria fôram declaradas nullas todas as ordenações dadas por um certo Collato, pois não era Bispo.

Esta doutrina da Egreja Catholica, baseiada na Sagrada Escriptura e na constante pratica e costume da mesma Egreja, devia de uma vez para sempre abrir os olhos aos protestantes e fazer-lhes comprehender, que não têm verdadeiros Sacerdotes; porquanto dos seus ministros e pastores, como não são ordenados por Bispos, nenhum póde receber nem conferir Ordens sacras, assim como não poderá jámais consagrar o Corpo de Jesus Christo, nem dar a absolvição dos peccados.

DECIMA PRIMEIRA PALESTRA

Calvino.

P. Uma narração de subida importancia é aquella, em que o divino Salvador nos descreve sob fórma de parabola o estrago que a heresia viria a causar na Sua Egreja.

Havia, diz o Evangelho, um homem, que possuia um campo muito bem cultivado; e para d'elle tirar fruto, mandou a seus servos que o fossem lavrar e lhe deitassem a semente precisa. A semente lançada no terreno bem amanhado germinou prodigiosamente, e o patrão esperava colher copiosa safara. Mas passado algum tempo vieram-lhe com a triste noticia de que por meio do bom trigo rebentara e crescera tambem a cizania, especie de erva nociva, que estendendo-se por todo o campo tinha occasionado grandes prejuizos. Ao ouvir tal, o patrão muito affrontado e triste exclamou: Foi alguem inimigo meu que me fez similhante desfeita!. Emquanto vós estaveis a dormir, foi elle e semeiou a cizania no nosso campo.

F. E' uma bella narração, e uma bella parabola; mas não a comprehendemos bem. Tenha a bondade de no-la explicar.

P Em poucas palavras vo-la explico. O dono d'aquelle campo figura N. S. Jesus Christo; o campo é a Sua Egreja, em que Elle semeiou e mandou os Seus Apostolos a semear bom trigo, isto é, uma doutrina pura, santa, que devia produzir frutos maravilhosos de santidade; mas sobreveiu o homem

inimigo, quer dizer, o demouio, o qual espalhou lá dentro a cizania, isto é, diffundiu o erro em meio da prégação das verdades da Fé. Esta cizauia, este erro é precisamente a heresia, que espalhando-se com surprehendente rapidez pelo campo da Egreja, faz ahi terriveis estragos, impedindo tantos e tantos christãos de dar frutos de virtude e merecer o premio eterno.

F. Comprehendo perfeitamente que a cizania figura a heresia, e como ella se foi alargando e exteudendo com grande damno das almas; mas ainda não sou capaz de comprehender bem a que proposito adduz o pae tudo isso que acaba de dizer.

P. A minha teução é applicar esta parte do Evangelho á heresia, de que estamos tratando. Creio que ainda vos não esquecestes de que o scisma, ou separação de uma parte dos christãos da Egreja Catholica, começou na Grecia, e que da Grecia passou á Alemanha por meio de Luthero. Ora este joio, esta heresia, este scisma, passou da Alemaha á França, á Hespanha, á Italia e a outros paizes por meio de um homem diabolico chamado Calvino.

F. Ah! sim! sim! é mesmo de Calvino, que o pae já nos mencionou tantas vezes, que muito desejamos ouvir falar.

P. Vou matar vossos desejos, e fazer-vos um breve esboço da sua sida. João Calvino nasceu em Noyou, cidade do Picard, provincia franceza; e seu pae era um pobre selleiro, que depois chegou a exercer o cargo de notario. O Bispo de Noyon, movido de sua ardente caridade, deu-lhe um beneficio e conferiu-lhe a tonsura ecclesiastica, confiado decerto em que viria a abraçar o estado ecclesiastico; mas o clerigo nunca passou das Ordens menores.

O pae de Calvino incorreu em varias condemnações por falcatruas e erros commettidos no desempenho do seu cargo; e da mãe, sabemos que era mulher de fraca reputação. Antonio e Carlos, irmãos de Calvino, passavam por homens de vida desregrada e escandalosa; a mulher do primeiro foi bannida da patria com a comminação da pena da fustigação; o cadaver do segundo foi sepultado entre os quatro postes do patibulo na cidade de Noyon. E' de ver que em seio de similhante familia, não era possivel que Calvino recebesse uma educação conveniente e apurada; por outro lado. como herdara da natureza um caracter irrequieto e petulante, deixou os seus, ainda antes de fazer 14 annos, e foi-se pelo mundo fóra á cata de aventuras e novidades. Dentro de pouco estava inteiramente corrompido, e entregou-se a uma vida libertina e dissoluta. Processado e condemnado por um crime abominavel, que me abstenho de declarar, foi marcado a ferro quente com uma flor de liz nas costas; e só soffreu esse castigo por singular benevolencia do Bispo e dos magistrados, porque em regra geral os reus d'aquelle crime eram deitados á fogueira. Affirmam á uma graves e acreditados historiadores seus contemporaneos, que *foi expulso da patria por causa da depravação dos seus costumes.* Indo estudar para Orléans e depois para Bourges, foi naquella cidade discipulo de um certo Volmar, sequaz de Luthero. o qual bem depressa induziu Calvino a abraçar a sua Reforma. Entretanto, graças á beneficencia do seu Bispo, Calvino pôde consagrar-se ao estudo. em que fez muitos progressos, pois Deus lhe havia concedido não mediocre aptidão para as sci-

encias e letras. Foi tarefa facil para Volmar a do instillar seus erros no coração corrompido do discipulo, que nelles se avantajou e progrediu tanto, que dentro em pouco era heresiarca, isto é, chefe de heresia.

Calvino em sua horrivel impiedade dizia que Deus cria os homens, para que sejam preza do demonio, não já porque o hajam merecido por seus peccados, mas porque assim Lhe apraz a Elle; e que o livre arbitrio do homem foi completamente suffocado e extinto pelo peccado. Não queria reconhecer nem Papas, nem Bispos, nem sacerdotes, nem festas, nem funcção alguma sagrada; de modo que as suas maximas, como as de Luthero, visam a tornar o homem similhante aos brutos. Começou a prégar as suas perversas doutrinas em Paris; mas como a sua prégação affectava e perturbava a ordem publica, a autoridade civil mandou prendê-lo. Prevenido porém, e sentindo á porta de sua casa os guardas, não vendo meio de escapar-se, pegou nos lençoes da cama, e com fitas e atilhos fez uma especie de corda, que segurou á janella, descendo por ella para a rua, e indo refugiar-se em casa de um negociante de vinhos. Para fugir d'ahi sem ser reconhecido, disfarçou-se em lavrador, e de pá e enxada ás costas, poz-se a caminho. A breve trecho encontrou-se com um Conego da sua terra, que o conhecia e lhe perguntou:

— Porque vaes assim disfarçado, Calvino?

— Porque, disse Calvino, anda a justiça em busca de mim e já está a policia á minha porta para me levar prezo.

— Mas que causa déste para te perseguirem assim? voltou o Conego.

— Dei principio a uma doutrina nova e contraria á da Egreja Romana.

Então o Conego tentou animá-lo a entrar outra vez no gremio da Egreja Catholica, e a não se apartar mais d'aquella Religião em que havia sido educado, e que até então tinha praticado e reconhecido como verdadeira. Calvino ponderou bem toda a importancia do que lhe ia dizendo o amigo, hesitou por alguns instantes, mas acabou por responder-lhe:

— É já muito tarde. Se tivesse de começar agora, não renunciaria á Fé de meus antepassados; já estou porém muito arreigado e empenhado nestas minhas maximas, que devo defender até á morte.

E por sua desventura defendeu-as realmente até á morte.

F. Que homem tão estupido! uma pessoa assim devia estar toda a vida mettida numa cadeia.

P. Meus bons filhos, se eu quizesse continuar a expor-vos a vida d'este apostolo da iniquidade, terieis de ouvir uma serie ininterrupta de crimes e desordens. Basta saber que em qualquer logar, onde veiu a exercer autoridade, se abandonou a toda a sorte de vicios e procedeu como verdadeiro tiranno. O *Infame Calvino,* escrevia em 1648 De Rouvrais embaixador da França em Berne, *este homem infame e repugnante, marcado com ferro de flôr de liz em França, concubinario em Strasburgo, condemnado por furto em Metz, sodomita em Basileia, hipocondriaco em Genebra, sempre cruel, proclamava a liberdade, vociferava e barafustava contra os magistrados catholicos, porque puniam os herejes, e chamava-lhes Dioclecianos, isto é, perseguidores; e entretanto imprecava, amaldiçoava, e se lhe fazia*

geito e interesse, mettia em ferros ou dava á morte a quantos sustentassem opiniões contrarias ás suas.

F. Que infame monstro! Agora conte-nos algum facto que prove a sua tirannia.

P. Ha factos de sobejo; escolho porém um só. Calvino fixou a sua residencia em Genebra, e teve durante muitos annos o governo absoluto da cidade. Aconteceu de passar por alli um certo Miguel Servet, que seguia ácerca do misterio da Santissima Trindade opiniões contrarias ás suas. Só por esta divergencia de opiniões, Calvino metteu-o num carcere e depois condemnou-o á morte; e o infeliz Servet foi queimado vivo.

F. Bonita liberdade, não ha duvida! Parece que em Genebra a liberdade consistia em fazer aquillo que dava na cabeça a Calvino, tocando pena de morte a quem desobedecesse. E' uma verdadeira liberdade de escravos, esta. O pae no principio disse-nos que Calvino levou a sua heresia até á Italia; agora queriamos saber como foi que isso succedeu, e o que fez este miseravel no nosso paiz.

P. Calvino posto fóra de varias cidades por seu pessimo comportamento, conseguiu todavia apoderar-se de Genebra, que oppriniu e tirannisou passante de vinte annos. D'alli, nas incursões que de vez em quando fazia nas regiões e paizes catholicos, passou tambem á Italia. Valendo-se da mais negra hipocrisia, introduziu-se na côrte do Duque de Ferrara, e pôde ahi recrutar alguns adeptos, graças á protecção que lhe dispensava a Duqueza, Renata de nome, filha de Luiz XII Rei da França. Mal soube de tal, ficou o Duque muito triste e pezaroso, e reprehendendo calorosamente sua mulher, expulsou ignominiosamente de Ferrara a Calvino,

que para se escapar voltou em precipitosa fuga para Genebra. Em 1541 ainda tentou introduzir-se no valle de Aosta; mas os generosos camponezes d'aquelles sitios, bem longe de dar ouvidos a suas impias prégações, congregando-se numa reunião presidida pelo Bispo Pedro Gazin e pelo Conde Renato Challant, gran-marechal de Savoia, determinaram permanecer fieis á fé de seus paes, e prender o audacioso heresiarca.

Esta sabia resolução foi acolhida pelo povo com solemnes demonstrações de alegria e ao som festivo dos sinos. Perto das onze da manhã, Calvino, que aguardava o exito do Conselho, fugiu a toda a pressa da cidade e poz-se a salvo entrando de novo na Suissa. Para memoria perpetua d'este facto devéras glorioso para os habitantes de Aosta, levantou-se uma columna que ainda hoje se conserva, e nas egrejas toca-se ao *Angelus* ás onze horas; o que leva os que são de fóra a dizer que em Aosta o meio-dia é ás onze.

Mal succedido na sua missão na Italia, Calvino tentou a erecção d'um centro na longinqua America e enviou para aquellas apartadas e distantes paragens um grupo de discipulos dos mais fervorosos. Apenas porém embarcaram, os novos missionarios desavieram-se logo em suas discussões; e como não tinham ninguem com autoridade para dirimir as suas controversias, passaram a discutir furibundamente as coisas de politica e depois de Religião, vindo a parar a questão precisamente no assumpto da Sagrada Eucharistia. Um sustentava que se sentia inspirado por Deus a ensinar que na Eucharistia não está o Corpo de N. S. Jesus Christo: o outro protestava que se

sentia egualmente inspirado pelo Espirito Santo a crer e ensinar que na Eucharistia está realmente o Corpo, Sangue, Alma e Divindade de N. S. Jesus Christo. Estas diversidades de opinião e estas acaloradas discussões fôram causa de que o chefe da missão, que se chamava Durand, conhecesse o incongruente e disparatado da nova doutrina, movendo-o a abjurar publicamente o Calvinismo em 1558 e a professar a Fé Catholica, que durante toda a sua vida defendeu de viva voz e por escripto. Assim acabou a missão Calvinista á America.

Entretanto a iniquidade de Calvino havia chegado ao seu auge, e elle devia apresentar-se perante o tribunal divino. Naquelle terrivel momento falleceu-lhe a coragem. Ora recorria a Deus, ora O affrontava com horriveis blasphemias. Invocava os demonios, maldizia a sua vida, praguejava e dava aos demonios os estudos que emprehendera e os escriptos que publicou, até que por fim com o corpo alastrado de chagas e reduzido a um monturo de nojentos vermes, d'onde transudava um mau cheiro insupportavel, expirou miseramente em 1564 com 54 annos de edade. D'esta sorte o malaventurado Calvino colhia ainda nesta vida o fruto das suas perversas paixões, que o arrastaram a uma prematura morte (1).

(1) Vid. *Natal Alex., Card. Got.*

DECIMA SEGUNDA PALESTRA

Theodoro de Béze, discipulo de Calvino.

P. Embora Calvino na febre da soberba vomitasse muitas calumnias contra a Egreja Catholica, comtudo nunca se atreveu a negar que um bom catholico se possa salvar ficando fiel á sua Religião. Quando vivia em Genebra, apresentou-se-lhe certo dia um neto, e perguntou-lhe:

— Perseverando na Egreja Romana, posso salvar-me?

— Sim, respondeu Calvino, pódes salvar-te na Egreja Romana.

Esta maxima foi tambem perfilhada e professada pelos discipulos de Calvino, entre os quaes se conta o celebre Theodoro de Béze, que succedeu ao mestre na direcção da seita em Genebra, e que tambem o seguiu na doutrina e imitou na vida licenciosa e desregrada. Por seu procedimento devéras escandaloso e com a publicação de certas poesias, infamara e desacreditara por completo o seu nome em Paris, onde, como elle mesmo depois escreveu, *tinha feito muitas conquistas a Satanaz*. Depois de 1548 apostatou publicamente da Egreja Catholica e desposou Claudina Donosse, que ainda tinha vivo o marido. Este homem foi tão em extremo perverso, que Sturm, theologo protestante, e quasi seu contemporaneo, escreveu d'elle: *Béze não crê senão uma coisa; e é que não crê nada*. Foi porém sempre obrigado pela evidencia dos factos e razões a ter por verdadeira a Egreja Catholica Romana; e só os seus vicios o conservaram apartado d'ella,

como confirma um colloquio ou entrevista, que teve com S. Francisco de Sales. Este santo tão admiravel por seu saber e doçura de trato, fez um dia uma visita a Béze. Apenas entrou no seu quarto, a primeira coisa que lhe pediu, foi que não o houvesse por inimigo, que não o era. Béze respondeu que o estimava e apreciava por seus merecimentos e saber; mas que lhe desagradava e causava pena vê-lo pugnar por uma causa tão má como a da Egreja Romana.

F. Não ha duvida que S. Francisco de Sales soube dar-lhe a resposta que merecia!

P. S. Francisco de Sales valeu-se d'aquellas palavras para lhe perguntar se estava na persuasão de que o homem não se pudesse salvar na Egreja Romana.

F. E Béze que respondeu?

P. Não atinando com a solução de pergunta tão grave e momentosa, pediu ao Santo que lhe désse tempo de pensar, e entrando no seu gabinete começou a passeiar de um lado para o outro. Saindo d'alli passado um quarto de hora, disse:

— Sim, eu creio que o homem póde salvar-se dentro da Egreja Romana.

— E porque é então, replicou S. Francisco, que vós implantastes a vossa pretendida Reforma á custa de tantas guerras e morticinios, quando sem perigo de especie alguma cada um de vós podia conseguir sua eterna salvação permanecendo tranquillo no gremio da Egreja Romana?

Apertado por esta razão, Béze foi forçado a confessar que, apesar de se achar em avançada edade, persistia na Reforma, porque assim podia secundar mais livremente suas paixões.

F. A falar a verdade, já nem sabemos o que pensar: então Luthero, Calvino, Theodoro de Béze são todos de opinião de que tinham na Egreja Romana a verdadeira Religião, e que todos, que nella entram, se pódem salvar, e depois voltam-lhe as costas e abandonam-n'a para inventar uma a seu modo, reprovada pela Egreja Romana?! Não somos capazes de comprehender o que tinham aquelles homens nas suas desmioladas cabeças.

P. E' esta, como vêdes, uma das grandes contradicções dos protestantes. Os valdenses, os lutheranos, os calvinistas são de parecer que nós podemos salvar-nos seguindo a nossa religião; por nosso lado, nós temos argumentos irrefragaveis para affirmar que elles estão fóra da verdadeira Egreja: ora, que consequencia vos parece que podemos tirar de tudo isto?

F. Parece-nos que podemos sem mais avançar a conclusão de que os protestantes concordam comnosco em que estamos de posse da Religião de Jesus Christo.

P. E que devemos dizer da religião protestante?

F. Devemos dizer que os protestantes, admittindo como verdadeira a nossa Religião, são naturalmente forçados a concluir que a Egreja reformada labora em erro, visto que sempre foi e sempre será condemnada como falsa pela Egreja Catholica Romana.

P. Esta verdade demonstra á saciedade o absurdo do Protestantismo. Nós portanto podemos fazer aos protestantes a seguinte pergunta: Se vós, protestantes, affirmaes, e sois de parecer que a Religião Catholica é verdadeira, porque não a abraçaes, porque não abandonaes para sempre uma seita.

que, segundo os catholicos, é certo que vos condemna, e, segundo o vosso mesmo parecer, põe em grande risco a vossa salvação eterna?

E aqui apraz-me citar-vos um exemplo tirado da Historia Ecclesiastica. Henrique IV, Rei da França, ao subir ao throno, era chefe dos calvinistas. Mas Deus illuminou-o, dando-lhe a conhecer a verdadeira Religião. Por isso o seu primeiro cuidado foi instruir-se bem nos dogmas da Religião Catholica; em seguida mandou vir á sua presença os ministros protestantes, e perguntou-lhes se acreditavam que o homem pudesse salvar-se na Egreja Romana. Depois de reflectir detidamente, responderam que sim. Então o Rei respondeu ajuizada e sensatamente:

— Porque é então que a abandonastes? Os catholicos affirmam que ninguem póde salvar-se na vossa seita; vós concordaes em que é possivel um salvar-se na seita d'elles; é por isso justo e razoavel que eu siga o caminho mais seguro, e prefira aquella Religião, na qual, na opinião de todos, me posso salvar.

Em seguida aquelle soberano renunciou á heresia, e entrou novamente no gremio da Religião Catholica, empenhando-se em fazê-la florescer e progredir nos seus Estados.

DECIMA TERCEIRA PALESTRA

Do Scisma anglicano.

P. Se vós, meus queridos filhos, considerardes uma carta geographica, vereis para o nosso occidente, isto é, d'aquella parte onde se põe o sol, o

vasto reino da França, e depois de um curto trecho de mar, chamado agora da Mancha, uma ilha vastissima a que dão o nome de *Inglaterra*. O Evangelho foi ahi prégado desde o tempo dos Apostolos: e não ha paiz que désse tão grande numero de Santos como a Inglaterra, tanto que lhe foi posto o nome de *Terra ou Ilha dos Santos*. Morreram martires doze dos seus monarcas; mais dez fôram inscriptos no catalogo dos Santos. E comtudo, quem o diria? Um reino tão benemerito da Religião, tão fiel e obediente ao Romano Pontifice, foi pelos vicios de um dos seus Reis arrastado a um scisma deploravel sobre todos quantos regista a historia.

F. Qual foi esse Rei, que causou á Inglaterra tamanha desgraça?

P. Foi Henrique VIII, que subiu ao throno de Inglaterra em 1502. Nos primeiros vinte e cinco annos do seu governo viveu como bom catholico e affeiçoadissimo ao Vigario de Jesus Christo. Como os erros de Luthero começavam a infestar os seus Estados, propoz escrever elle mesmo um livro contra os protestantes, e dedicou a sua obra ao Papa Leão X, que por esse motivo o distinguiu com o nome de *Defensor da Egreja*.

F. Até ahi Henrique não fez mal nenhum á Religião, antes pelo contrario foi seu defensor; não é assim?

P. Se elle não deixasse de seguir os exemplos de seus antecessores, como por muitos annos fez, decerto que teria sido um dos mais gloriosos entre os monarcas do seu paiz; mas o desgraçado deixou-se cegar do vicio da impureza; e o Senhor mostra-nos por terriveis exemplos que o seguir

este vergonhoso vicio o mesmo é que abandonar a Fé, e renunciar á propria Religião, consoante exprimem as palavras: *Luxuriari idem est ac apostatare a Deo.*

F. Faça favor de nos dizer como aconteceu isso.

P. Conto-vo-lo, mas em poucas palavras, porque se taes peccados causam asco a qualquer christão, muito mais devem causá-lo á vossa edade juvenil.

No começo do seu reinado Henrique VIII havia-se casado com Catharina de Aragão, virtuosa filho do Rei Fernando V, e viveu com ella por bem 25 annos. Em sua velhice, até córo de vo-lo dizer, apaixonou-se por uma donzela libertina e descarada de nome Anna Bolena. Os historiadores dão a essa mulher os mais deshonrosos e infamantes epithetos. Henrique queria desposá-la, mas não podia por ser ainda viva a primeira mulher. Dirigiu-se pois ao Papa para obter a dissolução do seu matrimonio com Catharina.

F. Que resposta deu o Papa?

P. O Papa respondeu-lhe que em sua consciencia não podia attendê-lo, porque, sendo o Matrimonio indissoluvel, a nenhum dos dois conjuges era licito passar a segundas nupcias sem ter morrido um d'elles.

F. O Papa, vsito que tem todo o poder junto de Deus, como se costuma dizer, não podia então dissolver aquelle matrimonio?

P. O Papa não póde de modo algum dispensar nas coisas que Deus prohibe; e uma d'estas é a annullação d'um matrimonio valido e já consummado. O proprio Jesus Christo decidiu esta questão ao dizer que os dois conjuges formam um só

matrimonio, que ninguem póde desfazer: *Quod Deus conjunxit, homo non separet.* O Papa usou de toda a sua prudencia e amabilidade para abrandar a irritação do soberano, e pediu-lhe ardentemente que não exigisse coisas que não se podiam conceder; e que no caso de perseverar na sua cega obstinação, um irreparavel escandalo degradaria seu nome perante todos os seus subditos.

F. Henrique, que era bom catholico, não obedeceu á voz do Romano Pontifice?

P Meus filhos, se aquelle Rei fosse dominado por outra paixão, por certo que dobraria a fronte em face da autoridade de Jerarca Supremo da Egreja; mas o vicio que o dominava, era a deshonestidade, que cega e deprime o homem, a ponto que o torna similhante a vis animaes, como nota a Sagrada Escriptura: *comparatus est jumentis insipientibus.* O desgraçado Henrique não quiz ouvir a voz de Deus, nem a dos homens. Repudiou a primeira mulher, casou com Anna Bolena e declarou guerra áquelle Pontifice, a quem elle e seus antecessores tanto tinham amado, respeitado, e obedecido durante tantos seculos. E não contente com revoltar-se contra o Papa, começou a perseguir encarniçadamente os Bispos, os Sacerdotes e em geral todos os catholicos. Entre as pessoas de vulto, que naquella perseguição deram a vida pela Fé, contam-se o Cardeal Fischer, e Thomaz Moore, Chanceller ou Ministro do Estado.

F. Diga-nos alguma circumstancia particular da morte do Cardeal Fischer e de Thomaz Moore.

P. Estes dois varões famosos por sua virtude e saber, claro que não podiam approvar, e até censuravam o pessimo procedimento do Rei, que

por isso lhes tirou os cargos e os mandou encerrar na prisão. Mas como nem por isso mudavam de opinião, e se mostravam promptos antes a soffrer qualquer desgosto e tormento que a traír sua consciencia, Henrique mandou-os metter numa prisão mais escura e penosa que a primeira, e por fim condemnou-os á morte.

O Cardeal Fischer, quando o tiraram da masmorra para ser conduzido ao supplicio, vestiu-se com o que tinha de mais precioso e bonito, dizendo: *E' assim que se deve ir para as bodas.* Assim chamava elle o seu martirio. Elle era velho e em virtude do muito que padeceu em mais de um anno de prisão, estava muito alquebrado de forças, tendo por isso de se encostar a uma bengala. Apenas porém deu com os olhos no cadafalso, sentiu seu coração transbordar de alegria, e como se o corpo lhe houvera cobrado novas forças e vigor, deitou fóra a bengala, exclamando: *Coragem, minhas pernas, cumpri o vosso dever; pouco caminho tendes já que andar.* Em seguida, subindo ao cadafalso, na presença de toda a multidão, ergueu os olhos ao céu e entoou o *Te-Deum* para agradecer a Deus o haver permittido que morresse pela Fé. Terminada a sua oração, inclinou a cabeça sob o garrote, que immediatamente lh'a decepou.

F. Que grande coragem! Todos estes particulares mostram de sobejo que elle dava a vida por uma causa santa, e foi por isso que Deus lhe infundiu tanta coragem e constancia. E qual foi a morte de Thomaz Moore?

P. Foi como a de Fischer. Quando levaram a Thomaz Moore a noticia de que Fischer ia morrer, exclamou: *Senhor, eu não sou digno de dar a vida*

por vós; mas espero em Vossa bondade que me tornareis digno de tão subida gloria. Sua mulher, aterrada á vista da sorte que ameaçava caír sobre seu marido, foi com os filhos visitá-lo á prisão, e valeu-se de todos os meios e supplicas para o resolver a fazer a vontade ao Rei, que era o mesmo que renegar a Religião Catholica. Thomaz deu-lhe esta resposta:

— Luiza (tal era o nome da mulher), se eu renunciar á minha Religião e fizer a vontade ao Rei, quantos annos poderei ainda gozar dos bens e das grandezas de que me falas?

Replicou a mulher:

— Pódes viver talvez uns vinte annos.

— O' louca, tornou Thomaz; e então queres que por vinte annos de vida eu perca uma eternidade de gozos e delicias?

Depois de quatorze mezes de prisão, foi tirado para fóra e levado ao logar do supplicio. Quando chegou ao pé do cadafalso, protestou publicamente que morria pela Fé Catholica, e, depois de recitar o *Miserere*, foi decapitado. Com a morte d'estes heroes extinguiram-se os dois mais famosos campeões da Fé na Inglaterra.

F. E que fazia Henrique emquanto isto se passava?

P. Emquanto tal se passava, isto é, emquanto que o sangue dos catholicos corria por toda a Inglaterra, o Rei entregava-se aos mais immundos prazeres. Aborrecendo-se de Anna Bolena, accusou-a de adultera, mandou-lhe cortar a cabeça, e logo depois casou com Anna Seymur, que fallecia ao fim de dezesete mezes. Teve ainda uma quarta mulher, Anna de Clevef, que bem depressa repudiou e poz fóra do palacio para esposar

Catharina **Howard**. Esta d'ahi a pouco era accusada de semeiar intrigas, e por isso elle fez-lhe tambem deixar a cabeça sob o garrote. Depois d'esta victima, pretendeu ainda outra esposa; e foi a viuva Catharina Pan, que se viu para poder fugir ao fim que tiveram as outras.

Então Henrique, para manter ante os seus subditos ao menos umas apparencias de religião, elegeu-se a si mesmo summo pontifice, ou chefe da religião; e prohibiudo aos seus vassallos toda e qualquer communicação com o Papa, começou a eleger e nomeiar os Bispos pelo tempo e para os logares que muito bem lhe parecia. Constituindo-se assim juiz supremo nas coisas de religião, nomeou a um certo Cromwell, que era simples leigo, vigario geral, definidor nas controversias religiosas e primaz de todos os Bispos, quando porventura congregados em concilio.

F. O' pobres inglezes! Não lhes era melhor obedecer ao Romano Pontifice, que os governava como pae, e os ensinava em nome de Deus, do que obedecer a um homem leigo, não enviado por Deus e entregue a todos os vicios? Não sabemos dizer senão isto: Pobres inglezes! Mas como veiu a acabar seus dias esse tal Henrique?

P. Henrique acabou seus dias atormentado pelos mais vehementes remorsos. Espoliara as egrejas, e apossara-se de todos os bens do clero; e quando se encheu de empobrecer e perseguir os catholicos, então entregou-se sem rebuço á mais desenfreada devassidão. Os excessos no comer e no beber puzeram-no tão gordo, que lhe custava a caber pelas portas do Paço; e para subir as escadas, era mister que fosse levado nos bra-

ços de alguns homens bem robustos e possantes. Reduzido a não poder mais mover-se, parecia um animal feroz enjaulado e prezo. De cruel que era, tornou-se furioso; e apenas chegava aos 55 annos, quando percebeu que se achava no fim de sua vida.

Com as doenças phisicas veiu então assaltá-lo tambem uma tetrica melancolia, e uns remorsos interiores crudelissimos e desesperadores. Lembrava-se, como o impio Antioco, dos sacrilegios perpetrados, dos escandalos causados, dos ecclesiasticos e seculares a que mandara matar, das egrejas sem conta que havia roubado; lembrava-se emfim das infinitas crueldades e delictos, que durante sua vida commettera. Tudo isto contribuia de tal modo a amargurar-lhe a existencia, que até suspirava por morrer.

Nos seus ultimos instantes, para illudir em tal ou qual modo os remorsos de sua consciencia, reclamou, para lhe assistir, algum religioso catholico. Mas como achar um religioso, se elle os tinha expulsado a todos do seu reino? Pediu por fim de beber; e mal bebeu, disse estas derradeiras palavras aos seus amigos: — *E com isto tudo acaba e tudo está perdido para mim.* Dito isto, expirou, a 28 de Janeiro de 1547.

Bem razão tinha o misero para dizer que tudo estava perdido para elle. Ah! sim! Um homem, que, unica e exclusivamente para secundar seus vicios, se divorciara d'uma religião, que antes de seu coração estar pervertido, conhecera, praticara e defendera como verdadeira religião de Christo: um homem, que depois de ter sido o algoz de uma grande parte dos seus subditos, tinha pela violencia obrigado os restantes a abjurar; um homem,

que morria impenitente em meio dos mais sensiveis remorsos, este homem, ia eu dizendo, tinha fundados motivos, motivos de sobra para dizer que para elle tudo estava perdido, até a propria alma, e por toda a eternidade.

DECIMA QUARTA PALESTRA

União dos anglicanos com os protestantes e valdenses.

P. O mal maior que Henrique trouxe á Inglaterra, foi o de a ter separado da Egreja Romana, constituindo o Rei chefe da Religião; derivaram d'ahi innumeros outros erros. E de facto, quem se afasta e separa do Chefe da Egreja Catholica afasta-se e separa-se da Egreja de Christo, abre caminho a todas as desordens, e vae gradualmente destruindo o Christianismo até aos seus alicerces. Luthero e Calvino trabalharam denodadamente, no objectivo de introduzir na Inglaterra a sua Reforma; e fôram optimamente succedidos, tanto que antes do fim do seculo XVI já os inglezes se achavam inteiramente unidos e irmanados com os lutheranos, calvinistas e valdenses. Todos estes são ainda hoje conhecidos pela designação generica, ora de protestantes, ora de reformados, ou innovadores; mas quer se lhes dê um nome, quer outro, sabemos sempre que são os que seguem os erros de Luthero, de Calvino, de Pedro Valdo e Henrique VIII.

F. Como pódem estes herejes, que pertencem a seitas tão diversas, estar de accordo entre si em materia de religião?

P. Não pódem estar de accordo em materia de religião; porque não tendo um chefe revestido de autoridade, que os guie e instrua, resulta que em toda a religião reformada reina uma verdadeira anarquia, podendo cada um fazer e seguir a religião, que mais lhe agrada a elle; de maneira que se póde dizer que cada familia tem uma religião diversa da religião das outras.

F. Nós aqui não comprehendemos uma coisa: o pae assevera-nos que os herejes não vão de accordo em materia de religião, e entretanto todos são contrarios ao Papa, parece até que têm por timbre e gloria desprezá-lo. Poder-se-ha então affirmar que entre os herejes ha unidade de Fé?

P. Isso é que não. Deveis notar que Christo Senhor Nosso fundou a Sua Egreja sobre um edificio firme e bem alicerçado, contra o qual embalde deviam combater as portas do Inferno. Ora, por *portas* ou *potencias do Inferno* entendemos os herejes, os incredulos, os maus catholicos, os quaes como ministros do demonio se acham todos longe da verdade, são todos proselitos do erro. Os erros são muitos, diversos, e oppostos uns aos outros; mas a verdade é uma só, e como não póde alliar-se com o erro, a todos os erros ataca e condemna. Por tal razão os herejes, embora discordes entre si, estão sempre de accordo quando se trata de combater a Egreja Catholica, mestra e depositaria da verdade.

F. Visto isso, os herejes estão só de occordo em combater a verdade, embora sigam erros diversos. Não é isto que o pae quer dizer?

P. E' mesmo assim; e para melhor vo-lo fazer comprehender, adduzirei uma similhança. Ainda

vos lembraes da historia das raposas de Samsão?

F. Oh! sim! Lembramo-nos perfeitamente. Samsão ajuntou trezentas raposas, atou tições accêsos ás caudas de todas ellas, e em seguida soltou-as para que, tomando differentes direcções, déssem cabo das sementeiras e campos dos philisteus.

P. Essas raposas partiram em fórma direita e ordenada?

F. Com certeza que não; porque sentindo o pêlo a arder, tentavam todas fugir em sentido diverso.

P. E entretanto, que iam fazendo?

F. Entretanto estragavam todas as vinhas e campos dos philisteus.

P. Agora prestae attenção: a essas raposas imitam e se assemelham os herejes que,embora caminhem todos por sendas diametralmente oppostas, isto é, professem doutrinas de todo contrarias, comtudo unem-se quando se trata de damnificar as searas da vinha evangelica, que é a Egreja de Christo.

F. Antes de terminar a historia d'estas heresias, tenha a bondade de nos resolver uma difficuldade, que aqui se nos depara. Se a Religião Catholica, que o pae com tantos argumentos nos mostrou ser a unica verdadeira, a unica que offerece provas irrefragaveis de sua origem divina, se esta nossa santa Religião é tão bella, tão clara, como succede que um grande numero de homens, regiões inteiras e vastos reinos, depois de a ter por muitos seculos professado, possam por fim abandoná-la?

P. Fazeis, meus filhos, uma pergunta que me obriga a serias reflexões. Devemos notar que N. S. Jesus Christo assegurou que o Seu Evan-

gelho devia ser prégado por todo o universo, mas não garantiu que devesse conservar-se constantemente em todos os logares; deixou-nos até escripta uma terrivel ameaça, a saber, que tiraria aos homens Sua Religião santissima, quando os homens, desprezando-a, d'ella se tornassem indignos. Isto estabelecido, podemos affirmar que a Santa Religião Catholica foi abandonada em muitas regiões e paizes, e por muitos homens, e isto por três particulares motivos. Em primeiro logar, porque as varias crenças propostas para substituir a Religião Catholica favoreciam as paixões dos homens, e por isso eram mais facilmente acceitas e seguidas pelos libertinos. Em segundo logar, todos aquelles que perseguiram a Religião fôram homens poderosos no seculo, ou protegidos por soberanos temporaes, que acolhiam e fomentavam de bom grado aquelles seitas que, libertando-se de toda a autoridade religiosa, miravam a constitui-los como chefes e arbitros absolutos das mesmas seitas. Uma religião nova e commoda, que permittia o roubo das egrejas e altares do verdadeiro culto, e a apropriação dos bens que os fieis tinham confiado á santidade do templo como deposito sagrado para os pobres e abandonados; uma religião sustentada e defendida, além d'isso, pelas armas e pela força, não podia deixar de arrastar insensivelmente ao erro os subditos de muitos paizes.

Por ultimo devemos concluir que este é aquelle terrivel juizo do Senhor, o qual, conforme se lê no Evangelho, vendo calcada e estragada a Sua vinha, a arranca e tira dos paizes, que a desprezam, e a transplanta para aquelles logares onde cuidem mais d'ella e ella se torne fructuosa e fecunda em

bençãos. Torna-se-nos bem palpavel esta verdade se fôrmos ler com alguma attenção a historia do seculo XVI. Em nenhum seculo se manifestaram tantos herejes, e em nenhum seculo floresceu tão copioso numero de santos, notabilissimos por sua virtude, sciencia e milagres. A santa Religião Catholica foi desprezada, perseguida na Alemanha, na França, na Inglaterra e noutros reinos da Europa; e Deus, vendo que os homens se iam tornando indignos d'ella, tirou-a d'essas regiões e transportou-a para paizes remotissimos e até então desconhecidos. Estes acolheram com jubilo os Missionarios, que em nome de Deus lhes prégavam a palavra da vida eterna e abraçaram o Evangelho. E assim fôram largamente compensadas as perdas soffridas pela Egreja Catholica na Europa. Na China, nas Indias, na America, os infieis entram por milhares e milhares, direi melhor, por milhões e milhães, no gremio da Santa Madre Egreja, tendo como grande dita sua poder receber aquella santa Religião, que noutras partes as paixões e os vicios dos homens haviam tornado desprezivel e vil.

Meus filhos, sempre que nós virmos a Religião desprezada, temamos, não já pela Religião, que é eterna, como eterno é Deus seu autor, mas temamos por aquellas regiões, em que é desprezada; porque lhes está sobranceira e imminente a grande ameaça do Senhor que deixou dito: *Tirarei a Minha vinha aos filhos indignos e a confiarei a outros cultivadores, que a seu tempo a farão dar fruto: Auferam vineam meam, et locabo eam aliis agricolis, qui dabunt fructum temporibus suis.*

DECIMA QUINTA PALESTRA

Os prégadores da Reforma não tinham missão divina.

F. Em todas as epocas, queridos filhos, revelaram os prégadores da divina palavra, quando falavam aos povos em nome de Deus, ter recebido de Deus sua missão, confirmando-a com milagres, santidade de sua vida e pureza da doutrina que ensinavam. Assim fizeram os Prophetas da Lei antiga, os Apostolos e demais discipulos de N. S. Jesus Christo. Ora, vendo nós a Luthero e Calvino, que pregam uma doutrina opposta á que a Egreja Catholica ha mil e quinhentos annos propõe aos christãos, cumpre-nos examinar immediatamente se estes novos prégadores apresentam os três argumentos acima acenados para demonstrar que eram enviados por Deus.

F. A falar a verdade, não nos parece que a vida dos prégadores da Reforma protestante tenha sido uma boa preparação para fazer milagres! Dar-se-ha caso que Luthero, Calvino, Henrique VIII fizessem algum milagre?

P. Deveriam fazê-los, mas como o milagre só o póde fazer Deus em confirmação da verdade, não era com certeza possivel que os fizessem os prégadores protestantes para confirmar seus erros. E por isso nós podemos desafiar quantos vivem divorciados da Egreja Catholica a que nos apontem um só milagre em confirmação da doutrina por elles prégada. Luthero e Calvino estavam since-

ramente persuadidos de que bastaria um só milagre para creditar e confirmar a nova Reforma, e tentaram todos os meios para obrar algum.

F. Mas então Luthero e Calvino chegaram a fazer milagres?

P. Tentaram, disse eu; mas as suas tentativas só tiveram este effeito: — que os mostrou em mais clara luz, taes quaes eram, verdadeiros impostores. (1).

Para vos divertir e alegrar um pouco, sempre vos quero falar de alguns *milagres*, que se contam de Luthero e Calvino. De Luthero é celebre o prodigio que obrou em Wittemberg, e que nos conta Frederico Stafil, que, primeiramente lutherano, depois se converteu á Fé catholica. Elle foi testemunha presencial do facto. *Foi trazido de Mirra,* diz elle, *um rapaz endemoninhado, para que Luthero o curasse. Luthero levou-o para a sacristia da egreja e ahi começou a exorcisar o demonio lá a seu modo, e não como faz a Egreja Catholica. O demonio, em vez de obedecer, contorceu e agitou o possesso a tal ponto que Luthero, todo aterrado, tratou de saír immediatamente d'aquelle compartimento; mas antes que o fizesse, tinha o espirito maligno fechado a porta. Então Luthero correu á janella para se evadir por alli, mas não pôde por ella ter gradeado de ferro. Finalmente chegaram-nos de fóra uma machada; e eu, como mais novo e robusto, arrombei a porta, podendo assim pôr-nos ambos a salvo* (2).

---

(1) Erasmo, contemporaneo de Luthero e de Calvino, falando dos milagres dos novos reformadores, diz: *Nelles não houve nem santidade, nem milagres, pois nem sequer seriam capazes de curar a cauda de um cavallo!* (TRAT. DO LIVRE ARBITRIO).

(2) Resposta a Thiago Smidlin, pg. 404.

Mais admiravel foi o milagre de Calvino, mas como é mais desolador, julgo conveniente não o referir.

F. Não, não, conte-no-lo, que nos dá com isso muito gosto.

P. Se assim o quereis, vamos lá a elle. Quando Calvino morava em Genebra, recorreu a elle para alcançar esmola um pobre homem chamado Brulle, com sua mulher. Calvino, é como fazem tambem os protestantes dos nossos dias, prommetteu que os atteuderia, com a condição porém de que, usando toda a prudencia e segredo, o haviam de ajudar num certo plano seu. Aquelles infelizes, apertados como estavam da miseria, declararam-se promptos para tudo; e industriado pelo novo fazedor de milagres, Brulle fingiu-se doente. Fazem-se orações para obter sua cura nas egrejas de Genebra, mas tudo sem resultado, tanto que o doente parece prestes a succumbir; chega a disfarçar-se com tal perfeição, que o dão por morto. Calvino avisado secretamente de tudo, e fingindo que não sabe nada, faz-se acompanhar de um grande numero de amigos, como quem vae a passeio. Chegando ás immediações da casa, onde estava preparada a comedia, ouve os soluços e a gritaria da mulher que affectava ás mil maravilhas ser victima de desesperadora afflicção. O impostor pergunta o que é aquillo, e entretanto entra em casa, cáe de joelhos com toda a sua comitiva. e em voz alta roga a Deus que mostre o Seu poder restituindo a vida áquelle homem, para assim fazer resplandecer a Sua gloria aos olhos de todo o povo, comprovando que elle, Calvino, fôra realmente enviado por Deus para reformar a Egreja.

Acabada a supplica, Calvino chega-se ao morto e, pegando-lhe na mão, diz-lhe: *Em nome de Jesus Christo, levanta-te e caminha.* O fingido morto não se move. Repetida debalde a mesma ordem, acode a mulher, trata de sacudir o marido, mas vê logo que elle está realmente morto. Imaginae os gritos, as maldições lançadas pela desolada mulher contra o impostor. Atirou-se a Calvino e depois de o enxovalhar com as palavras mais infamantes, sáe furiosa de casa e torna publico o facto em toda Genebra. Ahi está o milagre que Calvino fez.

F. É na verdade um bonito e solemne milagre, e muito folgamos em o saber, tanto mais que nunca tinhamos ouvido contar similhantes maravilhas a respeito de Calvino. Oh! se estas iutrujices e velhacarias fossem divulgadas por toda a parte! Mas talvez que Luthero, Calvino e os seus sequazes tenham supprido a falta dos milagres com a santidade de sua vida.

P. Dizei antes que o caracter distintivo dos novos reformadores é o pessimo comportamento e má vida. Luthero, entre as mais infamias, violou, como já vos contei, os votos solemnes, e deixando o claustro entregou-se a toda a sorte de desordens. Calvino, depois de uma mocidade licenciosa, commetteu torpezas, que não me atrevo sequer a nomeiar. Basta recordar que justamente por esses delictos foi em Noyon, sua cidade natal, condemnado á pena de morte; pena que a instancias de um Bispo catholico lhe foi commutada na da *flor do liz,* isto é, numa marca que se imprimia com ferro em braza sobre o corpo do criminoso. Será preciso tambem falar-vos das torpezas do grande promotor

da Reforma na Inglaterra, de Henrique VIII? Meus caros filhos, já vos disse d'elle mais que o bastante; e parece-me melhor lançar um véu sobre certas abominações, porque S. Paulo nem ao menos quer que sejam nomeiadas entre os christãos. Ficae porém certos d'uma coisa, e é que a vida de Calvino, de Luthero e de todos os outros reformadores não é mais que um tecido de infamias horrendas e incriveis, mas infelizmente verdadeiras. Olhae como a este proposito se exprime o proprio Luthero. Este heresiarca, numa obra impressa (1), attentaudo nas desordens a que os novos reformadores se abandonavam, não podia deixar de se queixar d'isso nos seguintes termos: *A maior parte dos meus asseclas vivem como verdadeiros epicuristas; não fazem senão passar os dias nos divertimentos e nos prazeres. Ninguem é capaz de achar entre os papistas ociosos e monstros como estes. Jactam-se de ser reformados, quando em verdade parecem demonios em carne. São beberrões, orgulhosos, enterrados e enlodados na avareza, como nunca fôram sob o Papado. Chega a sua desordem a este ponto, que se alguem quizesse contemplar uma reunião de velhacos, de usurarios, de homens dissolutos, de rebeldes e gente de má fé, bastava-lhe ter o trabalho de entrar numa d'aquellas cidades, que se dizem evangelicas. Duvido que se possa encontrar em meio dos pagãos, judeus, turcos e outros infieis, homens tão obstinados e arrogantes, nos quaes como que se extinguiu por completo todo o bom sentimento e toda a virtude, a ponto de terem*

(1) *Luterus in colloquiis*, pg. 234.

por coisa de nenhuma monta toda a especie de peccados.

Assim escrevia Luthero ao considerar as desordens, que reinavam entre os seus discipulos e nos restantes reformados. Ora, poderão mestres d'estes, poderão discipulos d'este estofo arogar-se a gloria de ter recebido de Deus a missão de reformar a purissima e santissima doutrina da Egreja de Jesus Christo?

F. Estes crimes e desordens deixam-nos assombrados; dir-se-hia que os novos reformados não são mais que uma legião de demonios vomitada do Inferno.

P. No mal elles são capazes, como confessa o proprio Luthero, de eclipsar os judeus, os turcos e os pagãos.

DECIMA SEXTA PALESTRA

Egreja orthodoxa da Russia.

P. Depois de vos expor a historia da Reforma protestante, creio opportuno falar-vos tambem do Scisma russo, ou da Egreja orthodoxa da Russia. Lembraes-vos por certo de que a Russia é a maior monarquia da terra. O seu Soberano chama-se Czar, ou Cesar, como se chamavam os antigos imperadores de Roma. A Egreja nacional, ou religião do Estado, chama-se Egreja *orthodoxa,* de uma palavra grega que significa: *que pensa rectamente.* Mas este epitheto de *orthodoxa* não convém de modo nenhum á Egreja russa, porque, professando o scisma, deixa de ser verdadeira Egreja, nem póde

adoptar o titulo de *bem pensante*. Ao Soberano dá-se tambem o nome de *Autocrata* ou plenipotenciario, por isso que todo o poder está concentrado nelle só, com exclusão de toda outra pessoa.

F. São muito limitadas as noticias que nós temos ácerca d'este imperio. Seria portanto favor que o pae nos dissesse alguma coisa a proposito da sua historia e religião. Ser-nos-ha isso por certo de vantagem, sem deixar de nos ser gostoso e aprazivel.

P Os russos, chamados tambem russolanos, começaram a receber algumas luzes do Evangelho no seculo VII; não o abraçaram porém de um modo estavel senão no seculo X, sendo Rei Wolodomiro, que bem póde dizer-se o Apostolo da Moscovia e de toda a Russia.

O Scisma de Phocio havia-se derramado de Constantinopla pelas varias regiões d'aquelle imperio. Os russos assistiram com os gregos ao Concilio geral de Florença (1439), no intuito de se unirem á Santa Sé; mas os Pastores do rebanho, voltados que fôram á patria, concitaram um grande descontentamento e revolta contra tal determinação, e logo a seguir o imperador Basilio III elegeu em Moscou um patriarca independente, obrigando todos os seus subditos a dirigir-se a elle para a decisão de toda e qualquer controversia religiosa. Abolida assim a obediencia ao Summo Pontifice, principiaram immediatamente as discordias, as oppressões, e consequentemente as perseguições contra os catholicos, quando se recusassem a perfilhar e cumprir os decretos do assim chamado Santo Sinodo, celebrado em 1667.

Em meio de similhante diversidade e opposição

de crenças, cada qual adaptava á sua consciencia as regras e maximas que mais lhe agradavam e faziam geito. E d'ahi, alguns professavam o Mahometismo, outros o Protestantismo, muitos permaneceram fieis e firmes na verdadeira Fé; ao passo que mais de seis milhões de habitantes ficaram pagãos, adorando as ridiculas divindades gentilicas.

As coisas continuaram assim até á reforma de Pedro o *Grande*.

F. Que fez esse tal Pedro o *Grande*, em materia de Religião?

P. Pedro I, cognominado o Grande pelo seu engenho e valor militar, reconheceu que os povos sem chefe que em nome de Deus lhes explique a religião, cáem em destemperados e grosseirissimos erros, e por isso tentou reconduzir seus subditos á sujeição e obediencia do Papa, não poupando para isso nenhum meio ao seu alcance. Mas não foi bem succedido no seu intento. E notando que as turbulencias avultavam e cresciam de dia para dia, querendo pôr termo ás sempre crescentes discordias, concentrou definitivamente em si todos os poderes; quer dizer, constituiu-se a si mesmo Papa, Soberano, Chefe dos parocos, dos Bispos, dos Arcebispos e dos proprios Patriarcas.

Para isso em 1720 Pedro o *Grande* transferiu a capital de Moscou para S. Petersbugo, e estabeleceu uma liturgia com o nome de *Estatuto fundamental ecclesiastico*, a que deu por base uma liberdade de consciencia illimitada, como têm os lutheranos, os calvinistas e os mahometanos. O famoso Estatuto até a mesma idolatria tolera.

Afim de subtrahir os seus subditos á obediencia do Papa, ordenou ainda que todos os que qui-

zessem tomar conta de algum emprego civil ou cargo ecclesiastico, fizessem primeiro o seguinte juramento: *Confesso e juro crêr que o Juiz Supremo da autoridade religiosa é o nosso Monarca, supremo senhor de todas as Russias.*

Esta formula de juramento é scismatica, e rompe por completo toda a dependencia e sujeição ao Vigario de Christo. E por tal motivo os catholicos recusaram-se com horror a perfilhá-la, valendo-lhes isso a exclusão dos cargos publicos, e aos que já eram empregados deu-se-lhes a exoneração e deposição.

Todavia o Imperador Pedro, considerando que nos seus Estados era grande o numero de catholicos, deixou-os por algum tempo em paz. Mas os seus successores começaram a valer-se da fraude, do engano e até do desterro e de sanguinolentas perseguições para os obrigar a seguir o scisma. Infelizmente alguns, aterrados pelas ameaças e oppressões, prevaricaram e apostataram; os outros perseveraram em sua Fé a custo até da propria vida. Viram-se então muitos paes, que com seus filhos eram postos fóra de casa, e despojados dos seus haveres; outros mettidos nas prisões, ou desterrados para duro e intratavel desterro, e até condemnados á morte pelo só facto de serem catholicos. Nestes ultimos tempos porém firmaram-se mais amigaveis relações com a Santa Sé: de modo que os desterrados em odio á sua Fé serão chamados, mnitos Bispos poderão voltar ás suas Dioceses, e os catholicos poderão exercer livremente os actos do seu culto e religião.

F. Muito obrigados, querido pae. Graças aos seus esclarecimentos já temos uma ideia historica sobre

o Scisma e sobre a Egreja orthodoxa da Russia. Mas diga-nos agora: quaes são os erros dos russos?

P. O Estatuto fundamental da Russia, como vos acenei ha pouco, concedendo uma liberdade de consciencia demasiada ampla, autoriza cada pessoa a constituir-se uma crença a seu bel-prazer, e a fazer aquillo que mais lhe agrada. Por tal razão a Russia é porventura o unico imperio christão do mundo, onde ainda hoje é reconhecida a idolatria, tão seguida e abraçada, que passam de seis milhões de russos, que adoram os deuses falsos e mentirosos de Gentilismo.

Os russos professam muitos erros ácerca da administração dos Sacramentos, sobretudo da Ordem, ácerca do exercicio da jurisdicção dos parocos, dos Bispos e dos mesmos Patriarcas. Devem pagar ao Soberano uma avultada somma se querem ser eleitos para os cargos religiosos. Quem paga somma maior, obtem emprego mais elevado e lucrativo.

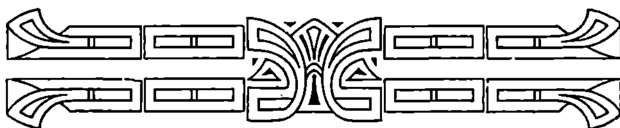
Pelo que respeita á Biblia, seguem tambem o espirito privado; mas nas duvidas recorrem á tradição conservada nos escriptos dos Santos Padres anteriores a Phocio, e ao seculo IX.

O erro principal, e que dá origem a muitos outros, é a desobediencia e revolta contra a autoridade do Papa. Nas questões religiosas os russos appellam para o Imperador, que muitas vezes resolve as mais serias e intrincadas questões de Theologia, sem nunca a ter estudado.

F. Quando os russos se separaram dos catholicos, a Egreja Romana introduziu alguma modificação na sua doutrina?

P. Quando os russos cairam no scisma, não se

deu modificação de especie alguma na Egreja Catholica Romana. Ella continuou a professar a mesma Fé, a usar os mesmos Sacramentos, a praticar a doutrina de N. S. Jesus Christo, como o havia sido desde os primeiros seculos christãos. A mudança foi toda na Egreja da Russia. Esta praticou e seguiu o Catholicismo até ao seculo IX; mas então perfilhou o Scisma de Phocio e abraçou os seus erros. Havemos de ver em apropriadas palestras que os scismaticos e herejes, pelo só facto de se afastarem da Egreja Catholica, mostram não pertencer mais á Egreja de Christo. Demonstraremos pelo contrario até á evidencia que a Egreja Romana nunca introduziu nenhuma alteração, e que as mesmas verdades ensinadas por N. S. Jesus Christo, prégadas pelos Apostolos, e seguidas nos primeiros seculos da Egreja, são aquellas mesmas que ella hoje ensina, sem ter jámais admittido variação alguma.



TERCEIRA PARTE

Invariabilidade da Doutrina Catholica

PRIMEIRA PALESTRA

A Egreja Catholica nunca alterou os dogmas ensinados pelos Apostolos.

P. Já vos contei por alto, meus presados filhos, a historia do Mahometismo, do Scisma de Phocio, dos valdenses, da Reforma protestante, do Scisma anglicano e da Egreja orthodoxa da Russia. Estas exposições mostram-nos e persuadem-nos de duas grandes verdades. Primeiramente, mostram que os fundadores do Mahometismo, do Scisma grego e da Reforma protestante eram maus catholicos, que para viver á redea solta se afastaram da Egreja de Jesus Christo. Em segundo logar, que os pastores da Egreja Catholica continuaram a governar as suas respectivas Egrejas todas em união com a de Roma, que por seu turno continuou a ser, como é ha dezenove seculos, a séde do Vigario de Christo. Todos estes pastores, Bispos e Papas, quando surgiam scismas ou heresias, saiam logo a combatê-las com grande zêlo. Mas

emquanto os combateram, professaram sempre a mesma Fé, a mesma lei, e adoptaram sempre os mesmos Sacramentos propostos pela Egreja Catholica, de que os Reformadores desertaram.

F. Esta successão nunca interrompida de Papas e de Bispos na Egreja Catholica é um facto tão manifesto e averiguado na historia, que os proprios protestantes se veem obrigados a confessá-lo. Por isso custa-nos a comprehender como os protestantes e os demais herejes tenham ousado separar-se, e ousem ainda hoje viver separados da nossa Religião, depois de reconhecerem que ella tem por seus primeiros pastores e fundadores os proprios Apostolos; e não pódem em opposição apontar-nos um só homem, que antes dos chefes reformadores tenha professado a sua crença.

Além d'isso, a vida dos fundadores da Reforma demonstra bem claro que elles não eram de nenhum modo enviados por Deus, visto que a historia, que o pae nos esboçou ácerca d'elles, está cheia dos mais abominaveis delictos.

P. Meus queridos filhos, esta rebellião dos protestantes, dos scismaticos, ou de outros herejes contra a Egreja Catholica, não póde ter por origem e causa senão a soberba, a ignorancia ou a depravação dos costumes. Os protestantes são forçados a confessar que a Egreja Catholica tem por fundadores os Apostolos; e ao mesmo tempo admittem a passagem do Evangelho, em que N. S. Jesus Christo promette e assegura solemnemente que quer fundar a Sua Egreja sobre S. Pedro, (1) e que *as portas do Inferno nunca prevalecerão con-*

(1) S. Math. XVI, 18.

tra ella. Sabem que os seus heresiarcas eram homens cheios de vicios e até têm vergonha de os confessar e reconhecer por fundadores da sua seita; sem embargo continuam a viver em rebellião contra a Egreja sob o pretexto de que Ella, poucos seculos decorridos da sua fundação, aberrara da doutrina dos Apostolos, modificara ou alterara os dogmas por elles ensinados.

F. Foi justamente isso que nós ouvimos dizer, querido pae, isto é, que sob esse pretexto é que Luthero e Calvino se afastaram da Egreja Romana, e que os protestantes ainda continuam em nossos dias a accusá-la de ter corrompido e adulterado os ensinamentos apostolicos. Ora, nós muito queriamos que nos esclarecesse sobre este ponto, e nos ensinasse os argumentos convenientes e apropriados, que sirvam a rebater esta accusação formulada contra a nossa santa Religião.

P. Da melhor vontade satisfarei vossos justos desejos. Mas antes de tudo deveis aqui trazer á lembrança que a Egreja chama-se Apostolica, porque ensina as doutrinas ensinadas pelos Apostolos; e porque mediante uma serie não interrompida de pastores tem constantemente exercido a autoridade dos mesmos Apostolos. Mas, sendo evidente que o Protestantismo não póde mostrar nem provar successão alguma de pastores até aos Apostolos, segue-se infallivelmente que elle não pertence á Egreja fundada pelos Apostolos; e por isso mesmo é evidente a sua falsidade. Comprehendeis bem este tão simples raciocinio?

F. Parece-nos clarissimo, e por isso de facilima comprehensão.

P. Os protestantes, porém, como não pódem

negar á Egreja esta successão dos pastores, forcejam por demonstrar que ella prevaricou e divergiu da doutrina ensinada pelos Apostolos, e que por isso deixa de ser Apostolica; agora, em vez de ser a Egreja de Christo, tornou-se (toleremos esta injuriosa expressão) a sinagoga do Antichristo. Mas para deitar por terra de um só golpe similhante asserção dos protestantes, bastará apertá-los com este unico argumento, que vos deveis esforçar por não esquecer, e dizer-lhes: Vós, protestantes, admittis sem mais nem menos que a Egreja Catholica foi em certo tempo a verdadeira Egreja de N. S. Jesus Christo. Mas a Egreja de Christo, segundo o Evangelho, nunca póde decrescer, nunca póde fallir e acabar. O divino Salvador prometteu-lhe a Sua perpetua assistencia, dizendo aos Apostolos e na pessoa d'elles aos seus successores: *Eis que Eu estarei comvosco todos os dias até á consummação dos seculos* (1). Jesus além d'isso assegurou os Apostolos de que as portas do Inferno nunca jámais lograriam levar de vencida a Sua Egreja. Por conseguinte a verdadeira Egreja não póde jámais mudar nem pelo rolar e decorrer dos seculos, nem pelas crueis alternativas e perseguições que soffra. Pelo que a vós, protestantes, cumpre escolher uma das duas: ou affirmar que o Evangelho e a palavra do Filho de Deus pódem falhar: ou concordar comnosco que, se a Egreja Catholica foi um tempo a verdadeira Egreja de Christo, nunca mais póde deixar de ser tal, tal é ainda agora, e tal será em todos os seculos por vir. Se admittis a primeira d'estas coisas, blasphemaes

(1) S. Math. XXVIII, 20.

contra N. S. Jesus Christo, e pondes-vos simultaneamente em contradicção com vós mesmos, que tendes a Sagrada Escriptura como regra unica da vossa fé. Não vos resta por conseguinte senão a segunda, isto é, crer na veracidade da nossa Religião Catholica, crer que ella nunca se apartou, nem tão pouco pôde apartar-se da doutrina dos Apostolos.

F. Parece-nos que o pae aperta e enreda de tal modo os herejes, que os desgraçados não têm por onde escapar-se.

P. Os protestantes dizem ainda que no decorrer dos tempos a Egreja modificou os dogmas recebidos dos Apostolos. Ora vós, protestantes, haveis de provar-nos com a historia na mão estas três coisas: 1.º o tempo em que se fez tal modificação; 2.º quem a introduziu; 3.º sobre que ponto de doutrina verse.

F. Tratando-se de um facto qual é a mudança de religião, isto é, de facto publico, visto que a Fé christã era, como é, professada publicamente, e por crescidissimo numero de homens, parece que não deveria haver nos livros e monumentos historicos nenhuma coisa mais clara nem mais termiminante, que esta variação de dogmas, que os protestantes assacam á Egreja Catholica.

P. Certo que sim. E na verdade, abri a Historia Ecclesiastica, logo vereis que ahi vêm diligentemente e com grande precisão apontadas todas as heresias, que tentaram infestar a Egreja, começando do tempo dos Apostolos até aos nossos dias. Vereis ahi indicado o tempo em que surgiu cada heresia, apontado o nome do seu autor, determinado com exactidão o dogma por ella investido

e atacado. Mais. Até vereis apontadas as variações e as diversas phases por que as mesmas heresias passaram. E assim o doutissimo Bossuet relevou e evidenciou á saciedade as innumeras variações das egrejas protestantes: e os protestantes nunca fôram capazes de lhe dar resposta.

F. Os protestantes poderão de algum modo mostrar quando, por quem, e sob que ponto de doutrina se haja introduzido na Egreja Catholica alguma alteração ou mudança?

P. Nada d'isso elles pódem.

F. O pae já nos disse d'outras vezes que os protestantes asseveram que a Fé dos Apostolos se conservou em toda a sua integridade na Egreja Romana durante os primeiros seculos, mas que depois se alterou. É verdade?

P. Bem o sei, meus filhos, que muitos protestantes quereriam fazer remontar a decadencia da antiga Fé ao quinto ou ao quarto seculo da Egreja. Mas bem longe estão elles de provar as suas affirmações; esta sua affirmação é até havida por falsa não só pelos doutores catholicos, mas ainda por muitos de entre os proprios protestantes. E aquelles de entre os protestantes, que marcam á pretendida alteração uma epoca posterior, são egualmente refutados por outros dos seus doutores, que provam com os escriptos dos SS. Padres e com as decisões dos Concilios, que os dogmas tachados de alteração já haviam sido notados taes e quaes, muito antes da epoca, em que se diz ter succedido similhante alteração. Por isso, ao passo que por um lado os doutores protestantes são unanimes em accusar a Egreja Romana de ter modificado os ensinamentos primitivos e apostolicos, por outro

acham-se em completo desaccordo, e nunca serão capazes de se pôr de accordo na fixação da data em que se haja effectuado tal corrupção (1). Isto posto, não vos parece esta sua discordancia uma prova palpavel da falsidade da accusação que fazem á Egreja Catholica, de ter alterado os primitivos dogmas?

E. Oh! esta discordancia dos protestantes é com certeza a melhor refutação que se possa fazer, da falsidade de suas accusações.

P. Eu quero porém que vós mesmos descubraes e percebaes ainda melhor os seus erros, e as calumnias que vomitam contra a nossa Religião. Supponhamos que os doutores protestantes se põem de accordo quanto á fixação da epoca d'aquella pretendida alteração, digam embora que ella se deu no quinto, no sexto ou no setimo seculo da Egreja: nós, os catholicos, desafiamo-los a que nos apresentem os documentos e as provas. Um facto de tanto alcance e importancia não póde ser que se tenha passado, como se costuma dizer, assim ás escondidas, que não fosse observado por todos os christãos. E aqui apraz-me cerzir as palavras, com que S. Francisco de Sales motejava dos protestantes. *Eh!*—dizia—*então dar-se-ha caso que todos os homens da terra dormissem quando Roma creava novos Sacramentos, novos sacrificios, novas doutrinas? Não se nos depara um unico historiador, quer grego quer latino, recente ou antigo, o qual tenha feito ou*

(1) A este proposito diz Cobbet, protestante inglez, dos doutores seus correligionarios: *Haverá quando muito se dois, que achem concordes. Alguns dizem que se passaram 300, outros 400, estes 500, aquelles 600 annos antes da Egreja Catholica deixar de ser a verdadeira Egreja de Jesus Christo*. (STORIA DELLA RIFORMA PROTESTANTE).

deixado nos seus commentarios alguma allusão, alguma observação nas suas memorias ácerca de coisa tão notavel. Seria por certo coisa muito de se admirar qne os historiadores, tão minuciosos até em notar as minimas circumstancias das cidades e dos povos, se fossem esquecer do facto mais notavel que póde dar-se neste mundo, isto é, a mudança universal de religião na cidade e provincia mais assignalada e distinta, quaes são Roma e a Italia (1). A impossibilidade em que se acham os protestantes, de apresentar algum documento authentico que mostre a corrupção e alteração dos dogmas cathalicos, constitue pois uma nova e triumphante prova da calumnia que ejaculam contra a Egreja Romana.

F. Os protestantes, para cohonestar essa falta de provas, talvez alleguem a ignorancia e a corrupção da epoca em que dizem ter sido alterados os dogmas primitivos.

P. São realmente essas, meus filhos, as desculpas e os pretextos de que usam lançar mão os que não têm por si razões de pezo. No espaço de passante de mil annos que medeiam entre o quarto seculo e o apparecimento do Protestantismo, epoca em que, segundo os protestantes, a Egreja Catholica teria mudado de Fé, surgiram no seio da mesma Egreja um S. Jeronimo, um Santo Agostinho, um S. João Crisostomo, um S. Leão, um S. Gregorio, um S. Fulgencio, um S. Prospero, um S. João Damasceno; e passando a tempos mais chegados a nós, um Santo Anselmo e um S. Bernardo, que viveram no seculo XII; um S. Boaventura e um Santo Thomaz de Aquino, que fôram do se-

(1) *Controv.*, parte III, liç. II, disc. 50.

culo XIII; um S. Lourenço Justiniano, que floresceu no seculo XIV, um Santo Antonino, que escreveu e prégou no seculo XV, e tantos outros que por brevidade vos omitto.

F. Oh! Nós, catholicos, podemos devéras orgulhar-nos de ter do nosso lado homens de tão nobre envergadura!

P. Todos elles fôram homens sem comparação nenhuma doutos, consummindo os annos de sua vida no estudo das Sagradas Escripturas e dos Santos Padres dos primeiros seculos. Fôram homens santos e summamente zeladores da integridade e pureza da fé apostolica, que sustentaram e defenderam com sua autoridade e escriptos; fôram infatigaveis em combater a heresia conforme a viam ir apparecendo: teriam mil vezes derramado o seu sangue de preferencia a renunciar ao mais pequenino artigo de Fé; e alguns d'elles tiveram não pouco que soffrer pela defeza da mesma Fé. Pois bem: estes homens tão sabedores e instruidos, tão santos, não viram na Egreja Romana novidade nenhuma em materia de dogmas. Nos seus escriptos lemos muitas queixas contra os maus catholicos; mas pelo que diz respeito á Fé da Egreja, não é possivel dar nesses livros com nenhuma censura, com nenhuma queixa. Mais ainda: esta Fé é continuamente prégada, inculcada e defendida nos seus muitos livros, como os proprios protestantes são forçados a confessar. Elle é lá possivel que tantos grandes homens, no decurso de tantos seculos, não déssem por qualquer alteração na Fé primitiva, se essa alteração realmente se tivesse dado? Elle é lá possivel que Deus Nosso Senhor differisse por mais de mil annos restituir a Fé á

sua primitiva pureza, e que para essa empreza tenha escolhido homens carregados de toda a sorte de vicios, quaes eram Luthero, Calvino e os seus companheiros?

F. Com certeza que não fará tal affirmação quem tenha um poucochinho de miolo, salvo que queira passar por doido.

P. Visto isso, os protestantes não são capazes de nos indicar uma epoca, em que a Egreja Romana se apartasse da doutrina dos Apostolos e de N. S. Jesus Christo. Poderão pelo menos indicar-nos o autor de tal modificação? Pois então que nos digam se este autor foi um homem qualquer, ou Summo Pontifice, ou algum Concilio geral da Egreja. Se nos disserem que foi um homem qualquer, convidá-los-hemos a que nos declarem com que arte, com que força, com que meios emfim logrou esse tal convencer de seus caprichos, de suas novidades, todos os catholicos espalhados pelo globo, todos os Bispos e os proprios Papas, sempre vigilantes e inexoraveis contra qualquer especie de erro. Sabemos, é certo, que não faltaram homens perversos, que se deram afincadamente á tarefa de corromper a Fé com ensinamentos enganadores; não ignoramos que houve principes, que se propuzeram impor aos catholicos por meio da força suas erroneas crenças; mas estes taes vemo-los arrolados no numero dos heresiarcas; estes heresiarcas são contados entre os perseguidores da Egreja.

Nem uns, nem outros lograram exito em sua impia e damnada empreza, e os seus nomes passarão á posteridade cobertos de infamia, a começar em Simão Mago, primeiro dos herejes, e em Nero, primeiro dos perseguidores.

F. Comprehendemos quanto á razoavel o que o pae acaba de nos affirmar; mas como os protestantes não se fartam de attribuir aos Papas a corrupção da primitiva Fé, não poderia acaso succeder que algum Papa ou algum Concilio introduzisse uma ou outra mudança nas coisas de Fé?

P. Os protestantes avançam sempre affirmações gratuitas, e accusam sem adduzir jámais nem testemunhos, nem provas. De facto, experimentemos um pouco os protestantes, e levemo-los a apontar-nos os nomes dos Papas e dos Concilios Geraes, que tenham corrompido a Fé dos seus antepassados. Apontem-nos os protestantes um só acto d'estes Concilios, d'estes Pontifices, o qual se ache em opposição com a doutrina apostolica, consignada nos escriptos dos Santos Padres e nas actas dos Concilios anteriores ao dito tempo. Embalde tentam fazer isso. Nós pelo contrario provamos com a historia na mão, que todos os Concilios e os Romanos Pontifices, antes de dar alguma definição ou proferir alguma sentença em materia de dogmas, examinaram com grandissimo cuidado as Sagradas Escripturas, a tradição apostolica e os ensinos dos Doutores mais antigos; e por ahi orientaram os seus juizos e opiniões, sem nunca se apartar d'elles nem um apice. De tal sorte que no Concilio Constantinoplitano III se declarou ser absolutamente necessario seguir as doutrinas dos Santos Padres não só segundo o sentido, e parecer, mas usar mesmo as expressões por elles empregados, não innovando coisa nenhuma (1); tanta era a adhesão e apego que professavam á doutrina antiga.

(1) Act. 2.

E notae que este Concilio foi celebrado por fins do seculo VII, precisamente quando, segundo os protestantes, se trabalhava na adulteração da Fé primitiva.

F. Os protestantes deviam córar de vergonha, sempre que se atrevem a accusar a Egreja Catholica de ter abandonado os ensinamentos dos Apostolos! A Egreja tem devéras razão para lhes dar o nome de innovadores, porque fôram elles que desertaram da primitiva Fé, arquitectando uma nova a seu capricho.

P. Notae tambem que os Concilios acima acenados, approvados pelos Papas, bem longe de mudar coisa alguma em materia de Fé, fôram celebrados com o especial fim de condemnar as doutrinas erroneas, que em todos os seculos homens de talento, mas desorientados, se empenharam e esforçaram por introduzir.

Para fazer os Concilios, deviam sujeitar-se a muitos incommodos e despezas os Bispos, que a elles acudiam das varias partes do mundo; mas o zêlo pela pureza da Fé, que os abrazava, dava-lhes coragem para supportar de bom grado toda a sorte de sacrificios e incommodos. Só no tempo que medeia entre o IV e o IX seculo da Egreja, celebraram-se oito Concilios Ecumenicos; e não surgiu heresia que elles de accordo com os Summos Pontifices não tenham fulminado. O mesmo fizeram os numerosos Concilios posteriores até ao grande Concilio do Vaticano. E fóra dos Concilios, os Papas velaram sempre não se introduzisse novidade nenhuma em materia de Religião, nem deixaram de erguer-se com voz solemne e vehemente para a reprovar e condemnar ao seu primeiro despontar,

como sóe claro de cada pagina da Historia Ecclesiastica.

Do que até aqui temos dito, já vêdes que os protestantes, ao mesmo tempo que accusam a Egreja Catholica de ter alterado a doutrina dos Apostolos, não são capazes de indicar nem o tempo em que tal alteração se fez, nem quem foi d'ella o autor. E por conseguinte, vós podeis com toda a razão e direito concluir da falsidade de similhante accusação.

F. Nas coisas que o pae nos tem dito temos argumentos de sobra para convencer todas as pessoas bem intencionadas, de que a nossa Fé de hoje é outrosim a mesma dos Padres antigos e dos Apostolos, sem variação alguma.

SEGUNDA PALESTRA

Os protestantes não pódem indicar nenhum dogma dos Apostolos que a Egreja Romana modificasse — Provamos-lh'o com o testemunho dos seus mesmos autores.

F. Ó pae, não vemos chegar o momento em que continue a palestra interrompida, e torne a instruir-nos ácerca da nossa Religião Catholica, para nos industriar e ensinar a rebater as acusações que os protestantes lhe assacam, de ter modificado os dogmas ensinados pelos Apostolos. Vamos lá agora? Ora veja quantos dos nossos companheiros se reuniram aqui, todos anciosos de ouvir o pae.

P. Fizestes bem em convidar outros vossos ca-

maradas; quanto maior é o numero dos ouvintes, mais amenas e proficuas poderão ser as nossas palestras. Ora dizei-me cá: Ainda vos lembraes de tudo o que vos disse na passada palestra?

F. Creio que ainda nos lembramos todos. O pae disse-nos que os protestantes accusam a Egreja Catholica de ter alterado os dogmas ensinados pelos Apostolos; mas que no entanto não pódem indicar nem o tempo em que a Egreja fez tal mudança, nem quem foi o rebelde que ousou introduzi-la; ao passo que os Papas e os Concilios se oppuzeram sempre com toda a vehemencia a qualquer innovação em materia de Fé, por minima que fosse. É facil verificá-lo na Historia Ecclesiastica e nas mesmas actas e decretos dos Concilios e dos Pontifices, actas que ainda existem em nossos dias.

P. Muito bem. Agora vou demonstrar-vos em poucas palavras que os protestantes nem sequer pódem indicar em particular nenhum dogma dos Apostolos, o qual a Egreja Catholica nossa Mãe modificasse.

Recordaes-vos ainda de que os protestantes não negam que a Egreja se tenha mantido fiel aos ensinamentos dos Apostolos durante os quatro ou cinco primeiros seculos. Por isso, se nós, catholicos, lhes provarmos que os dogmas que nós cremos e abraçamos, são os mesmos que fôram ensinados pelos Santos Padres nos ditos primeiros seculos, ficará tambem provado que os actuaes ensinamentos da Egreja Romana não differem em nada dos ensinamentos dos Apostolos; e que por conseguinte Ella é ainda presentemente a unica e verdadeira Egreja Apostolica.

F. É mais que claro: os protestantes não pódem fugir nem desfazer similhante argumentação: por isso os pobresinhos têm sempre na bocca a Egreja dos primeiros seculos, persuadidos de que pódem com tal subterfugio condemnar a Egreja de nossos dias!

P. Foi esse o argumento com que o imperador Theodosio, segundo conta Sozomeno, desconcertou e cobriu de confusão os heresiarcas do seu tempo. Tendo congregado todos os chefes das seitas, isto é, autores de novos credos, dirigiu-lhes esta pergunta:

— Vós tendes como mestres da verdade e como homens realmente apostolicos os doutores da Egreja primitiva, isto é, do primeiro, segundo, terceiro e quarto seculo?

E como elles respondessem affirmativamente, o imperador replicou:

— Pois então vamos lá a confrontar a vossa doutrina com os escriptos d'elles; e se fôr conforme com esses escriptos, será observada e cumprida; d'outra sorte, será regeitada e posta de parte.

Ora aqui está o que ganharam aquelles autores de seitas. Apanhados todos em contradicção, fôram declarados traídores, inimigos de Christo, e desterrados como revolucionarios e perturbadores da ordem publica.

Mas confrontemos tambem nós, catholicos, os nossos dogmas com os escriptos d'aquelles primeiros Padres, sem receio de que se nos depare qualquer contradicção. E podemos fazê-lo facilmente, de duas maneiras: ou citando as sentenças dos antigos Doutores, que corroboram a nossa

doutrina e são contrarias aos herejes, ou então mostrando pela confissão dos nossos mesmos adversarios, que os nossos dogmas fôram ensinados por todos os antigos Padres. Mas o primeiro processo levar-nos-hia demasiado longe, de modo que não seria possivel desenvolvê-lo numa ou em poucas palestras. Lançaremos pois mão do segundo.

F. Muito bem. Não ha argumento melhor e mais seguro para convencer um réu, do que a sua propria confissão.

P. Vamos pois ás provas; e por isso que Luthero e Calvino fôram os dois campeões da Reforma, começarei sem mais por elles.

Luthero, que se jactava de só ter em vista e como escopo o restabelecimento da antiga doutrina em toda a sua pureza, todavia protestou com a maior vehemencia e franqueza que para nada precisava de cem Agostinhos, de mil Concilios e Egrejas. E sabeis o que elle queria dizer com isto? Queria declarar, que, bem longe de achar favoraveis á sua pretendida Reforma, Santo Agostinho, os outros Padres e a doutrina universalmente seguida na Egreja primitiva, estava ao contrario bem persuadido de que favoreciam a Egreja Romana por elle abandonada e combatida: e que por isso não fazia nenhum caso d'elles. E' esse tambem o modo de ver de Calvino, que na sua obra *As Instituições,* ao mesmo tempo que combate os nossos dogmas, confessa repetidas vezes que elle se oppõe a toda a antiguidade. Com isso confessa em prejuizo e descredito seu, que tambem elle achou os nossos dogmas perfeitamente conformes com a mesma antiguidade.

F. O' gente sem miolo! Gabam-se de querer

reformar a Egreja, ou seja, de restitui-la ao seu antigo e primitivo estado, e entretanto oppõem-se á antiguidade e dizem que ella lhes é contraria. Assim revelam de sobejo que são os primeiros a reconhecer a sua Reforma como uma novidade, uma invenção tirada da sua cabeça, e por sua mesma bocca se condemnam.

P. Exactamente, filhos; estes heresiarcas condemnam-se por si mesmos e simultaneamente defendem a nossa Egreja da mancha de innovadora em materia de Fé.

Escutae ainda outra preciosa confissão em prol da nossa Santa Religião Catholica, a qual fez aquelle Melanchton, que, como já vos disse atraz, foi um dos mais fervorosos e enthusiastas discipulos de Luthero. Interrogado por sua mãe, pessoa honesta e catholica, sobre o que se devia crer e abraçar em meio de tantas disputas levantadas pelos innovadores a proposito da Fé, Melanchton respondeu: *Minha mãe, continue a crer e a orar como até aqui, e nunca se deixe embaraçar pelo conflicto das disputas sobre a Religião* (1).

E sobre este ponto omitto muitissimas outras confissões e opiniões d'este genero, para vos citar as que se referem a varios dogmas em particular impugnados pelos protestantes.

F. Bem, muito bem. Escutaremos da melhor vontade o que o pae nos disser ácerca d'estes dogmas, cuja antiguidade os protestantes são forçados a confessar, e que maliciosamente atacam.

P. Os principaes d'esses dogmas são a liberdade do homem, o Purgatorio, as orações e sacrifi-

(1) Biographia Universal, de Feller, art. *Melancton.*

cios pelos defuntos, a necessidade e o merito das boas obras, a presença real de N. S. Jesus Christo na Sagrada Eucharistia, a Confissão auricular, o Primado do Romano Pontifice e a invocação dos Santos (1).

F. São esses mesmos os dogmas da nossa Religião, contra os quaes vemos os protestantes levantar todos os dias maior celeuma, tachando-os de novidade. Será portanto de primeira ordem vê-los apresentados como antigos pelos proprios cabeças do Protestantismo.

P. Venha pois Calvino em primeiro logar. Este, no livro secundo das *Instituições* confessa que os doutores dos primeiros seculos reconheceram todos, como agora reconhece a Egreja, que o homem é dotado de liberdade, isto é, do poder que Deus nos outhorgou de obrar ou não obrar, de obrar de uma maneira diversa d'aquella que se obra.

Apesar d'isso Calvino nega a liberdade do homem, affirmando que elle obra por necessidade; e tem a ousadia de sustentar, no Capitulo XIV, que não póde desculpar-se o erro dos antigos ácerca da graça e do livre arbitrio, por isso que os Santos Padres ensinaram que a graça divina não obriga o homem a obrar, mas lhe deixar a liberdade de cooperar com ella ou de lhe resistir; como aliás o dicta a propria razão e a Fé.

No mesmo livro, no Capitulo XVI, confessa que os Padres mais antigos sustentaram e defenderam a existencia do Purgatorio, que elle porém nega aber-

(1) V. Bellarm., *Controv.* IV, liv. 4. cap. 9; Moses, *Antidoto,* Preg. 14; *Viaggi di un gentiluomo irlandese in cerca di una Religione,* de Thomaz Moore, em varios logares.

tamente, chamando-lhe *fabula de loco subterraneo.*

F. E' por essas mesmas palavras que nós temos repetidas vezes ouvido designar o Purgatorio a certos tresloucados que vegetam pelos cafés e tabernas. Entretanto ahi está o sr. Calvino a dizer que o Purgatorio já fazia parte das verdades perfilhadas e cridas pelos mais antigos de entre os Doutores, quando a Egreja era toda Santa e Apostolica. Oh! que intrujões que elles são! Oh! que velhacos!

P. Prosigamos. Com o dogma catholico do Purgatorio allia-se o dos suffragios pelos defuntos por meio das orações e sacrificios. Ora Calvino na dita obra attesta que 1300 annos antes, isto é, nos três primeiros seculos da Egreja, já prevalecia o uso de orar e offerecer sacrificios pelos defuntos; mas com a audacia que lhe era peculiar, accrescenta que todos os antigos christãos haviam caído e laborado em erro.

F. Se todos os antigos santos e Doutores estiveram em erro até Calvino, a verdade levou então 1532 annos a apparecer na Egreja: e por todo este não pequeno prazo de tempo, N. S. Jesus Christo esqueceu a Sua esposa, a Sua Egreja! Que desproposito! Que impiedade! Esta gente devia ser toda levada para o hospital dos doidos!

P. Olhae ainda outros absurdos de Calvino, que elle mesmo confessa serem contrarios á antiga doutrina. Sustenta elle que a satisfação e a penitencia pelos peccados commettidos é inutil e superflua. E por isso no dito livro tacha a Egreja dos primeiros seculos de ignorante quanto á satisfação dos peccados; incrimina-a tambem de excessivamente severa na imposição das penitencias,

e de ter por esse processo motivado a successiva tirannia, qual foi, em seu modo de ver, a sancção das leis canonicas promulgadas nos seculos posteriores, e accrescenta que a imposição do jejum da Quaresma foi effeito de verdadeira superstição. Vêde, meus filhos: a superstição de que os protestantes e libertinos accusam a nossa Egreja, é tão antiga, como a mesma Egreja.

F. E não obstante, essos taes têm sempre na bocca a belleza e a pureza da Egreja primitiva. Que refinada má fé a de similhante raça de gente! Appellam sempre para a Egreja antiga em opposição á moderna; e acabam por descrer de ambas, e por a ambas tachar de superstição. Vê-se mesmo que tal gentinha tomou o partido de não querer acreditar em nada.

P. Além d'isso, Calvino censura asperamente a Egreja Catholica por Ella ensinar que as nossas obras são verdadeiramente meritorias perante Deus. e que a Fé sem obras não basta para fazer o homem justo e salvá-lo. Não póde todavia deixar de confessar que estes dois dogmas fôram ensinados pelos antigos Doutores e postos em pratica na primitiva Egreja. Tudo isto se póde averiguar consultando o livro das *Instituições,* já tantas vezes citado.

F. Oh! mas esta é mesmo de primeira ordem. Então Calvino quer que os homens se façam justos e voem direitinhos para o Céu só com crer, sem necessidade de observar os Mandamentos da Lei de Deus e da Egreja, e de perna ás costas? Seria mesmo ir para o Céu de carrinho, como se costuma dizer.

P. Dizeis muito bem; e é essa precisamente a

doutrina de Calvino e de Luthero, este o fundamento e base do Protestantismo, de que para garantir a salvação eterna basta sómente crer, sendo de todo inuteis para a salvação as obras boas, mais que inuteis — um verdadeiro estorvo, segundo Luthero e alguns outros dos seus caudilhos, como d'outra vez vos mostrarei.

F. Se a coisa é assim, o Protestantismo é a religião das paixões, e não a Religião pura e santa dos Apostolos e de N. S. Jesus Christo, como vão apregoando os propugnadores da Reforma.

P. Passemos agora, meus filhos, ao grande Sacramento e sacrificio dos nossos altares, que é a gloria, a vida, o coração do Christianismo. Já sabeis que os calvinistas, a que se uniram os valdenses, não veem na Eucharistia senão a figura e a memoria do Corpo do divino Redemptor; e mofam de nós catholicos, que cremos que alli está N. S. Jesus Christo realmente presente, e como tal O adoramos. Pois bem: este sacrosanto dogma da presença real foi perfilhado por toda a antiguidade christã, o que resulta e se faz evidente de caracteres tão manifestos e solemnes, que Escolampadio, um dos primeiros proselitos de Calvino, não pôde contradita-lo, senão dispensando por completo os testemunhos dos Santos Padres antigos: *Semota hominum auctoritate.*

Luthero, para metter a ridiculo o Papa e insultá-lo, tambem queria desembaraçar-se d'este sublime dogma, e pedia aos seus partidarios que lhe suggerissem alguma religião boa para oppor a tal dogma (1), mas nenhum appareceu jámais, que

(1) Epist. ad Argent.

fosse capaz de lhe apresentar uma de valor e de pezo. Os testemunhos da Sagrada Escriptura e dos SS. Padres appareciam-lhe tão claros e peremptorios, que por fim resolveu acceitá-lo e defendê-lo acerrimamente contra os outros innovadores seus socios e cooperadores. E assim, sem dar por isso, forneceu-nos praticamente uma prova triumphal do divino Sacramento.

Que depois a santa Missa tenha sido considerada como o verdadeiro Sacrificio da nova Lei a partir dos Apostolos, é claramente confessado por José Meda de Morton, Bispo protestante, por Sebastião Franco e Ospiniano, homens eruditos e de muito credito e veneração entre os protestantes. Este facto é attestado pelo proprio Calvino. (1)

F. Muito prazer teriamos em ouvir algumas declarações dos protestantes em defeza da Confissão sacramental, que elles agora de parceria com os libertinos tanto atacam, sobretudo depois que se espalhou o impio folheto do apostata De-Sanctis. (2)

P. D'este augustissimo Sacramento, e bem assim dos muitos disparates e das muitas falsidades contidas neste livro, tratarei em particular para outra vez.

Por agora limito-me tão só a referir-vos o testemunho do Bispo protestante Montague: *E' facto averiguado*, diz elle, *que todos os Sacerdotes,*

(1) Liv. 4, c. 18 das *Instituições*.

(2) Luiz De-Sanctis era um padre, que se fez protestante afim de seguir vida escandalosa.

Depois da sua apostasia escreveu alguns livros e folhetos, e entre elles um contra a Confissão.

Esse opusculo foi refutado numa obrasinha intitulada: *Conversações entre um advogado e um paroco d'aldeia sobre o Sacramento da Confissão.*

mesmo os que não estão investidos em dignidade especial, têm o poder de perdoar os peccados; e que a Confissão auricular feita a um Sacerdote é uma pratica muito antiga na Egreja. O Bispo protestante Sparow exprime-se nestes termos: *A nossa Confissão deve ser* integra et perfecta *e não fingida. Devemos confessar todos os nossos peccados. O Céu aguarda a sentença do Sacerdote; e o Senhor ata ou desata aquillo que o Seu ministro atou ou desatou sobre a terra.*

Com estes dois acham-se de accordo muitos outros insignes doutores protestantes de nossos dias.

F. Bastam, pae, bastam estas duas autoridades só para refutar aquelles desassissados, que teem a Confissão como uma recente invenção dos Sacerdotes. Agora refira-nos o que os nossos inimigos disseram a proposito do Papado, que parece ser o baluarte, aonde todos os herejes, os libertinos e os maus catholicos deliberaram de commum accordo dirigir e apontar sem interrupção os seus golpes e tiros.

P. O Primado, isto é, a autoridade do Papa sobre toda a Egreja, foi admittida pelo proprio Luthero, como ha pouco vos observei, quando expuz em resumo a sua vida. Melanchton tambem reconheceu a antiguidade e a instituição divina do Romano Pontificado, e declarou sua absoluta necessidade num dos doze artigos que mandou apresentar a Francisco I, Rei da França; e onde chegou a affirmar que, se não houvesse Papa nem Bispos, fazia mister creá-los, por assim o exigir a conservação da Fé. O douto protestante Grocio proclamou egualmente a necessidade do Primado Pontificio, reconhecendo que se fundava nos antigos

sagrados Canones, como já antes fizera Melanchton, por elle citado (1).

O protestante Blondel exprime-se assim: *Sendo Roma uma Egreja consagrada pela séde do Apostolo S. Pedro, que toda a antiguidade confessou ter sido o Chefe da Egreja Apostolica, facilmente pôde ser olhada pelo Concilio de Calcedonia como o Cabeça da Egreja* (2). O protestante Dumolin fala d'esta sorte: *Quemquer que leia os seus escriptos (os dos Santos Padres), averiguará que os do quarto e quinto seculo são todos unanimes em conceder Primado ao Bispo de Roma e em affirmar que é a elle que pertence o cuidar e velar por todas as Egrejas* (3). Leibnitz, tambem protestante e um dos philosophos mais afamados do mundo, ainda se mostrou mais favoravel ao Pontificado Romano. Mas parece que bastem as autoridades já adduzidas, porque trazê-las todas á collecção levava-nos demasiado longe.

F. E que nos diz o pae relativamente á invocação dos Santos, que os nossos valdenses e os outros protestantes dizem com grande espalhafato ser acto de idolatria introduzido recentemente entre os homens pela Egreja Romana?

P. Oh! quanto aos senhores valdenses e companhia, esses mostram-se muito atrazados em materia de conhecimentos historicos. Vêde, meus filhos: os Centuriadores de Magdburgo, que são historiadores protestantes muito considerados entre os sectarios, (4) confessam que se acham nos escriptos de quatro Doutores do terceiro seculo indicios não

(1) Apol. discuss.
(2) *Sopra il Primato.*
(3) *Vocazione dei Pastori.*
(4) Centuria 3.ª, cap. 4.

duvidosos da invocação dos Santos. O protestante Thorndike fala da seguinte fórma: *E' sabido que todos os Padres gregos e latinos, Basilio, Gregorio Nazianzeno, Ambrosio, Jeronimo, Agostinho, João Chrisostomo, Leão e todos aquelles que lhes succederam, se dirigiram aos Santos e imploraram a sua assistencia.*

F. Se estes grandes luminares da sciencia e da santidade, que tão de perto communicaram e participaram das purissimas fontes dos Apostolos, não notaram idolatria alguma na invocação e veneração dos Santos, como confessaram os autores protestantes citados pelo pae, nós catholicos podemos continuar com a consciencia bem tranquilla a invocá-los e honrá-los com toda a devoção, sem receio de caír no feio peccado de idolatria. Ora! Estes senhores valdenses e protestantes parece que são uns escrupulosos de marca, visto que nem o exemplo de um S. Basilio, de um S. Gregorio, de um Santo Ambrosio, de um Santo Agostinho, e de outros homens de modelar santidade, basta para os tranquillisar sobre tal materia! Parece-nos porém que deviam ter maior escrupulo e remorso mas é de seguir o exemplo de Valdo, de Luthero, de Calvino e outros da mesma laia, que tudo seriam, menos homens santos. Verdade, verdade, mas o seu escrupulo tem todo o ar de ser o escrupulo dos phariseus.

P. Do que até aqui vos tenho dito, já deveis ter percebido, meus presados filhos, que os principaes dogmas da nossa santa Religião, que são atacados pelos protestantes como sendo novidades e adulterações, fôram, como confessam os proprios seus principaes cabeças, ensinados nos primeiros

seculos da Egreja. O mesmo se póde dizer dos outros pontos de Fé que a Egreja agora ensina e ácerca dos quaes guardo silencio para me não alongar em excesso.

Os Centuriadores Magdburgenses acima citados, cujo principal objectivo era esquadrinhar na antiguidade com que lançar o descredito sobre a Egreja Romana, tiveram de admittir, com grande despeito e má vontade sua, que não ha em nossos dias na Egreja doutrina alguma, a qual não tenha sido reconhecida e abraçada como verdade inconcussa nos primeiros cinco seculos (1). E notae que extranha contradicção: — sustentam que a doutrina hoje perfilhada pela Egreja Catholica deixou de ser a dos primeiros tempos; e entretanto são de parecer que os ensinamentos da Egreja Catholica nos tempos actuaes são os mesmos d'aquelles primeiros tempos!

F. Por conseguinte a accusação que os protestantes lançam sobre a nossa Egreja Catholica, de ter modificado os ensinamentos e os dogmas da Egreja primitiva, é uma calumnia deslavada, uma grande mentira, como perfeitamente sabem aquelles mesmos que a trazem á publicidade, e constitue uma prova palpavel da incredulidade d'elles.

P. Agora, meus filhos, já vedes bem claro a verdade do que d'outra vez vos relevei, isto é, que a heresia não provem nuns senão da soberba e da perversidade, e noutros da ignorancia e da seducção. Os chefes das seitas hereticas sabem muito bem que, separando-se da Egreja Catholica, se separam ao mesmo tempo da Egreja dos Apostolos

(1) V. Centuria 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª, da sua *Historia Ecclesiastica*.

e de N. S. Jesus Christo: mas como seu espirito está obcecado pelo orgulho, e seu coração corrompido e viciado por perversas maximas, fogem da luz da verdade, que lampeja e brilha deante de seus olhos. Por isso o seu continuo empenho é arranjar uma religião que quadre a suas paixões.

Mas os herejes que em boa fé e desenvencilhados de preconceitos se dão ao trabalho de examinar e estudar a nossa Religião nos escriptos e documentos dos antigos Padres, para logo reconhecem que ella nunca se desviou da senda da verdade; e por fim, movidos da divina graça, regressam ao seu gremio. Todos os dias a Santa Madre Egreja tem a felicitar-se e se veste de jubilo por alguma nova e estupenda conversão; e abraçando novamente estes filhos transviados, grava em seus fastos os nomes immortaes d'elles.

F. Gostariamos muitissimo que o pae nos falasse de alguma d'essas conversões.

P. Conversões d'essas ha tantas, que me tornaria demasiado longo, se fosse a contar-vo-las todas. Numa estatistica publicada em Londres vêm indicados 213 ministros anglicanos que se fizeram catholicos, muitissimos dos quaes deveram renunciar a largas rendas e a esperanças mais vastas, o que dá maior valor á sua conversão.

De 1847 até o mez de outubro de 1881 converteram-se cerca de dois mil entre *lords* (que são os personagens mais distintos de Inglaterra), deputados do reino. magistrados e officiaes superiores do exercito. Entre todos destacam-se e resplandecem os dois celeberrimos Cardeaes Newman e Manning, homens muito apreciados na Inglaterra por seu talento e profunda erudição, e cuja con-

versão assombrou o mundo, consternou o Protestantismo e trouxe á Egreja Romana um sem numero de pessoas.

Estas conversões são a mais bella gloria e o mais luminoso triumpho da nossa Egreja Romana: porque, como vêdes, ellas não são effeito de ruins e desordenadas paixões, não derivam de baixo interesse, de ignorancia ou irreflexão. Os convertidos acima acenados e outros egualmente respeitaveis são tidos na conta de homens honestos e summamente rectos, até pelos mesmos protestantes; voltaram-se para a nossa Fé depois de um longo e aturado exame de todos os seus ensinamentos, abraçaram-n'a á custa de grandes sacrificios, e alguns até passaram da mediania ou da riqueza á pobreza e á fome.

Foi portanto a só luz da verdade, a só efficacia da divina graça, que puderam fazer similhantes conversões, fornecendo assim outra luminosa prova da verdade e santidade da nossa Religião Catholica.

TERCEIRA PALESTRA

As definições dogmaticas, que em diversas epocas a Egreja Catholica pronuncia, são simples declarações, e não novos dogmas de Fé.

P. São realmente para admirar, meus queridos filhos, os esforços que continuamente fazem os protestantes com o só fim de incriminar e combater a Egreja Romana. Constrangidos a conceder que na Egreja Catholica nada foi innovado quanto aos

dogmas, não se cançam nem acabam de affrontar-nos com uma outra difficuldade, dizendo que a Egreja introduziu e ainda introduz novos dogmas, ou seja, novos artigos de Fé, com as definições dogmaticas que de tempos a tempos vae promulgando, ou nos Concilios geraes, ou mais ainda por meio dos Summos Pontifices

F. O pae fala-nos de definições dogmaticas, e nós não sabemos que coisa sejam; faça favor de nos esclarecer sobre este ponto.

P. As definições dogmaticas são sentenças ou decretos, em que a Egreja propõe e manda abraçar aos fieis uma proposição ou um ponto de doutrina como verdade revelada por Deus, e por conseguinte de Fé: ou ao contrario propõe e manda rejeitar uma dada proposição como contraria á Fé divina e por isso mesmo heretica. Assim, por exemplo, quando Ario negou a divindade de N. S. Jesus Christo, a Egreja no 1.º Concilio de Niceia declarou que Jesus Christo é verdadeiro Deus, consubstancial ao Padre Eterno, e condemnou como blasphema a doutrina d'aquelle heresiarca. Essa declaração ou condemnação foi uma definição dogmatica.

F. Bem está. Agora queira dizer-nos: Que pódem os protestantes allegar contra estas sentenças dogmaticas da Egreja?

P. Elles dizem em opposição á Egreja que as ditas definições são novos artigos de Fé que Ella vae accrescentando aos seus dogmas; e que conseqnentemente não tem conservado em toda a sua integridade a Fé recebida dos Apostolos, antes a alterou e ainda altera com taes definições.

F. Que resposta devemos dar aqui aos protestantes?

P. Já noutra parte lhes respondemos e repetimos aqui que a Egreja com as suas definições dogmaticas não cria nem propõe novos dogmas á crença dos fieis; que até por meio d'elles não faz mais que declarar, ora uma, ora outra d'aquellas verdades, que Deus Se dignou revelar aos homens para os dirigir e levá-los á sua santificação e salvação. E quem a taes verdades não prestar assenso pleno e sincero, não póde agradar a Deus Nosso Senhor, como affirma S. Paulo, e para sempre se condemnará, segundo a terrivel sentença do Salvador: *qui non crediderit, condemnabitur.* (1) Estas verdades fôram por N. S. Jesus Christo confiadas aos Apostolos e aos seus successores no officio pastoral, com obrigação expressa de as ensinar a todas as nações: *Docete omnes gentes* (2); e ainda de as guardar com todo o zêlo e escrupulo, de modo que nada se lhes accrescentasse e nada se lhes tirasse. E por isso exhorta S. Paulo ao Bispo S. Timotheo seu discipulo: *Ó Timotheo, guarda o deposito, fugindo de toda a novidade profana de falar* (3). Por conseguinte se, como frequentes vezes desgraçadamente succede, algum amante de coisas novas começa a combater esta ou aquella verdade ensinada por N. S. Jesus Christo, e a propagar alguma caprichosa opinião sua como verdade divina, que faz a Egreja? Faz ouvir sua autorizada voz contra o

(1) S. Marc. XVI, 16.
(2) S. Math. XXVIII, 19.
(3) 1. Timot. VI, 20.

innovador e declara que a doutrina por elle impugnada é uma das verdades reveladas por Deus e que a nova opinião por elle prégada é uma mentira, um erro. Ora parece-vos que a Egreja, procedendo assim, introduz novidades e faz accrescentamentos arbitrarios em materia de Fé, conforme avançam os protestantes?

F. Nada d'isso. Com taes decisões a Egreja não faz mais que defender e manter a integridade da Fé. Se Ella não indicasse d'esse modo aos christãos o que se deve crer e o que se deve rejeitar, caíriam estes na rede dos herejes enganadores.

P. Exactamente; e se lerdes a historia, vereis que a Egreja a principiar nos tempos apostolicos e por todos os seculos seguintes condemnou os erros e definiu, consoante a opportunidade, as questões que appareceram ácerca da Fé. E nenhum dos Santos Padres olhou nunca essas decisões como novos artigos de Fé, mas tão só como declarações authenticas e infalliveis da mesma Fé, indicando com maior precisão e clareza o que os fieis devem crer. Por conseguinte, quem não quizesse obedecer sinceramente a estas definições da Egreja, tornar-se-hia por essa só razão hereje e extranho a Christo Senhor Nosso, como um gentio e um publicano.

F. E que coisa se deve responder aos herejes, quando nos dizem que a Egreja com as suas definições converteu em dogmas certas opiniões, um tempo ventiladas entre os mesmos catholicos, e sobre as quaes uns pensam d'uma maneira, e outros de outra maneira diversa?

P. Responder-lhes-hemos que a Egreja, ao dirimir essas controversias, não propoz tal alguma verdade

nova, que não fosse já antes verdade de Fé; mas que com a sua sentença poz termo ás disputas, declarando por qual das partes contendoras militava a razão, ou o erro, ou seja, declarando qual das duas opiniões era conforme ou contraria ás verdades reveladas por Deus; coisa de que antes nem todos tinham pleno conhecimento e certeza. D'este modo de proceder que a Egreja adoptou, podemos ir buscar um exemplo á magistratura. Sempre que os advogados discordam ácerca de algum artigo da lei, ha disputas de parte a parte, até que por fim intervem o magistrado supremo, e declara qual o espirito e o sentido da mesma lei. Pois esta declaração não é de modo nenhum um novo artigo da lei, mas apenas uma explicação.

P. A comparação do magistrado, que põe termo ás controversias da lei civil, com a Egreja, que decide as disputas em materia de Fé, acaba de nos esclarecer e capacitar irrevogavelmente de que a Egreja com suas definições não cria nenhum dogma novo, para os fieis crêrem.

P. Isto posto, vós podeis ler na Historia Ecclesiastica que entre os Santos Padres se controverteu se o Baptismo ministrado pelos herejes é valido ou não; se as almas justas, apenas morrem, vão logo gozar a visão beatifica, ou se devem esperar a resurreição dos corpos. Vereis que depois a Egreja definiu que é valido o Baptismo dado, nas devidas condições, pelos herejes, e que as almas justas e limpas de toda a culpa sobem ao Céu logo depois da morte. De tudo isto é-vos facil deduzir e entender que estas duas verdades faziam parte do numero das verdades reveladas por Deus, e que por isso a definição da Egreja

não fez mais que dissipar as trevas, em que se achava envolvida a sua revelação, e que tinham dado occasião ao erro dos que antes as contradictavam e rebatiam.

F. E assim tambem, quando o Episcopado catholico definiu o dogma da Immaculada Conceição da Virgem Maria; e quando foi definida no Concilio do Vaticano a infallibilidade do Romano Pontifice, fôram creados novos dogmas?

P. Nada d'isso: e nessas duas definições não se fez senão declarar que estes dois dogmas são tão antigos como todos os demais até agora cridos, e só differem dos outros nisto, que estes antes da sua solemne definição não eram tão claros, que pudessem dar a cada fiel uma certeza absoluta. Depois de feita tal definição, dissiparam-se todas as obscuridades, todas as incertezas, e nenhum catholico os póde pôr em duvida sem caír na heresia.

F. E poderão ser bons catholicos aquelles, que negaram alguma verdade divina, que depois foi definida pela Santa Egreja?

P. Estes taes ficarão bons catholicos, por isso que viveram sempre em sujeição plena e união com a Egreja sua Mãe e acreditaram firmemente e sem excepção em tudo o que Ella ensinava. Portanto em seu espirito estavam inteiramente dispostos a retratar-se da sua opinião, mal a Egreja a reprovasse. Tacitamente e em seu animo bem disposto acreditavam nestas verdades, que só combatiam por ignorancia e d'ahi o poder-se dizer que renegaram e renunciaram antecipadamente ao seu erroneo parecer e sentimento: o qual aliás era nelles desculpavel, porque viviam na boa fé e erraram sem malicia e sem obstinação.

Se, pelo contrario, não se tivessem conservado obedientes e fieis, como lhes cumpria, ao juizo da Egreja, ou se fossem contra seu parecer e sentença, então deixavam de ser catholicos, e alistavam-se nas fileiras dos herejes, como são os protestantes e os valdenses, que negaram obediencia á Egreja.

F. Os protestantes dizem que a Egreja inventou expressões e definiu coisas, que não se acham na Sagrada Escriptura. Como havemos de responder a esta sua difficuldade?

P. Esta difficuldade foi posta pelos herejes antigos e é repetida pelos modernos. Os arianos do quarto seculo accusavam a Egreja de ter inventado a palavra *consubstancial* para exprimir que o Filho de Deus é da mesma substancia e natureza, que o Pae; e agora os protestantes lançam em rosto á Egreja o labeu de ter introduzido alguns outros vocabulos, por exemplo, a *transubstanciação* do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo. É vêzo dos filhos indoceis e rebeldes esquadrinhar sempre algum pretexto com que cohonestem sua desobediencia.

Em primeiro logar nós respondemos aos protestantes, que as expressões novas usadas pela Egreja, posto não se encontrem na Sagrada Escriptura identicas quanto á sua fórma material e grammatical, encontram-se todavia lá substancialmente quanto ao sentido por ellas expresso. E assim, embora não appareça no Evangelho a palavra *consubstancial*, ahi está porém expressa a equivalente, no ponto em que Christo Senhor Nosso affirma que Elle é uma só coisa com Seu divino Pae: *Ego et Pater unum sumus* (1).

(1) S. João, X, 30.

Tambem não existe no Evangelho a palavra *transubstanciação*, que significa mudança d'uma substancia na outra: mas na sua significação é expressa pelo Salvador, naquelle logar onde diz do pão e do vinho consagrado: *Este é o Meu Corpo, Este é o Meu Sangue*: indicando claramente como, em virtude da consagração, a substancia do pão e do vinho se transforma e muda na do Seu divino Corpo e Sangue. O mesmo podemos dizer de outros vocabulos novos, que compendiam com feliz propriedade quanto é affirmado no sagrado texto por muitas palavras e phrases. Demais a mais, como os inimigos da nossa Santa Religião estão sempre a esquadrinhar novos modos de dizer e escrever para exprimir novos erros, é necessario que tambem a Egreja, quando faz mister, empregue novas expressões para apontar e condemnar esses erros de um modo claro e positivo. A Egreja lançou portanto mão d'esses vocabulos especiaes, porque exprimem o dogma divino com summa precisão e clareza, e não deixam ensejo aos sophismas dos herejes, que são velhacos e andam de má fé.

Em segundo logar respondemos aos protestantes que a Egreja teve de definir como dogmas algumas coisas, que não vêm expressas na Sagrada Escriptura, porque esta não contem todas e cada uma das verdades reveladas por Deus; muitas d'ellas conservam-se na tradição divina fóra da mesma Escriptura.

QUARTA PALESTRA

A Egreja Catholica nunca augmentou ou accrescentou os Artigos da Fé.

F. Visto que o pae nos fala da tradição, queriamos que nos explicasse bem que coisa seja esta tradição divina.

P. Para entender bem que coisa seja a tradição divina, é preciso advertir que N. S. Jesus Christo ensinou aos Seus Apostolos todas aquellas verdades que Elle queria fossem acreditadas e abraçadas pelos homens, para serem Seus sequazes. Ora, estas verdades prégadas pelos Apostolos fôram transmittidas fielmente de geração em geração, conservando-se assim na tradição da Egreja Catholica. De entre essas verdades reveladas muitissimas fôram por divino impulso e sob a divina inspiração escriptas tambem nos livros do Novo Testamento; mas isso não interrompeu o curso da tradição nem lhe cerceou a autoridade divina que a acompanha, pois que algumas das outras verdades ensinadas por N. S. Jesus Christo começaram a ser transmittidas á posteridade sómente de viva voz. E estas constituem justamente o que se chama tradição divina, cuja existencia é apregoada por todos os Santos Padres, e que juntamente com a Sagrada Escriptura fórma o corpo e codigo completo da palavra divina.

Estas verdades recebidas primeiramente da bocca dos proprios Apostolos, fôram depois diligentemente notadas pelos antigos Doutores nos seus escriptos, inseridas nos ritos da Egreja, e ainda

hoje se conservam vivas e intactas no ensinamento dos Pastores sagrados e no commum sentimento do povo catholico. Quando pois os protestantes vos disserem que a Egreja Romana definiu como verdades de Fé certas coisas que não se acham na Sagrada Escriptura, deveis responder-lhes que Ella recebeu essas verdades da tradição divina conservada do modo que ha pouco vos indiquei; replicae-lhes tambem com aquellas palavras de S. João Chrisostomo: *É tradição, não queiras saber mais nada: Traditio est, nihil quœras amplius* (1).

F. E com o andar dos tempos não augmentaram os artigos da nossa Fé?

P. Nunca augmentaram quanto á substancia, isto é, no sentido de que lhes tenham sido accrescentados artigos novos, não contidos ao menos implicitamente, e como em raiz, nos artigos expressamente revelados nos tempos primitivos. Tal a razão por que S. Paulo affirma que os christãos têm o mesmo espirito de Fé que tiveram os crentes do Antigo Testamento: *Habentes eumdem spiritum Fidei* (2). Os artigos de Fé porém, no decurso dos seculos cresceram no sentido de que se fez d'elles maior desenvolvimento e mais ampla explicação: no sentido de que fôram propostos á crença dos fieis de uma maneira mais clara e distinta, do que o haviam sido até alli (3).

D'este modo a Fé dos que viveram antes de N. S. Jesus Christo, teve o seu pleno desenvolvimento

(1) Hom. 4. In Epist. ad Thessal.
(2) II Cor. IV, 13.
(3) Santo Thomaz. 2, 2. q. 1. art. 7. A este proposito merece bem ser lida a obra do Cardeal Newman, intitulada: *Saggio sopra lo sviluppo della Dottrina Cristiana*, escripta por elle antes da sua conversão ao Catholicismo.

e aperfeiçoamento no Novo Testamento. E egualmente na Egreja Catholica; com o correr do tempo, certos pontos, que os fieis criam em confuso, isto é, com fé implicita e generica, fôram definidos pela mesma Egreja em particular e individuadamente, e propostos á sua crença para serem abraçados com Fé explicita e determinada. E a Egreja procedeu assim sobretudo quando surgiam heresias contrarias ora a este, ora áquell'outro ponto de Fé.

F. Bemdito seja Deus! Elle sabe mesmo tirar o bem do mal, e das trevas a luz. Por quanto o pae nos tem exposto, vê-se que as heresias suscitadas pelo Inferno para destruir a Fé de Christo não serviram senão para a tornar mais clara, mais bella e mais luminosa.

P. Nem mais nem menos, meus filhos. Esta clareza, esta sua maior belleza, é o unico accrescentamento que a Egreja nossa Mãe fez em varias epocas á Fé Apostolica com as suas definições dogmaticas. Por aqui podeis avaliar da má fé dos protestantes, quando a accusam de ter mudado e alterado os dogmas recebidos dos Apostolos.

E quereis ainda uma outra prova, ultima e solemne, da má fé dos protestantes e dos seus irmãos os valdenses? Ei-la. Depois de accusarem a Egreja Romana de ter perpetrado mil variações e accrescentamentos em materia de dogmas, incriminam-na ao presente de ser *estacionaria*, obstinadamente invariavel na sua Fé. Um recente historiador dos valdenses affirma que esta invariabilidade da Egreja na sua crença occasionou a atrophia, ou seja, a fraqueza e consumpção *d'este grande corpo* (1).

(1) Ver a obra de Mons. A. Charvaz — *La guida del Catecumeno Valdese*, liv. 3., Palestra 3, onde vêm citadas duas obras recentemente

De modo que, meus filhos, nos inimigos e accusadores da nossa Santa Mãe a Egreja verifica-se á justa o que cantamos no Psalmo XXVI, isto é, que a impiedade mentiu em desfavor de si mesma, destruindo-se com as suas proprias contradicções: *Mentita est iniquitas sibi*.

F. Lembramo-nos de ter lido na Historia Ecclesiastica que os Concilios Geraes e os Summos Pontifices de tempos a tempos fizeram reformas e alterações na Egreja. Não poderiam por isso os protestantes tirar d'ahi motivo para accusar a Egreja de qualquer innovação ou alteração em materia de Fé?

P. Não o pódem fazer, porque as reformas e alterações que vós lestes, não se referem á Fé nem ao que é de instituição divina, como é, por exemplo, a essencia dos Sacramentos. Referem-se sómente á disciplina ecclesiastica, ou seja, a certas leis e usos introduzidos pela Egreja mesma em virtude da autoridade legislativa que Deus lhe outhorgou, a fim de que os fieis possam conseguir mais facilmente sua eterna salvação, que é o fim da sociedade christã. Ora Ella póde modificar e mudar estas regras concernentes á disciplina conforme o vá exigindo o proveito das almas e a maior gloria de Deus, olhando sempre ás circumstancias dos logares, dos tempos e das pessoas. Quem tem o direito de fazer a lei, póde sem duvida com a mesma autoridade reformá-la ou derogá-la. Por outra parte a Egreja não procede a essas mudan-

publicadas por autores protestantes, a saber: *La storia dei Valdesi del Piemonte*, por A. Muston, e o *Manuale del Protestante*, etc.: nas quaes, diz Mons. Charvaz, *são repetidas sob todas as fórmas e em todos os tons as criticas que se dirigem á Egreja Catholica por motivo da sua constante invariabilidade em materia de Fé.*

ças senão depois de maduramente ponderado o assumpto e com a assistencia do divino Espirito Santo que o divino Salvador prometteu lhe daria até ao fim dos tempos. Assim Ella por gravissimas razões prohibiu aos simples fieis a Sagrada Communhão debaixo de ambas as especies; aboliu a Confissão publica dos peccados e certas penitencias chamadas *canonicas*, as quaes antigamente se faziam.

Seria pois sem effeito que os protestantes das sobreditas Reformas se mettessem de novo a imputar á Egreja Catholica alguma innovação em materia de Fé e nas coisas de instituição divina. das quaes pelo contrario Ella foi em todos os tempos defensora e guarda zelosissima.

QUINTA PALESTRA

Os protestantes resuscitaram as heresias já condemnadas pela Egreja primitiva.

P. Até aqui, meus filhos, tendes visto a Egreja Catholica, nossa Mãe, confrontada pelos protestantes com a Egreja primitiva, e notado como as contradicções e as confissões dos seus mesmos adversarios não fazem senão revelar mais e mais a Apostolicidade e integridade da sua Fé. Agora desejo fazer-vos observar na presente palestra que as innovações fôram sim feitas, mas pelos protestantes, que, renovando os antigos erros ou suscitando outros novos, cortam, ou melhor, perdem o direito a toda e qualquer relação com a Egreja primitiva, que elles apregoam como inteiramente

pura e apostolica, e para a qual de continuo appellam (1).

E isto que eu digo dos protestantes, tambem o podeis applicar aos nossos valdenses; porque, embora estes apparecessem algum tempo antes e d'um modo algum tanto diverso d'aquelles, todavia, como se fundiram e irmanaram com elles logo desde o principio da Reforma protestante, devem ser considerados como uma fracção d'esta, cuja sorte por completo partilham e experimentam.

F. Se fôr possivel provar esta harmonia e similhança dos herejes modernos com os condemnados pela Egreja primitiva, então adeus meu Protestantismo. Mas aqui vem-nos uma duvida, que o pae ha de ter a bondade de nos resolver. O pae disse d'outra vez que os protestantes não pódem apontar-nos sequer um homem, que professasse o Protestantismo antes de Luthero e Calvino. Como pódem elles então ter por arautos e porta-bandeiras os antigos herejes?

P. Vou desfazer num instante a vossa duvida. Os protestantes não são capazes de nos apresentar nem sequer um homem, que antes d'elles tenha professado o Protestantismo, pelo simples motivo de que nenhum antes d'elles professou um sistema de doutrinas e de culto que fosse identico ou similhante áquelle, de maneira a poder dizer-se seu perfeito e legitimo antecessor, como nós, catholicos, demonstramos que fôram nossos verdadeiros antecessores os christãos dos seculos tran-

(1) V. *Bellarmino, Controv.* 4, cap. 9; e o livro *Viaggi di un gentiluomo Irlandese in cerca di una religione,* de Thomaz Moore, onde se encontram muitissimas comparações e similhanças, que têm os protestantes com os antigos herejes.

sactos, por isso que seguiram a mesma Fé, receberam os mesmos Sacramentos que nós, e como nós viveram sob o regimen de sagrados Pastores. E comtudo os patriarcas do Protestantismo nem ao menos tiveram toda a gloria da invenção; mas copiaram e colheram de diversos e famigerados heresiarcas antigos os diversos erros que enxameiam suas seitas; e d'aquelles diversos erros já condemnados formaram aquella manta de farrapos, ou melhor, aquelle vestido de Arlequim, que se chama *Reforma protestante*.

F. Já comprehendemos. Os protestantes não têm a gloria da successão, nem a da novidade; são legatarios dos antigos herejes, mas não seus herdeiros universaes. Pae, agora diga-nos alguma coisa sobre os erros condemnados pela Egreja primitiva e resuscitados pelos protestantes.

P. Faço-vos immediatamente a vontade; e irei buscar a nota d'esses erros a autores dignos de todo o credito, quaes são os escriptores mais celebres da antiga Egreja.

Primeiro e famosissimo na serie dos herejes offerece-se-nos Simão Mago, contemporaneo dos Apostolos. E quem havia de dizê-lo? Simão Mago é o autor a quem Luthero e Calvino devem a maior parte de suas perversas doutrinas. De facto, elle, como attesta Santo Ireneu (1), ensinou que para obter a salvação eterna não é de modo nenhum necessario fazer caso da observancia da Lei divina: porque, explicava elle aos seus proselitos, deviam ser salvos, não pelas boas obras, mas pela graça divina. Esta doutrina de Simão Magno passou aos

(1) Lib. I., cap. 20.

eunomianos, que sustentavam que basta a Fé sem obras, e que nenhum peccado faz mal a quem tem Fé. Santo Agostinho (1), o qual affirma (2), que tal erro proveiu de não as Epistolas de S. Paulo; e que foi precisamente para combater esta heresia combater esta heresia que ditaram suas epistolas S. Pedro, João, Thiago, e Judas, que tanto inculcam a necessidade de acompanhar a Fé com boos obras.

Pois bem, meus filhos, este erro sobre todos absurdo, condemnado em cada pagina de Biblia, é o dogma mais favorito de Luthero, como se póde ver no seu famoso livro *De captivitate Babylonica*, onde diz: *O homem christão, mesmo querendo-o, não póde perder-se, embora commetta os mais graves peccados, a não ser que não queira crer.* E nesse mesmo livro chega á bestialidade de affirmar que: *E' de maior necessidade que nos premunamos contra as boas obras, que contra o peccado.*

F. Oh! Elle é lá possivel que Luthero tenha ousado escrever similhantes disparates, quando em todo o Evangelho se préga a penitencia e se inculca a necessidade das boas obras?

P. Pois Luthero escreveu-as, prégou-as e até as poz em pratica, como prova a vida escandalosa e em extremo dissoluta que levou. E que haveis vós de esperar de um homem, que não se pejava de affirmar: *Eu quereria conhecer um peccadoque nunca tivesse sido commettido, e por muito grande que fosse, eu o commetteria immediatamente para dar gosto ao demonio?!* É uma monstruosidade devéras digna do chefe da Reforma protestante.

---

(1) Lib. De Haeres., c. 54.

(2) Lib. De Fide et operibus, c. 14.

F. Agora é que comprehendemos a causa por que os libertinos tecem tantos elogios ao Protestantismo. Se bastasse para nossa salvação uma pontinha de Fé sem obrigação de boas obras, isso então era ir para o Céu mesmo de carrinho, coisa que não deixava de ser muito do agrado dos devassos. Mas o peior é que similhante doutrina não é tirada dos Apostolos, mas d'aquelle estupido original, que foi Simão Mago.

P. Esta mesma doutrina em sua essencia é tambem a de Calvino, embora este tenha procurado moderá-la na apparencia; porque no livro 3.º, cap. 21 das *Instituições,* diz que *não ha diversidade alguma de peccados, contanto que haja a Fé.*

F. Naturalmente similhante doutrina, tão contraria á razão e ao Evangelho, não teve adeptos, ou ao menos foi posta de parte pelos protestantes.

P. Dizei mas é o contrario, meus filhos; uma doutrina, como esta, commodissima e favoravel ás paixões humanas, foi o iman que trouxe a Luthero e a Calvino um numero espantoso de adeptos. O que havia de peior no clero regular e secular, muitos soberanos maus e muitos povos corrompidos, não se tornaram protestantes por qualquer outro diverso motivo. E que esta seja ainda hoje a doutrina dos protestantes e dos nossos valdenses, demonstra-o sem refolhos nem entrelinhas o jornal valdense, *La Buona Novella,* no qual se ensina (Disp. 20) que *as nossas fracas virtudes não chegam a nada;* e se escreve (Disp. 3.): *Eis o meio de alcançar a salvação: crêde em Jesus Christo...; não vos condemnareis por serdes peccadores.* O mesmo inculcam varios folhetos recentes

dos protestantes espalhados pelo nosso Piemonte. Esta doutrina dos autores de similhantes escriptos é chamada *Catholicismo primitivo, puro Evangelho.* Ora, meus filhos, será para vos admirar que com uma theologia tão suave e com a isca ainda de algum dinheiro, os protestantes deante de nossos mesmos olhos attraiam ao seu partido muitos catholicos desavisados e imprudentes? Eu bem noto, meus ternos filhos, que estas torpezas contristam em extremo o vosso animo bem formado, mas tende paciencia, que é necessario fazer assim para que comprehendaes bem toda a fealdade e torpeza da chamada Reforma protestante.

F. Parece-nos quasi um milagre, ó meu pae, que os homens se não tornem todos protestantes, e que a Egreja Catholica nossa Mãe, apesar do rigor da sua moral, possa contar por todo o universo um numero quasi illimitado de fieis seus filhos. Por conseguinte devemos com razão concluir que a santidade do Catholicismo tem mais influencia sobre o coração do homem, do que toda a libertinagem protestante.

P. Vamos além. O dito Simão Mago, segundo attesta Vicente Lerins, ensinou outrosim que Deus é autor do peccado. Esta heresia, ou impiedade, como lhe chama Santo Ireneu em Eusebio (1), tambem foi ensinada por um antigo hereje chamado Fiorino. E crê-lo-hieis, meus filhos? Esta infernal blasphemia foi renovada por Luthero e Calvino. O primeiro affirma no seu livro *De servo arbitrio,* que em Judas a vontade de traír e entregar a Jesus foi obra e inspiração de Deus. O se-

(1) Lib. 5, Hist. c. 20

gundo no já mencionado livro das *Instituições* affirma que *os homens peccam não só por permissão, mas por vontade de Deus.* E d'ahi o escrever francamente Melanchton, o discipulo querido de Luthero, que tanto a traição de Judas, como a conversão de S. Paulo, são obra de Deus.

F. Ó pae, sentimos gelar-se-nos o sangue nas veias ao ouvir tão horrendas blasphemias! Como! Deus, que é todo santidade, tornado autor do peccado? E como é então que Deus, que é todo justiça, poderia depois castigar os homens com o Inferno pelos peccados, a que Elle mesmo os impellira? Que infamia e abominação!

P. Parece incrivel, ó meus filhos, que fóra do recinto do Inferno haja homens capazes de conceber e proferir similhantes blasphemias; pois olhae que estas acham-se em caracteres bem claros nos livros impressos dos patriarcas do Protestantismo. Luthero, com Theodoro de Béze, Labadie e outros, vae mais além ainda e aventa a blasphemia de que Deus por vezes disse mentiras e enganou os homens. Calvino (ah! devo dizê-lo ou calar-me?), Calvino, ó meus filhos, teve a satanica ousadia de affirmar que N. S. Jesus Christo, o Cordeiro Immaculado de Deus, commetteu sobre a Cruz o peccado da impaciencia e da desesperação (1). Não contente com isto, o impio leva ainda mais além as suas blasphemias, e affirma que Deua cria alguns de proposito e caso pensado para os condemnar.

F. Jesus! Maria! A nós parece-nos ouvir Satanaz em pessoa a blasphemar, e não já um homem!

(1) Liv. 2. das *Instit.*

P. Prosigamos no assumpto. Vós sabeis, meus filhos, que os zuinglianos, os calvinistas e os nossos valdensès affirmam que na Eucharistia se acha não o Corpo real de Christo, mas sómente a imagem e figura do mesmo Corpo. Este erro, que torna sem vida o Christianismo, fôram elles buscá-lo a uma antiga seita de herejes chamados docetas, dos quaes nos falla Santo Ignacio Martir em Theodoreto, e de outros herejes condemnados no setimo Concilio Ecumenico. Luthero neste ponto foi menos atrevido que Calvino; porque, embora não lhe tivessem tambem faltado desejos de desabafar e de apresentar suas ideias sobre este augustissimo misterio da Eucharistia, comtudo a linguagem e os testemunhos de toda a antiguidade ácerca da presença real pareceram-lhe tão claros, que tomou o proposito e a iniciativa de defendê-la contra os attaques dos outros innovadores. Misturou porém com a defeza dois erros, e são: que na Eucharis tia juntamente com o verdadeiro Corpo de Christo fica tambem o pão, e que Christo Se acha ahi presente sómente no uso, isto é, no acto mesmo da Communhão. D'este modo elle pretendia adulterar e desvirtuar aquillo que não foi homem de destruir.

F. Oh! quanto lamentamos a sorte dos que negam ou desvirtuam o grande Sacramento da Eucharistia. Coitados! Ficam sem N. S. Jesus Christo, que é o caminho, a verdade e a vida. Oh! quanto pelo contrario somos felizes nós catholicos, que O temos sempre comnosco até á consummação dos seculos, como Elle mesmo nos prometteu no Santo Evangelho.

P. Passemos a outros erros. Alguns herejes cha-

mados pepucianos, segundo refere S. Agostinho (1), tinham as mulheres em tal conta e autoridade, que até as exalçavam ao sacerdocio. Luthero dispensa ás mulheres a mesma liberdade, dizendo que ellas pódem absolver os peccados tanto como o Bispo e o Papa. E vós bem sabeis, meus filhos, que em nossos dias ha na Inglaterra uma mulher, que é rainha e ao mesmo tempo Papisa. E comtudo S. Paulo, vêde lá, não quer que as mulheres na Egreja abram sequer a bocca; tanto está longe de julgar que se devam de admittir ao sacerdocio.

F. O orgulho é verdadeiramente cego. Os herejes recusam obedecer ao Papa, que é o Vigario de Christo, e depois obedecem a uma mulher. Assim a soberba castiga-se por si mesma, com a humilhação e aviltamento.

P. Negada a efficacia e virtude de um dos Sacramentos, pouco importa aos herejes ora a efficacia d'este, ora d'aquell'outro Sacramento. Assim Calvino, na esteira dos herejes novacianos, negou á Egreja a faculdade de absolver dos peccados e rejeitou o Sacramento da Confirmação. Luthero tambem rejeitou este Sacramento corroborador e fortificante. A Penitencia admittiu-a ao principio no seu livro *De Captivitate Balylonica;* mas pouco depois negou-a no mesmo livro.

P. Que gentinha esta! Rejeitam e admittem conforme lhes parece; e a seu capricho e arbitrio desdizem-se do que antes haviam perfilhado e admittido. Que prova se póde querer mais frisante da malvadez dos herejes?

(1) Lib. *De Haeres.*, c. 27

P. Mas os sectarios a que, depois de Simão Mago, os protestantes mais recorreram fôram os manicheus, que passam pelos mais rebeldes, e como se costuma dizer, pela verdadeira escumalha dos antigos herejes. Dogma principalissimo de Luthero e de Calvino é que os homens não gozam de livre arbitrio, mas obram necessaria e irresistivelmente. O primeiro combate a liberdade do homem no obrar em seu livro *De servo arbitrio;* o segundo, no livro 2.º das *Instituições* não quer nem ao menos admittir e tolerar tal nome. O já citado jornal valdense *(La Buona Novella)* perfilha a mesma doutrina (na disp. 17). Ora este erro enorme, tão manifestamente opposto á Sagrada Escriptura, ao nosso senso intimo e ao juizo de todo o genero humano, é tirado na integra dos ditos manicheus, que fôram acerrimamente refutados por muitos Santos Padres e sobretudo pelo grande Santo Agostinho que, como deveis saber, se filiou quando era moço naquella infame seita.

F. Mas quê? Então segundo estes herejes o homem obra com tanta liberdade como um cão a ladrar á lua, como uma planta quando deita folhas, como um relogio, que aponta no mostrador as horas que são?

P. Nem mais nem menos, ó meus filhos; e Luthero ensina que o homem nas coisas espirituaes é como a estatua de sal, em que se converteu a mulher de Lot. O cão, a planta, o relogio, levam até esta vantagem ao homem, que obrando necessariamente não peccam, ao passo que o homem pecca mesmo obrando por necessidade, e sem faculdade de obrar diversamente.

F. A falar a verdade, parece que estes herejes

têm o juizo de aluguel. Quem não sente em si mesmo a faculdade de obrar ou deixar de obrar á sua livre vontade, é um verdadeiro mentecapto.

P. Aqui porém devo ainda frisar que Luthero e Calvino fôram mais longe em sua impiedade, que os manicheus; pois que estes admittiam dois principios, ou dois *Deuses,* um bom e o outro mau; e sustentavam que o homem era impellido a peccar tão sómente pelo Deus mau, e não já pelo bom, que leva sempre ao bem. Pelo contrario Luthero e Calvino, admittindo um só Deus, attribuiram-lhe a um e mesmo tempo o bem e o mal, fazendo assim d'elle um ser monstruoso sem egual.

F. Horrivel doutrina! Doutrina infernal! Só Lucifer, o grande inimigo de Deus, podia suggerir aos herejes ensinamentos d'esses. Ó Deus cheio de bondade, illuminae, convertei aquelles que, mais desvairados e tresloucados que impios, blasphemam em tal maneira!

P. Prosigamos ainda. Os arianos condemnados no Concilio de Niceia negavam a divindade de N. S. Jesus Christo; além d'isso ensinaram, segundo attesta Santo Agostinho que: *Não se deve orar, nem offerecer sacrificios pelos defuntos, nem guardar os jejuns marcados pela Egreja; mas que cada um deve jejuar quando lhe aprouver, para não parecer que está dependente da lei.* Santo Epiphanio refere que elles comiam de carne ás sextas-feiras, durante a Quaresma e principalmente na Semana Santa. Sustentavam tambem que os Bispos não são superiores aos simples Sacerdotes. E os Centuriadores protestantes de Magdburgo, atraz citados, confessam que as sobreditas affirmações fôram condemnadas na antiga Egreja como heresias formaes.

Pois olhae: todo este amontoado de erros passou em apanagio e herança aos protestantes, como é notorio e sabido. A divindade de N. S. Jesus Christo é certo que não foi negada por Luthero nem por Calvino, mas da sua escola não tardaram a saír os socinianos, que negaram não só a divindade do Salvador, mas tambem não admittiram a pessoa do Espirito Santo. E em nossos dias acontece até que uma grandissima parte dos doutores e ministros protestantes em seus livros e escolas apregoa abertamente que Jesus Christo é simplesmente homem; e alguns chegam a negar que Elle tenha existido, dizendo que é um *mitho*, isto é, um ser imaginario e simbolico; e teem as Sagradas Escripturas como livro de valor puramente humano. Para esses taes, a religião israelita, a turca, a mahometana e outras, pódem garantir a salvação do homem tanto como a christã. Numa palavra, são verdadeiros incredulos, e mais nada.

F. Pois que sejam incredulos, se assim o querem, mas ao menos podiam perder a mania de andar a angariar proselitos para o Protestantismo. Pessimo sestro o dos maus, que querem sempre a todo o transe companheiros na sua propria perversidade e ruina!

P. Mas paremos aqui um pouco, e fechemos a presente palestra retendo bem na mente estas duas coisas: 1.º, que não ha dislate, malvadez, nem impiedade, em que não se precipite quem não escuta a Egreja Catholica; 2.º, que a constante victoria da Egreja contra tantos attaques dos herejes de todos os tempos, é uma esplendida prova da sua divindade.

SEXTA PALESTRA.

Continua o confronto dos protestantes com os antigos herejes.

P. Retomemos o fio da nossa palestra e continuemos a pôr os protestantes em parallelo com os antigos herejes. O heretico Joviniano ensinou que a graça, uma vez recebida, não póde mais perder-se, por grandes e enormes peccados que um commetta; que a abstinencia e os jejuns não são coisas meritorias, que o matrimonio é tão agradavel aos olhos de Deus como a virgindade: e além d'isso, que no Céu todos os justos têm egual premio. Este hereje foi victoriosamente refutado pelos eminentes Doutores Jeronimo e Agostinho.

Os protestantes perfilharam de todo o coração os erros de Joviniano: e os já citados Centuriadores de Magdburgo não hesitam em affirmar que foi sem razão que S. Jeronimo e Santo Agostinho censuraram Joviniano, quando o facto é que elles mesmos devem ser tidos por herejes se não pensarem de modo diverso d'elle. E Luthero levou a tal ponto a sua ousadia e presumpção, que chegou a affirmar que todos os christãos em santidade são eguaes a Nossa Senhora. Quereis que vos diga tudo? O doutor protestante Wits, escreveu que os justos são todos tão santos como o proprio Jesus Christo Senhor Nosso (1).

F. Oh! agora já vemos ás mil maravilhas no que vem a dar o tal Protestantismo. Os protes-

(1) No livro *Animadversiones Irenicae.*

tantes andam á cata do paiz de *Bengodi*, e gostam de tudo o que lhes não bole com os nervos nem lhes perturba a digestão! Jejuns, castidade, mortificações, nem sequer falar nisso; basta-lhes um grãosinho de Fé; com esse, ei-los transformados em outros tantos santos em carne e osso! Uma vez santos, pretendem elles que nenhum delicto póde vir roubar-lhes a graça divina; e depois de uma vida toda de commodidades e prazeres, querem ainda por cima ter no Céu uma recompensa egual á dos Antonios, dos Hilariões e dos Arsenios, que durante tantos annos maceraram suas carnes no seio dos desertos; pretendem mesmo um galardão egual ao dos martires, que tanto soffreram pela Fé, egual ao da mesma grande Mãe de Deus; e por pouco não aspiram á immensa gloria de N. S. Jesus Christo. Em resumo, querem os discretos e prudentissimos protestantes sem custo nem canceiras um bello Paraiso cá na terra e um mais bello ainda em morrendo. Que grande pagodeira e *El-Dorado* não seria o dos protestantes, se Deus se accommodasse ao seu modo de crer.

Mas é acaso isto o que ensina o Evangelho? Credo! Quem fala nisso?! Tambem nós temos lido um poucochinho o Evangelho, e é bem diverso o que nelle se nos depara. Lemos ahi que é estreito o caminho da vida eterna; que é preciso fazer penitencia se não queremos caír no abismo da eterna perdição. Vemos que N. S. Jesus Christo jejuou por quarenta dias seguidos, e que tambem indicou aos outros o jejum; que foi virgem e exaltou a virgindade como dom e graça especial de Deus; e disse que no Céu ha muitas mansões, isto é, diversos graus de gloria. Em que vem então a parar

esse tal *Evangelho puro,* de que os protestantes estão sempre a encher a bocca ?

P. Ficae certos, meus filhos, de que o evangelho d'elles não é de modo nenhum o Evangelho escripto por S. Matheus, S. Marcos, S. Lucas e S. João; mas sim uma outra sorte de Evangelho cozinhado lá por casa, como aquelle que os valdenses publicaram em Turim. Elles começaram a publicar a *Buona Novella;* e bôa nova quer dizer Evangelho. E' pena que este Evangelho tenha nascido tão tarde! A quantas dores e penitencias para se tornar santos, não se haveriam furtado os penitentes dos desertos e solidões do Egipto, se o lessem!

Mas passemos adeante.

Vós bem sabeis, meus filhos, como os protestantes vociferam desalmadamente contra a veneração das sagradas reliquias, contra a invocação dos Santos e contra o celibato ecclesiastico, teimando e protestando que todos os padres e frades se devem unir em matrimonio, á imitação de Luthero, de Calvino, de Zuinglio, de Bucer, e de outros padres ou frades que se casaram por amor do Evangelho reformado. Além d'isso, não ignoraes que elles desprezam, como pura idolatria, o culto das imagens dos Santos e do proprio Christo Senhor Nosso, e até o culto da Santa Cruz, e condemnam como invalidos os votos perpetuos dos religiosos.

Pois ficae sabendo que estes seus erros vêm de fonte mais que antiga, e desde tempos antigos os condemnou a Egreja. Vigilancio, contra o qual S. Jeronimo aguçou sua tremenda penna, mofava dos catholicos pelo facto de venerarem as reliquias dos martires. Dizia que as orações dos santos

defuntos não são attendidas, e ordenava ás pessoas consagradas a Deus que se casassem. Inventou a grande calumnia tão frequentemente adduzida pelos protestantes, de que os catholicos prestam ás sagradas reliquias o culto que só ao mesmo Deus é devido.

F. Verdade, verdade, papá: nós mesmos temos ouvido da bocca de mais de um valdense esse labeu, que deitam sem mais nem menos ás costas dos catholicos. Não se fartam de apregoar que nós adoramos as reliquias e as santas imagens, como se nellas houvesse alguma coisa de divino, e que prestamos aos santos o culto devido a Deus. Mas isto são dislates mesmo de gente estupida! Não ha duvida de que nós não somos nenhuns theologos: mas sabemos, e o pae, assim como o nosso bom paroco, sempre no-lo tem ensinado, que só a Deus é devido o culto e a adoração suprema; que os Santos sómente devem ser venerados e invocados como amigos de Deus, de cuja gloria já participam; e que as reliquias e imagens dos Santos as honramos não por si mesmas, mas em attenção á pessoa do Santo, a que pertencem: tal qual se têm em grande estima as memorias e os retratos dos antepassados e dos homens celebres pelo que recordam e representam

P. Folgo muito que vós mesmos releveis os erros e absurdos que os protestantes copiaram dos antigos herejes, a par e passo que eu vos falo d'elles. Quanto ao culto das imagens, o primeiro que ousou impugná-lo publicamente foi, consoante narra o historiador Nicephoro, um certo Zenaia, natural da Persia; porque Santo Athanasio, Santo Epiphanio, S. Basilio, S. Gregorio de Nissa, o

poeta Prudencio e outros autores, fazem prova de que as imagens dos Santos nos tempos antigos eram veneradas nas egrejas christãs.

Os herejes que impugnaram os votos relgiosos, fôram, segundo affirma S. João Damasceno, os lampecianos, que eram gente de má vida, que davam redeia solta ás suas paixões e só miravam á felicidade terrena.

E sois capazes de o adivinhar? — Olhae que nem sequer aquella denominação, com que os protestantes alvejam a Egreja Catholica, de *prostituta de Babilonia*, é coisa de sua invenção: fôram-na buscar de emprestimo aos scismaticos donatistas, que tanto attribularam a Egreja no quarto e quinto seculo, e fôram victoriosamente refutados por Santo Agostinho. Os protestantes porém em materia de má educação levam as lampas áquelles scismaticos africanos, dando ao Vigario de N. S. Jesus Christo o nome de *Antichristo.*

F. Que engraçados não querem ser estes senhores herejes! Se a Egreja Catholica é a prostituta de Babylonia e o Papa o Antichristo, como elles querem, forçoso é dizer que Christo Senhor Nosso, em vez de fundar neste mundo um reino, ou uma Egreja que o Inferno não lograsse vencer, fundou e estabeleceu pelo contrario o reinado do Antichristo; porquanto a Egreja Catholica e o Papa datam e derivam do Seu mesmo Vigario S. Pedro. Impiedade sobremodo de extranhar, esta!

P. Mais um ponto de similhança ou parallelo entre os protestantes e os antigos herejes, vos quero hoje aqui indicar: e é o vezo que têm, e a estupida pretenção, de interpretar a Sagrada Escriptura segundo o proprio juizo privado, ou, para

falar mais claro, segundo os proprios caprichos, recusando obedecer á autoridade da Santa Egreja e da tradição proveniente dos Apostolos e que se tem conservado pela sucessão continuada dos pastores e Doutores da mesma Egreja. Outro tanto attesta Santo Ireneu dos valentinianos, marcionitas, das cerinthianos, dos basilidianos, numa palavra, de toda essa cambada de herejes que são conhecidos pela denominação de Gnosticos (1).

O mesmo refere S. Paciano dos novacianos. Póde mesmo dizer-se que este é o principio gerador de todas quantas heresias tem havido e haverá.

Se eu agora, meus filhos, me quizesse metter a falar-vos individuadamente de todos os sonhos, delirios e impiedades, que os gnosticos pretenderam confirmar com a Biblia interpretada lá a seu modo, seria um nunca acabar e diria coisas de vos fazer arripiar os cabellos. Entre as extravagantes doutrinas que elles ensinavam, é sabido que arquitectavam para os seus adeptos extensa genealogia de deuses, parte masculinos, parte femininos, a que davam o nome de *Eoês*. Alguns d'esses herejes chegaram ao extremo de adorar uma serpente, affirmando que a serpente que enganou a Adão e Eva, fôra o proprio Jesus Christo; por isso receberam o nome derivado do grego, de Ophistas, ou serpentinos. Por este panno de amostra podeis avaliar do resto.

Os protestantes tambem fôram descobrir na Biblia que Deus é autor do peccado, que ás vezes

---

(1) Estes herejes chamavam-se gnosticos, quer dizer illuminados, por que mantinham a pretenção de saber mais que todos os outros. Por egual fazem os nossos incredulos modernos, que se dão a si mesmos o nome de philosophos de espiritos atilados, de amantes do progresso e por ahi além.

mente; que para nos salvarmos basta a simples Fé, sem obras; que as boas obras são por isso inuteis, mesmo um obstaculo para a salvação, e outras impiedades d'esta bitola.

F. Oh! grande Deus! Que horrendo abuso da Sagrada Escriptura! Ah! agora comprehendemos a fundada razão por que a Egreja não permitte se não com grandes cautelas a leitura da Biblia em lingua vulgar, nem consente que ninguem a interprete num sentido diverso d'aquelle que Ella entende e perfilha. A Egreja quer por este modo afastar os fieis dos erros, a que poderia arrastá-los a interpretação errada da Sagrada Escriptura.

P. Notae ainda isto, que os ditos herejes ebionitas, marcionitas, gnosticos, etc., adoptaram o seu espirito ou juizo privado como unica norma, não só na interpretação da Sagrada Escriptura, mas tambem na determinação ou fixação do seu canon, isto é, do numero dos Livros Sagrados. Por isso rejeitaram alguns livros que a Egreja acceita e conserva, mutilaram e interpretaram outros como muito bem lhes pareceu.

Foi como fizeram tambem Luthero e Calvino. Nenhum d'elles admittiu como sagrados varios livros do Antigo Testamento; Luthero tambem rejeitou muitos do Novo, e além d'isso verteu para alemão a Biblia, introduzindo nessa versão falsificações e adulterações muito notaveis, como reconheceram os proprios protestantes eruditos. As versões feitas por Escolampadio, Theodoro de Béze, Carlosdat e por outros sectarios da Reforma, padecem de egual defeito. Aqui tendes, meus filhos, os antepassados, aqui tendes os paes, de quem os protestantes herdaram as suas doutrinas. Fôram

todos homens excommungados pela Egreja dos primeiros seculos; homens, que por sua má vida e costumes mereceram a execração dos seus contemporaneos e vindoiros.

F. Sendo as coisas assim, a condemnação com que a Egreja antiga alvejou os ditos herejes, veiu a recaír em cheio sobre os protestantes, que resuscitaram os seus grosseiros e desconformes erros. Oh! E' preciso ser bem tapadinhos, para nos virem dizer com o Sr. Bert e com a *Buona Novella* que a religião protestante e os valdenses são o *Catholicismo primitivo*, a doutrina *pura Evangelica e Apostolica*.

P. Mas no rol dos precursores do Protestantismo eu omitti um, meus caros filhos, que é aliás de maior pezo e valor que todos os outros, e do qual Luthero se vangloriou de ter recebido muitas lições. Sois capaz de advinhar quem foi? E' o demonio, como já vos acenei ao historiar a vida de Luthero.

F. O demonio? O pae está a rir-se comnosco, ou fala a serio?

P. Falo com a maior sinceridade que posso. E' este um facto que pareceria incrivel e que eu me absteria de vos expor, se não fosse o mesmo Luthero que o conta com toda a seriedade no seu famoso livro *De abrogatione Missae privatae*. E' justamente nesse livro que Luthero conta como, para levar a cabo e exito o seu plano de reforma, fez uma alliança muito intima com o demonio, e como, seguindo o parecer de tão atilado e sabio conselheiro, sentenciara que o sacrificio da Missa é um erro, tratando por isso de o abolir. Luthero descreve todas as circumstancias e particularidades das suas

entrevistas com o demonio, o tom da voz do demonio e os gestos, com que acompanhava a argumentação; e accrescenta que eram muito frequentes essas scenas, fazendo-lhe Satanaz passar muitas noites más: *Multas noctes mihi satis amarulentas et acerbas reddere ille novit* (1).

F. Basta, basta, pae: basta isso para revelar o que seja o Protestantismo. O demonio suggeriu-o a Luthero; e depois trabalharam ambos para o tornar realidade. Quanto a nós, parece-nos bem que o demonio nunca lhe veiu á cabeça restaurar a pura doutrina apostolica e evangelica.

P. Mas seja o que fôr d'esses colloquios do demonio com Luthero, de que deixo por fiador e garantia ao mesmo Luthero que os conta, e sobre os quaes recommendo ao Sr. pastor Bert que medite um poucochinho, o certo é que de modo nenhum precisamos d'elles para nos convencermos da origem e natureza, tudo menos celeste e divina, do Protestantismo. Nós podemos com todo o fundamento e força de provas chegar á conclusão de que o Protestantismo é, por assim dizer, uma selecção, umas como fézes e escoamento dos erros mais torpes ensinados pelos antigos herejes a começar com Simão Mago, como já vos demonstrei. Basta reflectir que o Protestantismo é filho de Luthero, sacrilego violador de seus votos religiosos, homem libertino e dissoluto, bebado, frequentador de orgias, que cercado das canecas e taças de cerveja discreteava na taberna do *Urso negro* ácerca dos misterios mais sacrosantos da Religião christã. Por

(1) Vêr o já citado livro *Viaggi di un gentiluomo Irlandese*, etc., cap. 20.

seu lado Calvino, o segundo pae da Reforma, em materia de santidade podia bater-se com Luthero.

F. Hom'essa! Se a religião se chama santa, entre outras razões, pela santidade dos seus fundadores, como póde ser santo o Protestantismo, que teve por paes e fundadores o demonio, um Luthero e um Calvino?

P. Mas eu tenho de concluir aqui esta palestra, e fá-lo-hei contando um exemplo recente. Vivia na Irlanda um mancebo de familia nobre, por nome Thomaz Moore, poeta de muita fama, embora não muito favorecido de bens de fortuna. Era catholico de nascimento e por educação; mas vendo a grande desconsideração e desprezo com que o goveno protestante se havia para com a Religião Catholica, e levado pelos preconceitos contrahidos nas suas conversas com os protestantes e na leitura dos seus livros, em 1829 tomou a desavisada resolução de se fazer protestante. Espicaçava-o tambem a isso a esperança de um riquissimo matrimonio, que a sua apostasia lhe deveria valer.

Como porém tinha um coração naturalmente recto e piedoso, não quiz chegar a tão fatal extremo por impulso cego de seu coração e sem um conhecimento perfeito da causa. Por isso decidiu primeiro examinar detidamente e por ordem os dogmas da Egreja dos quatro primeiros seculos, taes como se acham nos escriptos dos Santos Padres dos primeiros tempos da mesma Egreja. Elle sabia que os protestantes appellam sempre para a Egreja primitiva; e estava capacitado de que iria alli achar o Protestantismo puro e em toda a sua integridade.

Qual não foi porém a sua admiração, quando viu

que nos livros d'aquelles santos Doutores se achava, em vez do Protestantismo, o Catholicismo com todos os seus dogmas e ritos; e por outro averiguou que todos os erros dos protestantes são os mesmos dos herejes condemnados pela mesma Egreja primitiva?

Então expulsou por completo de seu espirito toda a ideia de Protestantismo, e confirmou-se mais ardentemente na Fé catholica, de que fez uma assombrosa apologia num livro intitulado *Viaggi di un gentiluomo Irlandese in cerca di una Religione.* Neste livro expoz elle o resultado dos estudos feitos nos escriptos dos Santos Padres e nas antiguidades da Egreja, e demostrou com seu mesmo exemplo que nenhum catholico póde com interna e raciocinada convicção abandonar a sua Fé.

E agora páro aqui concluindo com as santas expressões de Fé, de reconhecimento e sagrado enthusiasno, com que Thomaz Moore fecha o dito seu livro: — *Salvé, pois, ó Egreja una e verdadeira! Salvé, tu, que és o unico caminho para a vida, unica cujos tabernaculos não conhecem a confusão das linguas! Que a minha alma descance á sombra dos teus santos misterios! Para longe de mim por egual a impiedade que insulta a obscuridade d'esses misterios, e a Fé imprudente que quereria devassar os seus segredos.*

SETIMA PALESTRA

Erro fundamental.

P. Demorei-me bastante a mostrar-vos que os catholicos e protestantes são concordes em affirmar que na Egreja Romana não se deu alteração

nenhuma nas coisas e ensinamentos que a Egreja primitiva dava; e que as coisas, que parecem alterações, não são senão explicações de verdades e dogmas, que pelo facto de ainda não terem sido definidos pela Egreja estavam sujeitos a discussões. E vós vistes que essas discussões terminaram logo que a Santa Egreja se pronunciou: vistes ainda que os protestantes não estão de posse da doutrina da Egreja primitiva, mas unicamente se limitaram a aproveitar e fazer collecção dos erros e heresias já condemnadas por toda a antiguidade christã.

Ora para não omittir coisa alguma das que pódem mostrar aos protestantes que elles estão fóra do bom caminho da verdade, e para vos arreigar mais e mais na firme convicção de que os protestantes não pódem de modo algum pertencer á verdadeira Egreja, é bem que analisemos invidualmente alguns outros dos seus erros. Devo pórem fazer-vos notar que aqui defrontamos com uma difficuldade sobremaneira grave.

F. Que difficuldade é então?

P. A difficuldade consiste nisto, que quasi cada palavra da doutrina dos protestantes contem um erro. Como se hão pois refutar todos? Por isso pensei cá commigo que, depois de ter já posto a nu outros erros d'estes transviados, seria conveniente revelar aqui um erro fundamental, o qual destroe todo o principio de verdade no Protestantismo, e no-lo faz conhecer tal qual é, um complexo e amontoado de absurdos.

F. Bem está; fale-nos d'este erro fundamental. Se elle basta para revelar e rebater os outros, não precisamos de estar a puchar pela cabeça para esmagar e refutar os senhores protestantes.

P. O erro fundamental dos protestantes consiste na livre interpretação da Biblia, interpretação que geralmente se costuma denominar *espirito privado*. Dizem os protestantes que a Sagrada Escriptura é palavra de Deus, e por isso sufficientemente clara para que possamos precisar de quem no-la explique. Ora isto repugna á crença dos catholicos, que reconhecem na Santa Egreja uma autoridade outhorgada por Christo Senhor Nosso, e mediante a qual Ella póde dar á Biblia o verdadeiro sentido, como já vos disse em outras palestras.

F. Mas não lhe parece, meu pae, que a Sagrada Escriptura é de sobejo clara, de modo a todos a poderem entender? A Biblia é a palavra de Deus; acaso serão os homens capazes de explicar as coisas melhor, do que Nosso Senhor?

P. E' exactamente por ser palavra de Deus, que a Biblia encerra muitas difficuldades, que nem todos são capazes de comprehender. Dão-nos a prova os proprios protestantes. Dizei-me cá: não são claras as seguintes palavras do Evangelho: *Quem não fôr regenerado nas aguas do Baptismo e no Espirito Santo não entrará no reino dos Céus?* Pois não obstante, os protestantes ainda controvertem e disputam sobre a absoluta necessidade do Baptismo para a salvação, dizendo alguns que este Sacramento é uma mera formalidade e ceremonia que se póde á vontade differir e mesmo pôr de parte. Demais a mais, se a Sagrada Escriptura fosse tão clara, que todos a pudessem comprehender com facilidade, não haveria tantas variações na doutrina dos mesmos protestantes. Quando tiverdes vagar de folhear o livro de Bossuet: *Das variações dos protestantes*, vereis ahi que elles mo-

dificam quasi todos os dias o seu modo de crer e explicar a Biblia; de sorte que um texto da Biblia, de que hoje se valem para confirmar uma verdade, serve-lhes amanhã para combater afincadamente a mesma verdade.

F. Vae tudo muito bem: mas não ha factos, que ponham em evidencia a necessidade que um tem, de que lhe interpretem a Sagrada Escriptura?

P. Que seja mister que a Sagrada Escriptura nos venha explicada por aquelles, que a têm a preceito estudado, é um facto dos mais simples e evidentes. Abramos a Biblia. Lá imos achar no Evangelho de S. Lucas que o nosso divino Salvador, depois da Sua Resurreição, appareceu a alguns dos discipulos que se mostravam instruidos na Biblia. Mas Nosso Senhor fez-lhes algumas perguntas; e como visse que elles entendiam as coisas ás avessas, teve de lhes ensinar a verdadeira interpretação. *Interpretava,* diz o Sagrado texto, *a Sagrada Escriptura fazendo-lhes conhecer as coisas que nella se continham ácerca d'Elle; e fez-lhes d'ellas a explicação para que entendessem* (1). Ora, se Christo Senhor Nosso teve de explicar aos discipulos o verdadeiro sentido da Biblia, é signal de que não é tão clara e evidente, como querem os protestantes.

Um outro facto foi o que se deu com um ministro da Rainha de Candace. Era elle homem justo, temente a Deus, e viera a Jerusalem com o fim de adorar o Deus verdadeiro. Regressando á patria na sua carruagem, ia pelo caminho lendo a Biblia. S. Filippe Diacono por ordem de Deus aproxima-se d'elle e diz-lhe:

Notae bem que aquelle ministro devia de ser homem de larga erudição, e lia a Biblia exacta-

mente no ponto em que fala do Messias. Olhae porém a bella resposta que deu:

— *Como posso eu entender taes coisas, se não tenho quem m'as explique?*

O proprio S. Pedro, discreteando ácerca das Epistolas de S. Paulo, diz sem refolhos que ha nellas muitas passagens de difficil comprehensão, que os ignorantes e os maus adulteram e explicam em sentido improprio e mau, para perdição sua e dos outros (1).

Por esta razão dizia de si o grande Doutor da Egreja Santo Agostinho: *Nas Sagradas Escripturas eu acho mais coisas que não conheço, do que aquellas que conheço.* Agora pensae um pouco: se um santo Agostinho que tanto havia lido, estudado e meditado, confessava que não comprehendia a maior parte das coisas que se encerram na Biblia, o que deverá dizer-se de quem fez pouco estudo sobre a Biblia, ou, com maioria de razões, de quem mal sabe ler?

F. Quantas razões nos apresenta o pae, e todas ellas boas e convincentes! Parece-vos porém que aquelles bocadinhos da Biblia que até agora temos lido, nem por isso são muito obscuros: se nos não enganamos, comprehendemos tudo o que temos lido.

P. Parece-vos que comprehendestes tudo, mas não é verdade, podeis d'isso ter a certeza.

F. Como? Faça favor de no-lo provar.

P. Se quereis ver de um modo palpavel a verdade de quanto vos digo, dae-me sómente a ex-

(1) Epis. II, c. 3.

plicação d'estas palavras que estão no principio da Biblia: *Terra autem erat inanis et vacua, et spiritus Dei ferebatur super aquas.*

F. Mas afinal ficamos em jejum! O pae fala-nos em latim; e bem sabe que foi coisa que nós estudamos muito pouco. Diga-nos isso mas em portuguez.

P. Portanto vós começaes por precisar de que alguem vos explique a Biblia, ou ao menos vo-la traduza do hebraico, do grego, ou do latim para portuguez. E eu quero fazer-vos a vontade vertendo-vos as palavras acima citadas para facil e singelo portuguez: *A terra porém estava nua e vazia, e o espirito de Deus era levado por sobre as aguas.* Comprehendestes? Porque vos estaes a rir?

F. Rimos todos, naturalmente porque não percebemos nem patavina. Blasonavamos de que as entenderiamos em portuguez, e afinal sáe-nos o portuguez tão duro de roer como o latim.

P. E com bem razão: porque as palavras que vos citei, e muitissimas outras da Biblia, não basta que sejam traduzidas em lingua vulgar para ser entendidas, mas demandam longo estudo e profunda meditação. Ha 50 annos que eu leio, estudo e medito a Biblia, e não obstante todos os dias se me deparam pontos de que não sei dar a devida e justa explicação. Os homens mais doutos que têm florescido na Egreja, são todos unanimes em affirmar que na Sagrada Escriptura ha muitas coisas difficeis de comprehender, difficeis de explicar. E' esta tambem, meus filhos, a doutrina da Egreja Catholica ácerca da Sagrada Escriptura; d'onde podeis facilmente deduzir, que, segundo o Evangelho, segundo os Apostolos, segundo o vosso mesmo parecer e o dos

homens mais doutos que têm apparecido no universo, a Biblia não é tão clara, que possa sem custo ser comprehendida por todos.

De resto, a falsidade do dito principio fundamental dos protestantes prova-se á saciedade com este argumento de facto. Noutros tempos, como ainda não havia imprensa, eram poucos e raros os exemplares da Biblia. E' sabido que povos inteiros christãos não sabiam ler nem escrever; e o maior numero dos christãos dos nossos dias tambem não se acham em condições de ler e entender a Biblia. Sendo isto assim, como realmente é, atrever-se-hão os protestantes a sustentar que não houve outr'ora nem agora ha meio algum de salvação para todos aquelles, que não podiam obter exemplares da Biblia, ou não pódem hoje lê-la e entendê-la?

OITAVA PALESTRA

Vã defeza do espirito privado.

P. Os protestantes, para defender a sua theoria do *espirito privado,* recorrem a todos os meios que lhes vêm a geito. Lançam mão da Biblia, da razão; mas tudo sem effeito; pois a outro exito não arribam, que não seja a ostentar mais palpavelmente sua incerteza quando se trata de interpretar a Biblia no seu verdadeiro sentido.

F. Nós queriamos exactamente perguntar ao pae em que argumentos se fundam os protestantes para sustentar essa sua doutrina.

P. Os protestantes apoiam esta sua doutrina em alguns textos da Biblia, de que só vos apontarei

os três principaes. O primeiro lê-se no Psalmo CXVIII, e é este: *A tua palavra é luzeiro para os meus pés e luz para os meus caminhos.* Se a palavra de Deus, argumentam os protestantes, é luzeiro, e luz, certo que é clara e todos a comprehendem.

F. A palavra de Deus é luzeiro e luz para aquelles que têm feito muitos estudos e são capazes de a comprehender; mas não é assim tão clara para nós, que damos com muitas e muitas coisas que não comprehendemos.

P. Ahi está uma razão de primeira ordem; mas ainda ha outras mais proprias e mais justas. Regra geral, a palavra de Deus é luz neste sentido, que illumina o homem, dizendo-lhe o que ha de crer, como ha de obrar e amar. E' luz, porque repartida e bem ensinada mostra ao homem o caminho que elle deve seguir para alçançar a vida da eterna bemventurança. E' luz, porque acalma as paixões dos homens, que são verdadeiras trevas d'alma, trevas perigosas e tão espessas, que só a palavra de Deus as póde dissipar. E' luz, porque prégada a preceito e como deve ser, infunde as luzes da graça divina no coração dos ouvintes, fazendo-lhes conhecer as verdades da Fé. A primeira vez que S. Pedro explicou a palavra de Deus converteu bem três mil dos circumstantes á Fé de Jesus Christo.

Houve um famoso interprete de nome Theodoreto, o qual diz que pela palavra luzeiro deve entender-se a lei de Moisés, e por luz o proprio Christo Senhor Nosso, que é luz verdadeira, que veiu a este mundo. D'esta sorte o luzeiro de Moisés illuminou tão só uma nação, ao passo que

a luz do *sol* de justiça, isto é, N. S. Jesus Christo. illuminou toda a terra.

Mas agora o affirmar que as ditas palavras significam que a Biblia é toda clara, isso é oppôr-se á propria Biblia, ao Evangelho, aos factos, aos escriptos dos Apostolos e á pratica constante pela Egreja observada em todas as epocas.

F. Já parece esteja bastantemente explicado este texto. Não resta duvida alguma de que a palavra de Deus é luz para quem fez os estudos necessarios para a comprehender e conhecer o sentido em que a entende e explica a Santa Egreja, e claro que não o é para todos indistintamente, porque muitas coisas ha, que por nós mesmos não comprehendemos. Gostariamos agora de saber o segundo texto que os protestantes citam em abono do seu *espirito privado*.

P. O segundo texto que os protestantes costumam citar em defeza do *espirito privado*, é tirado de S. Paulo. Este grande Apostolo, dirigindo uma carta aos christãos que havia na cidade de Thessalonica, diz entre outras coisas: *Examinae tudo: conservae o que é bom*. Portanto, concluem os protestantes, todos devem examinar a Sagrada Biblia e intrepretá-la como lhes parecer e aprouver.

F. Oh! então estamos sempre na rua da mesma! Sim, sim, pódem examinar a Biblia aquelles que d'isso são capazes; mas quem não é capaz, não se deve metter nessas altas cavallarias. Por exemplo, como ha de aquella regateira que vende peras, maçãs e uvas alli á nossa porta, examinar a Biblia, se nem sequer sabe o ABC?

P. Certo que a vendedeira de fruta e muitas

outras pessoas nas suas condições, são de todo incapazes de examinar e comprehender a Biblia; porque para comprehendê-la bem em todos os seus varios pontos e textos, ora faz mister confrontar as coisas que precedem com as que seguem, consultar os textos que têm relação entre si, ora é indispensavel, e isso frequentemente, recorrer aos originaes latinos, gregos e mesmo hebraicos. Depois, tudo isto exige estudos e canceiras; e são numerosissimos os que não dispõem de tempo para gastar nesses estudos, nem tampouco possuem os livros necessarios para ser bem succedidos no seu intento.

Voltando ás palavras de S. Paulo, que atraz vos citei, se confrontarmos o que está antes com o que está em seguida ao texto, ser-nos-ha facil alcançar qual o recto sentido d'elle, notando antes de tudo que S. Paulo prégou o Evangelho aos fieis de Thessalonica, d'onde teve de fugir por causa de uma perseguição que contra elle levantaram.

Achando-se na cidade de Corintho,soube que os thessalonicenses se achavam em grande perigo, por motivo da furiosa perseguição que lavrava, e tambem porque andavam varios a propagar doutrinas falsas e erroneas. Por isso escreveu-lhes neste sentido: Reflecti bem nas palavras que vos dizem, e conservae sómente o que vos parecer isento de erro e inteiramente conforme com os ensinamentos apostolicos. E se nas prégações notardes só que seja a apparencia de mal, fugi, abstendevos de conviver com esses taes: *Ab omni specie mala abstinete vos.*

Em segundo logar devemos em particular modo

advertir que então Deus communicava o dom e a intelligencia das Sagradas Escripturas a algumas determinadas pessoas: e por isso S. Paulo recommdava-lhes que procedessem com a maior cautela antes de approvar ou desapprovar qualquer verdade, e queria que os interpretes da Sagrada Escriptura tambem meditassem detidamente as prophecias: *Não desprezeis as prophecias; examinae tudo, conservae o qne é bom.* Por esta exposição litteral das palavras de S. Paulo, bem podeis ver que ellas não se pódem sob nenhum aspecto referir ao *espirito privado* dos protestantes.

F. Parece que é mesmo assim que o texto deve ser interpretado e entendido; e que as palavras de S. Paulo não passam de um simples aviso dirigido, tanto aos simples christãos para que fujam do erro, como aos pastores, para que leiam com attenção a Sagrada Escriptura e venham a conhecer o seu verdadeiro sentido. Pae, agora diga-nos qual o terceiro texto adduzido pelos protestantes.

P. O terceiro texto de que os protestantes lançam mão, no objectivo de defender o *espirito privado,* tiram-n'o de uma Epistola que S. Paulo escreveu aos fieis que habitavam em Corintho, cidade da Grecia. S. Paulo prégara a Fé de Jesus Christo naquella cidade pelo espaço de dezoito mezes, e partindo d'alli, ia levar a outras terras a luz do Evangelho, quando em Epheso lhe noticiaram que lavravam entre os corinthios dissensões religiosas. O Santo Apostolo, apenas tal soube, escreveu-lhes que, no que se referisse á salvação eterna, deviam fugir dos *homens animaes,* isto é, *carnaes,* que não comprehendem as coisas do Senhor; e depois accrescenta: *Spiritualis (homo) ju-*

dicat omnia, et ipse a nemine judicatur: o homem espiritual julga todas as coisas e elle não é julgado por ninguem. Que vos parece, meus filhos? Estas ultimas palavras de S. Paulo poderão acaso entender-se do *espirito privado*?

F. Parece-nos mas é que S. Paulo quer dizer, que para termos uma justa e uma boa explicacão da Biblia não devemos recorrer aos libertinos, que vivem como animaes, mas consultar a homens sabios, religiosos, que sem duvida devem ter de Deus luzes particulares.

P. Optima observação. Accrescentae ainda que homens *animaes* são aquelles que, segundo o mesmo S. Paulo, falam e explicam todas as coisas consoante suas paixões e appetites: *loquuntur placentia*. Estes taes não alcançaram a intelligencia das coisas de Deus, e por isso *blasphemam e dizem mal das coisas que não entendem*, ou que não querem entender, porque se oppõem ás suas paixões desordenadas. Pelo contrario, o homem justo, o homem dado ás coisas espirituaes, é precisamente aquelle que entende as coisas de Deus e julga segundo o espirito de Deus. Elle porém não é julgado por nenhum; por nenhum, deve entender-se, d'aquelles, a que acena nas palavras que se encontram antes das referidas. E vem isto a dizer, que não devemos fazer caso nenhum do que affirmam e apregoam os homens mundanos, pois são incapazes de conhecer as coisas de Deus; e que pelo contrario, devemos ter em grande estima e veneração os conselhos dos homens de bem, e recorrer a elles quando se nos offereça alguma duvida.

Tendes ainda alguma duvida, que precise des-

fazer-vos, ácerca de tudo o que vos disse dos citados textos da Biblia?

F. As palavras do pae são tão claras e terminantes, que não nos parece seja necessaria qualquer declaração mais. Bem se comprehende, que os homens carnaes são incapazes de attingir o verdadeiro sentido da Biblia; e Luthero, Calvino, Henrique VIII e outros reformadores do mesmo estofo fôram homens carregados de desordens e entregaram-se aos vicios mais hediondos; elles e quantos iam na sua esteira não se achavam de modo algum em condições de poder entender a Biblia por si, nem explicá-la aos outros. Mas como os protestantes não fazem senão encher a bocca com esta Biblia, tenha a bondade de nos dizer se ha nella alguma passagem que recommende o *espirito privado,* ou pelo menos a leitura da Biblia.

P. Seguramente que não. Garanto-vos que nunca ahi se deu com passagem alguma, em que Deus recommende aos homens que leiam a Biblia.

Nem sequer me recordo de ter visto escripto: Lêde a palavra de Deus: segui o vosso parecer e juizo ácerca de tudo o que lêrdes na Biblia: ou outras phrases parecidas. O que Deus pelo contrario nos manda pelas expressões mais claras, é que escutemos Sua santa palavra, guardando-a dentro em nosso coração, para depois a praticar, e garantir assim nossa salvação eterna.

F. Gostariamos de que o pae nos falasse d'este preceito de escutar a palavra de Deus, e como até aqui prestaremos toda a attenção ao que tiver a bondade de nos dizer.

P. De bom grado satisfarei a vossa pretenção. No Antigo Testamento todos aquelles, que que-

riam annunciar alguma coisa extraordinaria, começavam sempre assim: *Escutae, ó povos, a voz do Senhor; ouvi, attendei,* ou por outras expressões equivalentes. Mas nunca se disse aos povos: Ide ler a Biblia ou a Sagrada Escriptura. Além d'isso, sabemos por revelação do mesmo Deus, que os interpretes da lei divina são os Sacerdotes, aos quaes os homens devem recorrer em suas duvidas. *Os labios dos Sacerdotes,* diz Deus Nosso Senhor, *guardam a sciencia, e os povos irão pedir-lhes a elles explicação da divina Lei: Labia sacerdotis custodiunt scientiam, et populi legem requirunt ex ore ejus.*

Na occasião em que um ministro de Deus explicava ao povo a divina palavra, succedeu um facto que eu não quero omittir. Perto de 600 annos antes da vinda do Salvador, os hebreus haviam-se abandonado ás mais graves desordens; e o Senhor enviou o Propheta Jeremias, não a levar a Biblia, mas a lançar-lhes em rosto, suas muitas iniquidades, e a annunciar-lhes que breve caíriam sobre elles os castigos de Deus.

Apresentou-se em publico um homem de nome Ananias, que deu ás palavras do Senhor uma interpretação immenso differente da que ellas deviam ter. Então Jeremias abrazado em santo zêlo voltou-se para aquelle falso propheta e disse-lhe em nome de Deus: *Tu, que levas esta gente a confiar em tuas mentiras, morrerás ainda este anno, porque interpretaste mal as palavras do Senhor.* Ameaça terrivel esta, mas que se veiu a cumprir á risca!

Quem sabe se estes ou outros castigos similhantes não virão a caír prestes sobre aquelles, que

interpretam a Sagrada Biblia, não segundo o espirito do Senhor, mas segundo o que mais secunda e fomenta suas paixões?!

F. Pelo que respeita ao Antigo Testamento, basta-nos isto; mas no Evangelho tambem não se diz nada a este proposito?

P. Nem sequer no Novo Testamento eu vejo que se tenha mandado aos povos que recorram á Biblia para conhecer as verdades da Fé. Pelo contrario, o Senhor inculcava sempre que se apresentassem aos Sacerdotes. E por isso que a antiga Sinagoga estava decadente, e os doutores hebreus eram homens de má reputação e costumes, o divino Salvador dizia ás turbas que não fizessem caso nenhum do modo como elles viviam e obravam, mas que os considerassem como os destinados a occupar a cathedra de Moisés; e por conseguinte, que escutassem os seus ensinamentos, mas não copiassem *seus maus exemplos.*

Ainda ha mais. Será crivel que o divino Salvador não comprehendesse a Biblia? Pois bem: olhae que foi em pessoa ao templo para ouvir fazer a explicação d'ella, e formular aos doutores da Lei as perguntas, que em Sua infinita sabedoria julgava virem a proposito.

E' tambem em extremo assombroso o facto d'aquella mulher, que fôra escutar a prégação de Nosso Senhor. Achava-se ella entre numerosa e compacta multidão, e por certo que estava arrebatada com a clareza e sublimidade das divinas palavras, pois que exclamou em alta voz: *Bemaventurado o ventre que Te trouxe e os seios que Te alimentaram.* E Jesus replicou-lhe logo: *Dize antes que são bemaventurados aquelles que ouvem a pala-*

vra de Deus e a conservam para d'ella tirar fruto: Beati que audiunt verbum Dei et custodiunt illud.

Desejo que noteis, ó meus filhos, que o Salvador aqui não diz: Bemaventurados os que leem, ou interpretam a palavra de Deus, mas bemaventurados aquelles, que a escutam: *Beati qui audiunt.*

Se por conseguinte nós podemos ser bemaventurados, isto é, tornar-nos santos só com ouvir a palavra de Deus, para nós é bastante, e, digamos antes, é melhor assegurar a vida eterna indo ouvir a palavra de Deus explicada pelos nossos Sacerdotes, do que arriscar-nos a dar d'ella uma explicação errada, e como consequencia a perder-nos eternamente, interpretando-a ao sabor dos nossos proprios caprichos.

Se não quizesse ser breve, quantas coisas não teria que vos dizer sobre este ponto! Basta reflectir que o divino Salvador, quando fala ás turbas, recommenda sempre que oiçam a Sua santa palavra: *Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.* E quando fala aos Apostolos ou aos discipulos, diz sempre: *Ide, ensinae o Evangelho a toda creatura, instrui, baptizae; quem vos escuta, a Mim escuta, e quem vos despreza a Vós, a Mim despreza, e quem Me despreza a Mim, despreza a Deus, que Me enviou.*

Por esta razão S. Paulo, esse Apostolo tantas vezes citado e tantas vezes mal entendido pelos protestantes, ensina que as verdades da Fé não se alcançam pela leitura, mas só com ouvir a explicação da palavra de N. S. Jesus Christo: *Fides ex auditu: auditus autem per verbum Christi.*

E o proprio S. Paulo é d'isto uma prova. Elle

tinha lido afincadamente, estudado, meditado a Sagrada Escriptura e apenas conseguira vir a ser um feroz perseguidor dos christãos. Foi mister que viesse a viva voz de Jesus Christo Senhor Nosso para converter aquelle lobo rapace em manso cordeiro: para fazer de um encarniçado perseguidor um incançavel pregoeiro e propagandista do Evangelho.

O fruto d'esta palestra ha de pois ser uma grande solicitude e empenho da nossa parte, em ouvir a palavra de Deus explicada nas praticas e sermões.

NONA PALESTRA

Contradicções.

F. Hoje, como o nosso bom pae vê, ainda se nos ajuntaram mais companheiros, que todos desejam muito ouvi-lo ácerca da maneira como os protestantes interpretam a Biblia.

P. Fizestes bem em trazer aqui alguns novos camaradas vossos, porque quanto mais numerosa fôr a assembleia, tanto mais deleitavel se tornará a palestra. Mas os vossos semblantes dão assim uns certos ares de atrapalhação e acanhamento: que quer dizer isso?

F. Coisa bem simples, papá. Contamos quanto nos disse ácerca da Biblia, e um joven... que...

P. Que... dizei-me quem é elle!...

F. Que é protestante.

P. Oh! és tu, querido joven! Fizeste bem em vir ter comnosco: aqui estás no meio de amigos. A nossa Religião manda amar os nossos similhantes, sejam embora judeus, ou herejes de qual-

quer seita ou nome. Por conseguinte, coragem. Quantos annos tens?

Valdense. Tenho 17 annos feitos, e sou *protestante valdense.*

P. Fizeste algum curso de estudos?

V. Até agora tenho frequentado sempre as escolas e tenho-me occupado quasi sempre no estudo da Biblia, por conselho de meus paes e do meu pastor.

P. A escolha da materia foi optima, congratulo-me por isso. Mas que te parece poder concluir d'este teu estudo sobre a Biblia?

V. Concluo que a Biblia é um livro todo divino, um thesoiro cheio de immensas riquezas espirituaes, um juiz vivo e animado, que fala, eterno, que em nome de Deus dirige as acções dos homens, os illumina em suas perplexidades e duvidas, e resolve de uma maneira, que não soffre appellação, toda e qualquer duvida em materia de Religião.

P. São excellentes devéras os teus sentimentos a respeito da Biblia. Mas permitte-me que te faça uma interrogação: Estás mesmo capacitado de que a Biblia é por si um juiz sufficiente para tirar as duvidas em materia de Religião?

V. Quem póde nem sequer por um instante pôr em duvida similhante verdade? É o que constantemente nos ensinam os nossos pastores.

P. E ha entre os protestantes e valdenses alguem, que não seja capaz, ou não tenha tempo de ler a Biblia?

V. Ha muitissimos dos nossos, que nem sequer sabem ler, tal qual succede entre os catholicos.

P. Portanto a Biblia, para esses ao menos, não póde resolver as duvidas, que é possivel que

nasçam no espirito dos ignorantes. Mas dize-me ainda: Ha entre os valdenses e protestantes muitos, que saibam a fundo a lingua grega e a hebraica?

V. Esses taes não são em grande numero, verdade seja. Os nossos estudam com gosto e boa vontade o francez, o italiano, e um ou outro aprende o latim; e de todos os que conheço, só dois oiço dizer que sabem a fundo o grego e o hebraico.

P. Ora nota bem que a Biblia foi quasi toda escripta em hebraico e em grego. Por isso a Biblia por si mesma poderia unicamente servir para dois homens só entre os teus parentes, amigos e conhecidos. Os outros deveriam de ficar todos nas suas duvidas; e se d'essas duvidas dependesse a sua eterna salvação quantos d'elles se não perderiam eternamente? Dize-me ainda: as duas pessoas, de que me falas, aonde fôram buscar essa Biblia hebraica ou grega?

V. Oh! isso é sabido. Herdaram-n'a de nossos antepassados!

P. E que antepassados são esses vossos?

F. Estes nossos antepassados são todos aquelles, que nos precederam, e que se occuparam do estudo da Biblia.

P. E elles eram catholicos ou reformados?

F. Sem duvida que eram dos reformades.

P. E desde que tempo começaram a existir os reformados?

F. O senhor bem sabe que os reformados começaram a existir e a unir-se em sociedade no seculo XVI.

P. Em mãos de quem se achava a verdadeira Biblia antes d'esse tempo?

F. Achava-se... achava-se...; mas o senhor faz-me

um tal chuveiro de perguntas, que eu já nem sei como armar resposta a tudo.

P. Se não sabes responder, deixa que eu faça as tuas vezes. Antes do seculo XVI os vossos antepassados eram catholicos em união com a Egreja Romana e dependentes do Summo Pontifice Romano; e a Biblia até então conservou-se, como ainda hoje se conserva, na Egreja Catholica. Aqui tu deves tirar esta conclusão: entre todos aquelles que eu conheço, só dois é que são capazes de se servir da Biblia; e estes dois, para ter a certeza de que a sua Biblia não é falsa, são obrigados a recorrer á Egreja Romana. Tens alguma observação a fazer a esta conclusão?

F. Certo que não, porque isso é um facto evidente, que não se póde negar. Mas comtudo dizia... ou ao menos parece-me, que quando se pudesse ter uma Biblia bem traduzida, vulgarisada segundo o verdadeiro original, esta Biblia, digo, parece-me que deveria ser um juiz competente para resolver as duvidas que pódem dar-se em materia de religião.

P. Fazes-me uma observação que muito diz ao nosso proposito. Mas, por Deus! quem te garante a ti que a traducção, de que falas, seria boa e fiel? Nós, catholicos, temos os parocos, os Bispos, os Cardeaes, os Papas, os Concilios, que todos velam e estão álerta para que a Biblia não soffra nenhuma alteração, por pequena que seja.

Mas os protestantes não têm ninguem, que se importe ou trate de similhantes coisas; e dado o caso que um dos vossos ministros o quizesse fazer, segundo os teus principios, ninguem seria obrigado a dar-lhe credito. E por esta razão na versão do

Diodati, como já fiz notar a meus filhos, eu dei com não menos de 1927 accrescentamentos só nos Psalmos, sem contar as alterações do texto e os erros da traducção mesma. Além d'isso, essa Biblia, que tu suppões bem traduzida, podia servir quando muito para as poucas pessoas, que tu me dizes que estão em condições de a comprehender, mas não para todas. Mas supponhamos ainda que ha um original verdadeiro, uma traducção fiel e tão clara, que todos — coisa absolutamente impossivel — a possam comprehender: és de parecer que esta Biblia baste a resolver todas as duvidas em coisas de Religião?

F. A mim parece-me que basta; porque a Sagrada Escriptura é toda palavra de Deus, e por isso é boa e por si só capaz de condemnar o erro e fazer conhecer a verdade.

P. E a mim parece-me, deixa que eu te fale com o coração nas mãos, a mim parece-me que não. A Sagrada Escriptura serve de regra para conhecer os erros, mas não vae a indagar onde elles se achem, para os condemnar. É necessario que haja ministros sagrados, constituidos e destinados pelo divino Espirito Santo a governar a Sua Egreja: *quos Spiritus Sanctus posuit regere Ecclesiam Dei,* como diz a Biblia. Estes ministros consagram-se *ex professo* ao estudo da Biblia; acham-se em condições de a explicar aos fieis, e são capazes de examinar quanto está de accordo com a Biblia e de condemnar quanto lhe é contrario.

Escuta um facto, que me parece não será fóra de proposito contar-te, e tu depois farás as observações que julgares bem.

Houve um rei, que fez imprimir um codigo bem ordenado e claro, onde estava marcada a recom-

pensa reservada aos subditos fieis, e a pena dos transgressores da Lei. Um dia mandou esse rei reunir numa vasta praça os seus vassallos; e quando os viu alli todos, collocou o codigo sobre uma meza, que se achava no centro da praça, e em seguida passou ordem a um soldado, para que fizesse resoar a sua corneta com toda a força. Fez-se logo profundo silencio, e um delegado do rei falou nestes termos:

— Ouvi, ó povos, a voz do vosso soberano. Elle fala-vos por meio de mim, dizendo-vos que neste codigo estão indicadas todas as penas, que merecem os criminosos, e todas as recompensas, com que serão galardoados os bons; podeis vir ler este codigo quando vos aprouver, e nelle achareis indicado tudo. Mas ficae sabendo isto, que para o futuro não haverá jámais juiz algum, nem guardas para effectuar prisões, nem masmorras e cadeias. Cada um de vós póde lê-lo livremente, á sua vontade, interpretá-lo como mais lhe faça gosto, deixa-se tudo á vossa consciencia.

Que te parece de uma tal determinação?

F. Seria precisso regressar ao Paraiso terrestre, porque...

P. Explica-te.

F. Porque em nossos dias, embora haja guardas, soldados, cadeias, o desterro, o carrasco e a forca, não se ouve senão falar, por toda a parte, de furtos, de assassinatos, de casas roubadas e queimadas, de carteiras tiradas, e outras que taes maroteiras. Que seria então se não houvesse policias, nem a comminação de penas, que incutissem respeito e terror?

P. Meu caro amigo, disseste bem: mas deves saber que quanto acima te disse é um apologo, ou

um facto representado a modo de similhança, para que tu e os meus filhos pudesseis entender que a Sagrada Escriptura é um codigo divino, confiado por Deus á Sua Egreja. A qual Egreja é aquelle grande tribunal, a que Deus prometteu a Sua assistencia até ao fim do mundo: *Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem saeculi.* O juiz supremo d'este grande tribunal é o Summo Pontifice, e com elle todos os ministros sagrados a elle unidos pelo vinculo da Fé. É a esse corpo dos Sagrados Pastores que o divino Salvador dirigiu as palavras: *Ide, ensinae todas as nações: Ite, docete omnes gentes.*

F. Caramba! O senhor apresenta-me argumentos de escacha. Os nossos ministros fartam-se de apregoar que os catholicos raciocinam mal e erradamente; a mim o que me parece é que o senhor discorre muito bem; e estava quasi tentado a dizer que se os nossos mesmos ministros o ouvissem, teriam occasião de fazer profunda reflexão sobre quanto nos vae expondo. Entretanto, os argumentos que os nossos ministros empregam contra a doutrina catholica, parece-me que não são de todo para desprezar.

O Espirito de Deus, dizem elles, communica as Suas inspirações a quem lhe apraz: ora, se os homens fossem illuminados pelo Espirito Santo, não poderiam só com seu espirito privado entender bem toda a Biblia e julgar as controversias religiosas?

P. Se fosse verdade que o Espirito Santo illumina egualmente a todos os christãos, então tal asserção teria muito pezo; mas quem nos assegura e fica por fiador de que isso seja verdade? Se o

fosse, jámais christão algum podia enganar-se no sentido a dar ás divinas Escripturas; não se levantaria mais nenhuma discussão sobre pontos de religião. Mas os factos provam e persuadem do contrario: e nós vemos que todos os dias começam a pullular novas questões ácerca do verdadeiro sentido da Sagrada Escriptura. Os protestantes são entre si escandalosamente discordantes sobre muitos pontos da Biblia; coisas que no parecer d'uns têm um sentido, no parecer d'outros já têm um sentido diverso. Devemos d'ahi tirar a conclusão de que o divino Espirito Santo tem suggerido e inspirado juizos contraditorios sobre este ou aquelle ponto da Biblia, isto é, juizos que sejam verdadeiros e falsos ao mesmo tempo?

V Oh! isso por certo que não. Seria uma horrivel blasphemia affirmá-lo. Nenhum catholico, ou protestante, póde fazer tão criminosa asserção.

P. Que havemos então de concluir?

V. Não sei que resposta dar.

P. Havemos de concluir o seguinte, meu bom amigo: o divino Espirito Santo nem inspirou, nem inspira a todos indistintamente o verdadeiro sentido da Sagrada Escriptura. Escuta um pequenino facto, que tambem póde servir como conclusão d'esta palestra e dar-nos uma amostra dos frutos da inspiração do Espirito Santo na leitura da Biblia.

Uma velhota mettera-se um dia a disputar com um ministro protestante, affirmando que N. S. Jesus Christo havia encarnado antes da Creação do mundo: e firmava-se para isso nas palavras do Evangelho (1): *sem Elle nada foi feito, d'aquillo que se*

(1) S. João, c. 1.

fez. O ministro fez-lhe varias observações; mas vendo que tudo era inutil, disse-lhe por fim que falava d'aquelle modo por inspiração do Espirito Santo. A isto respondeu a boa da velha, que tambem tinha dentro do corpo uma alma como a d'elle, egualmente illuminada pelo Espirito Santo. O sangue aqui exaltou-se de parte a parte; e depois de trocarem muitas injurias e pragas, apartaram-se resmungando e maldizendo-se reciprocamente.

Taes são, meu caro joven, as consequencias da livre intreptação da Sagrada Escriptura.

DECIMA PALESTRA

Uma consequencia involuntaria.

P. Os protestantes, meu caro, admittem dois principios, que os põem em manifesta contradicção; e d'ahi dimanam certas consequencias, de que elles proprios se envergonham. Os escriptores da vossa seita são d'isso uma prova palmar e incontrastavel. Convído-te a considerar sómente o que diz um certo Trivier.

V Trivier? Oh! esse é um dos mais doutos entre os reformadores! E' um santo homem. Quanto não tem sido benemerito da Reforma! Trabalha sem cessar a prol da Religião.

P. Por emquanto deixemos de parte os merecimentos que Trivier possa ter, as suas canceiras e suores; eu só quero frisar algumas affirmações, que sem duvida devem fazer córar de vergonha a Trivier e aos seus admiradores. Falemos apenas dos seus escriptos, e sobretudo do livro, em que elle declara os motivos, que o arrastaram a fazer-se protestante.

V Oh! isso é um livro de oiro! Eu trago-o sempre no bolso, e por certo que não ha nelle nada, que mereça censura.

P. Queres que te mostre algumas das innumeras contradicções d'este livro?

V. Contradicções no livro de Trivier? Isso não as póde haver. Não, mil vezes não.

P. Pois bem! Abre-o lá a pag. 27, e lerás: *Todo o fiel póde e deve julgar, isto é, distinguir a palavra de Deus da palavra dos homens.*

Ora se todo o homem póde, como diz Trivier, e deve distinguir a palavra de Deus da dos homens, porque é então que elle se cança tanto em explicar a Biblia, e impôr aos outros as suas explicações? Porque recorre aos Santos Padres e Doutores catholicos para intrepretar a Biblia?

Na quarta pagina Trivier propõe-se *citar sobre os pontos de maior importancia alguns pequenos trechos dos Padres e Doutores mais celebres da Egreja Romana.* Mas logo na quinta pagina, abusando da credulidade dos seus leitores, escreve assim: *Não é minha intenção attribuir aos Padres autoridade alguma em materia de Fé.*

Que te parece a ti d'este modo de raciocinar e escrever?

V. E' assim mesmo que está escripto. A falar a verdade, se cada pessoa deve ler a Biblia por si, quem lhe dá a ella o direito de a explicar e intrepretar aos outros? Depois, se não attribue aos Padres e Doutores da Egreja nenhuma autoridade, para que se serve d'elles na interpretação dos pontos de maior importancia da Biblia? Parece-me que aqui ha contradicções bem evidentes.

P. Se tu, caro mancebo, vieres outras vezes com

meus filhos para me escutar, demonstrar-te-hei que este livro é do prologo ao indice um tecido de erros e contradições; e que o autor alinhavou aquellas paginas só para encobrir e desculpar a sua apostasia e vomitar calumnias contra a Egreja Romana.

V. Mas o senhor, com a mais esquisita delicadeza, vae-me já a fazer duvidar do valor d'estes nossos escriptores. Já li um opusculo a proposito de um livro do nosso pastor Amadeu Bert, e deitei fóra com desprezo tal livro, porque me capacitei de que aquillo não passa de um amontoado de falsidades e mentiras. Esperava ainda que Bert desse alguma resposta para rebater as calumnias e mentiras que alli lhe são imputadas, mas até agora nem uma nem duas, signal bem claro de que não tem que responder. Ora o senhor assevera-me que no nosso Trivier, além das contradicções, se acham tambem muitas calumnias. Eu não sou lá muito exigente: basta que me apresente uma só das suas calumnias, que para logo deitarei ás urtigas o sr. Trivier e os seus escriptos.

P. Abre o livro a pag. 25, e ahi verás as muitas coisas que elle diz contra a Egreja Romana, unicamente porque *prohibe a leitura da Biblia em lingua vulgar*.

V. E então isso não é verdade? É uma coisa que nós lá repetimos todo o santo dia.

P. Mas é uma solemnissima calumnia. A Egreja Romana nunca prohibiu a leitura da Biblia em lingua vulgar; só quer prohibir e impedir a corrupção d'essa Biblia, como a fazem os protestantes. A Egreja permitte a sua publicação em lingua vulgar, comtanto que traga o texto original todo

contenha notas explicativas ao fundo da pagina; ou pelo menos, depois de se ter bem certificado de que o original não soffreu nenhuma alteração.

Isto posto, nós desafiamos os sequazes de Trivier a que nos citem um só decreto de algum Concilio ou de um Romano Pontifice, no qual venha prohibida a leitura da Biblia em vulgar por um outro motivo, que não seja o de impedir a alteração do original.

E além d'isso, se o pobre do Trivier soubesse um poucochinho das coisas que dizem respeito á Religião christã, teria lido no Decreto da Sagrada Congregação do Index em data de 13 de junho de 1757, estas palavras: *Se taes versões da Biblia em lingua vulgar fôrem approvadas pela Santa Sé Apostolica, ou impressas com annotações tiradas dos Santos Padres da Egreja, ou de homens doutos e catholicos, são permittidas.*

Teria outrosim lido as innumeras versões que em diversas epocas fôram feitas em muitas linguas; conheceria a versão completa da Biblia em italiano, publicada em Turim no anno de 1767 por Monsenhor Antonio Martini, então deão na Real Basilica de Superga, e mais tarde Arcebispo de Florença; nem desconheceria a edição feita ultimamente, em 1851, na qual ha com a traducção litteral italiana do Novo Testamento, do mesmo Monsenhor Martini, algumas notas. Esta edição, levada a cabo por uma commissão de zelosos e devotados catholicos, saíu perfeita, elegante, e é barata, de modo que todos a pódem adquirir.

V O senhor vae-me abrindo os olhos pouco a pouco. Eu oiço todos os dias os nossos pastores a encher a bocca com mil incriminações contra a Egreja

Romana; e agora é que estou a perceber que todo aquelle barafustar não é lá muito fundado na razão. Pobre Trivier! Se vaes por este andar, eu digo-te adeus para nunca mais, e pegarei noutros livros mais verazes que o teu.

P. Optima disposição! Se queres livros bons, em nada corrompidos nem alterados, e isentos de insossas calumnias, anda ter commigo, que t'os fornecerei da melhor vontade. Entretanto, como para vos recreiar, quero contar-vos a todos um facto, que mais claras vos porá as consequencias, a que arrasta o *espirito privado* dos protestantes.

Um pae de familias, enganado e attrahido por alguns amigos seus, foi ouvir uma prédica ao templo dos protestantes. O ministro protestante fartou-se de vomitar sarcasmos e imprecações contra a Egreja Romana; e o nosso homem, aliás de bom coração, decidiu immediatamente professar tambem a Reforma.

Acabada a pratica, apresentou-se ao prégador. e disse-lhe:

— Quero fazer-me protestante.

— Bem está, teremos um irmão a mais.

— Mas antes de tudo eu desejo instruir-me na sua religião.

— Pegue, lhe respondeu, entregando uma Biblia. esta é a nossa religião; leia-a, instrua-se, que ficará a conhecer toda a nossa religião.

— Mas quem m'a ha de explicar?

— A Biblia é palavra de Deus. Elle proprio a explicou, e não é preciso que outrem lh'a declare e explique mais do que Elle a explicou.

— Mas não ha perigo de que me engane?

— Qual! Não ha perigo de qualidade alguma.

Leia-a o senhor, faça-a ler aos seus amigos; aquillo que lhe parecer bom, faça-o, porque é a verdade, e não é preciso que torne a escutar os sermões dos padres e dos frades.

Lá se foi o nosso homem com a Biblia protestante; e como se tivera achado um thesoiro, mal chegou a casa, congregou a mulher e os filhos, e mostrando-lhes a Biblia, disse assim:

— Olhae, aqui dentro está toda a nossa santa Religião. Agora, d'aqui por deante, nada de jesuitas, nem de padres; nada de sermões nem de doutrina; nada de egreja. Isto é a Biblia, e não é preciso mais nada; quem ler aqui dentro, sabe quanto deve fazer para ir direitinho para o Céu.

Durante uma semana inteira aquillo era ver quem apanhava mais depressa o livro, apropriando cada um, como lhe dava na têlha, o que ia lendo na Biblia. Succedeu que a mulher desse com as palavras de S. Paulo: *Todos somos irmãos.*

— Ora perfeitamente! Se todos somos irmãos, visto que ha dezoito annos que obedeço, quero tambem agora mandar por dezoito annos ao meu marido; elle como irmão deve obedecer. E os dois filhos maiores, dos quaes um estava a fazer 13 annos, e o outro apenas 12, applicaram, para seu uso, as palavras do Evangelho: *Quem quer ser Meu discipulo, venda quanto possue, abandone pae e mãe.*

No domingo immediato o marido, conforme era seu costume, chegou a casa por volta do meio dia, disposto a comer. Entretanto não viu nada que indicasse jantar. Lume apagado, nada sobre a meza; e a mulher, toda emproada, sobre um canapé, á espera do marido.

— Olá, disse este; então que vem a ser isto? Não são horas de jantar?

E a mulher, em replica:

— Qual hora de jantar! Não basta talvez o ter-te servido durante dezoito annos? Deves saber que eu vi na Biblia, que *somos todos irmãos;* por isso como bom irmão deves fazer de meu creado por dezoito annos a contar de hoje. Acabados elles, retomarei os meus trabalhos.

Não estou aqui a esmiuçar-vos a longa disputa que se entabolou entre os dois neo-protestantes. Basta que fiqueis a saber isto, que depois de terem trocado muitas injurias e pragas, e de o marido ter esbofeteado a consorte, accordaram por fim em amanhar ambos a precisa refeição. A mulher acabou depois por dizer:

— Oh! que religião tão porca e estupida nos vieste cá trazer a casa! Asseguro-te que em toda a minha vida nunca passei um dia infernal como este.

F. E os dois filhos que fizeram?

P. Queria passar em silencio as patifarias d'aquelles dois jovens; mas porque assim m'o pedes, sempre te quero matar os desejos. Esperaram a hora, em que pudessem estar sósinhos em casa, e depois toca a roubar quanto puderam apanhar; tiraram o relogio, um capote novo do pae, um guarda-sol e as arrecadas da mãe, e muitos outros objectos; e quando tinham a casa quasi esvaziada, puzeram-se em fuga.

Tornam juntos para casa o homem e a mulher, e ao notar que a casa fôra roubada, pensam logo que tenham sido os ladrões, e por isso começam a gritar: *Aqui-d'El-rei! Aqui-d'El-rei!* N'este

entrementes o marido vê sobre uma meza um bilhete escripto pelo filho mais velho, pega nelle, e lê estas palavras: *Para fazer quanto nos manda a Biblia, levamos comnosco e vendemos tudo o que pudemos apanhar: e em seguida deixamos pae e mãe afim de sermos verdadeiros discipulos de Christo.*

Foi então que o pae comprehendeu o grande disparate que fizera em deixar que os filhos procurassem a religião na Biblia, e voltando-se para a mulher, disse-lhe:

— Já estou cheio até ás orelhas d'esta religião protestante. D'aqui por deante quero que voltemos a ouvir os sermões do nosso paroco, e espero que as coisas nos hão de correr melhor.

Em seguida puzeram-se a procurar com toda a solicitude os dois filhos, e deram com elles quando tinham ainda por vender boa parte dos objectos roubados em casa. Com boas maneiras conseguiram reconduzi-los comsigo; e como era sabbado de alléluia, fez o pae uma pequena allocução a todos os de casa, mostrando-se arrependido de ter tomado parte nas prégações dos protestantes, e deitou ao lume a Biblia heretica; e no dia seguinte. muito de manhãsinha, marido, mulher e filhos fôram com as mais santas disposições cumprir o preceito da desobriga.

E' esta, meus queridos amigos, uma pequena amostra das consequencias do *espirito privado* Dizer: fazei uma religião como vos agrade mais, é o mesmo que dizer: fazei o que vos appetecer e dér na cabeça; roubae, desobedecei, trucidae o vosso rei, os seus ministros, e todos aquelles, que vos pareçam culpados e criminosos; fazeis sempre bem, porque estaes persuadidos de que fazeis sem-

pre bem. Uma religião assim é de metter horror; pois é esta, nem mais nem menos, a base de toda a nova Reforma protestante (1).

DECIMA PRIMEIRA PALESTRA

Uma impudente arrogancia e a Papisa Evangelica.

P. São sem conta os erros, a que o *espirito privado* arrasta os protestantes. Porque não ha capricho algum do homem, o qual não possa fundamentar-se na Biblia mal interpretada, e quando não se encontra aquillo que se quer, então accrescenta-se, tira-se, muda-se tudo quanto venha á cabeça.

F. E é assim que fazem os protestantes?

P. Fazem-n'o hoje, como o fizeram nos tempos idos. Eu poderia apontar-vos uma longa serie de erros contidos na Biblia traduzida pelo protestante Deodati; mas agora contento-me tão só com vos notar que o proprio Luthero, ao traduzir para o alemão o Novo Testamento, perpetrou mais de mil erros, sem contar os caprichosos accrescentamentos feitos ao texto original.

F. Oh! maroto do Luthero! E tecem-lhe tantos elogios por essa versão?! Se tivesse errado só na

(1) O joven valdense, de aqui se fala, continuou a assistir ainda por algum tempo ás palestras do nosso bom pae de familia. Depois de ter alcançado a solução de todas as duvidas que os valdenses lhe metteram na cabeça, abjurou por fim os seus erros, não sem que os paes se oppuzessem tenazmente, e fez-se catholico. Os seus, tomados de indignação, expulsaram-n'o do seio da familia, mas elle perseverou firme na Fé. Achou hospitalidade e abrigo numa casa de educação; aprendeu um officio e agora com o seu trabalho vae ganhando honestamente o pão com que sustentar-se

traducção, vá lá, que ainda se lhe podia levar o defeito á conta de ignorancia; mas agora ajuntar coisas ao original, isso é malicia consummada e refinadissima! Dê-nos d'essa alteração um exemplo qualquer.

P. Para me não tornar extenso, só vos apontarei um de entre os muitos accrescentamentos que elle introduziu para sustentar os seus erros, e dar a entender aos ignorantes que a sua doutrina se apoiava na Biblia. Com a Biblia na mão elle pretendia provar que as boas obras não são necessarias para a salvação, affirmando que *a só Fé justifica.* Os catholicos, que velam com toda a diligencia por que não se corrompa o texto original dos Sagrados Livros, viram logo que a palavra *só* fôra alli mettida por Luthero, e por isso mandaram um que fosse reprehendê-lo. E quereis saber o que elle respondeu?

F. Teremos muito gosto em ouvir a resposta de Luthero.

P. Foi uma resposta que faz rir, e ao mesmo tempo move ao desprezo. Faz rir o grande embaraço em que ficou Luthero; mas por sem duvida que a sua impudente arrogancia incita ao desprezo. Censurado pois e atacado numa assembleia solemne, e perguntado sobre o motivo por que ajuntara a palavra *só,* respondeu:

— Se o teu papista quer fazer barulho por via d'esta unica palavra *só,* diz-lhe da minha parte que assim o quer o doutor Martinho Luthero. Assim mando, assim quero, e a minha vontade ha de valer por toda e qualquer razão: *Doctor Lutherus sic vult habere: sic jubeo, sic volo, sit pro ratione voluntas*. (V Gotti).

F. E' uma resposta de malcreado e impudente. Custa-nos a crêr que Luthero tenha abusado tanto da Biblia; pois se os fundadores da Reforma adulteram a Biblia d'este modo, quem poderá fiar-se e acreditar nos seus discipulos?

P. Por certo que não nos podemos fiar nos protestantes em materia de explicação da Biblia; porque, como cada um d'elles se arroga o direito de a explicar como mais e melhor lhe agrada e está a peito, tambem póde muitissimo bem accrescentar-lhe aquillo que lhe dê na cabeça. E foi precisamente esta liberdade de interpretar a capricho a Biblia, que arrastou o Protestantismo aos mais monstruosos excessos. Sómente vos contarei um, e tal que não só é contrario á Sagrada Escriptura, mas não tem sequer egual na historia dos mesmos pagãos.

F. Pois conte, papá; somos todos ouvidos.

P. Sim, que vo-lo conto; e tenho a certeza de que vos causará não pequeno prazer.

Trazei por um momento á memoria o autor do Scisma anglicano, aquelle Henrique VIII, que á força de comer e beber em demasia se tornara disformemente gordo e tão grosso e atarracado, que causava nojo e desprezo.

Elle consummou o Scisma e constituiu-se por si proprio chefe da religião. Mas a sua filha Maria, que lhe succedeu no throno, reconhecendo quanto seria ridiculo e impio que uma mulher estivesse á testa de uma religião como chefe e cabeça, renunciou ao Lutheranismo, reconciliou-se com o Papa, e morreu no seio da Santa Egreja Catholica.

A Maria succedeu Isabel, outra filha que Henrique tivera da infame Anna Boleua. Como era mulher de uma grande soberba e ambição, e victima de toda a sorte de vicios, não se envergonhou de romper de novo com o Papa e de se proclamar Papisa da Inglaterra.

E ahi temos nós uma mulher desavergonhada e viciosa a mais não poder ser, que fez decapitar a desventurosa rainha Maria Stuart e rivalisou em crueldade com os mais ferozes tirannos; uma mulher ré de toda a especie de crimes, e que nem sequer seria capaz de ensinar doutrina aos meninos; ahi temos, dizia, esta mulher á testa de dezeseis mil ecclesiasticos (tantos eram os que então havia em todo o reino de Inglaterra), fazendo-se mestra d'elles em religião.

Cortou por completo as relações com o Papa; declarou que só a ella pertencia o direito de crear Bispos, de ordenar Sacerdotes, de convocar Concilios, de beatificar e canonisar os Santos. Aboliu as festas de muitos Santos e em vez d'elles poz *Luthero, Henrique VIII,* e outros herejes viciosos e infames.

Então viu-se o monstruoso espectaculo de uma mulher, victima de todas as torpezas, se arrogar a autoridade de cabeça de Egreja, embora S. Paulo diga: *As mulheres estejam caladas nas egrejas, porque não lhes é permittido falar: Mulieres in Ecclesia taceant; non enim permittitur eis loqui* (1).

Por este só facto já vós podeis concluir sem difficuldade a que pessimas e torpes contradicções arrasta o *espirito privado* na interpretação da Biblia.

---

(1) I Cor. 14, 34

F. Isso foi por serem os tempos que eram; naturalmente agora já não é assim. Pois nós queremos suppor que tantos barbados *lords* inglezes não se deixam levar assim pela beiça em coisa de tamanha importancia, isto é, no que se refere á Religião, e demais a mais por uma mulher.

P. O monstruoso acontecimento de uma mulher a dirigir as coisas do culto, não se deu só então, mas foi renovado por outras muitas vezes; e ainda em nossos dias é a Rainha a cabeça e chefe da religião. Ella nomeia os Bispos, convoca e preside aos Concilios, e decide todas as questões em pontos de Fé e religião. *Nada se faz em coisas de religião senão com o beneplacito da Rainha* (1).

D'esta sorte, aquella grande Inglaterra, aquelles pretenciosos e atilados *lords* inglezes, que recusaram reconhecer a autoridade do Papa eleito por Deus para governar a Egreja, devem submetter-se ás decisões de uma mulher, embora por vezes ella seja iguorante e carregada de vicios, mas que entretanto ergue a voz, fala e define as questões mais difficeis e transcendentes, quando S. Paulo recommenda ás mulheres que não se intromettam nos ensinamentos e questões religiosas.

DECIMA SEGUNDA PALESTRA

Variações protestantes.

P. Deus é eterno, meus queridos filhos, e immutavel; por conseguinte, eterna e immutavel é a

(1) *Nisi ad beneplacitum Reginae* (Decreto de Isabel, como se póde ver em Nat. Alex. e Gotti).

Sua santa Religião, que nunca deverá soffrer variação de especie alguma nas verdades que propõe. Em todos os logares, em todos os tempos, houve sempre uma só Fé, um só Baptismo, uma só doutrina, como sempre se reconheceu um só Deus em três pessoas realmente distintas. Por isso, mal alguem começava a ensinar e querer introduzir novidades na Egreja, para logo, segundo a recommendação de S. Paulo, era afastado d'Ella, para que o fatal veneno do erro não se communicasse aos restantes fieis.

Ora, os que laboram em erro com certeza que não gozam d'esta invariabilidade. Elles fazem como o ladrão, que, se é esperado de dia, vem de noite; se descoberto e conhecido pela fórma e côr de uma roupa, começa logo a usar outra; mas é sempre o mesmo ladrão. O erro muda egualmente todos os dias: ora se apresenta sob um aspecto, ora sob outro aspecto diverso; hoje ensina de um modo, amanhã ensinará d'um modo contrario; mas é sempre e sempre o erro.

Estas são coisas que os protestantes devem saber perfeitissimamente. No tempo de Luthero a Reforma já se achava dividida em mais de trinta seitas com sistemas de religião diversos e contrarios. Não muito depois Bossuet enumerava mais de duzentas. E em nossos dias, por isso que cada um tem autoridade de interpretar a Biblia a seu modo, segundo dizem elles, podemos dizer que cada familia, mesmo cada individuo tem sua propria e particular religião. É lá então possivel admittir que tantas crenças, diversas e oppostas entre si, contenham a verdade?

F. Estas variações, estas divisões entre os pro-

testantes são uma prova bem evidente de que não têm por guia a verdade. Como porém elles nos desafiam sempre a que apresentemos a prova dos factos, queriamos que o pae nos apontasse alguns pontos de doutrina, em que os protestantes tenham mudado de opinião.

P. Eu não queria descer a factos particulares. porque isso alonga em demasia a nossa palestra; comtudo para vos contentar citarei alguns pontos de doutrina, ácerca dos quaes mudaram essencialmente de opinião e de crença os protestantes e os valdenses, nossos vizinhos.

F. E' justamente d'estes que precisamos que o pae nos fale, pois assim estaremos em condições de lhes dar a conveniente resposta, no caso de que nos interroguem a respeito da nossa Religião.

P. Começemos pela sua origem. Um historiador valdense, de nome Léger, diz que os valdenses remontam sua origem aos Prophetas da antiga lei; de maneira que, segundo elle, os valdenses teriam sido christãos, antes que houvesse christãos.

O historiador Bert, de que já falamos por muitas vezes, acha exaggerada uma tal antiguidade, e nota que os valdenses, sendo christãos, devem derivar de Christo Senhor Nosso. E conclue d'ahi que a verdadeira Fé foi trazida aos valdenses por *algum dos Apostolos*, sem que porém nos diga por qual d'elles o foi.

Esta opinião não agrada lá muito a um outro ministro, Peyran se chama elle; o qual affirma que não foi pelos Apostolos, mas talvez pelos discipulos dos Apostolos, que fôram enviados os primeiros prégadores dos valdenses.

Parecer-vos-ha crivel? Um quarto historiador

chamado Muston, rejeitadas todas estas três opiniões, sustenta que no seculo III alguns christãos, procedentes do meio-dia da Italia, trouxeram aos valdenses a luz do Evangelho.

F. Apre! Que grande trapalhada! Que grande confusão esta! Segundo um, os valdenses fôram instruidos no Evangelho antes do Evangelho; segundo outro, tiveram um Apostolo por prégador; vem um terceiro, e diz que tiveram por mestres alguns discipulos dos Apostolos, ou discipulos d'estes discipulos; salta para campo um quarto, e quer que tenham sido instruidos no Evangelho no seculo III. Que trapalhada, repetimos, que grande confusão!

P. Não são precisas mais explicações para vós mesmos verdes que todas estas affirmações repugnam abertamente umas com as outras; e por conseguinte, segundo os proprios protestantes, se não todas, pelo menos três devem ser falsas. Mas nós podemos sem hesitação ir um pouco além, e affirmar que todas estas quatro opiniões são quatro erros de primeiro calibre, porque, quando discorremos ácerca da verdadeira origem dos valdenses, deixamos provado até á evidencia que os valdenses provêm de Pedro Valdo, verdadeiro autor da sua seita.

E depois, as contradicções, que se nos deparam no ponto da sua origem, manifestam-se por egual na sua crença.

F. É mesmo ácerca da sua crença que desejamos ouvir o pae.

P. Tomemos para exemplo as variações e os absurdos dos valdenses ácerca do numero dos Sacramentos. Pedro Valdo admittia seis Sacramen-

tos, rejeitando sómente o Sacramento da Ordem. Os seus primeiros discipulos começaram a negar em certos casos a virtude e efficacia do Baptismo; mais tarde, numa profissão de Fé emittida em Angrogue, em 1532, disseram que nenhuma efficacia sacramental havia nem no Baptismo, nem na Sagrada Eucharistia. No anno de 1655, numa outra profissão de Fé, reconheceram que o Baptismo e a Eucharistia possuem uma grande efficacia; que o primeiro *nos lava e purifica dos peccados*, e o outro *alimenta as nossas almas*.

Mas na primeira metade d'este seculo, num seu compendio de catecismo, impresso em 1832, negaram estes dois Sacramentos, affirmando que o Baptismo é uma mera ceremonia, e que na Eucharistia não ha mais do que pão.

Além d'isso, quando os valdenses se uniram com os protestantes, declararam logo que admittiam todas as crenças e opiniões dos reformadores. E por consequencia nós, seguindo a doutrina do ministro Bert, podemos dizer que os valdenses acreditaram com Luthero que não existia nenhum Sacramento além do Baptismo; que depois se desdisseram com o mesmo Luthero, e admittiram três Sacramentos, que são: Baptismo, Eucharistia e Penitencia.

Pouco depois tornaram a pensar de novo com Luthero e a admittir só dois Sacramentos, o Baptismo e a Eucharistia. Mas havendo-se os valdenses unido a Calvino, fôram obrigados a crêr que a Ordem tambem era um Sacramento. Finalmente, depois de ter admittido primeiro um só Sacramento, depois dois, depois três, depois quatro, chegaram ainda a reconhecê-los e admitti-los to-

dos com Melanchton, e com outros theologos protestantes. — Mas dizei-me: porque vos rides tanto?

F. Nós rimos, porque estes valdenses parecem-nos uma verdadeira ninhada de doidos: dizer e desdizer; ora sim, ora não; agora não, logo sim; que ridicula crença esta! E tambem nos rimos do ministro d'elles Amadeu Bert, porque nos lembramos de ter visto que se intitula Capellão das Legações protestantes aqui em Turim. Ora, percorrendo nós, com o calendario geral na mão, as diversas Legações de paizes estrangeiros, que se encontram em Turim, somos levados a dizer cá comnosco: O valdense sr. Bert commissionado pela Legação ingleza, faz-se *Episcopal, presbiteriano, quaker* ou *methodista,* pois são estes os nomes que ouvimos dar ás seitas mais numerosas dos inglezes. Com a Legação prussiana faz-se lutherano, com a da Suecia torna-se evangelico (1), com a da Dinamarca fica zuingliano, com a de Wurtemberg moseimiano, com a de Bade elege-se anabaptista, com a da Suissa calvinista ou sociniano, e com a Legação dos Estados Unidos deverá tornar-se mormon. Palavra de honra, que enterrado na fé e adornado com os vestidos de tantas seitas diversas, o sr. Bert deve fazer uma excellente figura, como jámais fez no mundo nenhum D. Quixote ou qualquer Arlequim!

P. Dizeis bem. Eu poderia ainda apontar-vos

---

(1) Os protestantes chrismaram-se com o nome geral de *Evangelicos,* como para dizer que não reconhecem outra regra de Fé, que não seja o *Evangelho*. Esse titulo foi sobretudo adoptado pelos reformadores, ou calvinistas, provavelmente para evitar o titulo de protestantes, que não lhes soava bem ao ouvido. Serviu para designar a prisão dos lutheranos e calvinistas, que Frederico Guilherme III, rei da Prussia, debalde tentou em 18.7 nos seus estados. Como se houvera surtido effeito a sua tentativa, em 1825 elle deu á união das ditas duas seitas (lutheranos e calvinistas) o nome de Egroja Evangelica.

uma longa serie de variações e contradicções, em que elles cáem sobre certos pontos de doutrina; mas por amor da brevidade, deixá-las-hei agora de parte. Não quero porém passar em silencio um facto, de que todos nós somos testemunhas.

F. Um facto, de que todos nós somos testemunhas?! Diga já, sim?

P. Olhae. Vós sabeis que nesta nossa cidade, que por tão demorado tempo foi berço illibado do Catholicismo, se construiu, não ha muitos annos, um templo protestante.

F. Sim, sabemos, e já temos muitas vezes ouvido falar d'elle.

P. Pois ficae tambem sabendo que a construcção d'esse templo é uma verdadeira variação do culto valdense, é para os valdenses uma palmar contradicção. Porque os seus historiadores são unanimes em affirmar (1) que é maxima e uso dos valdenses escarnecer e mofar dos catholicos, pelo facto d'estes fazerem egrejas, para nellas celebrar as funcções sagradas. Affirmavam que a construcção das egrejas era coisa inutil e até supersticiosa, e chamavam aos templos telheiros e canastros, dizendo ser melhor prégar num curral, dentro de um quarto, mesmo estendido numa cama, de que numa egreja. Por isso riam e mettiam a ridiculo com o mais vivo ardor aquelles que levantavam egrejas e capellas, ou para tal fim instituiam legados.

F. Porque é então que agora querem fazer egrejas para seu uso? Que grandes extravagantes! Hoje não querem, amanhã já são de outro parecer; hoje não, amanhã sim; como conciliar estas coisas?

(1) Policdorflo, Reynero, Moneta.

P. São coisas que não se pódem de nenhum modo conciliar, porque contraditorias; e d'ahi vem com evidencia, que a doutrina dos valdenses modernos já não é em nada a dos seus fundadores.

Mas para vos fazer mais evidente o absurdo da crença protestante, quero divertir-vos um pouco apresentando-vos algumas perguntas e respostas, todas baseiadas na sua doutrina, como vos expuz nas palestras anteriores. Escutae este dialogo:

Pergunta. Em que tempo começaram a existir os valdenses segundo Léger?

Resposta. Os valdenses existem desde o tempo dos Prophetas; isto é, appareceram muitos annos antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Christo; por conseguinte, muitos annos antes que houvesse christãos, já os valdenses eram christãos.

P. Em que tempo começaram a existir os valdenses segundo Bert?

R. Os valdenses começaram a existir no tempo dos Apostolos.

P. Em que tempo começaram a existir os valdenses segundo Peyran?

R. Os valdenses começaram a existir no tempo dos primeiros discipulos dos Apostolos; ou ao menos, no tempo dos discipulos dos primeiros discipulos.

P. Em que tempo começaram a existir os valdenses segundo Muston?

R. Os valdenses segundo Muston, começaram a existir no seculo III.

Outros porém affirmam que os valdenses datam do V seculo, outros do VII seculo, e ainda outros do seculo IX. Finalmente muitos, e esses é que estão com a verdade, fazem descender os valden-

ses de Pedro Valdo, que viveu ahi por meiados do seculo XII. Todas estas opiniões são differentes, e até oppostas umas ás outras, e portanto é impossivel que sejam todas verdadeiras. Vamos por deante.

P. Quantos são os Sacramentos entre os protestantes?

R. Entre os protestantes os Sacramentos são sete.

P. Quantos são os Sacramentos segundo a doutrina dos mesmos protestantes?

R. Segundo a doutrina dos mesmos protestantes, os Sacramentos são seis, são cinco, são quatro, e se quereis, são três, são dois, é um só. Não basta: segundo a doutrina d'elles tambem se póde responder que não ha nenhum Sacramento.

P. As egrejas são necessarias?

R. Não são de nenhum modo necessarias; em vez de egrejas, é melhor construir curraes e fazer telheiros.

P. É coisa boa construir egrejas?

R. É coisa optima, porque uma egreja é um logar santo; e nós, protestantes, levantamos em Turim um templo com vistosas agulhas e minaretes.

P. Quem préga na egreja faz bem?

R. Credo? Em vez de prégar numa egreja, é melhor prégar num curral ou debaixo de uma barraca; ou mesmo no quarto, muito bem mettidos na nossa cama.

P. Obra bem quem préga na egreja?

R. Isso nem se pergunta. E' ver como nós, protestantes, construimos um templo, pois que o templo é casa de oração.

Pae. Estas perguntas e respostas, e outras d'esta bitola, que ainda podia accrescentar, e se acham em aberta contradicção umas com as outras, derivam todas em linha recta da doutrina protestante.

Que nos digam agora os protestantes se uma doutrina, de uma natureza como a da sua, póde sequer ter apparencias de verdade. Entretanto a nós assiste-nos o direito de fazer aos ministros valdenses e protestantes esta grave imposição: *Ou os vossos fundadores erraram nos seus ensinamentos e doutrina, ou não. Se disserdes que os fundadores da vossa seita erraram, então estaes fundados sobre a erro. Se porém sustentardes que não erraram, então estaes vós enganados, e em erro, pois já não ensinaes a doutrina que elles propugnaram, mas sim uma crença inteiramente contraria. Em ambos os casos laboraes em erro. Dae-nos uma resposta.*

Antes porém de pôr termo a esta importantissima palestra, quero fazer-vos notar que um protestante de muita erudição, chamado Gibbon, considerando as continuas variações protestantes em materia de religião, foi levado a abjurar o Protestantismo e fez-se catholico. Lêra ainda novo a importante *Historia das variações*, de Bossuet; e entre outras coisas deixou-nos escripto: *As variações nos protestantes são uma prova de falsidade da sua crença, ao passo que a unidade da Egreja Catholica jámais interrompida é uma prova e um testemunho infallivel da sua verdade.*

DECIMA TERCEIRA PALESTRA

Pandemonio protestante.

P. Talvez que ainda vos lembreis, ó meus prezados filhos, da famosa torre levantada pelos filhos de Noé, que ficou conhecida na historia pelo nome de torre de Babel. Tendo crescido muito em numero, os descendentes de Noé deviam separar-se e ir habitar noutras partes do mundo. Antes porém que se separassem, reuniram-se numa planicie da Mesopotania, hoje chamada *Diarbek,* e conceberam a ideia de construir ahi uma torre que chegasse até ao Céu. Mas tudo aquillo, era levados da soberba que o imaginavam: e por isso o Senhor, para confundir sua louca empreza, mandou-lhes a chamada confusão das linguas, por modo que não puderam mais entender-se uns aos outros. Este dizia: *Trazei-me agua;* e traziam-lhe tijolo. Aquel-l'outro: *Vinde depressa ajudar-me a arranjar aquella ponte;* e traziam-lhe agua com outros materiaes. Em summa, chegou a tal ponto a confusão, que não se podendo entender uns aos outros, viram-se na necessidade de abandonar os trabalhos e cada qual seguiu seu rumo, indo habitar nas diversas regiões do universo. O logar, onde começaram a erguer a torre, chama-se *Babel,* que quer dizer confusão.

Pois olhae, meus filhos: aquillo que a Biblia nos conta da torre de Babel, póde applicar-se em absoluto aos protestantes. Pretenderam elles construir uma egreja diversa da que já existia ha 1500 annos; e formularam o designio de chegar ao Céu

por aquella nova egreja. Mas Deus viu a sua soberba, e confundiu-lhes a linguagem, por fórma que não são capazes de se comprehender uns aos outros.

Dirigi-vos aos protestantes, e perguntae-lhes qual seja a sua religião, e crede que não vos saberão dar uma resposta.

F. Elle é lá possivel que os protestantes nem sequer saibam qual é a sua religião? Se até os judeus e os turcos sabem dar-nos alguma ideia das suas crenças...

P. Por mais de uma vez que eu dirigi a muitos protestantes esta formal pergunta:

— Qual é a vossa religião?

E elles respondiam:

— A nossa religião é a reformada.

— E que coisa entendeis por religião reformada?

— Por religião reformada entendemos a que se contem na Biblia.

— Mas na Biblia ha a religião dos judeus, a dos egipcianos, dos christãos, de Simão Mago e de outros herejes; portanto vós sois judeus, pagãos, herejes, ou qualquer outra coisa contida na Biblia.

Parece incrivel, meus filhos; disseram, desdisseram-se, depois hesitaram e repetiram o que já haviam dito antes; mas de todas as suas palavras não me foi dado colligir nem averiguar nada do que elles querem significar por religião reformada.

F. Naturalmente nos seus livros deve vir alguma coisa, que mostre qual a sua religião.

P. Nos seus livros vem qualquer informação a esse respeito, mas em maneira tão confusa e diversa, que não hesito em comparar as suas declarações á confusão de Babel.

F. Pae, diga-nos ao menos como é que elles definem a sua religião nos seus livros.

P. Se gostaes de que vos declare quanto dizem nos seus livros para expor a sua crença, fá-lo-hei, não para vos instruir, mas para vos divertir. Escutae.

Em 1824 reuniu-se o Senado de Genebra; e quando chegou ao ponto de definir o que seja o Protestantismo, exprimiu-se assim: *O Protestantismo é um acto de independencia da razão humana em materia de religião* (1). Esta definição, como vêdes, tira á religião tudo o que ella tem de sagrado e divino. A propria razão é o fundamento da religião reformada.

Na Inglaterra porém o Protestantismo é um acto, pelo qual cada um professa o que crê, e crê o que muito bem lhe parece. E isto o mesmo é que dizer, que cada protestante póde crer o que lhe agrada, e fazer o que lhe appetece (2). Foi publicado recentemente um Catecismo, que em geral usam os protestantes de Inglaterra. O Protestantismo é ahi definido nestes termos: *O Protestantismo é uma detestação do Papismo, do Catholicismo, ou uma exclusão dos papistas e dos catholicos de todos os cargos civis e ecclesiasticos*. E' identica a definição, que dão do Protestantismo os sectarios da America (3). E esta é a definição, ou melhor a base, sobre que os ministros reformadores apoiam a doutrina protestante. Estabelecidos assim os seus principios, olhae agora as terriveis consequencias que d'elles tiram. Creio que comprehendereis melhor quanto

(1) Edicto do Sen. gen fevereiro 1824
(2) V Watson en Milner. *Cont. relig*, part. 3.
(3) V. Perrone, *Prælectiones Theologicæ*, tom 1.

vos vou dizer, se vo-lo disser em forma de dialogo.

Pergunta. Quem são os protestantes?

Resposta. Todos aquelles que, pondo de parte a revelação divina, seguem a sua razão naquillo que se refere á religião (segundo a definição dos calvinistas).

P. Se um qualquer não quizesse acreditar alguma das verdades contidas na Sagrada Escriptura, continuaria a ser um bom protestante?

R. Continuaria a ser bom protestante, porque cada um crê o que quer e professa o que crê (segundo a definição dos anglicanos).

P. E quem negasse a Sagrada Escriptura toda?

R. Quem negasse a Sagrada Escriptura toda não deixaria por isso de ser um bom protestante (sobredita definição).

P. E quem negasse a existencia da alma, de Deus, do Inferno e do Paraiso, tambem seria um bom protestante?

R. Seria um protestante de eleição, porque cada um crê o que quer e professa o que crê (sobredita definição).

P. Que coisa deve fazer um reino ou um governo, para ser fiel protestante?

R. Deve excluir todos os catholicos dos cargos civis e ecclesiasticos. *Protestantismus est exclusio Catholicorum ab omni officio ecclesiastico et civili* (definição anglicana).

P. Os turcos, os mahometanos, os judeus, os russos pódem pertencer ao Protestantismo?

R. Todos esses pódem ser verdadeiros protestantes, comtanto que detestem de todo o coração os Catholicos e o Papa; porque o protestantismo é uma *detestação do Papismo e do Catholicismo.*

P. Aquelles que commettem fraudes nos negocios e contractos ainda continuam a ser protestantes?

R. São-n'o ainda, uma vez que detestem o Papismo e o Catholicismo.

P. Os bebados, os jogadores, os vadios que passam a vida nas tabernas e cafés, tambem pódem ser bons protestantes?

R. Certo que sim: tambem esses pódem dar uns bons protestantes.

R. Os gatunos de carteiras, os charlatães e garotos das ruas tambem se pódem chamar protestantes?

R. Esses seriam optimos protestantes, se tivessem maior audacia e coragem de detestar o Papismo e o Catholicismo.

P. Um cidadão que maquinasse uma revolução num estado catholico, que tentasse matar ou matasse de facto o seu legitimo soberano; aquelles, que assaltam pelas estradas os viandantes, e outros mariolas d'esta bitola, tambem poderiam ser bons protestantes?

R. Todos estes seriam não só bons, mas até optimos protestantes, como sendo os que têm mais coragem, desvergonha e atrevimento, para gritar contra o Papa e contra os catholicos.

Pae. Meus queridos filhos, imaginae ainda um homem sem pudor, entregue a toda a sorte de desordens e capaz de todos os delictos; comtanto que creia assim, comtanto que deteste o Papismo e o Catholicismo, elle é por isso um optimo conservador e defensor da religião protestante. Mas eu noto que estaes como que fóra de vós. Dizei-me: qual é a causa d'essa vossa tão grande surpreza?

F. Nós estamos todos admirados e cheios de surpreza, com a feia pintura que o pae nos faz do Protestantismo. Transparece nella, como diria um nosso amigo, que cursa a aula de literatura, uma doutrina que enoja. Mas perdoe-nos esta observação: se os protestantes escrevessem estas coisas ás claras em seus livros, ou então as explicassem em suas prédicas, parece-lhe ao pae que ainda continuaria a haver protestantes?

P. Os protestantes não dizem isto de um modo bem evidente, mas estabelecem principios sufficientemente claros. E como uma pedra atirada ao ar, por sua mesma natureza deve caír, assim os protestantes, feita a definição da sua Religião, devem forçosamente derivar d'ella as mencionadas consequencias. Elles expõem estas coisas d'um modo velado; e isso para imitar o homem inimigo do Evangelho, que andou ás escondidas a semeiar o joio em meio do bom trigo, quando não se achava ninguem de guarda ao campo. Mas o segredo de que se valeu aquelle inimigo, não impediu que o seu joio se desenvolvesse e viesse a ser terrivel peste para o bom trigo.

F. Ainda ha uma coisa, que não nos entra na cabeça. Se a religião dos protestantes é tão perversa, e dá origem a tantas e tamanhas desordens, os protestantes devem de ser uma malta de ladrões, de assassinos, numa palavra, do que ha de peior no mundo. Ora, nós vemos que entre os protestantes ha muitas pessoas honradas e de bem; como é possivel conciliar os maus principios que o pae diz, com estas boas consequencias?

P. Fazeis-me uma observação, que me dá azo a expor-vos algumas justas reflexões.

O Protestantismo é tal qual vo-lo descrevi; e eu sou de parecer que muitos se fazem protestantes, ou vivem nessa seita, sem conhecer sua fealdade e hediondez, porque os prégadores do erro são pelo Evangelho comparados a um lobo disfarçado em ovelha. A' primeira vista parecem outras tantas meigas ovelhinhas; mas quando nos chegamos mais para elles, e logramos conhecê-los, então descobrimos nelles as manhas e ferocidade dos lobos vorazes.

Dizeis-me vós, ó meus filhos, que os protestantes nem todos são ladrões e assassinos, malfeitores, e é verdade. Eu mesmo conheci muitos, que eram bons, honestos, caritativos e leaes. Nem é de admirar; porque sendo o Protestantismo uma corrupção do Catholicismo, estão em pratica entre elles algumas das boas maximas do Evangelho; coisa que impede muitos protestantes de se deixarem arrastar ás torpes consequencias, a que a sua seita por sua mesma natureza os conduziria.

Além disso, os protestantes, vivendo em nações catholicas, tratando com catholicos, são, sem dar conta d'isso, como que forçados a observar os Preceitos que aquelles observam e a seguir os seus exemplos. Mas é sempre certo que a religião protestante arrasta ás torpezas que já notei; e que, segundo os principios, em que se baseia, não deixa de ser bom protestante quem taes torpezas commetta. Assim pensaram e fizeram os chefes da Reforma, cuja vida foi pessima e escandalosa; assim fazem aquelles, que em nossos dias se passam para o Protestantismo, os quaes não têm em mira senão levar uma vida mais livre e mais licenciosa.

F. Oh! pae! Nunca julgamos que a religião pro-

testante contivesse tantas infamias e torpezas. Para o futuro detestaremos sempre as maximas protestantes, conservando-nos affectuosamente unidos á nossa Santa Religião Catholica, cumprindo os Preceitos que impõe a todos os fieis christãos.

DECIMA QUARTA PALESTRA

Os ministros protestantes num labirintho.

P. Davam os antigos o nome de *labirintho* a um espaçoso edificio com jardins, que tinha uma só entrada e nma só saida. Muitos corredores, muitos caminhos tortuosos, perfeitamente similhantes uns aos outros, levam o visitante a logares muito distantes do ponto de saída, de modo que sem um guia é em extremo difficil tornar para fóra. A historia até nos fala de homens corajosos, mas demasiado audazes, que perderam miseramente a vida naquellas muitas e tortuosas viellas, todas similhantes. Pois olhae: os ministros protestantes acham-se nem mais nem menos que num labirintho. Na impossibilidade de demonstrar que são enviados por Deus, recorreram á Biblia, e a Biblia arrastou-os a uma meada e cahos de contradicções, d'onde não mais lhes foi possivel achar caminho para saír, fruto este que todo vem da livre interpretação da Biblia.

F. Faça favor de nos falar d'alguma d'essas meadas, de que os ministros protestantes não são capazes de se desembaraçar.

P. Apenas de algumas vos falarei. Nós por exemplo perguntamos aos protestantes: A Biblia que

vós tendes, de quem a haveis recebido? Elles torcem o nariz, encolhem os hombros, consideram, reflectem, e depois são obrigados a responder: Recebemo-la da Egreja Catholica (1).

Perguntamos novamente: Esta Biblia, que vós recebestes dos catholicos, estava inteira, intacta, ou estava alterada?

Alguns respondem que estava inteira; e nós replicamos-lhes immediatamente: Se esta Biblia estava intacta e não alterada, a Egreja Romana, que então a possuia e continuou a possui-la depois, continuou a ser a verdadeira Egreja de Christo. Qual a razão então por que vós abandonastes esta Egreja?

Outros mais manhosos respondem: A Biblia tinha sido alterada, e nós impuzemo-nos a tarefa de a corrigir. — Vós tratastes de a corrigir? Mas quem vos ensinou a corrigi-la? Que original possuieis, ou tinheis á mão, se não era aquelle que ha na Egreja Catholica?

A este ponto os senhores ministros remettem-se ao silencio, e não sabendo que resposta dar, saltam, como de uma estaca para um ramo, a outra questão. — Aqui está uma rua do labirintho.

E depois, quando leem a Biblia, nós podemos perguntar-lhes: Como é que vós nos explicaes o uso do incenso, que, como simbolo da oração, se offerece aos pés dos altares? Onde estão os vossos candelabros, onde o vosso altar, os vossos thuribulos, e aquelles numerosissimos ornamentos sagrados que ha nos templos nomeiados na Biblia? Elles não são capazes de nos dar sinaes de tudo

(1) V. a primeira nota sobre os erros de Calvino.

isso em seus templos; e por isso estas e muitissimas mais coisas tornam-se-lhes difficilimas, até impossiveis de comprehender, se não se dirigem ás egrejas catholicas.

Tenho para vos contar a este respeito um bello facto que se deu nas Missões da China (1).

Um protestante, que andava a instruir-se para abraçar a Religião Catholiaa, encontrou-se certo dia com um seu parente protestante, que a breve trecho lhe desfechou com esta:

— Bem sabes que já não te posso querer bem, desde que abandonaste a nossa religião para te tornares papista.

— E eu amo-te muito, lhe respondeu o cathecumeno, mas ainda te lastimo mais do que te amo, e tenho pena de ti, porque te julgas illuminado, quando estás immerso em densissimas trevas.

Isto dito, fez-lhe logo este singular raciocinio, que foi d'um effeito completo.

— Outr'ora, disse elle, nós liamos a Biblia, mas não a entendiamos: mas na Religião Catholica achamos o sentido de muitas coisas, que antes eram para nós inconcebiveis e obscuras. Lê-se por exemplo em S. Lucas, que appareceu a Zacarias um Anjo da parte direita do altar, e em todos os logares da Biblia se fala do áltar. Ora, onde estão os vossos altares? Sabeis acaso o que isso é? Mas ide ás egrejas catholicas, que logo alli vereis o altar.

O protestante ficou-se calado por momentos, mas depois disse:

— É verdade.

---

(1) *De la propag.* fasc. CXX, pag. 485.

F. Continue a falar-nos sobre este assumpao Gostamos muito d'elle.

P. Pois continuarei. Nós perguntamos aos protestantes se a santidade é essencial á verdadeira Egreja de Christo, e elles respondem que sim. Perguntamos se na Egreja Catholica tem havido Santos, e repetem que sim. Perguntamos se entre todas as Egrejas reformadas pódem apontar um só que se tenha tornado santo, um só milagre praticado por qualquer da sua seita, e são obrigados a abanar a cabeça e dizer: Não. Portanto, concluimos nós, portanto concordaes comnosco em que a santidade é apanagio da Egreja Catholica, sem que posaes apresentar a minima prova de que a haja na egreja Reformada.

Perguntaremos ainda, se entre todos os que passam do Catholicismo para o Protestantismo, haverá um só que seja, o qual tenha feito essa troca e mudança afim de viver vida mais regrada e virtuosa; e esta nossa pergunta ha muito que vae sendo repetida; mas foi-nos e ainda nos é sempre dado em resposta que infelizmente os catholicos apostatas são dos mais viciosos e dissolutos.

Perguntamos por fim: Podereis vós apresentar-nos um só protestante, que não se tenha feito catholico para viver mais virtuosamente? E elles devem dar esta resposta: Não somos homens d'isso; antes ha milhares de factos a demonstrar que quem passa para o Catholicismo, é a tal levado pelo desejo de viver vida de mais virtude e santificar-se. Portanto nós tiramos a conclusão; e é que o vicio arrasta ao Protantismo, e os bons costumes, a morigeração levam ao Catholicismo. Daenos uma resposta cabal a este proposito.

Aqui os protestantes gaguejam: Basta a Fé, dizem, para justificar; por isso, segundo elles, não é necessario fazer obras de penitencia; quem crê salva-se. Mas nós replicamos-lhes: Que querem dizer aquellas palavras do Evangelho: *Se não fizerdes penitencia, todos egualmente perecereis?* e est'outras de S. Paulo: *Devemos apresentar-nos todos perante o tribunal de Christo, e cada um deverá dar conta de todo aquelle bem e mal que fez em sua vida.* Que querem dizer, repetimos, taes palavras? A esta interrogação os protestantes mettem agua na bocca, e com o seu silencio mostram que estão num labirintho.

Quereis que eu ainda continue a falar-vos sobre este assumpto?

F. De todo o coração o desejamos; permitta porém que lhe façamos algumas perguntas.

E primeiramente: que argumento apresentam os protestantes para nos demonstrar onde estava a sua egreja antes de Luthero e Calvino?

P. Ah! elles aqui acham grave difficuldade em responder-nos: porque nós pedimos-lhes que nos apontem um só homem, que antes dos seus heresiarcas tenha professado o Protestantismo por elles hoje professado. Alguns saem-se a dizer que então o Protestantismo estava invisivel; e assim, como já d'outra feita vimos, vêm a affirmar que a egreja protestante se conservou invisivel por 1500 annos, e que em todo esse espaço de tempo a verdadeira Egreja andou viajando das estrellas para o sol, do sol para a lua, até dar com um ninho, com uma toca, ou uma casa para habitar... Porque rides?

F. Rimos, porque a Egreja não é nenhuma ra-

posa, que ande á cata de uma cova, ou um passaro que vá á procura do seu ninho, e nem sequer um homem vagabundo, que ande em busca de um casebre para se agasalhar.

P Que coisa então quereis que seja esta Egreja?

F. Oh! esta Egreja, a verdadeira Egreja de N. S. Jesus Christo, deve ser uma congregação de fieis christãos, que professem a Fé e a Lei de Christo, sob a direcção dos legitimos Pastores, de que é Chefe Supremo o Romano Pontifice, constituido por Deus Seu Vigario sobre a terra

P. Sim, é esta a verdadeira Egreja de N. S. Jesus Christo, que devia mostrar-se visivel em todos os tempos para ensinar e acolher os fieis de todos os logares.

Mas nós perguntamos aos protestantes: Onde está a successão legitima dos vossos Pastores? Quem é o chefe legitimo da vossa egreja, ao qual se possam applicar as palavras do Evangelho: *Ite, docete*, ide, ensinae?

A taes perguntas os ministros protestantes fecham a sua rica boquinha, e confessam calando que se acham num verdadeiro labirintho.

F. Mas diga-nos, pae: os ministros protestantes não tratam d'estes argumentos e d'estes assumptos do alto dos seus pulpitos?

P. Este assumpto de ordinario passam-n'o elles em silencio; e se alguma vez lhe tocam, é unicamente para d'ahi tirar occasião de calumniar a Egreja Romana.

DECIMA QUINTA PALESTRA

Calumnias contra a Egreja Romana.

P. Os protestantes, como não são capazes de defender a sua crença com lealdade e com razões, recorrem ao triste expediente de arquitectar calumnias contra a Egreja Romana; e d'essas calumnias se valem nas prégações, nos livros e nas suas reuniões. O escopo que têm, é o de enganar os catholicos e arrastá-los assim pela fraude á sua seita.

Que vem ser a calumnia? A calumnia é a invenção d'um facto, que se divulga para deshonrar uma pessoa. Empregam-n'a os malvados e pouco timoratos contra o proximo: empregam-n'a os protestantes contra a Egreja Catholica. Quantas falsidades, quantas mentiras, quantas calumnias elles não inventam contra esta, afim de illudir os incautos, que cáem em ir ouvi-los!

F. Calumnias e mentiras contra a Egreja Romana? Nós pensavamos que só os valdenses é que se prestavam a representar similhante papel. Então os senhores protestantes tambem gostam de calumniar? Ora diga-nos alguma d'essas calumnias.

P. Não vos exporei muitas, porque sobre tal assumpto já vos entretive noutras palestras. Por agora só vos quero contar um facto, que fornece materia copiosa para o assumpto que nos occupa. Ei-lo.

Ha pouco tempo veiu aqui para perto de nós um famoso protestante, cujo nome julgo bem não vos declarar: e depois de trocar commigo algumas pa-

lavras, entregou-me um livro, dizendo-me por mais de uma vez:

— Ora aqui está um bom livro, que mostra com a maior clareza as infamias da Egreja Romana.

Era aquelle livro o do mencionado Trivier; aquelle livro, em que as mentiras e as calumnias são sem comparação mais que as palavras. Instado para que me indicasse alguma de taes infamias, respondeu-me:

— Não é uma infamia que o vosso Papa se faça adorar como Deus, e mais do que Deus? Não é uma infamia de pagão adorar os Santos e as imagens, como se fôram outros tantos deuses? Não é uma infamia prohibir a leitura do Evangelho?

A similhante *quosque tandem* eu pedi-lhe com a maior tranquillidade que procurasse no livro, que tinha entre as mãos, um só decreto dos Papas, Bispos, dos Concilios, ou dos Santos Padres, em que se achasse uma *só expressão*, que impuzesse e mandasse alguma das três coisas por elle acenadas. O homensinho fartou-se de voltar paginas e folhas, percorre paragraphos e capitulos, mas como não podia dar com aquillo que eu exigia, disse-me:

— Tornarei cá, e hei de vir munido de textos e de razões que o satisfaçam.

— Pois vá, repliquei eu, leia á sua vontade todos os livros do mundo, os manuscriptos e folhetos que queira; consulte todos os seus ministros; e se fôr homem de me provar todas as suas affirmações, dou-lhe razão e palmas ás mãos ambas; se porém não der com nada...

— Que fará?

— Se não der com nada, terei plenissimo direito e

razão para affirmar que os protestantes são calumniadores.

F. E o protestante voltou?

P. Ha muitos annos que o espero, mas ainda não fui capaz de lhe pôr o olho em cima. Entretanto vós ficae sabendo:

1º. É uma calumnia dizerem os protestantes que a Egreja Romana ensina infamias, sem o provar. E é coisa que elles nunca pódem provar, a não ser que queiramos admittir como prova as mentiras e contradicções, em que os seus escriptos abundam.

2º. É uma calumnia sustentar que o Papa se faz adorar qual Deus. O Papa é o Vigario de Christo, o Pastor Supremo da Egreja Universal, constituido por Deus Chefe e Cabeça da mesma Egreja, é o successor de São Pedro. A elle é que o divino Salvador disse: *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha Egreja. Apascenta as Minhas ovelhas, apascenta os Meus cordeiros. Roguei por ti, para que a tua Fé não desfalleça; e tu depois confirma na Fé a teus irmãos. Tudo o que desatares na terra será desatado tambem no Céu, e tudo o que atares na terra será tambem atado no Céu.* Por estas duas excelsas prerogativas, todos os christãos devem prestar ao Papa obediencia, veneração e respeito, assim como os filhos devem tributar obediencia, veneração e respeito ao pae e á mãe: mas em ponto nenhum dos Concilios, dos decretos dos Papas e dos Bispos, se impoz jámais que o Papa seja adorado como Deus. — Isso é uma calumnia do dito Trivier, repetida por outros protestantes.

3º. E' egualmente calumnia affirmar que a Egreja Romana manda adorar os Santos e as imagens como Deuses. A Egreja Catholica Romana ensinou sem-

pre e ainda agora ensina que se deve prestar um culto aos Santos como a amigos de Deus; venera os seus ossos como objectos de grata memoria, quaes reliquias de corpos pertencentes aos mesmos amigos de Deus; venera as suas imagens benzidas, mas só emquanto representam aquelles Santos que a Egreja Catholica reconhece como bemaventurados no Céu. Por exemplo, nós adoramos a Cruz; mas até um rapaz de sete annos sabe que a Cruz não é Deus, e que sómente nos recorda quanto o divino Salvador padeceu sobre ella por amor de nós. O que a Egreja porém nunca ensinou, nem jámais ensinará, é que as estatuas, as imagens, as reliquias e os santos sejam adorados como Deus.

4°. Por ultimo é uma desaforada calumnia a de insinuar que a Egreja Romana prohibisse a Biblia. Não se póde achar, desde os primeiros tempos da Egreja até nós, um Pontifice, um Concilio, ou um Santo Padre, que tenha prohibido a leitura da Biblia. Ao contrario, esta leitura tão proficua e santa foi em todo o tempo recommendada, e temos d'isso uma luminosa prova de facto nas numerosas versões da Biblia, que se fizeram. No principio foi traduzida do hebraico e do siriaco para grego, para que os povos, que usavam tal lingua, a pudessem entender com maior facilidade. Do hebraico e grego foi depois vertida para latim, para proveito das nações onde se usava essa lingua, que era a lingua falada e escripta dos romanos. Mais tarde fizeram-se versões para o francez, alemão, inglez, espanhol, italiano, e para outras linguas, para vantagem e commodidade das diversas nações. No seculo passado espalharam-se por todo o Piemonte milhares e milhares de exemplares da

já mencionada traducção italiana feita por Mons. Martini, assim como da que Sacy fez na lingua franceza.

F. Que é então que a Egreja Romana prohibe ácerca da Biblia?

P. A Egreja Romana prohibe e sempre com empenho tem prohibido Biblias adulteradas, quer por erros commetidos na traducção, quer pelas maliciosas addições feitas ao texto original. Por isso a Egreja não quer que se imprima a Biblia em vulgar, sem que venha acompanhada do texto latino. E sempre que sáe impressa só em lingua vulgar, a Egreja não a permitte, senão depois de ter verificado que a versão é bem fiel, e que a palavra de Deus não foi nem num jota corrompida ou alterada pela dos homens.

A Egreja Romana ainda prohibe com o maior rigor certas Biblias falsificadas. Assim, os protestantes divulgam uma Biblia, que dizem traduzida por Martini; mas aquella traducção não é a verdadeira, por isso que omittem as notas sobre muitos pontos do texto original. E este facto deve-nos pôr de sobreaviso contra certas Biblias, que têm no frontespicio o nome de autores acreditados, mas depois omittem maliciosamente as notas d'esses autores, e algumas vezes Epistolas e livros inteiros.

A Egreja Romana prohibe ainda as Biblias traduzidas pelos herejes: porque esses procedem com tão boa fé, que omittem, accrescentam ou mudam o que lhes dá na cabeça. Assim por exemplo, na Biblia de Diodati foi omittido o livro da Sabedoria, e não se acham os dos Macabeus; aqui e acolá fôram fraudulentamente supprimidos certos

pontos. O autor é inexacto na traducção, e o que ainda é peior, faz continuos accrescentamentos ao texto. Só no Evangelho de S. Matheus encontrei não menos de duzentas e setenta expressões que o tradutor poz de sua casa, e que não se acham no texto original. No Livro dos Psalmos apontei novecentos accrescimos alli mettidos para fazer dizer á Biblia o que estava no gosto e desejos do tradutor.

Considerando o terrivel abuso que os herejes fazem da Biblia, a Egreja Catholica vela com a maior solicitude para que se conserve a pureza do texto, e se impeça toda e qualquer alteração, ainda que minima. É esta uma grande providencia. E de facto, são espalhadas com profusão por toda a parte Biblias falsificadas, mutiladas e de todo corrompidas: e são em numero limitadissimo aquelles que têm instrucção bastante para as conhecer e fugir de sua leitura. E aqui adverti que para ler a Biblia, ainda mesmo que genuina, convem exceptuar e deixar de lado certas partes, que são improprias e nada cabidas para pessoas novas. Portanto aquelles, que desejem ler a Biblia com proveito, fazem bem aconselhando-se com o seu paroco ou confessor, que, se não virem nisso inconveniente nem perigo, lhe consentirão de boamente tal leitura.

Meus queridos filhos, as coisas que com tanta simplicidade vos enunciei, são todas dignas de seria reflexão.

Se por ventura alguem se apresentar a dar-nos Biblias ou livros d'esta natureza, ou então jornaes ou qualquer outro escripto, deitemo-los fóra, imitando os christãos das Indias. Os fieis d'aquellas

regiões, e em modo especial os habitantes de Ceilão, embora de fresco convertidos ao Christianismo, todavia, quando os ministros prostestantes lhes offerecem a Biblia ou outros livros da sua seita, deitam fóra com desprezo aquelle veneno preparado para as suas almas; e depois, como que atacados na parte mais sensivel do coração, assediam aquelles apostolos do erro com tantas perguntas, e dirigem-lhes tantas censuras, que os infelizes são obrigados, para não soffrer peior, a retirar-se cobertos de confusão e vergonha (1).

Entretanto muito folgo de vos ter falado do *espirito privado* dos protestantes, porque assim tivestes ensejo de comprehender á saciedade a que abismo de erros e de vicios leva a livre interpretação da Biblia.

DECIMA SEXTA PALESTRA

Duas palavras aos ministros protestantes.

Se porventura as minhas palavras pudessem chegar ao conhecimento dos senhores ministros protestantes, eu quereria fazer-lhes esta pergunta: Julgaes vós, senhores ministros, que todos os homens, que vivem neste mundo, sejam illuminados pelo divino Espirito Santo, e se acham em condições de ler por si mesmos a Biblia e comprehender as verdades, que são necessarias para conseguir a eterna salvação? Vós respondeis-me que sim, pois assim o ensinaes nas vossas prégações e nos vossos livros. Admittido por vós e certamente pela maior

(1) Ann. della Prop., n. 118.

parte dos protestantes de maior erudição este principio, desejaria que me desseis tambem resposta a quanto segue:

Se todos são illuminados pelo Espirito Santo e pódem por si mesmos comprehender as verdades contidas na Biblia, para que vos haveis de matar tanto a explicá-la? Será o vosso Espirito Santo superior e mais sabio, do que aquelle, que illumina o resto dos mortaes? Terá a vossa alma e o vosso corpo aptidão e fibra mais apropriada, mais forte e robusta para receber as influencias d'este ditoso Espirito Santo?

Se a Biblia é tão clara, que póde por quemquer ser entendida, explicada e interpretada, de que servem os templos? De que servem tantas prédicas e conferencias, e tamanha diffusão de escriptos para inculcar e instillar nos outros o sentido que vós pretendeis dar á Biblia?

Se ao menos quereis proceder com um poucochinho de boa fé, e não illudir aquelles que vão escutar-vos, uma só prégação deveis ainda fazer, senhores ministros protestantes, e não mais que uma. Congregando o maior numero possivel dos sequazes da Reforma, deveis subir ao pulpito, e dizer de lá aos vossos ouvintes: Escutae, ó irmãos protestantes, escutae a minha palavra, que é voz da verdade: *A Biblia é clara, o Espirito Santo illumina a todos, e todos a pódem comprehender: e por isso é de todo inutil que de futuro venhaes aqui perder o vosso tempo; ficae-vos em vossas casas, lêde, que entendereis, e vireis a salvar-vos.*

Se prégardes outra coisa, traís infallivelmente o ministerio que assumistes, de prégadores.

Eis porém ainda uma outra pergunta: Parece-

vos, senhores ministros protestantes, que um catholico, lendo ou meditando a Biblia, praticando as virtudes que a Egreja Catholica propõe e fugindo dos vicios que Ella condemna, como fizeram um S. Francisco de Assis, S. Francisco Xavier, S. Bernardo, S. Vicente de Paulo e outros Santos da Egreja Catholica, parece-vos, dizia, que este tal possa salvar-se?

A vossa resposta é pela certa affirmativa, porque é opinião e ensino commum entre vós. Bert, Cobbet, Müller e muitos outros, interpellados sobre este ponto, responderam em sentido affirmativo.

Isto admittido, dizei-me por favor: quando para ir a uma terra ha dois caminhos, um seguro e certo, e outro duvidoso e cheio de perigos, qual d'estes se deve seguir, na vossa opinião?

Quem não tem o juizo alugado diz logo que se deve seguir o caminho certo, e deixar por completo o incerto. Pois este é exactamente o vosso caso. Vós affirmaes, ó protestantes, que os catholicos observando a sua Religião, pódem salvar-se, e nisso estaes de accordo com os catholicos. Os catholicos affirmam tambem solemnemente que que nenhum protestante póde salvar-se perseverando na sua seita. Por conseguinte, para os catholicos, segundo vós e segundo nós, o *caminho é certo.*

Se porém falamos da salvação dos que morrem na vossa seita, olhae como são as coisas. Vós dizeis: Um bom catholico póde salvar-se, mas tambem nós nos podemos salvar. Pelo contrario, os catholicos dizem: Emquanto que vós, protestantes, permanecerdes obstinados na vossa seita, estaes separados da verdadeira Egreja de Christo,

e pór esse só facto, como ensina Santo Agostinho, morrendo sem renunciar aos vossos erros, perder-vos-heis para sempre.

E notae que esta sentença é proferida por duzentos e cincoenta milhões de catholicos, e que os que affirmam que *tambem vós* vos podeis salvar, reduzem-se a um numero limitado de herejes, os quaes além d'isso se acham em tamanho desaccordo entre si, que são pouquissimas as coisas ditas por uns, que não sejam logo desditas e contraditadas pelos outros.

E vós tereis em tão pouca conta a vossa alma e a dos vossos ouvintes, que queiraes apoiar o importantissimo negocio da salvação eterna num *talvez* e num *tambem*? Se um intimo amigo vosso á hora da morte vos falasse d'este modo: Amigo, se eu morrer como bom catholico, é certo que me salvo; e se morro protestante, exponho a graves duvidas a minha eterna salvação; diz-me então que partido devo tomar? — vós que coisa lhe responderieis?

Eu não quero suppor que sejaes crueis a ponto de mandar um vosso amigo para o outro mundo preza da terrivel duvida e incerteza de que se possa perder eternamente. Pelo menos parece-me que não o devieis fazer. Segui pois o meu conselho, ponde de parte todo o espirito de prevenção e preconceito, reuni todos os vossos proselitos e falae-lhes francamente nestes termos:

— *Povos protestantes, escutae. Hoje queremos dar ouvidos aos gritos da consciencia, e devemos prégar-vos uma grande verdade. E' certo que um bom catholico póde salvar-se; é duvidoso que um protestante possa salvar-se na sua crença. — Portanto*

vós, catholicos, vivei tranquillos na vossa Religião e não queiraes por coisa nenhuma tornar-vos protestantes. Vós porém, ó protestantes, se tendes a peito assegurar a vossa eterna salvação, convertei-vos e tornae-vos catholicos; para o futuro não é preciso que volteis a ouvir as nossas prégações, ou que entreis mais em nossos templos. Se vós, ó ministros protestantes, falasseis d'esta maneira, cumprieis um grande e importante dever de consciencia, fazieis grande bem a vós mesmos, e desenganaveis a muitos. Fazendo d'outra sorte, enganaes a essas muitas almas que, fiando-se ingenuamente em vós, vão escutar os vossos avisos e conselhos. E que podereis vós responder ao Supremo Juiz, quando Elle vos pedir conta das almas que induzistes a caminhar fóra dos caminhos certos ensinados pelos catholicos, para as levar por uma senda e atalho, que segundo vós é incerto, mas que segundo todos nós catholicos arrasta inevitavelmente á perdição eterna?

Estas são palavras d'um vosso irmão, que vos ama e vos ama muito mais do que vós talvez julgaes. São palavras d'um irmão, que de boamente se offerece por completo a si mesmo, e quanto póde ter sobre a terra a bem das vossas almas. Inteiramente tomado de pavor e terror ao meditar em quanto é incerta a vossa eterna salvação, ergo os olhos e as mãos ao Céu, convidando-vos a vós e a todos os bons, a pedir ao Deus das misericordias, para que se digne illuminar-vos com a Sua celeste graça, de modo que, regressando ao paternal redil de Christo Senhor Nosso, possaes assegurar-vos uma grande alegria no Céu, paz para vossas almas e fundada esperança de salvação para todos nós.

Erros de Calvino sobre o espirito privado.

O desejo de ser comprehendido pelo povo, força-nos a omittir razões de grande pezo, pela só razão de que se tornam de difficil comprehensão. Todavia não queremos deixar de pôr aqui algumas palavras, que demonstrarão mais e mais a falsidade do sistema, a que Calvino e seus sequazes recorreram, afim de provarem que a certeza dos Livros Sagrados se funda no testemunho interno do Espirito Santo, sem que seja de modo algum necessario recorrer á autoridade da Egreja Catholica.

Fazem-nos, diz Calvino, *esta pergunta: se vós não vos fundaes nos decretos da Egreja, como é que podeis estar persuadido e saber com certeza, que a Escriptura é a voz de Deus?* Ao que elle responde: *Eu dou a mesma resposta como se alguem me perguntasse: Por onde é que nós aprendemos a distinguir a luz das trevas, o branco do preto, o doce do amargo? Porque a Escriptura distingue-se e faz-se sentir d'um modo não menos evidente nem menos infallivel, do que as coisas brancas e negras mostram a sua côr, e as coisas doces e amargas fazem sentir o seu sabor e gosto. Admittimos pois, como coisa certa e constante, que só os discipulos do Espirito Santo, isto é, aquelles que são internamente illuminados pela Sua divina luz, pódem depositar na Escriptura uma confiança firme e solida. Esta Escriptura é em si mesma crivel; para ser acreditada, não se faz mister provas nem argumentos; todavia não póde ter quanto a nós a certeza que merece, se não accrescendo o testemunho do Espirito Santo.*

Tal é a doutrina de Calvino, perfilhada pelo geral dos protestantes e evangelicos. Poucas palavras bastam para a refutar.

Calvino diz que é tão facil distinguir a Sagrada Escriptura dos outros livros, como distinguir a luz das

trevas, o branco do negro, o doce do amargo. A comparação não prova nada. O branco e o preto, a luz e as trevas, o doce e o amargoso cáem sob a acção dos sentidos, e até os proprios animaes os pódem distinguir: — é uma coisa de todos sabida. Pelo contrario a Sagrada Escriptura não é uma coisa sensivel, mas espiritual e divina; e para a distinguir não valem de nada os sentidos. E' por isso absolutamente necessario não só uma razão douta e illuminada, mas ainda um tribunal infallivel constituido pelo divino Salvador. Os chefes da pretendida Reforma do seculo XVI são uma prova convincente da necessidade d'este tribunal infallivel. E' verdade que elles pretendem que as Escripturas sejam conhecidas e interpretadas segundo o testemunho interno do Espirito Santo. Ora eu creio que os protestantes sempre quererão conceder que Calvino e Luthero, chefes da Reforma, possuiam o testemunho interno do Espirito Santo. Pois apesar de tal testemunho, estão em aberta contradicção sobre muitos artigos da Fé catholica!!! Por exemplo: o Espirito Santo de Luthero interpreta as palavras do divino Salvador: *Hoc est corpus meum,* d'este modo: *Este é o meu corpo*, ao passo que o Espirito Santo de Calvino crê que pelas palavras *hoc corpus* não se deve entender o verdadeiro Corpo do Salvador, mas sim uma semelhança, uma memoria, ou não sei quê, do Seu Corpo.

Vêde lá como os patriarcas da Reforma se contradizem! Ou o Corpo de N. S. Jesus Christo está na Eucharistia, ou não está; se está, é mentiroso o Espirito Santo de Calvino; se não está, mente o Espirito Santo de Luthero. E não se póde tirar outra conclusão: pois nem Deus, com Sua omnipotencia, póde fazer que uma coisa seja e não seja ao mesmo tempo, pois Deus é a verdade mesma e não a contradicção.

Prosigamos ainda, e veremos aquelles senhores não sómente em opposição directa entre si, mas até em opposição com o divino Salvador. Christo ao confiar

aos Apostolos a sua missão, disse-lhes: *Euntes docete omnes gentes, baptizantes eos in nomine Patris*, etc.; *qui crediderit, salvus erit; qui non crediderit, condemnabitur.* Calvino, illuminado pelo seu pretendido Espirito Santo, d'estas palavras: *qui crediderit, salvus erit,* quem crêr, será salvo, vem a concluir: *Crede tantum et salvus eris,* basta que creias e estás salvo. Por conseguinte, segundo elle, basta a Fé para salvar o homem, e as boas obras são inuteis, e até injuriosas para N. S. Jesus Christo, que tanto soffreu por todos os homens. D'ahi vem o seu principio fundamental, que abre livre curso a todas as paixões: *Crede fortiter et pecca fortius, et nihil nocebunt tibi centum stupra et mille homicidia;* o que em vulgar quer dizer: quanto mais viva fôr a tua Fé, tanto maiores peccados pódes livremente commetter; e (coisa horrenda!) cem estupros e mil homicidios não causarão damno nenhum á tua alma. Ora Calvino não veria que se punha em contradicção com o divino Salvador, que préga incessantemente a todos os homens: *nisi poenitentiam egeritis, omnes similiter peribitis?* Se não fizerdes penitencia, todos egualmente perecereis? Não perceberia tambem que contradizia a quanto repete na sua Epistola o Apostolo S. Thiago: *fides sine operibus mortua est?* A Fé sem obras é morta?

Que conclusão se deve tirar d'estas contradicções dos chefes da Reforma protestante e de tantas outras, que se puderam citar? Que sem um tribunal infallivel constituido por Deus para nos assegurar qual seja a verdadeira Biblia, e qual o seu genuino sentido, não póde a razão humana conhecer nem interpretar as divinas Escripturas.

Mas insistem os protestantes: A razão foi-nos dada por Deus para que conheçamos a Sua vontade escripta, de modo que seria um dom inutil, caso não pudesse attingir o seu escopo.

Respondo: A razão foi-nos dada por Deus, para conhecer a Sua divina vontade, isso não ha duvida, mas

com o auxilio e por meio do tribunal por Elle estabelecido, porque a só razão não basta para esse conhecimento. As pernas tambem nos fôram concedidas pelo Creador para caminhar, mas com o auxilio dos olhos; da mesma sorte Deus Nosso Senhor prendou-nos com a razão para conhecermos as verdades reveladas na Biblia, mas quiz que essa razão fosse guardada e encaminhada pelos ensinamentos infalliveis da Egreja. Com certeza que chamariamos doido a quem nos dissesse: « Deus deu-me as pernas para caminhar e os olhos não m'os deu para isso », e depois se puzesse a andar de olhos fechados. Este tal, com certeza que ia perder a vida nalgum precipicio.

Por outra parte os protestantes nunca organisaram tribunaes para decidir as questões relativas aos seus codigos, e atrevem-se então a querer submetter todos os outros ás suas decisões? Porque a experiencia mostra-lhes que sem um tribunal para decidir as controversias, os seus codigos iriam dar em nada, expostos como seriam ás interpretações arbitrarias dos particulares. Mas, senhores meus, acaso não é a Sagrada Escriptura um codigo moral, cuja interpretação é sem confronto mais difficil, que a dos Codigos civis? Porque recusaes então a constituição d'um tribunal para resolver quanto diz respeito a esse Codigo?

Palavras de S. Francisco de Sales acerca do espirito privado.

Este ridiculo sistema dos calvinistas era geralmente ensinado no tempo de S. Francisco de Sales, que por isso teve de o refutar. Eis os argumentos, de que o Santo Bispo se serviu num seu escripto *sobre a palavra de Deus.*

Pergunta-se qual seja o meio infallivel para distinguir os livros canonicos. Os calvinistas respondem: são o testemunho e a persuasão interior do Espirito Santo. *Pa-*

rece-nos talvez que não temos conhecimnentos bastates ácerca de um ponto de tanta importancia? Nesse caso os calvinistas mandam-nos consultar o seu interior.

Mas, 1.º não ignoraes que Satanaz se transforma em Anjo de luz: Ipse enim Satanas transfigurat se in Angelum lucis (1). *Indicae-me pois com toda a clareza o signal evidente de que devo lançar mão para distinguir se estas inspirações vêm do Espirito Santo, ou do espirito da mentira.*

2.º Cada qual póde affirmar com razão, ou sem ella, que sente interiormente esta ou aquella inspiração. Ora aqui está um bello campo aberto aos mentirosos e aos enganadores. Eu quero crêr que sois todos pessoas muito honradas; mas quando se trata dos fundamentos da minha Fé, não acho as vossas ideias, nem as vossas palavras bastante firmes e solidas para me servirem de base.

3.º Quaes são aquelles, a quem o Espirito Santo communica este testemunho ou esta persuasão interior? Se são todos os christãos, como é que entre tantos milhões de catholicos não ha nem sequer um, que goze de tal beneficio? E nem sequer creio que tenhaes a temeridade de affirmar que entre vós todas as mulheres e todos os lavradores, etc., recebem esta luz interior. Se me respondeis que ella só e dada a alguns, pedir-vos-hei que me manifesteis o sinal, pelo qual possa conhecer esses ditosos privilegiados, e distingui-los do resto dos homens.

Quereis que eu acredite em qualquer um, que se ufane de pertencer a esse numero?

Se isso é assim, largo caminho têm aberto todos os seductores.

4.º Mettei a mão em vossa consciencia, e dizei-me se devéras acreditaes que esta persuasão interior seja o meio estabelecido por Deus para distinguir as Sagradas Escripturas. Sabeis que Luthero faz pouco caso da Epistola de S. Thiago, e que Calvino a admitte. Explicae-me a razão por que

(1) 2. Cor. II, v. 14.

o testemunho do Espirito insinuou a um que rejeitasse aquillo, que a outro persuadiu que acceitasse? Mas talvez digaes que foi engano de Luthero; um discipulo de Luthero dir-me-ha ao contrario que Calvino claudicou neste ponto. A qual dos dois devo prestar credito? Vós opponde-lhe a vossa convicção; elle oppõe-vos a sua. E assim ficareis ambos agarrados á propria opinião, sem haver quem ponha termo á disputa. E quereis então capacitar-me de que é esse o caminho, por onde Deus leva os homens ao conhecimento de quaes sejam os Livros Sagrados? Não, Deus é a propria sabedoria, e não fixou uma regra, que deixasse a cada qual campo livre para abraçar ou pôr de parte na Escriptura aquillo que melhor lhe aprouvesse. Porque se Calvino póde, allegando a sua persuasão interna, rejeitar os dois livros dos Macabeus, porque não poderá Luthero rejeitar a Epistola de S. Thiago, porque não poderá Carlosdat supprimir o Cantico dos canticos, porque não poderão os anabaptistas deixar de reconhecer o Evangelho de S. Marcos e alguns outros negar o Genesis e o Exodo? E em boa verdade, se basta affirmar que isso se faz conhecer por uma persuasão interna, todos affirmarão que têm essa persuasão. Porque se ha de acreditar mais num, do que noutro?

E' preciso que vos faça conhecer todos os artificios do inimigo da salvação. Elle tirou-vos o respeito que devieis ter á autoridade da tradição da Egreja e dos Concilios. E que fica ainda? Fica o respeito á Sagrada Escriptura. Se ao mesmo tempo vos tirasse tambem este, terieis abrido os olhos, e ficarieis aterrados em face d'esta alteração e destruição dos principios do Christianismo.

Por isso manteve-o; mas introduziu nelle um meio, que pouco a pouco destruirá o seu effeito; e é o da persuasão interna, que permitte a cada um admittir ou rejeitar o que bem lhe parecer.

Até aqui S. Francisco de Sales



INDICE

SEGUNDA PARTE

Crenças ou seitas ainda hoje existentes, e que em diversas epocas se separaram da Egreja Catholica.

TERCEIRA PARTE

Invariabilidade da Doutrina Catholica.

NOTAS

ERRATAS

Errata	Pag.	Linha	Corrige
tende	5	6	tendo
conveceram-nos	17	11	convencer-nos
e	51	8	a
rigestou	62	34	rigistou
obserer	101	5-6	observar
nm	106	30	um
contario	124	15	contrario
provenir	157	21	prevenir
culo	158	17	seculo
ditando-lh'o se	162	21	ditando-lh'os e
tinha	163	1	tinham
perseveras sem	164	10	perseverassem
Prothea	164	24	Protheu
adptavam	164	29-30	adoptavam
mutio	164	33	muito
que qual	167	10-11	que
embustos	167	24	embustes
perfilado	171	9	perfilhado
ébom	176	22	*é bom*
safara	205	11	ceifa
Alemaha	206	20	Alemanha
deprovação	207	27	depravação
occordo	225	30	accordo
cathalicos	247	12	catholicos
secundo	257	13	segundo
deixar	252	25	deixa
Magno	281	32	Mago
peccadoque	282	28	*peccados que*
de	286	9	a
Eoés	296	22	*Eões*
goveno	300	14	governo
Parece-vos	305	22	Parece-nos
horrive lblasphemia afirmá-lo.	324	17-18	horrivel blasphemia affirmá-lo.
macebo.	326	34	mancebo,
veraxes	329	5	verazes

Outros erros hão de apparecer, de facilima correcção, assim como pequenissimas variações orthographicas.

A pag. 180, entre a palavra *causadores* da 5.ª linha e *d'essa* da 6.ª, deve metter-se a palavra *do descredito*; ficando: *causadores do descredito d'essa mesma Religião*.

O periodo 1.º da pag. 282, deve ser assim reconstituido: *Santo Agostinho affirma* (1) *que tal erro proveio de não entenderem as Epistolas de S. Paulo; e que foi precisamente para combater esta heresia, que ditaram suas Epistolas, etc.*

A pag. 304, linha 32, deve ajuntar-se: — *Crés porventura que entendes o que estás lendo?*